



Donna

“SEJA MAIS
CONVINCENTE
DESSA VEZ!”

*mais um
pretexto?*

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO III

BÁRBARA LORRANY



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*mais um
pretexto?*

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO III
BÁRBARA LORRANY

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1^a edição
Editora Bella Donna

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Bárbara Lorrany

FICHA TÉCNICA:

REVISÃO: Bárbara Lorrany

DESIGN CAPA: Thatyanne Tenório

EDITORA BELLA DONNA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Edição Digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota inicial

Quando comecei a escrever Apaixonado — o primeiro livro dessa série — não imaginei que uma série poderia ser formada a partir dele. Enquanto escrevia os últimos capítulos do primeiro livro, tive uma ideia que considerei mirabolante demais para o meu pobre e frágil coração.

Geralmente, quando estou concluindo um livro, sempre tenho dificuldades de me desligar dele, o que resulta no surgimento de séries, trilogias e duologias na minha vida. Com Luciano, em Apaixonado, aconteceu isso. Apeguei-me tanto a ele que não consegui dizer “Adeus”. Nos últimos capítulos, pensei: Não dá. Não vou conseguir terminar aqui.

E eu estava certa.

Quando eu estava terminando Apaixonado fiquei horas no impasse do que eu faria naquele momento. De repente pensei: “Por que diabos é que não escrevo a história desses irmãos de Luciano e, de quebra, ainda terei ele presente em todos os

livros? Assim, não digo “Adeus” e continuo nessa procrastinação dark.”

Tinha armazenado nos meus arquivos de “futuros projetos”, a história de uma assassina, a proprietária do seu mundo, a louca que luta insanamente para proteger a si e a quem ama. A história daquela assassina, antes planejada ao acaso, logo encontrou o seu lugar. Transformei-a em Íris Sensit, irmã de Luciano Monteiro, e tão forte, perversa e determinada quanto ele foi durante todo o seu livro.

Ameaça do Fascínio — o livro dois dessa série — foi uma surpresa do início ao fim. Planejei esse livro cinco vezes, porque a todo instante as ideias estavam nascendo, tudo poderia ser interligado e, bum! Lince e Laureano começaram a ter forma na minha mente.

Enquanto escrevia Ameaça do Fascínio, dei início a esse livro, “Mais um Pretexto?”. Ele, assim como Ameaça do Fascínio, precisou ser planejado várias vezes, porque a complexidade dos sentimentos dos personagens era tamanha, que eu não conseguia apenas seguir o planejamento antes realizado.

Lince, com sua dor, tomou cada madrugada chuvosa enquanto era escrito. Vilk, com a sua fortaleza frágil por Lince, abalou minhas estruturas.

Por causa deles virei fã de “The White Buffalo” e recomecei a sofrer escutando Stone Sour. Por eles, chorei e gritei por horas. Tenho certeza, inclusive, que meus vizinhos devem achar que estou precisando ser internada. Por causa deles, outras histórias nasceram e estão agora, algumas sendo desenvolvidas enquanto outras estão na pasta “futuros projetos”.

Sim, Lince foi turrão e eu juro que em alguns momentos o odiei.

Vilk foi planejada na mesma panela que Íris. Ela, assim como todas as minhas mocinhas, é forte, determinada e dona do seu mundo. Ninguém o rompe, o amor vem, participa e está ali com ela, mas nunca rompe o que ela acredita e faz.

Espero que você, leitor, tenha gostado dessa aventura e te convido, desde já, a acompanhar o quarto livro da série, Perdido no Amor. A história de Laureano, o homem dividido, o outro louco psicopata que está roubando meu sono. O causador do meu recente amor por “Eminem”, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

renascimento da minha loucura por “Arctic Monkeys”, “System of a down” e “Disturbed”.

Talvez eu esteja ficando louca com ele, assim como Zene Caedes.

Foi, é e sempre será um prazer.

Deixe-me saber sua opinião sobre o livro, sim?

Meu e-mail é:
barbaralorranya7x@outlook.com

Tenho Instagram e você me encontra pelo user: @autora_b_lorrany

Atendendo a pedidos de leitoras, criei uma playlist do livro no spotify:
https://open.spotify.com/playlist/3wkAv0EBvClNF'si=phZdqXcRRaWYJfG2bk1s_w

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Nota inicial](#)

[Índice](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É para você que é forte
e nunca desiste do que quer,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque é persistente demais
para dizer o tão doloroso
“Adeus”.

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Lince Arias | Há alguns anos



Meu corpo treme e minha alma chora.

Meus olhos observam e o meu coração se parte. Estou afundando e ninguém consegue me salvar... ninguém quer me salvar. Tento, tento e tento nadar contra a maré, mas sou apenas levado por ela, como se não tivesse força o suficiente para lutar... na verdade, não tenho forças. Não. A última coisa que eu poderia ter agora, é força.

Força de vontade, esperança e de vida.

Tudo está fora de mim, do meu corpo e da minha existência.

Sou um nada... um grande nada.

Dia após dia, tento sobreviver, mas está muito difícil e eu já não tenho forças. Elas estão se esvaindo e, mais uma vez, estou sozinho na beira de um abismo de miséria e... frio. Muito frio. Só consigo pensar que dessa vez, talvez, seja a última que meus olhos observarão as constelações de

estrelas ali no alto céu. Talvez eu possa até acordar no dia seguinte e ver o sol batendo contra meu rosto, mas espero que aquele seja o último dia que o verei.

Espero que nada mais possa fazer sentido, espero que todos aqueles que me derrubaram e me deixaram aqui, sejam destruídos, que explodam no mais profundo mar de azar e infelicidade, assim como me deixaram.

— Moleque – alguém rosna e já não consigo me mexer, quem dirá construir um conjunto de palavras que beiram a coerência.

Busco abrir meus lábios para lhe dizer que vá se foder, mas nada saiu. Nem uma palavra, nem um xingamento.

Nada.

— Já não escutou que não queremos que fique por aqui? Você não é nosso filho. Você polui a nossa família com a sua presença! Vai embora!

Eu teria chorado se ainda existisse algo dentro de mim para demonstrar sentimento. Agora eu posso morrer... posso morrer, vou morrer ou com esse baque forte da porta se fechando bem no meio da minha cara, eu possa apenas não respirar

PERIGOSAS ACHERON

mais.

Lince... Lince... Lin...

Um nada, digno de pena e ódio.

Um...

Seja bem-vinda(o) à essa mente. Não prometo felicidades, não prometo sorrisos, mas em contrapartida, prometo dor, sofrimento e um pouquinho mais de... sensualidade. Mais do que isso não posso prometer.

Abra essa portinha, a portinha da minha mente, mas só faça isso se prometer, antes de tudo, não me deixar em nenhum momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Lince Arias | Presente



Música, eu amo música.

Faz com que eu me sinta vivo com uma proposta diferente de vida, com um pouco de paz rodando o meu sistema, enquanto toda a merda vem para cima deixando claro que nunca terei paz na minha maldita vida, em que só existo e respiro, enquanto sigo mais ordens.

Poderia um homem ser mais fodido?

Suco, eu amo suco de maracujá.

O melhor em toda a história, sem um pinga de dúvidas. Já provei de uma vasta variedade de sucos, mas nada me fez amar mais um gosto, do que o maracujá. Suco... me deixa mais calmo e me traz para um pequeno mundo, onde tudo pode ser melhor com um gostinho agradável, diferente.

Estou sentado à mesa da minha sala, ouvindo uma boa música, enquanto tomo uma garrafa com

suco de maracujá tentando não deixar pingar na minha grande barba, que parece me dar trabalho de todas as formas, enquanto luto contra todos os meus instintos que dizem, gritam e ordenam para que eu possa, finalmente, apará-la, mas não. Sinto-me completamente irreconhecível sem ela aqui para preencher meu rosto. Para ser mais sincero, com ela aqui, sinto-me menos vulnerável e mais forte para lutar seja qual for a próxima guerra que irão me designar a enfrentar, mas se bem que eu acho que ao tomar conta do controle de fabricação de armas, isso me deixará livre de qualquer guerra que Marinho esteja enfrentando no momento, o que me deixa mais relaxado.

Meu celular à minha frente vibra, avisando a chegada de uma nova mensagem. Suspiro com o pensamento de que o momento de graça acabou, como sempre acontece.

“Luciano Monteiro destruiu Descartes.”

Arregalo meus olhos, desencostando-me da cadeira ao qual eu estava sentado.

Isso muda e altera tudo, droga!

Os planos antes traçados terão de ser novamente armados e... não. Levanto-me, sem conseguir me manter inerte diante essa informação. O maldito sempre esteve à frente de tudo e de todos, sendo que eu sempre procurei me manter a um passo mais distante dele, mas eu sei... sinto que ele sabe da minha existência. Busco com meu olhar o meu computador e assim que o tenho sob meu olhar, encaminho-me até ele e, então, o ligo. Busco em meio aos meus e-mails algo novo de Marinho, mas não consigo visualizar nada... nenhuma mensagem, o que me faz pensar que, talvez, dessa vez ele esteja querendo sair do rastro dos demais. Acesso o nosso site, porque preciso dessa confirmação.

Um site exclusivo para que possamos manter contato sem que mais ninguém consiga nos localizar. Assim que o tenho sob minhas vistas, procuro algum sinal dele, mas nada sob a altura dos meus olhos.

Nada.

Então, com a loucura beirando a minha mente e a minha vida, com meu coração batendo mais acelerado que qualquer coisa dentro do meu peito,
PERIGOSAS ACHERON

tento mandar uma mensagem. Algo insignificante, sem sentido, mas nada acontece.

Nenhuma mensagem instantânea e isso é estranho, porra.

Muito estranho.

Eu espero, espero e espero.

Minutos passam, parecendo se arrastar e eu sinto no fundo do meu peito, aquele frio novamente tomar conta do meu corpo, mas preciso lembrar do meu treinamento, não posso deixar que as emoções nublem os meus sentidos, não posso deixar que tudo volte à tona.

Com meus trinta e dois anos, elas nunca voltaram, porque voltariam agora?

Preciso lembrar das palavras daquele que me treinou, daquele que assassinou o inocente e caridoso Lince. Daquele que me transformou no soldado do ódio, da amargura e da infelicidade.

Tento relaxar contra a minha cadeira, tento fazer com que as lembranças venham até a minha mente, mas elas estão presas e precisam ser libertas da forma como me foi ensinado. Meu treinamento... meu treinamento... ele disse... ele disse inúmeras vezes:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *O passado não existe, acabou, passou, mas não deixe que ele suma da mente. Ele vai te fazer lembrar quem você é, vai te fazer lembrar do porquê faz o que faz e, principalmente, vai te lembrar a quem servir. A primeira dezena de chicotadas virá para te fazer esquecer, a segunda para te fazer lembrar e a terceira...* — Ele riu balançando sua cabeça, olhando para os meus olhos nublados de lágrimas e dor, porque tudo o que eu sentia, naquele momento, era dor. — *A terceira, Lince Arias é para te lembrar que você tem que obedecer.*

As dores posteriores mais dolorosas não foram as das chicotas que seguiram impiedosas. Não, não... as piores dores que eu senti naquele dia, no começo do meu martírio, foi a dor que rasgava a minha alma.

E, por todo o caralho, aquela é a pior dor de todo o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Lince Arias



Cigarro, eu sou viciado em cigarro.

Acho que não poderia ser diferente por ser um costume já antigo do meu corpo. Convivi com muitas pessoas, aliás, convivo com vários tipos de pessoas, mas uma em especial me rendeu esse vício. Eu era muito novo quando ele surgiu na minha vida e até hoje não consegui deixá-lo, nem me afastar. Quando as coisas ficam mais pesadas para mim, a minha primeira atitude em meio ao nervosismo é pegar um cigarro, acendê-lo e tragar até que não reste nada. E é exatamente isso que faço agora, enquanto observo as gotas da chuva deslizarem pela janela da minha sala. Isso me traz paz, um pouco de conforto, talvez.

Meu escritório já não parecia o melhor lugar no mundo inteiro para que eu fique, então em posse dos meus melhores pensamentos, encaminhei-me até a minha sala e por aqui estou a cercando com o

cheiro embriagante do meu cigarro.

No meu sistema de som, *Shawn James* está cantando *Son of the Wolf*, a melhor canção que me define. Posso ser um animal? Sim, definitivamente, eu sou.

Um animal que não está se importando com o que virá dos demais.

Na verdade, só espero que venha muito chumbo para que eu possa descarregar tudo que se passa dentro da minha mente em seus corpos que só servem para distribuir mortes e mais mortes.

Sorrio, sentindo a amargura cercar todo o ambiente e o meu corpo.

Odeio matar pessoas inocentes, porque eu não sei, talvez eu veja que elas poderiam ter um futuro diferente, mas por causa dos malditos que me acompanham, por causa dos infames que compram as armas que fabrico, muitas delas estão morrendo em vão. E eu não posso fazer nada para mudar, a não ser esperar que algum deles venha me atacar, para que eu possa, assim, livrar-me das suas inúteis existências, assim como os inocentes que sem um motivo aparente continuam a morrer.

Sinto por cada morte. Talvez, eu fizesse
PERIGOSAS ACHERON

diferente se tivesse escolha.... talvez, agora, eu tenha uma escolha.

Malaquias morreu... o que vai acontecer agora?

Malaquias... Sorrio ao testar o seu nome, mais uma vez, sob os meus lábios. A esse homem sou grato por ter me tirado da rua, onde eu estava à beira da morte, porém, não desejo nada menos que a morte para ele, porque o que ele me exigiu em troca foi uma vida de martírio em que eu teria de passar mais anos servindo de portador do destino que ele me tirou.

Crio suas armas, as fabrico, as vendo, as repasso e distribuo.

Guns Lince.

O nome mais absurdo de todos os tempos para uma marca de armas, certo? Mas foi o que ele determinou. Ao seu ver, essa seria a maneira que eu seria lançado em todo o mercado dos horrores que significa a minha vida, mas o meu martírio não para aqui, porque preciso fazer coisas que não gosto.

Mas essa é a única forma que eu posso continuar... eu não sei o que fazer.

Ele morreu.

Eu poderia, agora, ter paz? Poderia prosseguir sem fazer o que ele me ordena? Espero que sim... e eu espero que esse tal de Luciano consiga tirar Marinho do meu caminho, já que isso, não sou capaz de fazer.

Suspiro ao sair das minhas divagações com o barulho da campainha tocando, enquanto que meu cigarro ainda está na metade. Poderia ser algum inimigo? Talvez, afinal quem viria até a casa de um proprietário de marca de armas? Esse que controla suas fabricações?

Ainda com meu cigarro em mãos me aproximo da porta, mas ao parar na sua frente, trago um pouco do meu cigarro e libero toda a fumaça que veio para a minha boca pelo meu nariz, para que assim, eu possa abrir a porta.

— Lince Arias?

Travo minha mandíbula ao ver a mulher que se coloca na minha frente. É impressionante como ela pode ser imprevisível. O que diabos no céu e no inferno, essa mulher faz aqui?

Ela não conhece o significado da palavra limite?

— O que deseja? — A minha voz sai grossa, dura e eu percebo muito bem o momento em que um leve sorriso se instala nos seus lábios... nos lábios que parecem deixar todo o controle do meu corpo paralisado, para que assim ela consiga dominar tudo de coerente que existe dentro do meu peito.

Ela morde seu lábio inferior e eu puxo uma longa respiração, soltando o cigarro que ainda restava entre meus dedos e sem olhar para o pequeno e fino cilindro de papel, eu piso, o esmagando, ao mesmo tempo que o apago.

— Tenho notícias novas... coisas que vão te deixar feliz — diz ela escorando seu corpo na entrada da minha porta para, logo em seguida, descer o seu olhar pelo meu corpo —, se é que um dia nessa vida poderei ver um sorriso beirar nesses teus lindos lábios carnudos que — eu puxo outra respiração e ela sorri, fazendo-me piscar completamente aturdido —, por Deus, parecem encantadores demais sob essa camada de barba que o rodeia.

Arqueio minhas sobrancelhas, tamanha é a surpresa que me ataca, mas eu tento, pelo meu

PERIGOSAS ACHERON

próprio bem, deixar que isso não faça com que eu me prenda pensando ou imaginando coisas que nunca vão acontecer.

Felicidade? Isso não existe no meu vocabulário.

Sorriso? Isso é inexistente nos meus lábios.

Qualquer semelhança de tal existência sob minha face é mera enganação de uma mente completamente ilusória, porque quem me conhece e me tem em suas vistas por tempo o suficiente, sabe bem que sorriso não é algo que ando distribuindo por aí, mas essa mulher, mesmo que pelo tempo que nos conhecemos está me saindo melhor que qualquer encomenda que eu já pude fazer na minha vida inteira.

— Qual a notícia?

Ela sorri e arqueia as sobrancelhas, dando um passo em frente, para que feche a distância que nos separa, aproximando cada vez mais o seu corpo do meu, até que se coloca grudadinha ao meu corpo.

Sinto o seu cheiro... um cheiro doce, porém forte. Acho que já o senti antes, mas não me recordo no momento, onde ou quando, nem a sua marca, mas eu sei que esse cheiro muito me

PERIGOSAS ACHERON

agrada... me agrada demais.

— Eu... hum... preciso de um lugar para ficar — diz com a sua voz em um sussurro, fazendo-me fechar os olhos para apreciar à medida que ela continua a encantar-me com sua voz que, como uma sereia em seu canto de hipnose, deixa o marinheiro, que no caso sou eu, a sua completa mercê.

E, infelizmente, amei cada momento em que ela fez esse favor para mim... em que ela fez o favor de me enfeitiçar, porque eu estava perdido demais em um poço de desgraças, que não me dei conta de como é bom viver, mesmo que dure por poucos segundos.

— E o que eu tenho com isso? — perguntei e ela sorriu com a sua boca contra a minha, o seu hálito de menta se embrenhando em meio ao meu que está exalando fumaça de cigarro.

Seus dedos descem pelo meu corpo e eu acompanho de olhos vidrados tendo a plena certeza de que essa mulher é a única coisa que pode me fazer respirar e me sentir alguém menos desumano.

— Estou ficando com você, fabricante de armas... caso uma denúncia caia sobre você, estará PERIGOSAS ACHERON

perdidinho.

Suspiro, tendo que lembrar que na vida inteira, não existe e nunca irá existir, alguém que possa me transmitir amor e confiança. E, ainda bem que nem ao menos me iludo pensando o contrário.

Com a raiva subindo pelo meu corpo e a angustia beirando meu estômago, toco em seu braço para afastá-la de mim ao mesmo tempo que dou um passo para trás.

— E quem te garantiu isso? — pergunto revirando os olhos.

— Eu estou te garantindo. Sei quem é Malaquias, lembra? Eu sei o que você faz... eu sei o que ele faz... sei que é ilegal... ou seja, você terá que me aguentar aqui com você. — Ela sorri balançando seu quadril, fazendo-me piscar duramente. — E não me olhe assim. Você não me causa medo, Lince.

Ela bufa e sem um convite invade a minha casa como se fosse completamente sua, enquanto permaneço parado na entrada da minha porta, vendo a avenida sendo preenchida de gotas de água com a forte chuva lá fora que se aproxima, mas mesmo em meio a elas e a escuridão da noite,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

consigo visualizar muito bem um carro preto parado do outro lado da rua e, eu posso apostar que aquilo ali é coisa do falecido Malaquias.

O maldito nem mesmo quando está morto é capaz de me deixar em paz, mas dessa vez, não vou suprir ao que ele quer, nem ao que deseja.

Dessa vez, se eles quiserem tirar algo de mim... a volta será bastante sangrenta.

Disso não tenho mais dúvidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Lince Arias



Fechei a porta e fiquei o resto da noite inteira na janela do meu quarto observando qual seria o próximo passo deles, mas eu sei o que querem, só não consigo entender o motivo pelo qual demoram tanto para tentarem buscar.

Seria por causa dessa maldita sereia que está no meu quarto? Deitada na minha cama? E, porra, sem nenhuma roupa cobrindo a loucura curvilínea que possui?

Em toda a sua vida, ninguém nunca ensinou a ela que não deve se empertigar em uma cama que não é sua? Por que diabos, no céu e no inferno, ela tinha que grudar em mim, logo agora que estou conseguindo tirar essas correntes malditas de aço que Malaquias grudou na minha pele?

Conviveu comigo por anos e mais anos... deveria ter entendido tudo o que se passa, deveria saber o que está acontecendo com a minha mente.

Ela sabe o perigo que sou, então, por que insiste em ficar me perseguindo? Mesmo com todas as lições que sofremos e aprendemos, ela não as aplica?

Que porra!

Sinto um rosnado sair da minha garganta, mas me nego a permitir que isso saia por meus lábios. Nego do fundo do meu coração que alguém possa dar a ela uma entrada sequer... realmente, quem poderia dar entrada a alguém assim?

Suspiro e levo minha mão até o meu olho, onde o esfrego, para que a ardência da minha falta de sono passe, mas parece que meus sentidos se desligam por um tempo... tempo suficiente para que ela acorde e eu acompanhe suas pisadas silenciosas contra o chão de forma lenta na minha direção. É tão fácil identificá-las já que a minha casa é e sempre foi um lugar carregado de silêncio, exceto pelos momentos em que tenho música boa no meu sistema de som, preenchendo toda a casa.

Sinto quando ela sorri e, então, rapidamente como uma pequena safada gatinha sorrateira que é, se enrosca no meu colo e senta sob minhas pernas, fazendo-me abrir os olhos lentamente para apreciar a bela visão dos seus seios empinados, redondos e

PERIGOSAS ACHERON

de tamanho médio, que lembro passar horas me perdendo por toda a sua maciez, enquanto ela tomava tudo que queria e podia de mim.

Suspiro, pensando naquela época...

Poderia usar algo contra ela para que eu pudesse tê-la bem longe daqui, porém, isso não será possível, porque não tenho determinação o suficiente para isso.

— Bom dia, barbudão – diz sorrindo e eu sinto aqui dentro, o meu coração se acelerar ainda mais com toda a sua aproximação e, logo em seguida, a minha respiração ficar entrecortada.

Não a respondo, porque o melhor para mim nesse momento é ficar encarando e observando seus lábios esticados e o seu olhar brilhando ao tempo que ela observa minha barba.

Lembro-me do início de tudo. De quando Malaquias me resgatou na rua, da maneira como eu o vi e o peguei como a minha tábua de salvação, essa que durou pouquíssimos minutos, o caminho até o meu centro de purgatório... ou seria o centro de treinamento para transformar um garoto lascado em uma arma letal? É, eu acho que a segunda opção se encaixaria com perfeição. Malaquias abriu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta do seu carro e pediu para que eu saísse, o que não ousei em desobedecer, sendo seguido das imagens que irão me assombrar por todos os dias da minha vida.

Um grupo de crianças estavam ali, elas olhavam com atenção cada coisinha que se aproximava. Em seus olhares o medo era claro, mas apenas uma criança em meio ao medo, sorria e dizia para as outras:

“— Bebê, não chora. Isso tudo vai passar... tudo passa, viu? Nada dura para sempre!”

Aquelas eram suas palavras quando eu cheguei ali, aquelas continuaram sendo as suas palavras, enquanto permanecíamos ali, mas houve um dia, um dia em que tudo ficou difícil, em que todo o nosso treinamento pesou, nossas torturas nos sufocaram e aquela menina disse:

“— Sabe, bebê... eu acho que nem tudo passa... na verdade, esse dia, eu acho que nunca vai sair da minha cabeça, sabe?”

Ela dizia, mas ninguém dava ouvidos. Ninguém queria a sua esperança de melhora... todas queriam somente a morte, mas infelizmente, ela não veio para nenhum de nós.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela menina, hoje é uma mulher e ela permanece com aquela esperança no olhar... eu vejo isso, porque ela está me mostrando nesse exato momento, enquanto me observa, mas eu não posso fazer nada para ajudá-la. A minha merda é mais funda do que qualquer outra coisa que ela pense que pode ser salvo ou recuperado. Ela não faz ideia... de nada.

— E então? Vai ficar só olhando para os meus peitos? Não vai fazer mais nada? – pergunta arqueando sua sobrancelha e eu balanço minha cabeça, suspirando.

Como, em meio aquele inferno, ela pôde continuar assim? Como saiu? Quando? Antes ou depois de mim?

Foram incansáveis as vezes que vi os seus olhos nublados de dor e de sofrimento, mas como o seu bordão preferido sempre dizia, aquilo passava, para dar lugar ao olhar esperançoso de que tudo aquilo iria passar, de que nosso martírio estaria acabando. Mesmo com a dor no seu corpo e as lágrimas escorrendo por seus olhos, ela gemia diversas vezes que iria passar... ela sabia que iria passar e, por momentos, eu quis que realmente

PERIGOSAS ACHERON

estivesse certa.

— Você deveria ir embora – digo encarando-a sem demonstrar nenhuma emoção no meu olhar e na minha voz, mas ao contrário do que eu gostaria de ver, ela não exhibe uma careta, nem uma carranca.

O sorriso está ali e, bem no fundo do meu peito, no meu mais profundo ser, eu agradeço por ela nunca tê-lo perdido... ele tem a capacidade de fazer com que o meu coração bata com mais normalidade e de permitir que a minha respiração saia sem muito esforço.

— Barbudão, somos almas gêmeas. É óbvio que não irei embora.

Ela sorri e balança a sua cabeça.

O suspiro que sai por meus lábios é o de mais puro alívio, porque o meu coração pede e implora para que um dia eu possa escutar essa frase vinda de alguém que não tenha toda essa carga que temos. Eu não seria capaz de manter esse sorriso nos seus lábios, eu sei disso. Sou muito carregado de dor para que eu possa dar algo diferente disso para um outro alguém.

— E eu sei bem que você lembra as
PERIGOSAS ACHERON

incontáveis vezes que fomos felizes, os dois, enquanto estávamos naquele lugar.

Sacudo minha cabeça, negativamente, considerando o quanto ela está errada.

Eu nunca apreciei a felicidade, nunca... quer dizer, até posso ter apreciado no momento em que Malaquias estendeu a sua mão para mim, mas nos minutos posteriores, tudo se perdeu. Felicidade não existe dentro de mim.

— Vilk Jane, você está confundido as coisas — digo mantendo minha voz séria, quando ela se inclina para trás e cruza os seus braços na frente dos seus seios. — Aquilo passou há anos. Não vai voltar a acontecer, entenda.

Ela sorri novamente e eu suspiro fundo, já sabendo o quanto é teimosa.

— Lince, meu lindo, entenda, não me importo com o que você acha. Para mim, só são válidas certezas e a minha diz o contrário do seu achismo barato.

Ela se levanta do meu colo, somente para se aproximar mais ainda, deixando a sua respiração mais próxima de mim e eu a sinto. Seguindo o que lhe foi ensinada, ela aproxima ainda mais os seus

PERIGOSAS ACHERON

lábios dos meus e quando desvio a minha cabeça para o lado, ela a captura com sua mão, deixando-a posicionada no mesmo local que acha mais viável, de frente para ela e, assim, com um último sorriso vencedor, ela me beija e eu juro que quando isso acontece, algo aqui dentro grita que a paz possa estar, finalmente, chegando no meu corpo, na minha vida e em toda a minha existência.

Eu poderia resistir a qualquer encanto descabido de qualquer outra mulher, menos vindo dela... eu nunca poderia ter força o suficiente para resistir a ela.

Esta mulher foi categórica o suficiente para determinar ao meu corpo a quem ele realmente pertencia. Nada em mim foi fácil, nada nela foi fácil, mas também não foi tão complicado e ferrado, porque ela sabia, sempre tinha a certeza que acabaria, mas dizia depois do nosso contato próximo as mesmas palavras:

“— Sabe, moreno, acho que gosto de você... e eu acho que se você permanecer comigo, eu posso até me manter sã e talvez, eu possa sobreviver no meio de tanto sofrimento.”

Mas, deixei-a depois da quinta vez que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficamos juntos, depois que ela chorou no meu peito e pediu incontáveis vezes para que eu nunca a abandonasse.

O meu momento de dar um passo à frente tinha chegado e eu precisava fazê-lo.

Eu queria sair dali e a chance veio diante a mim.

Peguei-a e saí dali, mas ela...

Ela ficou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Lince Arias



Ela se move na frente da minha calça e eu deixo que um profundo gemido saia pela minha garganta, tamanha é a necessidade que sinto para tê-la. Já fazem tantos anos que não a tenho no poder dos meus braços, no enlaço da minha pele e agora, parece que esse reencontro de pele contra pele pode ser perfeitamente feito de uma maneira que jamais poderíamos esquecer e eu espero que sim.

E que isso não passe, porque essa sua fricção contra o meu sexo está maravilhosa.

A sua boca continua a assaltar a minha, passando tudo que ela pode e quer, enquanto eu apenas fico aqui deixando-a fazer o que quiser, ao tempo que o prazer nubla os meus sentidos.

O mesmo prazer que eu nunca fui capaz de sentir, enquanto estava com outra mulher.

Prazer mesmo, aquele que não sai da cabeça

por nada no mundo inteiro, só senti com ela. Vilk foi a única mulher, nesses anos, que nunca desejei esquecer, caso tivesse algum acidente ou se Malaquias tentasse alguma outra coisa contra mim.

Ela era sempre a mesma mulher que estava no poder dos meus sentimentos e da minha mente...

Sentimentos...

Eu sempre pensei que não os tinha, mas agora, vejo que não é bem assim.

Jane está sobre mim e eu não posso não a tocar, não sentir a sua pele no alcance das minhas mãos. Necessito tê-la, enquanto posso fazer o que eu bem entender com os demais do mundo inteiro.

Quando os seus dentes prendem o meu lábio inferior e eu abro os meus olhos para observá-la, sinto-me incapaz de desviar o olhar do seu, que me encara com uma intensidade tão latente, que rogo a qualquer que seja a graça maior a mim, que esse olhar nunca mude, que essa diversão e felicidade sempre esteja dentro desse almiscarado de sensações verdes, como uma bela esmeralda. Eu poderia conseguir uma joia somente para ela se sentir como uma... eu poderia, mas isso seria o mesmo que deixar escancarado o quanto a desejo e

PERIGOSAS ACHERON

isso faria com que ela persistisse no erro que sou.

— Você deveria ver o quão concentrado está em observar os meus lábios. Deveria ver o quanto seus olhos estão brilhando... e eu já vi isso antes, porém – diz afastando-se de mim, dos meus lábios, da minha pele e do meu corpo, ficando em pé ao meu lado, deixando que meu olhar percorra todo o seu corpo de cima a baixo —, não vou te dizer.

Ela sorri, agora mostrando-me seus lindos dentes brancos, as coisas mais belas e admiradoras de todos os tempos.

— Vou vestir uma roupa tua, porque... não tenho nada, você sabe – diz e se afasta, indo em direção ao meu closet.

Suspiro tentando controlar o meu coração que bate aceleradamente dentro do meu peito. Ele se aperta, só por tê-la aqui por perto, só com o fato de que eu possa tirar essa felicidade dos seus lábios....

Ela não imagina o que eu faço... não sabe de nada.

No meio das minhas pernas, sendo apertado pela calça jeans que estou vestido, meu sexo está duro, pulsante, por causa com a sua proximidade, com o fato de que ela esteve aqui e que me tocou.

Respiro fundo algumas vezes, tentando sair dessa névoa de entorpecimento, quando lembro do carro do outro lado da rua. Eles não saíram de onde estavam, não se mexeram, nem se deslocaram de dentro dele e eu posso apostar que estão ali dentro ainda esperando mais momentos para que sejam registrados e enviados ao chefe.

É por isso que viver já não é mais uma questão de necessidade.

Viver virou só uma leve obrigação, que estou cortando aos pouquinhos.

Levanto-me do pequeno e acolchoado sofá ao qual eu estava sentado e me encaminho até o banheiro do meu quarto, dentro do closet, escondido por uma porta, que pelo que posso perceber, já foi descoberto por ela.

Ela é incapaz de perceber o que faz comigo e o quanto é atraentemente sexy. Completamente estático em frente a porta, a observo. Cada cantinho do seu corpo, cada área que já foi muito explorada por minhas mãos, por meus lábios e que foram ainda mais adoradas que tudo.

Como eu adorava tocá-la...

Era, com certeza, a melhor parte do meu dia.

PERIGOSAS ACHERON

Tê-la nos meus braços, enquanto toda a merda acontecia do lado de fora. Seus olhos dançantes me encarando como se eu fosse o seu melhor pecado, seus lábios movendo-se um por baixo do outro, enquanto eu sentia a sua intimidade na minha. Olhar... ela sempre quis olhar nos meus olhos, enquanto estávamos curtindo o nosso momento de prazer. Seu simples gesto me dava a entender que ela estava gravando cada pedacinho de mim... parecia que ela sabia que eu iria deixá-la, que não nos veríamos.

Seu olhar... nunca saiu da minha mente.

Seu gosto... nunca saiu do meu paladar.

Mas, eu não me arrependo de ter saído. Só me arrependo de não ter encontrado uma forma de trazê-la comigo, mas agora ela está aqui. Ela me descobriu e veio até mim. Ela fez o que eu não fui capaz.

— O que está olhando, Lince? — pergunta balançando seu quadril na frente da pia do banheiro, enquanto me encara. — Tenho tantas novidades para contar..., mas eu quero saber. Quero saber de coisas. Quero respostas.

Sua voz está baixa como um lento sussurro e
PERIGOSAS ACHERON

eu juro que aqui dentro do meu peito, meu coração parou uma batida, enquanto eu a escutava como uma sereia que é, distribuindo todo o seu encanto para o meu coração, hipnotizando a minha cabeça e me fazendo perder os sentidos.

— Lince.

Puxo uma pequena respiração, enquanto a observo caminhando na minha direção.

Passos leves, como se estivesse pisando nas nuvens. Olhar atento, como se estivesse manipulando sua presa... e é exatamente isso que ela está fazendo.

Manipulando-me.

— Você esteve com mais alguém, Lince? Você... deitou outra mulher na sua cama? Você fez amor com alguma outra, Lince?

Ela não faz ideia.

Nunca fará.

Meu coração acelera e a minha respiração se perde em meio a loucura desgovernada do meu órgão. Mentir não é o meu forte, mesmo nos momentos mais precisos e não seria agora, logo para ela que iria praticar uma arte que, com certeza, não domino.

— Sim, eu estive, Vilk Jane. Sim, eu deitei com outras mulheres na minha cama. Não, eu não fiz amor com nenhuma delas. Eu nunca fiz.

Eu poderia ter levado um tiro um peito. Poderia ter levado uma facada no braço ou até mesmo ter quebrado algum osso do meu corpo que teria doído muito menos, do que ver as lágrimas se formando nos seus olhos, de ver a tristeza e decepção surgindo no seu rosto.

Ela está olhando nos meus olhos, quando uma lágrima cai dali, do seu almiscarado verde de sensações e sentimentos. Ela balança sua cabeça, afastando-se do meu corpo, indo em direção ao chuveiro e eu não posso mais continuar aqui vendo o seu sofrimento... o sofrimento que causei ao dizer a verdade.

Viro-me em meus calcanhares e volto para o meu quarto. Jogo meu corpo na cama de qualquer jeito e fecho meus olhos, enquanto escuto o barulho do chuveiro sendo ligado.

Eu sei que o tempo em que passamos juntos foi muito importante para ela, que precisava se agarrar a alguma coisa para que pudesse ser feliz completamente, mas eu, no meu maior estado de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoa sem sentimentos, acompanhei de perto todo o seu processo até que estivesse completamente focada e obcecada por mim. Não fiz nada para impedir, muito menos para fazê-la desviar o seu foco de mim.

A culpa do seu sofrimento é todo meu.

Suspiro, sentindo a maciez dos meus lençóis com o cheiro dela, do corpo dela...

Não posso fazê-la sofrer.

Não posso e não vou.

A primeira vez que a vi foi como ser pisado por alguém maior, sabe? Porque em meio ao sofrimento, em meio aos choros e desesperos, ela exibia um sorriso lindo, tentando levar conforto para os outros que estavam ao seu redor, mas não parecia adiantar. Ninguém queria sentir o seu conforto. Ninguém queria ver o seu sorriso.

E à medida que os dias foram passando, conosco dentro daquele galpão cheio de lama e mosquitos, sem chance de encontrar um lugar para tentar escapar, mais eu a fui a observando tentando contar suas piadas. Foram tantas... e nenhuma era engraçada, mas ela sempre ria sozinha. Ninguém a acompanhava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua luz, sua felicidade e sua esperança, foram o que a fizeram sofrer lá dentro. Ela foi a que mais sentiu dor, mas nunca deixou de sorrir.

Nunca conseguiram apagar o seu sorriso, nem com os cortes fundos, que hoje fizeram existir uma longa série de cicatrizes de tamanhos grandes ao longo da sua barriga e pernas. Nunca conseguiram apagar a luz do seu olhar, nem mesmo com as descargas elétricas que a faziam gritar por horas a fio.

Não tiraram as suas piadas, nem mesmo com os dias em que passava suspensa em cordas e correntes, tendo que sustentar todo o seu corpo com apenas os membros de cima.

E, o mais importante, nunca tiraram a sua fome de viver, nem mesmo quando era enforcada repetidas vezes. Jurei, algumas vezes, que ela tinha morrido, mas não. Horas depois ela acordava com os olhos vermelhos. Tossia aos quatro ventos, para logo em seguida, começar a sorrir, mesmo que já não tivesse voz para isso.

Eu a admiro, porque em seu lugar, eu teria me deixado morrer quando tivesse a oportunidade perfeita, mas ela... ela implorava para viver e dizia:
PERIGOSAS ACHERON

— *Me deixe viver, por favor! Eu não quero morrer, eu não quero!*

Naquele lugar, ela era a única que proferia essas palavras aos quatro cantos.

Mesmo perdido em lembranças, escuto quando ela desliga o chuveiro. Ao mesmo tempo que não me recordo de algum momento em que ela tenha ficado tão magoada, quanto ficou agora com as minhas palavras. E meu coração se aperta de uma forma tão sufocante que acho que a qualquer momento posso acabar morrendo.

Seus passos... ela está se aproximando, ficando mais perto de mim e então, as suas mãos vem para as minhas coxas, onde ela as aperta e vai subindo cada vez mais por meu corpo até que chega no meu peito, onde ela as deixa repousando para montar em cima de mim.

— Duvido, Lince, que você tenha amado alguma delas como me amou – diz com sua voz fraca, baixa, como se estivesse confidenciando um segredo.

E ela está certa.

Eu nunca transei com alguma delas do jeito que transei com ela, a única que realmente senti

PERIGOSAS ACHERON

descomunais sensações de prazer. Ela é a única que me deixa louco. A única.

— Ah, Lince... O que você fez, enquanto estávamos separados, eu não sei, mas eu... — Escuto seu sorriso e, com essa deixa, abro meus olhos, surpreendendo-me por ver os seios livres a altura dos meus olhos. A sua barriga coberta por uma das minhas camisas sociais branca e as coxas libertas a minha visão. — Eu estava aprendendo coisas, observando pessoas.

O seu sorriso e o mordiscar de lábio, faz com que um bolo sufocante venha para a minha garganta, deixando-me em um pequeno estado de pânico.

O que ela quer dizer com isso?

— Eu aprendi tantas coisas, Lince.

Morde seu lábio inferior novamente e se inclina, aproximando sua virilha da minha.

O seu longo cabelo negro pende para o lado em ondas perfeitamente sincronizadas e eu acho que por um instante vou acabar explodindo com a imaginação de que ela...

Ela... quer me dizer que também estava com outros homens?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei de tantas coisas, Lince – sussurra fechando os olhos, mordendo o lábio com mais força e as suas mãos retrocedem os toques, voltando todo o caminho que fez até meu peito, até que está voltando por seu corpo.

Entre as suas pernas, fazendo com que o pano da sua camisa suba o suficiente para mostrar o começo da sua virilha perfeitamente depilada, parte da sua pele da barriga e, quando chega aos botões abertos da minha camisa, que ela deixou propositalmente para mostrar os seus seios. Puxa cada lapela da camisa para baixo, fazendo com que minha respiração fique presa no meio da minha garganta, enquanto aprecio essa bela visão.

Estou completamente sem ação, quando começa a se mover delicadamente no meu colo, para logo em seguida, gemer suavemente.

— Foram tantas coisas, Lince... – Sua voz sai com um gemido estrangulado, quando ela abre os olhos em chamas verdes para me encarar. — Mas não vou te contar.

Pisca um olho para mim ao parar de se movimentar e sorri, um sorriso largo, cheio de promessas escondidas.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou com fome – diz saindo de cima de mim e fica em pé, logo em seguida, mantendo ainda o sorriso nos lábios.

Com toda a graça que existe dentro de si, ela se vira e se encaminha em direção a porta do quarto, abrindo-o e o fechando atrás de si, sumindo agora do meu campo de visão.

O que acabou de acontecer aqui?

Capítulo 5

Lince Arias



É noite, quando meu celular toca e eu desvio minha atenção dos papéis na minha frente. A notícia que me preenche é a confirmação oficial que o lugar em que Descartes estava foi abatido e está sob a guarda do tal Luciano, o que me fez ponderar um pouco sobre os meus próximos passos. Não posso vacilar, muito menos baixar a guarda, enquanto eu estiver na minha casa, esperando que todo esse ciclo do horror passe e Marinho morra logo.

Sair de casa, agora, seria a minha sentença de morte. Estaria desprotegido, além do que, isso faria com que os homens que estão lá fora, comessem a questionar o que está acontecendo e, logo em seguida, me pegariam e me matariam de uma vez, o que não seria de um todo ruim, já que não tenho sentido para estar vivo.

Não tenho um motivo para lutar... não tenho

nada.

Poderia mesmo sair, poderia... se do outro lado dessa porta uma deusa vinda do olimpo não estivesse me aguardando, pronta para dar o bote no meu peito e, posteriormente, no meu corpo, acabando assim com a minha capacidade de ser racional o suficiente a ponto de pensar.

Dois toques na porta e ela entra, carregando uma bandeja de prata, uma das minhas favoritas, contendo suco de maracujá e um bolo de chocolate. Meu olhar está cravado no decote que ela fez questão de deixar a mostra com essa camisa. Não posso deixar de observar algumas gotas negras do que imagino ser o chocolate ali impregnado na sua pele, fazendo o meu mais profundo ser implorar para que eu deguste da sua pele, me embriague no seu aroma e, depois, me perca em meio aos seus gemidos altos de prazer.

— Você não sai daqui por nada nesse mundo, não é? — pergunta ao depositar a bandeja em cima da mesa, inclinando o seu decote na minha direção e fazendo com que o meu olhar se mantenha ali, enquanto ela apenas morde o lábio inferior.

Ela sorri e me encara, a expectativa mais que

PERIGOSAS ACHERON

evidente ali no seu lindo rosto de traços tão delicados.

Ela me observa até que algo muda. Os seus olhos que estavam focados em mim, voam para a janela e então, o seu sorriso some por completo. Eu poderia me levantar e até dizer-lhe para não tomar mais um passo em frente, em uma tentativa de não querer deixá-la se envolver nos meus assuntos, mas antes que eu pudesse pensar mais uma vez para dar um passo à frente, ela está levantando uma mão e voltando o seu olhar para mim.

— Devo imaginar que um fabricante de armas deve ter, em sua residência, alguma submetralhadora, não é mesmo? — ela pergunta sorrindo de leve e eu aceno com meu olhar apontando o móvel bem ali atrás dela.

Vira-se sem pronunciar mais uma palavra e se encaminha para ele, abrindo-o, quando já está próxima o suficiente para isso. Revela um conjunto de preciosidades, feitas para matar qualquer ser vivo que esteja em sua mira, que desejam somente retirar vidas sendo algumas delas inocentes, que não precisam de mais sofrimento na vida.

— Isso está me incomodando desde a hora

PERIGOSAS ACHERON

que cheguei aqui – ela resmunga retirando um rifle do meu armário.

É um fuzil de precisão perfeito para tiros a longa distância. Ela adiciona a mira telescópica e um silenciador. É precisa e rápida, como se aquilo fosse algo que muito fizesse ao longo da sua vida e, para a minha infelicidade e sua total desordem é sim o que ela mais sabe fazer na sua vida.

Não faço ideia do que esteve fazendo durante todos esses anos que passou sumida, mas tenho certeza que boa coisa não o estava fazendo, porque pelo pouco que me soltou aqui, andou aprendendo coisas e por toda a merda do mundo, meu peito se acelera desenfreado só com a ligeira imaginação do que poderia ser, mas eu espero muito que não seja o que estou pensando. Espero que não seja, porque esse pensamento está causando loucura no meu interior. Assim que tem tudo pronto, ela se encaminha até a janela. Posiciona a arma onde deseja, obtêm a sua mira, inclinando o traseiro na minha direção de forma graciosa e embriagante para que assim possa eliminar o seu alvo.

O momento em que apertou o gatilho, eu não estava tão focado em ver o que ela poderia

PERIGOSAS ACHERON

provocar, eu estava compenetrado no movimento em que o seu corpo iria adotar ao fazer isso e para a minha total e maravilhosa surpresa, ela adotava a posição de um soldado de elite, porém as roupas e o corpo de uma tentação pecadora, pronta para aplacar as estruturas de qualquer homem.

Saí da minha nuvem de entorpecimento, quando escutei o barulho do cantar de pneus. Levantei de onde eu estava e me encaminhei a janela, ficando atrás do corpo inclinado dela, o que segundos depois, considerei não ser a melhor das ideias, porque o seu corpo logo estava entrando em contato com o meu, causando mais fogo na minha pele e no meu corpo, enquanto ao meu redor nada parecia impedir que continuássemos juntos.

— Às vezes eu sinto muita raiva de você — ela disse se levantando e se afastando da janela, ao tempo que colava o seu corpo contra o meu. O rifle estava em suas mãos e eu achei aquela, a melhor visão de todos os tempos e de quebra, ainda tinha o seu cheiro a altura dos meus sentidos.

Ela suspirou e eu pensei em me afastar, mas contra tudo que eu deveria adotar aqui, ela parece ser a melhor rede para eu estar sendo fisgado.

PERIGOSAS ACHERON

Tenho o dever de afastá-la, para o seu próprio bem e manda-la para o mais longe possível, mas a minha língua fica presa no céu da minha boca quando tento o fazer, porque não desejo que ela vá. Cada segundo que fíco ao seu lado está sendo o mais torturante ao mesmo tempo que me sinto cada vez mais revigorado. É uma confusão que não se mistura e estou ficando louco.

Desejo que ela permaneça aqui ao meu lado para todo o sempre, mas antes que eu possa pensar, ela está se afastando. No seu rosto vejo um pouco de decepção e tristeza.

E eu não sei o que fiz de errado para deixá-la assim.

— Não vai comer o que preparei para você? — ela pergunta no instante que afasta o rifle da janela e então o desarma rapidamente aqui na minha frente.

Pode ser simples para ela, pode ser comum para mim, mas eu fiquei tão hipnotizado com tais movimentos que desejei pedir que ela o fizesse novamente, só que eu não tinha o direito de o fazer. Sou o homem que a destruiu e que a iludiu para logo em seguida, abandoná-la. *Nunca vou me*
PERIGOSAS ACHERON

perdoar disso.

— Você tem que ir embora – eu disse mesmo que por dentro gritasse para que ela ficasse, mas eu acho que ela entendeu o lado errado que havia dentro de mim.

Ela sorriu, deixando o rifle de lado e então, ela me observou com atenção.

— Você não deve saber, mas eu te conheço melhor que qualquer outra pessoa. E isso que você está me pedindo agora, não será levado em consideração, porque eu não desisto do que quero e do que acredito.

Suas poucas palavras me fizeram recuar e ela viu o quanto eu estava sendo sério na minha reação sobre a sua resposta, mas não ficou muito tempo na minha frente para esperar uma resposta.

Acompanhei seus movimentos até o armário de onde ela tirou o rifle e então o deixou da mesma forma que o encontrou e quando estava tudo certo, saiu lentamente do meu campo de visão, fechando a porta logo atrás de si.

Meus instintos gritavam aqui dentro para que eu a seguisse rapidamente, mas o meu lado racional ordenou que eu ficasse exatamente onde eu estava,

PERIGOSAS ACHERON

porque aquilo não poderia ser alimentado, afinal ela só se machucaria.

— Essa mulher nunca foi normal, nunca — sussurro sem conseguir prender as palavras na minha boca. — Vou enlouquecer até que consiga tirá-la daqui.

Reprimi a vontade que me subiu em rosnar o mais alto possível com a frustração se fazendo cada vez mais presente dentro do meu peito.

Por que ela é assim? Por que nunca me escutou? Por que não consigo dizer as palavras corretas para expulsá-la?

Na verdade, no fim sempre serei fraco e incapaz de ver novamente mágoa e tristeza no seu olhar. Por mais que eu necessite protegê-la e a tirar dessa casa rápido, sinto que jamais vou conseguir me afastar. Meu coração está acelerado só com o fato de que ela esteve aqui ao meu lado. E eu juro que pensei que isso não duraria por tantos anos, que eu conseguiria esquecê-la com o tempo, mas a ferida de deixá-la para trás, abandonada a própria sorte foi o que me manteve infeliz durante tantos anos sem conseguir esquecer o seu sorriso feliz, as suas palavras esperançosas e o seu olhar que

PERIGOSAS ACHERON

exalava amor, um sentimento que somente ela parece sentir.

Não sei o que sinto e não acredito que a mereço, mas... eu não desejo que nada de ruim a cerque e sei que é exatamente isso que vai acontecer caso ela permaneça aqui ao meu lado.

Necessito afastá-la, mas acima de qualquer coisa, necessito tê-la ao meu lado.

Afinal, quando foi que o seu olhar perdeu aquele brilho sereno?

Por que ela parece estar tão dura?

Suspiro, saindo do meu estado de estupor aqui parado na janela do meu escritório. Quando meu olhar retorna para a mesa com a comida que ela fez para mim é inevitável que um suspiro não saia por meus lábios. Qual o nível de necessidade para uma situação como essa? Por que ela quer agradar o homem que a abandonou? Que fez isso porque quis?

Talvez eu deva questioná-la sobre isso?

Sim, ficar calado por todo o tempo não será o necessário para fazê-la ir embora, então não posso demorar em traçar os objetivos corretos.

Encaminho-me em direção a porta e então,
PERIGOSAS ACHERON

quando estou perto o suficiente, a abro.

Ela não está no corredor. Essa constatação me faz suspirar e me encaminhar para a sala, onde vejo seu corpo de relance. Está deitada no sofá enquanto o celular repousa sob o seu ouvido. Meu corpo paralisa e fico atento ao que ela possa estar falando.

Estaria com alguém? E se estivesse, por que veio para a minha casa?

— Você tem que esperar um pouco, Adiel. Não é como se eu fosse conseguir fazer contato com ela tão rápido... ela disse que me protegeria ou seja, se eu estiver em perigo ela irá surgir na minha frente — sussurra me fazendo arquear as sobrancelhas. — Verei o que posso fazer, ok? Mas não vou trair a sua confiança em mim.

Por mais alguns instantes ela permanece no mesmo lugar conversando ao celular e eu não posso parar o frio que se instala no meu corpo inteiro. Então, ela precisa se colocar em perigo para que alguém apareça? Mas por qual motivo ela faria isso? Eu não deveria nem estar aqui me importando com isso. Deveria estar na minha sala, estudando novos modelos de pistolas ou buscando por

PERIGOSAS ACHERON

passagens de avião para o lugar mais distante, talvez em outro continente para onde eu possa fugir, mas ao contrário dos meus deveres do momento, permaneço no mesmo local, apenas observando-a.

A campainha toca e eu arregalo os olhos com a incerteza de quem poderia estar à minha porta e o medo de que seja Marinho em busca de um lugar para ficar faz com que meu peito afunde em um mar de medo e terror.

Ela se levanta. Vestida em uma das minhas camisas de manga longa, encaminha-se até minha porta.

Eu corri, juro que foi o mais rápido que consegui, contudo não pude impedir que a porta fosse aberta e que ali, do outro lado, minha secretária estivesse parada e tão séria quanto sempre estivera. Olhou Vilck dos pés à cabeça e quando vislumbrou minha figura logo atrás dela, então pôde arquear as sobrancelhas.

— Não sabia que estava acompanhado — ela disse e eu suspirei aliviado que fosse ela ali, mas ao contrário do meu alívio Vilck estava disposta a encarar minha secretária de uma forma que eu não

PERIGOSAS ACHERON

poderia imaginar logo vindo dela.

— Qual a sua relação com meu noivo? — perguntou e eu arregalei os olhos.

— Até onde ele deixou claro, não é noivo de ninguém. Você é apenas mais uma na cama dele... Por que tenho de lidar com isso? Pensei que fosse um chefe diferente — ela disse olhando para mim e Vilk sorriu amargamente.

Achei, por um instante, que ela estaria aniquilando a existência da minha secretária e eu estava prestes a pedir licença para Vilk, quando ela suspirou e sorriu novamente. O sorriso mais sinistro que foram capazes de forjar naqueles lábios angelicais.

— Lince é meu noivo desde que éramos adolescentes e tenho certeza que essa é uma lembrança vívida no peito dele, afinal sou a única que ele ama e que mantém perto de si. Estou aqui para assumir o meu lugar ao lado dele como parceira, amante e tudo o mais que os casais têm direito. Mas então... o que uma secretária meia boca como você tem a me dizer sobre a sua relação com ele, para estar me lançando desaforos? Acho que ainda não encontrou o seu lugar, não é? Caso

PERIGOSAS ACHERON

eu ache que necessite estarei perfeitamente bem em guiá-la até que tenha a encontrado com perfeição. Com licença.

Dito isso, ela se virou e se afastou da porta, levando consigo o celular.

Posso estar espantado pela profundidade das suas palavras assim como pelo grau de ameaça como saiu, contudo, não poderia ficar apenas aqui parado como uma ameba encarando minha secretária que da porta me observava sem graça. A ela não entreguei meu tempo.

Virei-me e atrás de Vilk dediquei meus passos. Estava falando novamente ao celular e eu não sei o que me causou mais raiva. Se foi o fato de ela estar conversando com outro homem sob o meu nariz ou se foi o fato de ela estar marcando território em uma pessoa que jamais poderá ser dela.

Determinei-me a discutir, mas ela se trancou no banheiro e eu não tive outra opção a não ser a de suspirar pesadamente antes de me encostar contra a parede contrária e a esperar. Escutava os seus sussurros rápidos e pensei que ela estivesse metida em alguma coisa que não era nada boa. Aquilo não

PERIGOSAS ACHERON

era da minha conta, eu não tinha nada a ver com as suas enrolações ou confusões, mas quando a escutei sorrir e depois rosnar de raiva, não consegui simplesmente seguir de volta para a sala. Ao contrário do correto a ser feito, eu me aproximei da porta e ali encostei meu ouvido. Precisava escutar o que ela dizia ao mesmo tempo que debatia na minha mente o quanto estava me aproximando dela novamente e eu não poderia deixar...

— Sim, mas você entende que é de Sensit que estamos falando, não é? — Escutei seu suspiro pesado e então, ela parou de falar, acho que estava escutando algo que o homem dizia.

Adiel... nunca conheci uma pessoa com um nome como esse.

O que pode existir entre eles para que ela dedique tanto tempo no telefone? E quem é Sensit?

— Ela não me disse muita coisa, Adiel, mas até onde eu pude entender, ela está fazendo isso porque acha que trará proteção para vocês, assim como também acha que isso será o melhor para os dois — ela disse e eu suspirei ainda sem entender o motivo para tal ligação.

Está tentando conciliar a relação dos dois, é

PERIGOSAS ACHERON

isso?

— Não vou marcar nada sem que antes eu tenha certeza do que você irá fazer... não, vamos conversar pessoalmente. Isso mesmo. Combinamos por mensagem, ok... Até logo.

Arregalo os olhos quando o silêncio se faz presente do outro lado da porta e então, eu me afasto, ficando novamente encostado contra a parede. Segundos depois, a porta se abre e ela sai. Quando me vê aqui parado, arqueia as sobrancelhas e eu permaneço como um tolo esperando que ela me diga alguma coisa, todavia nada sai por seus lábios, o que me deixa decepcionado ao mesmo tempo que frustrado.

— Você não pode dizer para os meus funcionários que é minha noiva ou...

Ela suspira e acena. O olhar está pensativo e não presta atenção nas minhas palavras, tenho certeza. Então, como se apenas quisesse se livrar de mim, ela passa e se encaminha para o meu quarto, onde entra e fecha a porta logo atrás dela, deixando-me sozinho no mesmo lugar.

Tonto, confuso e bobo é como ela me deixa e eu não tenho reação para agir diante a atitudes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como essas.

— Ela quer me enlouquecer? — sussurro dando meia volta e indo diretamente para o caminho oposto ao que ela está.

Minha secretária está aqui para me passar informações, então preciso me dedicar à isso, afinal esse ainda é o meu trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Lince Arias



Ela dormiu ao meu lado a noite inteira usando poucas peças de roupa. Para ser mais específico, usava apenas uma cueca box minha, essa que nem ao menos cobria toda a sua bunda, enquanto que a deixava empinada na minha direção.

Foram infindáveis as vezes que tentei fechar os olhos e apenas dormir, mas eu não consegui, porque ela não estava me deixando. Se antes a minha consciência me atormentava roubando algumas das minhas noites de sono, agora era o seu corpo ao meu lado que não me permitia dormir. As lembranças do passado batiam à porta da minha mente e eu me perdia cada vez mais pensando nos dias em que ela dormia usando do meu braço como seu apoio. Eu olhava para o seu rosto e só conseguia lembrar da minha covardia em aproveitar de uma oportunidade para me safar, enquanto ela

ficaria ali sozinha sendo testada e levada ao seu limite como aconteceu ao longo dos anos desde que chegou ali.

Quando os raios de sol invadiram parte do local ao qual eu estava, eu não tinha ao menos fechado meus olhos por mais de um minuto. Aquilo era torturoso, dolorido e as lembranças eram como lanças afiadas prontas para tirarem lentamente a minha capacidade de raciocínio. Precisava parar de pensar, mas não conseguia.

Contudo, em meio a tudo isso encontrei algo para me distrair. Ela tinha novas tatuagens, novas marcas de cicatrizes. Seus lábios pareciam mais inchados e o seu rosto cada vez mais agradável a ser observado. E somente isso foi o necessário para fazer um sorriso minúsculo surgir nos meus lábios depois de anos, já que a felicidade sempre pareceu estar distante, por mais longe que eu corresse em sua busca. Parece que eu não sou um homem criado para senti-la e apreciá-la.

Ao meu lado, ela se remexeu. Estava acordando. Aquilo me pareceu mais agradável do que vê-la dormir despreocupadamente ao meu lado. Quando seus olhos se abriram, a primeira coisa que

PERIGOSAS ACHERON

viu foram os meus a observando, o seu primeiro gesto foi sorrir e de acompanhamento, levantou seu braço direito, trazendo sua mão ao meu rosto. O seu toque estava tão perdido na minha lembrança que eu não lembrava do quão bom era senti-lo, assim como aquela troca de olhares cheios de sentimentos que fizeram algo diferente pulsar aqui no lugar do meu coração. Eu estava nervoso depois de tantos anos e quase não fui capaz de acreditar quando seus lábios vieram para os meus e ali ela os selou. Os segundos se transformaram em minutos e eu desejei que o tempo parasse, que ela nunca mais saísse dos meus braços.

Naquele momento, eu só esquecia que a minha realidade não é da forma como desejo, já que nada é duradouro. Tudo que vem para mim, sempre acaba me deixando. Talvez seja porque eu nasci para ser sozinho, para estar solitário.

Esse é o destino que o meu criador me deu.

Aproveitei cada instante em que a tive aqui nos meus braços, beijando-me e me tocando com carinho. Jurei que mais tarde, quando estivesse longe dela, conseguiria apagar todas aquelas lembranças, que ela não significaria mais nada na

PERIGOSAS ACHERON

minha vida, porque por mais que eu deseje que ela não signifique, ela sempre significou. Por mais que eu grite aos quatro ventos que eu não a amo, que não sou apaixonado por ela, a verdade é o completo contrário das palavras que saem loucas e desenfreadas por meus lábios. Eu sei que mais cedo ou mais tarde ela vai acabar me deixando, todos sempre o fazem e quem seria eu para cobrar o contrário dela, sendo que foi exatamente isso que fiz com ela ao sair daquele lugar?

Vilk se afastou de mim no instante em que seu celular tocou e eu estava tão perdido no entorpecimento que seus lábios me causaram que não percebi que ela se afastava, mas quando aquela nuvem passou despercebidamente por mim, eu percebi que ela sussurrava ao telefone. Eu não sabia quem era, mas não me prendi no pensamento das probabilidades, porque eu sabia perfeitamente onde elas estariam me levando, caso eu assim fizesse, logo eu estaria fazendo exatamente o contrário do que devo. Se ela vai sumir a qualquer instante, quer dizer que eu não posso me prender ou me deixar levar pelos seus lábios encantadores, tampouco pelo seu cheiro embriagante ou o seu toque

PERIGOSAS ACHERON

majestoso.

Quando afastou o celular do seu ouvido, ela se levantou e foi diretamente para o banheiro. O beijo e os toques que trocávamos foi esquecido, dando lugar apenas ao que ela estava cuidando naquele momento, por causa daqueles telefonemas. Permaneci deitado no mesmo lugar, afinal precisava controlar o meu corpo que estava em chamas depois do que trocamos há poucos instantes.

Ao sair do banheiro, ela não me dirigiu seu olhar. Enrolada em uma das minhas toalhas e com o seu cabelo amarrado no centro da cabeça, ela saiu do quarto.

Confuso do jeito que eu estava, permaneci, mas decidi me levantar.

No dia anterior, na conversa que tive com minha secretária, ela afirmou que hoje era um dia em que eu teria diversas coisas para cuidar, assim como visitas desagradáveis que precisavam da minha intensa atenção. Precisei afastar a dúvida que rondava a minha mente para que eu pudesse seguir em frente, para que pudesse levantar dessa cama e fosse ao banho. Mas a minha cabeça só

PERIGOSAS ACHERON

conseguia pensar no que ela teria para resolver que a deixava tão afastada de mim...

Por mais frustrado que eu esteja, por mais que eu saiba que essa é a coisa certa a acontecer, não posso deixar de pensar que ela vai acabar me deixando louco e perdido enquanto permanece neste jogo de sedução que começa, prossegue e para por causa de uma maldita ligação. Estamos sob o mesmo teto por dois dias, no máximo e ela está me tirando do meu eixo, fazendo com que novos sentimentos e sensações diferentes brotem no meu peito, enquanto eu já as tinha drenado da minha mente, do meu peito e do meu corpo por completo. Estava bem, antes de ela aparecer e agora, durante a noite não poderia dormir, porque admirar o seu rosto estava sendo mais interessante do que a ideia de relaxar ao dormir. Levar-me ao meu extremo é como ela quer fazer? Porque se for... se persistir assim, acabará conseguindo com certeza.

Ao terminar o banho, me arrumei e não vi o mínimo sinal que fosse do corpo dela por aqui. Quando descii para a cozinha, ela não estava, mas ao ver que a luz do meu escritório aparecia por

PERIGOSAS ACHERON

meio de uma brecha na fechadura da porta, então até ali me aproximei, mas o que vislumbrei fez com que meu coração batesse cada vez mais forte no meu peito.

Ela estava sentada na minha cadeira, enquanto lia algo na tela do meu computador e bebia um gole do que considerei ser whisky. Todavia, o que fez meu coração bater mais forte foi a forma como ela estava sentada ali com a tolha desfazendo o pequeno nó que ela tinha dado no alto dos seus seios, deixando que parte dele estivesse a amostra. Seu longo cabelo liso e negro estava jogado de lado, enquanto ela mordida o lábio inferior e concentrada, observava a tela do computador.

Nesse momento eu descobri uma coisa, talvez a coisa mais importante do meu dia.

Aquele escritório estava estragado para qualquer campo de concentração. Aquela cadeira jamais poderia ser ocupada por qualquer outra mulher, aquele ambiente não poderia ser preenchido por mais nada, porque ele parecia pertencer somente a ela.

Meu celular tocou, era um aviso de que estava na minha hora para seguir ao galpão. Os
PERIGOSAS ACHERON

carros da segurança começaram a chegar e quando ela percebeu a movimentação, foi rapidamente até a janela e quando viu os carros ali, caminhou lentamente em direção a porta do escritório e quando a abriu por completo, então pôde me ver ali em pé e completamente focado nela, que parecia satisfeita com o que via. Disse que eu deveria esperá-la, afinal tinha um lugar para ir e desejava que eu a desse uma carona. Pensei por alguns instantes sobre aquilo e achei que não fosse possível que eu estivesse tão focado no que ela permanecia fazendo. Como ela sabia que aqueles carros eram meus? Como não interpretou que aquilo era perigoso como fez no dia anterior?

Em segundos ela subiu e sumiu na parte de cima da minha casa.

Em minutos desceu. Estava vestida com uma das minhas camisas sociais pretas, uma calça de moletom cinza e meus chinelões enormes. Pensei que ela certamente precisaria de roupas, todavia não achei certo pontuar aquilo, afinal aos meus olhos, ela parecia a coisa mais linda de todos os tempos. Se antes meu coração tinha batido mais forte, agora ele estava loucamente desesperado.

PERIGOSAS ACHERON

Minhas mãos suavam e eu estava quase desmaiando diante aquela imagem, todavia ela parecia alheia demais ao que causava com o meu corpo e por um minuto até agradei por isso, não gostaria mesmo que ela achasse que eu estava apaixonado por ela.

Acompanhou-me até a parte de fora da minha casa e enquanto eu trancava a porta de entrada, ativando o compartimento de segurança, percebi que ela observava com atenção os carros parados a beira da calçada.

Entrei no segundo carro e esperei que ela fizesse o mesmo, mas ela seguiu ao primeiro e com um sorriso de lado entrou ali, ignorando por completo a minha existência no banco deste carro.

— Senhor, ela quer que a deixemos em um hospital — disse um dos meus seguranças e eu acenei.

Não sabia o seu plano, o que estava fazendo na minha casa ou qual seria sua missão ali, todavia eu não desejava nem um pouco que ela persistisse naquilo que estava fazendo comigo. Uma hora me provoca, demonstra o quanto me quer e depois... me deixa abandonado e confuso.

Os carros começam a se movimentar pelas ruas da cidade e o gosto dos seus lábios voltam a minha mente. O desejo de tê-los novamente está me enlouquecendo e eu não posso desejar outra coisa vinda dela a não ser isso, só que tudo isso parecia estar distante demais para que eu pudesse me aproximar ou embarcar na loucura insana que me destinava a tal.

Entramos em um caminho diferente do que costumamos seguir somente para deixá-la onde queria e quando lá chegamos, os carros pararam. Ela saiu do carro e, sorrindo acenou para dentro. Antes de se afastar, levou sua mão direita aos lábios, então a beijou e quando a afastou dali, soprou a sua palma em direção ao carro de um dos meus seguranças.

Tal gesto não deveria me causar emoção, seja ela qual for, todavia causou o completo contrário. Eu estava bufando de ódio ao tempo que tentava controlar a maldita da minha respiração. Minha mente estava travada no que ela fazia e eu estava cada vez mais enfurecido com sua atitude, enquanto ela permanecia da mesma forma, enlouquecendo-me e causando uma forte onda de PERIGOSAS ACHERON

tristeza no meu peito.

Quando entrou no tal hospital, então os carros começaram a se afastar, mas antes que saíssemos por completo, eu vi o exato momento em que, ao entrar ali, seu corpo parou e então, ela esperou que nos afastássemos. Pensei que estivesse armando alguma coisa, talvez um serviço novo havia surgido para que ela fizesse e estava apenas cumprindo-o, mas não pude evitar a vontade de me impulsionar para tentar ajuda-la. Eu estava longe dali e o pensamento de que se eu voltasse e me encontrasse com ela mais à frente daria ainda mais margem ao pensamento de que eu estaria cedendo ao seu desejo de ficar comigo e eu não poderia deixar que sua pureza viesse a se misturar com a minha podridão e as ameaças constantes que pairavam sob minha cabeça. Sei o quão é difícil viver e conviver com essa realidade, todavia, infelizmente não sou capaz de pará-la ainda, exceto pelo fato de que Marinho sumiu e eu não tinha mais à quem servir ou obedecer.

Os carros se afastam rapidamente na outra direção da cidade, onde eu devo estar, no meu local de trabalho, em que estarei servindo como um belo

PERIGOSAS ACHERON

preparador para as mortes que irão suceder dos nossos encontros.

A medida que eu me aproximava do meu galpão, mais eu pensava no que Vilk faria ali, em que ela estava trabalhando e se ela poderia se machucar... eu nem mesmo conseguia disfarçar para o meu interior o quão preocupado estou e eu fazia isso tão bem. Costumava mentir tão bem para mim que acabava acreditando na minha mentira, porque aquilo sempre foi o melhor a se acreditar... a verdade, para mim, foi durante toda a minha vida um poço de tristeza em que não se valia muito a pena se agarrar, por isso minhas mentiras sempre ganham.

— Senhor, chegamos – meu motorista avisa e eu suspiro antes de sair do carro.

Dessa vez eu esperava ter como fugir da verdade que meu coração grita, mas eu sabia que não seria tão possível por muito tempo, afinal o meu passado voltou para minha vida e estava tão viva e cheia de determinação como eu a tinha conhecido antes.

Caminhei em direção ao meu escritório no andar de cima, mas o meu pensamento permanecia

PERIGOSAS ACHERON

nela e no que poderia fazer naquele hospital. Talvez não estava indo para alguma missão, talvez ela estava doente e precisou se tratar... posso estar negligenciando-a?

O certo era que eu não ligasse para qualquer coisa que estivesse interligada a ela, mas isso está sendo quase impossível, porque não consigo não pensar, não consigo não me preocupar, assim como toda a minha vida desde o dia em que parti daquele lugar. Eu sabia que ela estava sofrendo e não voltei para salvá-la, eu sabia que ela estava precisando de mim, contudo, continuei no mesmo lugar, sem me mover como um belo covarde sem ação e egoísta. Sendo sincero, sem mentir para mim, sempre quis ser esse homem egoísta que não pensa em nada mais que ele mesmo, mas acabo sendo o completo contrário, porque eu não sei como ser diferente. Apesar que tento de todas as formas parecer com esse cara, à noite quando estou deitado na minha cama, eu sofro com as consequências dos meus atos necessários.

Talvez eu esteja confuso, talvez eu não seja tão contrário desse homem que não gosto e que preciso ser, talvez eu me esconda atrás de um

PERIGOSAS ACHERON

julgamento diferente só para me sentir melhor.

Afinal, se eu não fosse esse homem ainda estaria aqui sem fazer nada?

— Marinho fez contato comigo ontem – disse Gregory já sentado em frente à minha mesa.

Como sempre parecia confortável comandando o sofrimento do próximo e eu não deixava que o seu olhar feliz fugisse dos meus. Se ainda estou aqui olhando nos seus olhos e abstraindo cada respiração que ele faz questão de dar na minha frente, é porque ainda não estou preparado para deixar quem... protejo.

— Ele disse que Júlio foi assassinado brutalmente por Luciano e que agora outro está assumindo... – Suspira com seu rosto ficando cada vez mais sério a medida que ele continua a falar. Imagino que esteja irritado por não ter sido o próximo na sucessão dessa maldição. — Em breve fará contato conosco, porque precisará de mais armas.

Pisco arqueando uma sobrancelha, quando
PERIGOSAS ACHERON

ele revira os olhos.

Realmente, Gregory é completamente patético e eu não consigo ficar por mais de dez minutos olhando para o seu rosto irritante. Ele me observa e tudo que eu desejo é expulsá-lo da minha sala, todavia preciso manter na minha mente que isso não é aconselhável.

— Maldito Luciano.

Está irritado, porque esse Luciano roubou o seu hotel e o destruiu para que pudesse comportar alguns homens, que segundo ele, não mereciam tais mordomias, então esfaqueou a mão dele, essa que ele não pode mais usar para atirar, tampouco para escrever, porque sempre que tenta fechá-la a dor supera quaisquer motivações que ele tenha para fazer outra coisa. Nisso eu tenho que agradecer à Luciano Monteiro, porque ele foi o único capaz de acabar com a maldade presencial deste que me encara com atenção demasiada.

— Era tudo o que tinha para me dizer? — pergunto me inclinando na minha cadeira para que eu possa pegar os documentos que ele trouxe até aqui, porque na sua opinião, é mais divertido que ele assim o faça, já que não confia em mais

PERIGOSAS ACHERON

ninguém para o fazer.

— Como sempre um idiota.

Suspira e então, se levanta.

Acompanho sua caminhada até a saída e quando ele finalmente deixa o meu local de trabalho, então posso respirar com mais relaxamento, porque ele acabou de me trazer coisas que me farão deitar minha cabeça no travesseiro e dormir sem muita dificuldade.

O primeiro papel com as fotos me faz suspirar, o segundo faz com que uma lágrima solitária escorra por meu olho esquerdo, a terceira faz meu coração se apertar e eu sinto muito que isso ainda esteja sendo propagado.

Sinto mais ainda por não poder fazer nada a mais que isso. Sinto por não poder ficar um pouquinho mais acompanhado e menos solitário. Sinto tanto...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Vilk Jane



Os carros se afastam, Lince se vai e eu reviro meus olhos para que só então, eu possa deixar que meu corpo caia no chão. Propositamente, minhas mãos começam a tremer, assim como minhas pernas e uma simulação perfeita de convulsões começam a acontecer aqui diante as pessoas que estão esperando serem atendidas.

No chão desse hospital só preciso aguardar por alguns segundos, porque no seguinte, mãos estão tocando minha pele e o atendimento se inicia. Juro que sinto vontade de sorrir, sinto o desejo de gritar, mas por fora tudo o que sou capaz de fazer é abrir os meus olhos e os deixar bem abertos e focados. Diminuo a quantidade de tremores das minhas mãos e então abro minha boca. Um homem negro, que acredito ser o enfermeiro que Íris me indicou, está me tocando. Tenta me acalmar e eu sei o quão atencioso tenta ser, contudo não estou

aqui para avaliá-lo. Finalizo com os tremores do meu corpo e relaxo contra o chão, então ele me observa mantendo seus olhos arregalados, enquanto tudo o que necessito é de mais um tempo nesse hospital. Na verdade, acima de tudo isso, só quero que ele me leve para a enfermaria ou seja lá qual for o lugar onde tratam os doentes. Preciso que ele me leve daqui, por isso fecho meus olhos e relaxo por completo contra o chão, em uma simulação clara de desmaio e ele cai perfeitamente, porque logo está me tirando do chão.

Sinto que me coloca em cima de uma maca e então, começamos a nos afastar.

Meu trabalho é simples e eu amo que hoje não precisarei torturar ninguém, porque não existe nada que eu odeie mais. Não gosto de fazer o outro sofrer, não gosto de fazer o outro sentir dor, contudo a minha vida está cheia de momentos que só fazem com que eu necessite fazer exatamente isso para continuar sobrevivendo.

A maca em que estou deitada para de ser empurrada e então, escuto o barulho de alguém mexendo em coisas perto do meu corpo. Algodão é pressionado sob meu braço e já me preparo para a

PERIGOSAS ACHERON

pequena picada que sucederá. Sinto cheiro de álcool e formol, uma mistura que é tão típica de hospitais que hesito um pouco. Odeio estar em hospitais. Acho que isso seja porque passei muitos anos da minha vida presa em um lugar que era continuamente cheio de ferramentas que são usadas em hospitais. Talvez seja por causa do seu cheiro? Ou a combinação macabra dos jalecos brancos, que me lembra de um dos meus torturadores contínuos? Ou as luvas de borracha? Talvez seja tudo.

Odeio tudo isso, mas a ironia está quando necessito de todas essas ferramentas para que eu consiga dinheiro no meu bolso.

Nesse exato momento, sou uma mulher livre, já que meu patrão está completamente inválido e que os seus cordeiros fizeram o bem para a humanidade ao desfazer o maldito sistema. Fico feliz e realizada ao ter a certeza que não precisarei matar tantos inocentes, mas me sinto um pouco animada em estar aqui ajudando a acabar com os que restaram e que tanto nos fez sofrer.

— Qual a situação da paciente? — um homem questiona ao mesmo tempo que sinto a pontada já esperada no meu braço. Um líquido é inserido e eu

PERIGOSAS ACHERON

tento não pensar nas possibilidades.... no que ele poderia estar colocando a fim de me deixar paralisada e sem chance de defesa.

Puxo uma longa respiração e abro meus olhos, porque acabo considerando esse o pior dos feitos, já que preciso confiar em alguém que eu realmente não conheço e que nas mãos possui o poder de fazer o que quiser. Olho para a sua mão que segura uma seringa com líquido transparente, que imediatamente me deixa em alerta, e acompanho atentamente o momento em que ele é inserido por completo na minha pele.

— Senhorita, como está se sentindo? — questiona o médico colocando-se ao lado do enfermeiro que retira a agulha com seringa do meu braço e se afasta.

Encaro o rosto do médico e não o respondo, porque eu sei que essa é a melhor forma de fazer com que ele perca seu tempo ao meu lado.

Esse rosto não me parece muito diferente do que vi mais cedo, antes de vir para cá. O seu nome foge da minha mente, contudo em seu jaleco as letras bordadas chamam minha atenção e eu preciso descer o meu olhar para conferir e ter a certeza que

PERIGOSAS ACHERON

o seu nome é Martin, o mesmo que Íris pediu que eu observasse de relance, ao mesmo tempo em que ele acolhia a mulher ao qual a esfaqueou. Eliza o nome dela, talvez?

— Preciso que façamos exames de sangue — ele sussurra e eu penso no que ele pode estar querendo com isso, por isso que suspiro fortemente e me mexo na maca, ficando de lado.

Desvia seu olhar novamente para mim e se aproxima exibindo um meio sorriso.

— Está sentindo algum desconforto?

Aceno e ele tira o estetoscópio do pescoço. Usando dele, começa a examinar o meu corpo, pedindo que eu respire fundo algumas vezes e assim faço, porque resolvo contribuir por agora com a sua indagação.

— Minha barriga dói — sussurro e ele franze a sobancelha.

— Pode ficar deitada de barriga para cima, por favor? — pede e eu nego.

— Dói.

— Mas eu preciso examiná-la — diz semicerrando os olhos.

Acho que a sua paciência é curta demais para
PERIGOSAS ACHERON

que o provocar. Bem, como não desejo que ele perca o emprego agora, então sorrio simpaticamente e me viro.

— Desculpa, moço.

Ele suspira e encara minha blusa enorme.

— Vou examinar sua barriga e para isso precisarei apalpá-la, tudo bem?

Aceno e ele inicia com o que me avisou que faria. Primeiro levanta minha blusa e eu percebo o instante que seus olhos se arregalam ao perceber a quantidade de marcas que nela possuo, então aproxima sua mão dali e pede para que eu respire fundo.

Faço isso por três vezes e ele se afasta depois de pressionar sua mão na minha barriga. O seu olhar nela já não mantém seu foco e eu acho que posso sorrir a qualquer instante.

— Essas cicatrizes são de quanto tempo, senhorita?

— Anos.

— Há quanto tempo sente dores?

Essa é uma pergunta que eu realmente gostaria de responder sorrindo, mas não acredito que seria coerente, levando em consideração o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou passando nesse exato momento.

— Um longo tempo – digo e ele acena, voltando-se para o enfermeiro.

— Volte para o quarto e cuide da paciente que estava atendendo – ele diz e isso me chama atenção, porque espero que seja a mesma paciente que estou buscando e aguardo isso com muita força, porque meu sangue queima para fazer um pouco de justiça com minhas próprias mãos, enquanto Íris se recupera desse novo ataque.

— Você sabe o que ela causou em...

— O seu dever é cuidar sem olhar para quem seja. Faça o que te foi ordenado.

Pisco um pouco e resolvo encarar essa situação da forma em que ela está sendo necessária ser vista. Assim que o enfermeiro que generosamente me socorreu, sai, o médico se vira para mim e me encara com demasiada atenção.

— Você usa drogas?

É a primeira coisa que ele me pergunta e é inevitável que eu não sorria diante à isso, porque de certa forma sinto muita vontade de percorrer com esse teatro. Isso é um pouco mais interessante do que realmente parece.

PERIGOSAS ACHERON

— Não que eu saiba – digo dando de ombros e ele inclina sua cabeça fazendo uma careta.

— Preciso coletar seu sangue – diz com o olhar na parede ao meu lado, parecendo pensativo e então ele observa a porta. — Vou chamar uma enfermeira e já volto, ok?

— Doutor! – Ele para e me encara. — Posso fazer uma ligação rápida para o meu namorado? Não quero ficar aqui sozinha – digo demonstrando tristeza em meu tom de voz.

Compadecido, compreensivo ou só não sabendo como dizer “não”, do bolso do seu jaleco, tira o celular e após me entregar, sai da sala fechando a porta logo atrás de si. Sorrio encarando a sala vazia sem câmeras de segurança, então disco o número de Tércio, o único que pode me ajudar no momento. Ele atende a ligação no segundo toque e a tristeza que noto na sua voz é o que me faz encolher em cima dessa maca. Odeio saber da verdade e não poder contá-la a quem realmente merece saber.

— Hero Gesso, em que posso ajudar?

Ele realmente sabe como se camuflar em meio a uma ligação desconhecida e eu realmente o

PERIGOSAS ACHERON

acho o mestre na arte de ser inteligente.

— Tércio, preciso que me ajude – sussurro.
— Sabe o hospital em que Zayxa estava trabalhando? Então, preciso que domine o controle das câmeras, depois explico.

A porta se abre e eu me assusto ao ver uma mulher vestida atipicamente a invadindo. Está em cima de saltos vermelhos, o pior contraste se combinado nas roupas brancas, mas a isso nada posso dizer.

— Estou passando muito mal, amor. Por favor venha ficar comigo. – Disfarço ao desviar meu olhar de uma figura tão macabra quanto ao seu batom exagerado. — Sei que está muito ocupado agora, mas eu não posso falar muito. Esse é o celular do médico Martin que está me atendendo.

— Martin? Aquele Martin? O mesmo que investiguei quando Zayxa estava em missão?

— Sim. Você só precisa ficar atento e não deixar de me observar.

Ela entra por completo na pequena saleta e então, se afasta em direção uma mesa repleta de seringas e medicamentos. Ali permanece por alguns segundos até que se volta para mim com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

necessário para fazer o maldito exame.

— Preciso disso agora — digo antes de desligar. Deixo o celular ao lado do meu corpo, mas ela o pega e sorri.

— Martin é meu namorado — ela diz sem que ninguém tenha feito essa pergunta. — Estamos perto de noivar — continua e eu apenas pisco sem querer saber realmente sobre isso. — Meu nome é Milena.

Restrinjo meus movimentos e permaneço no mesmo lugar em que estou enquanto ela começa a falar sobre como o conheceu. Mesmo que meu interesse não seja esse no momento, estou aqui e presto atenção a cada palavra sua e isso me faz lembrar de Lince, do nosso amor e do quão próximo ele parece estar agora.

Fico feliz em perceber que ele está da mesma forma como o conheci e eu amo que ele tenha permanecido assim, porque posso permanecer com o meu plano de conquista, esse que estou sendo quase obrigada a pausar para que só assim, eu possa me entregar ao nosso relacionamento, que tenho certeza que será fortificado ao fim de todo esse massacre.

PERIGOSAS ACHERON

Mais cedo estive em contato com Íris e ela me ofereceu uma nova missão, perguntou se eu aceitaria e, obviamente, aceitei. Jamais negaria algo para uma pessoa que se machucou tentando me salvar e isso não aconteceu apenas uma vez. Ela precisa de mim e eu darei a ela tudo que aprendi. Ajudá-la-ei e no processo deixarei Lince louco precisando me sentir por perto dele o maior período possível.

O meu amor por ele nasceu no meio da dor e se enraizou entre o sofrimento. Esse amor foi tão improvável e inesperado que só o torna ainda mais bonito. Talvez Lince não saiba que me ama e que nunca me esqueceu, mas eu sei disso perfeitamente. O seu olhar quando me viu no seu trabalho foi o de reconhecimento e foi tão brilhante que quase desmaiei de emoção. Dentro do táxi, enquanto me aproximava da sua casa, eu não sabia o nível de recusa que receberia, porque ele é o homem que nega até o último suspiro, mas o seu olhar mostra toda a verdade que eu preciso saber. Isso aconteceu em todas as vezes em que eu estava nos braços dele, isso aconteceu em todos os momentos em que ele me acolheu. Luto por esse sentimento, porque

PERIGOSAS ACHERON

entendo toda a situação que estávamos sendo submetidos. Acredito no amor, porque o amei mesmo sem saber se estaria viva no dia seguinte.

— Querida, você tem namorado? — ela pergunta ao rodear meu braço direito com uma borracha e eu não posso evitar a vontade que sinto em suspirar.

— Tenho um noivo — digo exibindo um sorriso largo, mas por dentro me dói lembrar das suas palavras negativas sobre a nossa relação.

Estendo meu braço e quando ela pega o material para a coleta de sangue, não sinto confiança naquelas unhas enormes, então acabo tomando da sua mão tudo o que ela havia pego para que eu mesma retire o meu sangue em meio as suas questionações contínuas. Sob o pequeno furinho que fiz ao colocar a agulha, pressiono o algodão com álcool que ela trouxe, mas que obviamente não sabe como utilizar. Se soubesse não estaria aqui usando unhas enormes que podem facilmente machucar seu paciente.

A porta é aberta e o médico está de volta, exibindo agora uma postura intimidante e séria.

— Preciso que chame algum residente para

PERIGOSAS ACHERON

cuidar dela. Tenho de cuidar de algumas coisas ainda – ele sussurra e Milena acena com um largo sorriso, então ela o devolve o celular.

Ele sorri, pisca um olho e sai do espaço. Se fosse um estado de quase morte, certeza que já estaria morta com um atendimento como esse.

Logo é Milena que está saindo e aqui permaneço sozinha. Então, me viro na maca e retiro meu celular do bolso fundo dessa calça de moletom. Ligo para Tércio que logo está me atendendo.

— Conseguiu? – questiono e escuto o barulho das teclas sendo pressionadas com demasiada força.

— Sim, consegui. Estou dentro. O que precisa?

— O quarto de Eliza, a enfermeira.

Silêncio e logo em seguida, ele está suspirando.

— O que está fazendo, Vilk?

— Não me questione, Tércio, por favor. Só me ajude no que farei – peço e logo estou escutando o retorno do barulho nas teclas do seu computador.

Aguardo e ninguém retorna para prosseguir com o atendimento, então suponho que esse hospital é o pior em meio a todos os outros.

— No segundo andar, quarto 24 – diz e só então eu me levanto.

— Estou na enfermaria, consegue me achar?

— Sim, estou com todas as câmeras ligadas para mim e acabei de derrubar a filmagem para eles. O que você precisa fazer é me dizer o que vai fazer e assim eu te guio.

Solto uma longa respiração ao mesmo tempo em que tento controlar o que sinto.

Tenho certo no meu coração que não é correto o que estou fazendo agora com ele, porque o estou fazendo lembrar da irmã que ele acredita que morreu sentindo raiva dele.

— Preciso entrar nesse quarto sem ser vista e de ao menos, um minuto para executar minha presa, então preciso sair e voltar para onde estou agora. E tudo isso sem que ninguém note – digo e escuto um leve suspirar dele do outro lado da linha, mas não me diz nada para evitar o que estou querendo fazer agora.

E eu agradeço, porque minha determinação

PERIGOSAS ACHERON

pode acabar falhando caso ele diga algo reprovador. Estou aqui para ajudar a cumprir com o fim do que minha amiga solicitou e não posso de maneira alguma demonstrar algum tipo de fraqueza diante as estratégias por ela estabelecidas.

Só preciso aguardar por alguns minutos para que enfim ele confirme que posso sair daqui para me dirigir até o quarto em questão. Sigo os passos por ele dados e então, saio do quarto para seguir o corredor movimentado. Tércio me indica a primeira porta a direita e ali entro, encontrando um enorme armário de ferro cheio de cadeados, mas a eles não me sinto presa, porque não é muito difícil de abri-los quando um grampo de cabelo está a minha altura. Tendo um em mãos, abro a primeira portinha sem precisar fazer esforço. Dentro dela encontro uma bolsa e roupas que não são de enfermeira, mas para entrar em um quarto como aquele, não preciso ser uma enfermeira. Só preciso estar vestida normalmente como uma pessoa normal, que com as roupas que estou nesse momento não demonstro isso.

Para trocar de roupa não preciso de muito tempo, afinal essas aqui não são tão pequenas para

PERIGOSAS ACHERON

o meu corpo, assim como não são grandes demais, contudo não ressaltam o que tenho de melhor, no entanto isso não é necessário nesse momento.

— Você não pode demorar muito, porque um homem está a caminho da enfermaria, onde você estava – diz em tom de alarme. — Ele vai entrar e quando perceber que não está lá, acabará indo em busca de quem o chamou e você já não tem tanto tempo.

Calçando um par de sapatos completamente bregas que encontro no fundinho do armário, resolvo sair logo dali com uma leve prece que a dona dessas peças não cruze comigo em nenhum momento do dia.

— Veja quem é que entrou aqui hoje com essa roupa, enquanto me aproximo do quarto – sussurro ao telefone, enquanto saio desse lugar.

O elevador clareado está sob minha visão enquanto observo pessoas irem e virem. Algumas apressadas, outras lendo coisas em seus celulares e as demais focadas demais em seus próprios mundos para darem conta do que está prestes a acontecer aqui. Contudo, o que acho uma desvantagem acaba e a missão começa a esquentar um pouco mais.

As luzes dos corredores se apagam estando apenas a luz do dia como iluminador principal.

Exibindo um sorriso de lado, continuo minha caminhada.

— De nada — Tárcio fala, o som dos seus dedos contra as teclas fica mais intenso.

— Para onde vou?

— Elevador. Siga nesse corredor e dobre a direita.

Aceno em concordância e ainda mantendo o celular contra meu ouvido, encaminho-me rapidamente para o local em que ele me designou, mas não consigo deixar de reparar nos olhares de canto das pessoas que me veem tão apressada por aqui e isso pode acabar sendo suspeito para muitos.

Eu deveria ter vestido um jaleco de enfermeira mesmo.

— Relaxa — diz Tárcio. — Esses que te viram são assassinos do Júlio. Foram aí colocados para vigiarem Íris. Só não entendo o que ainda fazem aí dentro.

Ele está certo. Se são assassinos do Júlio, que inclusive está morto, não há o que ainda fazerem aqui dentro. *Ou, Íris não era o alvo principal*

PERIGOSAS ACHERON

deles...

Quando entro no elevador e disco o botão para o segundo andar, minha cabeça está mais cheia de possibilidades que antes. Se eles não a queriam, então o que mais poderiam estar olhando aqui dentro? Se ela não era o alvo, então quem era?

As portas se abrem e eu saio. Um enorme corredor sem muitas pessoas por perto está me dando a clara vantagem de finalizar com tudo isso.

— Siga esse corredor e quando entrar na porta em questão, busque não fazer muito barulho, porque no quarto ao lado estão mais assassinos de Júlio. Cuidado. Irei ligar o sinal de emergência no térreo e soltar um alerta de fogo. Nesse espaço de tempo, busque concluir com o que foi aí fazer, ok?

— Ok.

— Aguarde o meu sinal.

É questão de segundos para que luzes vermelhas sejam ligadas e um sinal extremamente irritante comece a tocar. Então, uma porta é aberta e dela, cinco homens a rompem correndo em direção ao elevador que acabei de sair. O caos se instala e eu não consigo apenas ficar instável aqui, porque a adrenalina é ativada com a aproximação

PERIGOSAS ACHERON

do meu momento. As portas do elevador fecham e enfermeiros correm para as escadas. Médicos aturdidos entram em uma sala no final do corredor e assim que o corredor está vago nem preciso esperar a ordem de Tércio para que eu consiga entrar no maldito quarto.

Sorrio assim que estou dentro e observo com bastante atenção a mulher deitada na maca, respirando por aparelhos e com rasgos no seu rosto.

Mais cedo quando recebi a ligação de Íris, eu estava tão irritada, mas escutei tudo o que ela tinha para me contar e o que escutei me deixou um pouco mais irritada, ao mesmo tempo em que eu estava compartilhando do sentimento de estar perto da vingança que ela almeja. Acontece que no dia anterior, Íris encontrou onde Maria estava escondida e ambas tiveram um momento de briga intenso, contudo Íris não conseguiu contê-la e matá-la de uma vez, afinal ainda estava debilitada e sem muita força, o que resultou em Eliza fugindo diretamente para o hospital, o lugar que Íris não poderia retornar.

Uma pena que ela não contou que Íris teria aliados... uma como eu.

Eliza sabe que Íris está viva, além do que, minha amiga não pode perdoar tamanha traição vinda de uma pessoa como ela, logo... Testemunhas vivas não são aceitas. E aqui estou para garantir que o nosso lema esteja cada vez mais vivo, mesmo que a ele, eu não goste de servir.

Baixo-me e tiro o cadarço do sapato de quem quer que seja e retorno a me levantar.

— Eliza? Está acordada? — chamo-a, mas os seus olhos não abrem.

Vai morrer dormindo e esse não é um final que eu desejo dar a ela, contudo, será necessário.

Aproximo-me do seu local de recuperação e que será o seu leito de morte. Estico o cadarço com minhas duas mãos e suspiro.

— Mexeu com a assassina errada. Adeus.

Arranco o tubo que estava em sua boca e enrolo o cadarço ao redor do seu pescoço. Escolhendo acabar com isso o mais rápido que posso, puxo as duas pontas em lados contrários enquanto permaneço observando a cor do seu rosto mudar e logo em seguida, seus olhos se abrem, suas mãos levantam em direção ao meu braço e fragilmente ela tenta fazer com que eu solte, mas

PERIGOSAS ACHERON

isso não será possível. Observo o seu olhar de pavor perder o foco, o rosto ficar cada vez mais vermelho e a sua consciência ficar perdida na inconsciência da morte. Levando sua vida para o mais profundo vazio do ser, aumento o meu aperto nas cordas, escutando assim, um brutal estalo.

Era a sua vida indo embora.

Menos uma assassina no mundo, menos um ser do mal levando a destruição para alguém de bem. Não me sinto bem, tampouco mal. Estou presa nesse limiar sem fim, a corda do ser instável e estável ao mesmo tempo. Contudo, entre desejar chorar, sinto a necessidade de sorrir, porque eu sei que tudo isso vai acabar.

Recolho-me daqui e limpo os rastros deixados por mim, exceto o corpo da assassina que morta repousa sob aquela maca.

Sair do hospital foi tão fácil quanto foi entrar e ainda deu tempo suficiente para trocar de roupa. Retornando para as peças de roupa de Lince, saí daquele lugar e ganhei a rua enorme com um sol escaldante fazendo-se presente em todo seu esplendor.

Meu celular volta vibrar e eu o atendo, vendo

PERIGOSAS ACHERON

que é Tércio.

— Apaguei todas as filmagens. Vamos nos encontrar? – ele pede e eu não sou capaz de negar.

— Mais tarde em um café no centro da cidade. Precisamos manter contato – digo e ele confirma, então posso seguir meu caminho.

Agora preciso de roupas novas, já que as que eu tinha estão espalhadas entre a casa de Luciano Monteiro e a as cinzas do local onde eu estava anteriormente. Enfim, nada preocupante.

Dirijo-me até a primeira loja de roupas femininas que encontro no meu caminho e ali entro. Busco algumas roupas para situações usais, algumas sexys e outras extravagantes. Procuro poucas peças, já que tenho em mente a ideia de continuar usando as peças de roupas de Lince dentro da sua casa. E por pensar nele, mordo meu lábio inferior ponderando uma desculpa para chamar sua atenção para mim.

Exibindo um sorriso nos lábios, pego meu celular e disco o seu número.

Cada toque é uma batida forte no meu peito, a ansiedade em ouvir sua voz está cada vez mais marcante aqui dentro de mim e quando penso que

PERIGOSAS ACHERON

terei uma síncope no meio dessa loja, sua voz verbera do outro lado da linha e eu me permito sorrir como uma grande boba que sou.

— O que deseja? — É a sua primeira pergunta e estou me considerando uma insana com a resposta que se forma na minha mente.

— Você — digo desejando ver o seu rosto, mas sou capaz de escutar um suspiro e isso é suficiente para que eu me incline contra o balcão de pagamento da loja.

— Me ligou para me atrapalhar? Estou trabalhando.

Queria que ele não fosse tão grosso e frio comigo, porque eu sei o quanto ele não resistiria caso eu estivesse na sua frente dizendo tais palavras e eu quero que ele não precise fingir para me manter afastada. Tudo o que quero é que ele perceba que não sou um alvo fácil, que não sou pega desprevenida com tanta facilidade e que eu sei me defender. Sei dos seus medos, porque assim como ele, vivo em um meio perigoso cheio de armadilhas e traições, contudo, é exatamente por isso que estou voltando agora. Ele precisa de mim ao seu lado para protegê-lo.

— Serei direta, então. Preciso do seu cartão ou número da conta e não me pergunte o porquê. Apenas me dê.

Ele sorri do outro lado da linha e meu lado orgulhoso até pondera desligar essa ligação e o mandar ao inferno, mas o meu lado apaixonado e esperançoso diz que eu persista, que eu vá em frente e que não me deixe desistir no primeiro obstáculo que ele construir.

— Você está brincando, não é? — questiona aos risos e não lhe dirijo uma resposta. — Inacreditável — sussurra alto o suficiente para que eu escute e isso me faz sorrir. Essa é a fraqueza dele e a minha vantagem. Ele não consegue se conter por muito tempo, por mais que deseje assim o fazer. — O que você está fazendo? Quem pensa que eu...

— O número, Lince. Não tenho o dia inteiro para esperar — digo mantendo meu tom rude e escuto o seu bufo incrédulo de resposta.

Sorrio mordendo meu lábio inferior, quando ele começa a ditar o número do cartão e a senha. Então, eu peço que ele pare e então, entrego o meu celular para a mulher que está me atendendo.

— Ele passará os dados para você – digo e ela acena, escutando o que ele diz do outro lado da linha.

Trocam algumas curtas palavras sobre questões transacionais e logo ela me devolve o celular.

— Obrigada, amor. Te vejo mais tarde – digo e então, desligo o telefone.

Pego as minhas peças e visto um conjunto básico de calça jeans preta, blusa solta florida e um par de botas, sem me esquecer de deixar meu longo cabelo solto e ao vento. Só então me considero pronta para retornar ao meu caminho em direção ao café que indiquei a Tércio.

Caminhando por essas ruas sinto uma leve vontade de levantar as mãos e gritar o mais alto que eu puder, porque me sinto sufocada, isolada e em um mar de tristeza sem fim, mesmo que eu saiba que é só um momento. E como todos os outros, passará rápido. Não preciso sentir medo, nem tristeza por matar quem causou o mal. Estou aqui fazendo a minha parte para limpar o mal da humanidade, mesmo que eu saiba que esse papel não é meu para o fazer, mas alguém tem de se

PERIGOSAS ACHERON

colocar a frente, certo?

Assim que encontro o bendito café, entro e busco uma mesa perto da janela transparente que o cobre pela metade, deixando parte da rua à mostra. Saco meu celular do meu bolso e envio uma mensagem para ele, dando-o minha localização e deixando uma mensagem informando que já estou à sua espera.

Peço café, pães e bolo para iniciar a minha manhã a partir daqui, já que ainda não tomei café por hoje. Meu celular toca e para minha surpresa, Lince está em seu esplendor aqui na minha tela enquanto me liga. Deixo que chame até que a ligação caia e então, ele manda uma mensagem dizendo para eu o retornar, contudo não desejo fazer no momento por mais que eu queira ouvir sua voz, mas ele precisa entender que não estarei sempre ao seu aguardo como uma cachorrinha que ele pode controlar.

Presenciei isso acontecer com muitas mulheres que se entregavam tanto para os homens que estavam apaixonadas, que acabaram se anulando na relação, tendo o parceiro como o centro universal da sua vida. O centro do seu

PERIGOSAS ACHERON

mundo... E por anos me questioneei sobre isso, sobre como Lince ocupa essa parte na minha vida, contudo ele não precisa saber disso.

Não tenho ninguém para amar além dele.

E eu não o amo somente porque ele foi minha fuga ou meu conforto ou meu centro protetor. Não, jamais. Eu o amo, porque ao longo dos anos compartilhando um local com ele, acompanhei o momento da sua mudança. O vi desistir da sua vida, o vi tentando tirá-la, o vi sem brilho nos olhos, o vi com lágrimas nos olhos, feridas abertas na pele, acompanhei suas cicatrizes sararem na pele e as vi ficando cada vez mais abertas no seu coração.

Eu não o amo por sentir pena do que ele passou ou por ver a sua fragilidade sendo transformada em frieza. Eu o amo, porque conheci o seu lado puro, a sua ingenuidade e a sua felicidade, por mínima que tenha sido. Acompanhei tudo isso se transformar em terror, dor, medo e o pior de tudo é que ele se transformou em um homem que não confia, que não espera pelo amanhã e que deseja que o fim o abarque de uma vez por todas. No entanto, em contradição à tudo isso ele possui um fio de esperança, um fio que não

PERIGOSAS ACHERON

foi quebrado durante todos esses anos e eu me sinto um pouco feliz por isso, porque se tudo o que ele mais deseja é que uma pessoa venha para ficar, então terá exatamente isso. Eu sou essa pessoa e não tenho planos de ir à lugar nenhum.

Se hoje estou aqui tentando não ligar para suas grosserias é porque sei que ele só está tentando não se magoar ou não me magoar. O conheço bem o suficiente para acreditar que conseguiremos ficar juntos no final mesmo que para isso, uma guerra seja levantada.

Meu pedido é colocado na minha frente e eu agradeço a garçonne. Desfruto da minha refeição vagorosamente desejando que Lince estivesse aqui comigo, mas quem entra pela portinha de entrada é Tércio com Kaique logo ao seu lado.

Levanto minha mão para que possam me encontrar e assim que me veem dirigem-se até a minha mesa. Sentam e suspiram me olhando comer.

Permaneço enchendo minha barriga da mesma comida que não pude comer pela manhã. Penso em Lince e que ele também não tomou café antes de sair de casa. Meu olhar voa para o meu celular e penso em mandar uma mensagem para o

PERIGOSAS ACHERON

lembrar de comer... penso, penso e penso até que decido fazer exatamente o que estou pensando.

Pego meu celular e entre uma mordida no meu bolo e uma bebericada do meu café, digito a mensagem.

“Você comeu depois que saímos de casa? E só para constar, não espero receber apenas um “não” como resposta.”

Envio e aguardo sua resposta, enquanto continuo comendo com essas companhias maravilhosas à minha frente.

— Vilk preciso te fazer uma pergunta – diz Tércio colocando os seus óculos no lugar. Sorrio, sem conseguir desviar o olhar desse par de olhos lindos e cabelo loiro. Meu celular vibra e eu desvio meu olhar para ele.

É uma resposta de Lince.

“Preciso falar com você. Atenda a minha ligação.”

O desanimo que bate o meu corpo inteiro é
PERIGOSAS ACHERON

tamanho que deixo o pedaço de bolo cair sob o prato. Resolvo deixá-lo de lado e me focar em Tércio aqui na minha frente.

— Não é possível que ela tenha morrido — solta e eu me engasgo.

A série de tosse que segue não foi planejada, tampouco esse seu desabafo repentino. Bebo um gole do café, mas ainda continuo a tossir. Estou vermelha, sem ar e precisando de um caminho para fugir, contudo sei que estou sozinha nisso aqui.

Ele se levanta e começa a bater nas minhas costas, enquanto isso vejo Kaique sorrir de braços cruzados me observando. Ao menos ele já sabe a verdade, só em ver minha reação e se Tércio não for tão bobo também irá saber, mas não darei a eles a verdade saindo por meus lábios. Isso nem sob tortura.

A tosse sessa depois de mais alguns goles de café e ele retorna à sua cadeira.

— Por que marcou logo aqui? — questiona com o seu olhar constante sob mim. — Você sabia que eu morava ali?

— Isso foi realmente ao acaso, Tércio. Vim caminhando do hospital até aqui. Não sabia que PERIGOSAS ACHERON

morava aqui perto... você está paranoico demais.

É mentira. Não foi ao acaso, eu fiz isso, porque ela me pediu, mas ele não nota minha mentira e apenas sacode a cabeça ao mesmo tempo em que a coça.

— Ela não está morta, não é? Não pode estar! — rosna com o vermelho aderindo toda a cor do seu rosto e pescoço. — Olha, ela poderia morrer de qualquer jeito, menos assim. Você não entende, porque não conhece o tipo de guerreira que ela é. Íris nunca morreria com meros tiros. Nosso treinamento não a deixaria morrer!

Pisco, sentindo meus olhos marejarem quando as lágrimas começam a escorrer por seu rosto.

— Eu recalculei aquilo tudo e ela não pode ter morrido desse jeito, Vilc. Ela deixou que ele atirasse nela? Ela nunca tiraria o colete sendo logo com ele na frente dela! Ela nunca facilitaria para ele. Nunca! Esse não é um jeito dela morrer, não é, você entende?

Aceno, vendo seu desespero, sua necessidade de escutar que ela está viva, que ela permanece bem e eu sinto do fundo do meu peito a vontade de

PERIGOSAS ACHERON

dizer isso para ele.

— Você esqueceu que ela já estava machucada? — pergunto após limpar minha garganta e ele sacode furiosamente sua cabeça.

— Ela já lutou em situações piores e não morreu. Nosso corpo foi treinado para ser guerreiro debaixo de chuva e sob o fogo. Nunca morreríamos de qualquer jeito, eu juro que não, mas ainda assim vocês se iludem pensando que ela morreu e eu sei que ela está viva. Você acredita em mim? — Ele pisca e mais lágrimas escorrem por seu rosto, então ele levanta e se aproxima de mim. — Você acredita que não estou ficando louco? Que a minha irmã está viva assim como eu? Que ela está precisando de mim?

Fecho meus olhos sem conseguir persistir o observando, porque isso está sendo mais doloroso do que pensei. Mais difícil e ela deveria dizer a verdade a ele...

— Não há explicação para a morte, Tércio.

Luto do meu mais profundo ser para o dizer essas palavras e quando ele quebra em lágrimas aqui nesse chão, não sou capaz de me segurar. Ajoelho-me ao seu lado e o abraço com toda a

PERIGOSAS ACHERON

força que tenho, tentando dá-lo todo o meu conforto, sobretudo nem que eu quisesse dar todos os abraços do mundo com toda a força e sentimento do mundo, serei capaz de amenizar essa dor. E eu me arrependo por aceitar fazer parte da sua existência, tendo alguém que tenho carinho como Tércio, sofrendo dessa forma.

— Como abre a porta de entrada, Lince? — pergunto e o escuto suspirar do outro lado da linha.

Depois de muito conversar com Tércio, voltei o caminho para a casa de Lince, onde ficarei por tempo indeterminado. Tudo estaria ótimo se a droga da porta abrisse como as outras. Estamos falando de Lince... nada poderia ser fácil.

— Por que não me atendeu quando te liguei?

— Por que não respondeu a pergunta que te fiz? — questiono sentando-me no primeiro degrau da escada de entrada.

Lince deve pensar que me tem com muita facilidade para me cobrar o que ele não faz comigo. Ainda precisa entender que ele não tem o controle

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dessa relação, que ele não joga as cartas. Lince, no momento, será aquele a jogar de acordo com o meu jogo, já que está fazendo questão de manter em vigência a dificuldade do nosso retorno.

— Você está brincando comigo?

Suspiro.

— Não vai dizer como abre a porta? — pergunto e ele não responde. — Terei de invadi-la então?

— Digite a senha que ela abrirá.

— Mas qual é a senha?

Ele suspira e demora alguns segundos até que...

— Vilk Jane, essa é a senha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Lince Arias



Quando cheguei em casa à noite, ela estava dormindo no sofá da sala. Usava apenas uma das minhas camisas para cobrir seu corpo e eu já não me importava em observar essa imagem todos os dias ao longo da minha vida. O cabelo estava solto e bagunçado dando mais vida aquele sofá e o seu corpo ali dava presença a minha casa, um sentido para retornar ao meu lar. Vê-la ali fazia da minha casa um lar e eu me sinto completamente sem foco só em pensar que amanhã ela não vá estar exatamente naquele lugar ocupando o seu lugar ao meu lado na cama, contudo tenho que me obrigar a persistir com essa imagem apenas como um pensamento, porque se isso se tornar realidade estarei mais fodido que já estou agora.

Ela é uma mulher cheia de vida, enquanto sou apenas um desgraçado que só vai arrancar a felicidade que ela possui. Serei apenas um

sanguessuga que lentamente abstrairá tudo de bom que existe dentro dela e por toda a merda do mundo, não desejo que isso aconteça a ela.

Ela suspirou no seu sono e tentei não me aproximar, mas a necessidade estava forte. Em questão de segundos, eu estava ao seu lado observando cada traço do seu rosto, cada linha que nunca pude notar, porque estava longe demais fugindo como um perfeito covarde que sempre fui e que por ser assim, só pensando no meu bem estar, acabei a deixando naquele lugar sozinho, quando a oportunidade de fugir surgiu na minha frente. Eu deveria tê-la levado comigo, mas eu saí sem olhar para trás e hoje sou incapaz de me perdoar.

Passei anos negando que sentia algo por ela, fiquei por longos e angustiantes anos enganando o meu coração com o ledó engano que por ela nunca senti nada, que tudo o que tivemos foi apenas conforto. Enganei-me ao ponto de nem lembrar de como seus lábios ficavam recheados enquanto dormia, esqueci-me que ela se virava muito à noite e que detestava dormir sem os meus braços ao redor do seu corpo, quando estávamos juntos. Esqueci da sua voz sussurrando “Eu te amo”, ao pé

PERIGOSAS ACHERON

do meu ouvido enquanto fazíamos amor.

Durante tantos anos deixei que mulheres diferentes passassem por minha cama, que dormissem e gozassem de um prazer que eu gostava de ver e sentir com ela. Busquei em cada mulher, o seu olhar, o seu toque e até a sua voz. Quando cheguei ao momento de descobrir que nenhuma outra a substituiria, tentei apenas livrar o meu estresse, mas isso já não era possível com nenhuma delas. O sexo se tornou mecânico e sempre que eu alcançava o clímax e jorrava todo o meu gozo nelas, me sentia vazio, porque nada daquilo fazia mais sentido.

Queria pedir perdão por traí-la, mas temo que se machuque.

Já não sou aquele homem de tantos anos, quando nos conhecemos. Hoje sou pior que antes, sou uma mera formiga que serve e que nunca será capaz de se soltar das correntes insanas dos donos, porque sou um fraco, incapaz de deixar os outros que protejo morrerem. E é em prol dos outros que o nosso amor está sendo sacrificado. É o pouco que posso fazer, mas ainda posso fazer algo.

Levanto-me dali e vou para o meu quarto. Da
PERIGOSAS ACHERON

minha cama, pego o lençol e volto para a sala, onde ela está deitada. Então assim, a cubro e com um olhar final, sigo meu caminho para o meu quarto onde a imensidão de solidão me aguarda.

Livro-me das minhas roupas e só então, me dirijo para o banheiro para que assim, eu possa tomar um bom banho e junto com a água que cai do chuveiro, eu possa lavar a minha alma de toda a sujeira que me cerca. Tenho a certeza que nunca serei capaz de me livrar de tantas almas, de tanta dor, de tantos gritos...

Sinto mágoa do meu próprio eu por ser tão covarde e submisso.

Sou um escravo eterno das vontades assassinas de terceiros e não consigo me livrar disso com facilidade.

Acabo com o banho e enxugo o meu corpo. Ao fim, visto uma cueca qualquer e me deito na minha cama sem coberta. O ar está ligado e o frio de pouco a pouco se instala no meu corpo, mas não quero me cobrir, porque decido que mereço todo o frio que estou sentindo. Mereço cada arrepio que sobe por minha pele e os tremores que irão a seguir, porque eu sei o quanto a estou fazendo sofrer com

PERIGOSAS ACHERON

toda negação e grosseria.

Mas espero que, para o bem dela, acabe desistindo.

Ou vai se machucar e eu não poderei salvá-la.

Acho que é o meio da noite e eu continuo me tremendo de frio. Estou no meio de um temporal, chove e o vento está forte. Algo cai na minha frente e eu só me encolho aqui no meu cantinho, tentando esquecer tudo ao meu redor, mas parece que aquilo nunca vai acabar. A manhã não chega, o sol não quer brilhar e eu só desejo morrer de uma vez para que nunca mais sinta tantos arrepios driblarem o meu corpo.

Fui expulso de mais uma casa após ser adotado e não sei o que mais me dói. Se é a sensação de abandono ou o frio que persiste sob o meu corpo..., mas o cenário parece mudar, a chuva parece que sumiu e a brisa fria bate fortemente contra meu corpo. Por mais que eu me encolha, não consigo me livrar dela e eu sofro tanto por isso, porque não consigo encontrar paz, nem um pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de calor ao meu redor... e quando eu penso que nada pode piorar, sinto uma forte dor na minha costela.

Um homem sujo está na minha frente segurando um taco de beisebol.

Brasil, fim dos anos oitenta, homem pobre. Não há como ele jogar beisebol em um país como esse e sem dinheiro, contudo, em sua casa há um taco que ele bate incessantemente contra o meu corpo frágil e desnutrido.

Quis gritar, quis chorar, mas ele disse que se eu fizesse barulho os golpes seriam ainda mais fortes.

— Não suporta, frangote? — Era o que ele perguntava cuspindo contra o meu jovem rosto.

Sua boca tinha um bafo horrível e seus dentes eram amarelados. Sinto raiva da sua existência e só desejo que morra, que suma, que saia. Mas ao contrário de tudo isso, ele me bate mais até que estou gritando e pedindo para que me mate e me arranque desse mar de sofrimento.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que está todo encolhido assim?

É a sua voz sussurrante que me tira de um pesadelo com flashes do passado. Ela sempre será o meu abrigo? Por que estive tanto tempo longe? Não quero perde-la, não quero que se vá.

— Está frio... homem teimoso – sussurrou e logo eu estava sentindo uma grossa coberta sob o meu corpo.

Senti o colchão afundar e então ela estava vindo ao meu lado. Passa sua mão por minha cintura e se aproxima de mim até estar colada ao meu corpo. Sei que tenho que afastá-la, mas o meu coração está angustiado demais para isso, então eu aproximo minha mão da sua nuca e quando tenho o seu rosto perto o bastante do meu, a beijo. É lento, é gostoso e de dentro do meu profundo eu, a entrego o que tenho. Tudo que não posso dizer e que só tenho que fugir, mas que eu espero que um dia, quando eu estiver livre, que ela possa me perdoar.

Agora quero pensar que essa possibilidade exista, mesmo que não seja tão fácil como penso. Ela afasta nossos lábios e olha nos meus olhos. Transborda tanta intensidade e tamanha emoção

PERIGOSAS ACHERON

que quase não sou capaz de respirar, porque temo em perder algum movimento feito por eles.

Vilk volta a se aproximar e dessa vez deposita um simbólico beijo no meu rosto e então, sorri.

— Feche os olhos e durma. Estarei nesse mesmo lugar quando acordar – ela sussurra e o meu coração volta a acelerar.

Eu a amo. Definitivamente a amo.

Assim como ela pede, eu fecho meus olhos e logo estou sentindo sua mão sob meu cabelo, do jeito que fazia nas vezes em que eu tinha pesadelos. Lembrar do passado, vivendo o presente só torna as coisas cada vez mais difíceis e eu sinto que preciso a lembrar que ela precisa partir, que aqui não é seguro..., mas as palavras fogem dos meus lábios. No momento, escolho dormir ao seu lado.

Amanhã será um novo dia.

Abro os meus olhos, quando sinto uma pequena movimentação ao meu lado. E de pouco a pouco vejo a confusão de cabelo negro se

PERIGOSAS ACHERON

espreguiçando ao meu lado. Ela arranca um sorriso meu até quando estou desprevenido. Quando tem a sensação que deseja, então retorna a se deitar e ao virar o rosto em minha direção, se assusta ao me ver acordado e com um bobo sorriso a observando.

Morde o lábio inferior e se vira, ficando de lado e passa a sua perna por cima da minha cintura.

— Bom dia, barbudo – sussurra e eu sinto o seu hálito de menta.

Semicerro os olhos observando com mais calma o seu rosto. Então, ainda sorridente me inclino e não posso evitar o prazer que me abate quando sinto o cheiro do seu pescoço e ali sob a sua pele nua e convidativa deixo um beijo.

— Tomou banho? A quanto tempo está acordada? – pergunto como se as palavras dançassem para fora da minha boca e então, ela aperta seus dedos ao redor do meu cabelo, puxando-me para trás.

— Por que está assim? – Semicerra os olhos e me observa intrigada. — Você está tão estranho.

Pisco e me afasto, tirando assim suas mãos do meu cabelo.

— Acordou que horas? – pergunto e ela

PERIGOSAS ACHERON

franze o cenho aproximando seu corpo do meu o mais rápido que pode e assim que está bem ao meu lado, enlaça o meu tronco com suas longas pernas.

Se alguém estivesse nos vendo de longe, certamente afirmaria que somos um casal apaixonado e realmente somos, mas diferente dos demais, não podemos nos mostrar para o restante do mundo. Ela estaria em um perigo maior e eu estaria morto.

— Isso interessa mesmo? — questionou arqueando uma de suas sobrancelhas.

Um movimento suave e tão natural nela que o meu corpo de impulso me força a sorrir, porque me agrada e é questão de segundos para que meu coração comece a bater rapidamente, como se apostasse uma louca corrida contra a minha necessidade de não demonstrar meus sentimentos. Ela me observa com intensidade e sou incapaz de não gravar na minha mente cada detalhe do seu rosto, do seu sorriso singular, único e encantador.

Lembro-me como se fosse hoje, os momentos em que o tive ao meu alcance e isso faz tanto tempo... eu não poderia imaginar no que aquele sorriso poderia significar para a minha existência

PERIGOSAS ACHERON

hoje.

— Desde quando deixou de me interessar?

Ela suspira e eu fecho os meus olhos.

Fraquejei, falei mais do que deveria, mas não me arrependo agora. Contudo, sei que esse sentimento será apagado mais tarde e que o arrependimento irá reinar. Deveria estar fazendo de tudo para expulsá-la da minha vida, entretanto o meu coração pede que eu continue sendo verdadeiro, porque por mais sem sentido que isso possa parecer, desejo que ela fique aqui ao meu lado ao mesmo tempo que preciso fazer com que ela se vá.

— Precisamos nos levantar – ela diz e só então, consigo abrir meus olhos novamente e isso acontece no exato instante que ela está afastando os braços e pernas para longe do meu corpo.

Levanta-se e vai para o banheiro, onde logo estou escutando o chuveiro sendo ligado. E aqui, deitado nessa enorme cama, na mesma posição e com diversos pensamentos conflitantes rondando a minha mente, permaneço considerando que nunca irei passar de um grande merda na vida de todos, inclusive no coração daquela que realmente possui

PERIGOSAS ACHERON

o meu coração e não faço a mínima questão de fazer parecer o contrário.

Parado e imóvel, fico enquanto ela toma o banho que deseja. Demora poucos minutos em seu interior e quando dali sai, é com uma toalha minha enrolada ao redor do seu corpo magro. Dirige-se em direção ao meu closet e o adentra, deixando-me ainda no mesmo estado acompanhando-a e sem a menor vontade de mexer um músculo que seja para a mudar a posição que mantenho.

Escuto suaves barulhos no interior daquele lugar e por um instante temo me levantar para o observar. Tenho medo que ele fique tão estragado quanto o meu escritório. Tenho medo que ele fique tão marcado com a sua presença quanto a minha cama e o meu banheiro. Sou tomado de medo e eu sei o quanto esse sentimento me consome, só que não sou o melhor homem do mundo para alterar um sentimento tão forte quanto esse. Tento ser visualmente forte por fora, mas na verdade, sou apenas um pequeno menino com medo de apanhar, de dormir no frio e de estar sozinho mais uma vez. Eu sou esse menino desde sempre e por mais que o sistema tenha me deixado mais frio que o inverno

PERIGOSAS ACHERON

do sul, não consigo mudar a minha natureza, porque a verdade imutável é que ela é inalterável.

Por mais choques elétricos que eu tenha tomado, as dores que senti e que carrego na lembrança não foram capazes de mudarem por completo a essência dolorosa e machucada daquele menino. Na verdade, elas só foram capazes de manterem aquele menino medroso e frágil cada vez mais vivo dentro de mim, e talvez, esse seja o motivo ao qual Malaquias e Marinho ainda mantêm tanto poder sobre mim.

— Lince — ela me chama e eu me sento sob a minha cama, a mesma que na noite passada me recordei de um momento que me causa angustia só com a lembrança, mas que com seus braços calorosos fui capaz de dormir em paz. — Não vai se arrumar para o trabalho?

E com o fim do seu questionamento, ela saiu do closet. Pensei que não poderia respirar, que essa capacidade fora arrancada do meu corpo, porque a mulher na minha frente parecia deslumbrante e estava vestida para matar. Literalmente.

Usava uma calça jeans preta, uma blusa de alças grossas da mesma cor, botas cano curto, cinto

PERIGOSAS ACHERON

recheado a balas e o seu cabelo estava solto, perfeitamente sedoso e liso como é naturalmente. Os braços são recheados a tatuagens e cicatrizes, que em uma disputa, acabam deixando o seu corpo ainda mais bonito visualmente.

— Você me escutou?

Ela está linda e tudo que desejo é me levantar daqui para pegá-la nos meus braços e a beijar com todo o sentimento que sufoco duramente no meu peito, mas eu sei o quanto isso seria perigoso, sei o que isso significaria para nós dois.

É por isso que suspiro alto quando me levanto.

Tenho tanto engasgado, que não sou capaz de olhar nos seus olhos quando me afasto em direção ao banheiro. E assim que fecho a porta, me encosto contra ela, tentando controlar o que de mais obscuro mantenho dentro do meu peito, do meu coração e que me torna esse homem sem vida, sem brilho e sem esperança, o completo contrário dela, que sempre irá me mostrar uma luz que longe dela não existe na minha vida.

Ligo o chuveiro para que ela pense que estou banhando, mas aqui no chão me sento, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

observo as gotículas molharem o piso do banheiro. Meu corpo aqui é um mero nada. Tento respirar fundo e me controlar.

Tento respirar fundo e voltar a ser aquele homem frio, inabalável.

Tento respirar fundo e apenas ser Lince Arias, um fabricante de armas famoso no mercado.

Tento respirar fundo e ser quem exatamente fui treinado para ser.

Então, eu me levanto e tomo meu banho, tão mecânico quanto sempre sou quando preciso acordar todos os dias para ser esse verme asqueroso. Ao terminar o banho, preciso sair do banheiro sem nada ao redor da minha cintura para cobrir minha nudez, porque Vilk usou a única que ali repousava. Para a minha sorte ou falta dela, Vilk não está mais no quarto e eu aproveito desse momento para ir ao closet me vestir.

Calça social, camisa social, colete que combine com a calça e sapatos.

Não preciso de mais nada.

Ao sair dali passo em frente ao espelho e paro ao ver minha imagem. Meu cabelo molhado de qualquer jeito passa a imagem de relaxamento

PERIGOSAS ACHERON

completo e esse pensamento me faz pensar que Vilk provavelmente assumirá que não tenho cuidados com meu corpo. Esse pensamento me deixa inquieto e daqui não consigo sair. Então, busco o secador.

— Bom, muito bom – escuto a voz dela e o desligo, porque a sua voz é muito mais importante que qualquer outra coisa do mundo. — Deveria manter o seu cabelo solto desgrehado. Você fica tentadoramente sexy nele assim.

Pisco sem compreender e ela sorri, o mais belo e apaixonante dos sorrisos. As covinhas surgem nas suas bochechas e sinto a rápida vontade de as pressionar, mas tento me segurar. Juro que tento e só consigo, porque ela se afasta da porta do closet.

Suspiro.

— Nunca conseguirei – sussurro e me assusto quando ela retorna.

Nas mãos há um pente e o meu gel.

— Mas, no seu caso, como um homem de negócios que precisa estar sempre bem arrumado é certo que o seu cabelo faça jus.

Com uma piscadela final, ela se coloca na
PERIGOSAS ACHERON

minha frente e me entrega os dois.

— Estou fazendo o café — diz sorrindo de um jeito faceiro. — Não se atrase, querido.

Quando ela se vira e sai desse espaço, me permito sorrir largamente como um verdadeiro bobo e tenho a plena certeza que sou, porque como se trata dela não existe uma forma de ser diferente.

Ocupo-me em arrumar o cabelo da forma que vez ou outra faço e quando finalizo, saio daqui em direção a parte de baixo, onde ela está preparando o nosso café da manhã.

O cheiro que me alcança quando chego ao primeiro andar é maravilhoso e combinado com a visão dela sentada à mesa enquanto mexe em seu celular, é de fato uma visão que não desejo perder. Em pé e perto das escadas permaneço a observando, enquanto ela está alheia a minha presença. O seu olhar concentrado, os dedos ágeis e os lábios cerrados. Tudo que desejei secretamente sob o meu olhar durante tantos anos, mas que sempre me forcei a esquecer, a abafar e a jamais liberar por mais que eu estivesse com tudo dentro de mim doendo para viver um pouco que fosse desse sentimento.

Quero me ajoelhar aos seus pés e implorar por seu perdão.

Quero fugir com ela para o mais longe que pudermos e, enfim, ser feliz ao seu lado sem me importar com mais ninguém.

— O seu café vai esfriar — ela diz sem desviar o olhar da tela do seu celular.

Forço-me a andar e quando estou perto o suficiente, me sento em sua frente.

Impressionante que só precisei estar ao seu lado por dois dias para que toda a minha proteção interna caísse por completo. Só precisou da sua presença ao meu lado para que eu entenda que nunca vou esquecê-la mesmo que eu tente diversas vezes.

Coloco o meu café e calmamente como o que posso, mas não foge das minhas vistas os momentos em que ela franze as sobrancelhas e logo está suspirando ao mesmo tempo em que revira os olhos.

— Não vai comer? — pergunto, mas ela não me dá ouvidos.

Nem ao menos se mexe e não consigo continuar comendo, porque a sua falta de atenção

PERIGOSAS ACHERON

comigo dói alguma coisa aqui dentro por mais que eu comece a me achar o pior dos homens infantis. Ela sobe o seu olhar para encarar o meu rosto e quando finalmente penso que vai começar a comer, então ela mais uma vez me surpreende.

— Onde estão as armas dessa casa? —
questiona.

A surpresa da sua pergunta faz com que eu arqueie minhas sobrancelhas ao mesmo tempo em que apenas tento permanece ileso sob a seriedade da sua pergunta.

Por que precisa de uma arma?

— No mesmo lugar em que você pegou o rifle — digo e ela acena.

Levanta e caminha em direção ao meu escritório, sumindo lá dentro em questão de segundos.

Sinto que estou um pouco perdido e sem um pinga de controle na situação que tenho sob meus olhos, mas mesmo assim ainda tento não ficar louco com a sua indiferença logo quando estou deixando as garras que preendi ao redor do meu coração se soltem.

Ela retorna e dessa vez, vejo um coldre na

PERIGOSAS ACHERON

sua perna com uma pistola pequena e outras duas abaixo dos seus braços. Bem, essa mulher com três armas em sua posse não deve ser algo que eu queira enfrentar...

— Serei sua segurança a partir de hoje — decreta. — Fale sobre sua agenda de compromissos que eu estarei te seguindo de perto.

— O que?

Ela revira os olhos e não me retorna uma resposta. Apenas se retém em se encaminhar em direção a porta e a abre, revelando os carros pretos já estacionados na calçada de casa à minha espera. Meu coração está acelerado e tenho certeza que todo o sangue fugiu do meu rosto à medida que ela permaneceu fazendo essas perguntas loucas. Se ela resolve tomar a frente da minha segurança, então certamente estará topando com Marinho ou com Gregory e isso não é nada bom para ela. Como se declarou minha noiva há alguns dias no meu local de trabalho, então será questão de tempo para que um dos dois fique sabendo disso.

E esse é o momento em que eu começo a me arrepender do que fiz há algumas horas.

— Vamos, Lince — ela me chama e no seu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto não vejo a luz que sempre me tira da escuridão.

Ela está séria, impassível e não tem nenhuma intenção de ser diferente ao que bem pude observar.

Quando me levanto e me encaminho em direção a ela, tenho em mente ser duro o suficiente para fazê-la ficar, mas quando olho os seus olhos, percebo que ela não vai aceitar seja lá o que eu tiver aqui na ponta da língua para a dizer.

E pela primeira vez depois de anos, vejo uma nova face de Vilk.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Lince Arias



Ela tomou o acento da frente, ao lado do motorista. O tempo inteiro fez perguntas e mais perguntas sobre meus seguintes passos ou quando ela deveria estar a postos. Não perguntou se poderia, ela se colocou a frente e ali ficou.

Ninguém a questionou, eu não a expulsei.

No som do carro, colocou uma música qualquer e eu me deixei relaxar ouvindo aquele som. Sabia que tudo o que eu não poderia, era relaxar tendo-a sob os olhos do perigo, mas eu só o fiz porque perto dela parece que não existe nenhum perigo a nossa espreita e sei perfeitamente que essa é uma ilusão que estou nutrindo no momento, quando na verdade, eu deveria estar fazendo de tudo para mantê-la o mais longe possível do mundo em que vivo.

O carro se aproxima do bairro em que possuo poder e um suspiro alterado sai por meus lábios.

Ela deveria sair daqui e nunca mais se aproximar. Não faz ideia do perigo que ronda esses portões. O veículo para, o motorista desce o vidro negro e logo as grades estão sendo abertas para nossa passagem. Percebo que está curiosa, mas não abre sua boca para fazer mais nenhuma pergunta, o que me deixa ainda mais desconfiado. Tudo isso parece suspeito demais e eu acho que posso pirar em questão de segundos se ela não falar nada. O motorista coloca o carro em movimento novamente e só para quando estamos em frente ao portão principal. Ela é a primeira a sair e logo está conferindo toda a extensão do meu local.

Seu simples e cuidadoso gesto me faz sorrir.

Esse é lugar mais seguro do mundo inteiro, mas infelizmente, o perigo está exatamente do lado de dentro, tendo acesso a tudo e podendo fazer o que quiser. E bem, não posso fazer nada.

Abro a porta do carro e saio dele, colocando-me automaticamente ao seu lado. Por mais que eu deseje enlaçar sua cintura com o meu braço, concentro-me apenas em passar por ela e me encaminhar diretamente para a entrada, no enorme portão onde diversos dos meus seguranças estão

PERIGOSAS ACHERON

parados a minha espera. Passo por eles e antes que eu consiga alcançar a primeira grade que possibilitará meu acesso a parte interna, logo minha secretária está surgindo com seu habitual sorriso e o tablet em seu braço.

— Bom dia, senhor — diz sorridente. Reservo-a apenas um acenar de cabeça. — Nessa manhã não tem compromissos marcados, entretanto há uma vasta quantidade de papéis que necessitam da sua análise.

E com um sorriso final, vira-se dando início ao caminho em direção ao elevador mais próximo. Ando sem saber se Vilck me segue, meu olhar está na frente, mas minha atenção está atrás de mim. Preciso ser forte o suficiente para gritar contra meu instinto que ordena que eu me vire e a tenha sob meu campo de visão, mas acredito que isso não será possível, levando em consideração que aqui estou em constante vigilância. Não sei quem é meu aliado, ou quem é meu parceiro e isso me corrói. Não posso pisar em falso no meu teatro ou qualquer um pode levantar uma arma e me matar de uma vez.

Paramos porque precisamos esperar que as
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

portas do elevador se abram e é nesse momento que sinto sua presença ao meu lado. Não posso desviar o olhar, mas juro que sinto que é ela, ou é só o que meu coração deseja. Não me importo com nada, contanto que ela esteja segura...

Suspiro com esse pensamento.

Deixei-a por anos presa naquela merda e por mais que eu pensasse em voltar para resgatá-la, a coragem sempre me faltou. Não deveria estar pensando nela ou em mantê-la aqui ao meu lado, porque para o que fiz não existe perdão, tampouco aceitação.

As portas se abrem e eu entro primeiro ficando logo atrás e, assim como pensei, ela está se colocando na minha frente. A postura, como ainda me lembro, nunca mudou quando está em posição de ataque, contudo não consigo deixar de pensar no quanto meu coração deveria estar trabalhando para mantê-la segura aqui atrás de mim, enquanto a protejo de qualquer mal. Infelizmente para que isso aconteça, eu estaria a colocando ainda mais em perigo e isso, certamente, me mataria.

Preciso ser forte para suportar tudo isso sem fraquejar.

PERIGOSAS ACHERON

Quando as portas do elevador fecham, ela precisa tomar um passo à frente para que não encoste em ninguém. Estou ansioso, nervoso. Tê-la aqui não é o que planejei em todos esses anos de vida e agora, sua presença inibe todo e qualquer pensamento que eu poderia ter em colocar um fim em tudo que acontece por aqui, mas escolho seguir em frente.

Ao chegarmos no nosso andar, ela é a primeira a sair e ao lado das portas aguarda que, primeiro minha secretária saia e logo em seguida, quando estou saindo dele, ela se estabelece atrás de mim. E eu juro que tento não deixar meu coração ficar mais inchado com esse fato, porque apesar da ameaça estar crescente sob nossas cabeças, estou feliz por tê-la aqui, mas lamento por ela não ocupar o meu lado nessa caminhada até a minha sala. Deixá-la para trás novamente em um caminho em que seguimos juntos não é o que desejo repetir, contudo preciso pensar racionalmente na sua segurança, se eu quiser que ela permaneça com vida.

— Os papéis estão sobre sua mesa, senhor — diz e eu aceno, então ela desvia o seu caminho para

PERIGOSAS ACHERON

sua mesa, enquanto sigo diretamente para a minha sala.

Depois que abro a porta, Vilk me segue e entra logo atrás de mim, fechando a porta em seguida.

— Quero saber o que farei para me concentrar – sussurro sem conseguir prender tais palavras no meu subconsciente.

Torço para que ela não tenha escutado nenhuma das minhas palavras e constato que isso não ocorreu, já que ela se desloca diretamente em direção a janela do escritório ao invés de vir na minha direção. Pensei que estivesse engajada em me enlouquecer, o que diabos está fazendo agora?

Sento-me à mesa e ao terminar de olhar seja o que for, ela se encaminha até o sofá no canto da sala, onde se senta e ali, cruza as pernas. Saca o celular de dentro do seu bolso e retorna a digitar sem retornar seu olhar para o meu rosto.

Recebendo tal atitude, não vejo outro meio a não ser suspirar e focar minha atenção nos papéis que tenho em minha frente. E, bem, percebo que minha secretária não estava muito errada quando afirmou que eu teria muitos papéis a minha espera.

Juro que busquei um pouco de concentração, mas em nada adiantou a determinação que tentei traçar. Vilk saiu dessa sala por uma única vez e até agora não retornou. Meus dedos estão trêmulos com a necessidade de esticar minha mão até o telefone e perguntar a minha secretária onde ela pode estar e eu juro que tento pensar no perigo.

Acontece que a sua presença aqui por perto está me tirando do eixo.

Não consigo me concentrar em nenhum texto com ela aqui e parece que é ainda pior quando não a tenho por perto, porque me preocupo. Estou ansioso, desesperado e já nem sei o que fazer para tentar controlar os meus sentimentos desenfreados.

A porta se abre e rapidamente desvio meu olhar para os papéis, tentando mostrar para quem quer que tenha adentrado meu espaço, que estou concentrado demais para me ligar a sua presença. Escuto a porta se fechar, mas não tenho indicações de quem seja e somente por isso levanto minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Instantaneamente o rosto redondo e bochechudo me causa calafrios. Vestido com peças elegantes, mas que de longe causam tal efeito em quem o veste. Suas roupas me assustam e meus olhos se arregalam, porque a surpresa misturada com o medo que tenho sob minha pele é maior que qualquer outra coisa, combinada com o fato de que Vilk Jane está nesse maldito galpão, no mesmo local que Marinho ocupa nesse exato momento.

Exibe um meio sorriso, esse que mostra seus dentes amarelados que tornam sua figura mais horrenda. Aproxima-se da minha mesa e ocupa a cadeira da frente, a mesma que Gregory sentou no dia anterior.

— Pensou que eu te abandonei, garoto? — questionou ao se sentar, mas não dei resposta. — Estou aqui, porque precisarei partir e não pude ir sem antes te dizer adeus.

Tento sorrir, mas os meus sentimentos tumultuosos estão tão fortes que isso não seria possível nem se eu fosse o melhor dos atores.

— Não precisava se dar tanto trabalho – digo e ele sorri novamente.

Nunca entendi como ele sempre manteve
PERIGOSAS ACHERON

tanto talento para sorrir em situações em que ele tinha que ordenar coisas horríveis.

— Claro que eu precisava, afinal tenho mais um trabalho para você.

Obviamente que teria... não esperaria nada menos vindo de um alguém como ele.

Sorri e baixa o olhar para a calça. Ali, sob o pano, desliza sua mão de frente para trás como se estivesse limpando alguma coisa e logo em seguida, sobe o seu olhar para o meu rosto. Acho que nada me traria mais medo, porque a quantidade de perversão que está ali no seu olhar é tamanha que estou imaginando a maneira como esse “trabalho” pode acabar.

— Seja o que for, eu...

Iria dizer que nada faria, mas a maldita porta se abriu e quem estava entrando era exatamente a última pessoa que eu queria por perto de uma situação como essa. Meu coração se acelera e vejo o instante em que o olhar dela fica sob a cabeça dele. Ela o reconhece, jamais esqueceria aquele que riu das nossas dores nos julgando como fracos, enquanto sofriamos. Entrou, fechou a porta atrás de si e isso chamou a atenção dele, então ele virou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça para trás.

— Ora, ora... quanto tempo, Marinho — ela disse e ali nos seus lábios havia um sorriso sinistro, mil vezes mais ameaçador que o dele.

Ele se levanta e não posso evitar de fazer o mesmo.

— Quanto tempo, não é? — ele diz antes de rir. — O que faz aqui?

Ela sorri, arqueia uma sobrancelha e então se afasta da porta, dando dois passos em frente.

— Você, realmente, não sabe? — questionou se aproximando ainda mais dele.

O ar está travando no meio da minha garganta enquanto a curiosidade se faz presente no cantinho da minha mente, o único que não foi ocupado por medo e pânico.

— Sim, eu sei. — Ri e cruza os braços parecendo entretido. — Mas quero que saia.

Ela pisca e então para os seus passos. O olhar afiado, o sorriso encanta meus olhos e acelera ainda mais as batidas frenéticas do meu coração. Suas pernas que antes estavam juntas, agora, se separam. Uma óbvia posição de ataque.

— Você sabe que nunca fui boa em receber

PERIGOSAS ACHERON

ordens, não é? Você lembra, certo?

Ele não a responde, mas ela sorri. Esse é o sinal de que ela está conseguindo exatamente o que deseja ao estar de frente com ele.

— Está sabendo que se me machucar, morrerá no mesmo instante?

Primeiro, ela arqueia uma sobrancelha e como ele não diz mais nada, ela resolve que sorrir em um claro sinal de deboche será o melhor para um momento tenso como esse.

— De onde tirou a ideia de que eu te machucaria?

— Fiquei sabendo que estava trabalhando com Sensit, mas agora ela está morta. Aqui dentro você é uma inimiga que não serve de nada, então...

— Acho melhor que você comece a medir suas palavras, porque não tenho limites quando estou furiosa... Você sabe, não é? Ou já se esqueceu dos seus homens? Aqueles que você ordenou matar a mim e a Sensit. Lembra? — questiona e eu preciso me apoiar sobre a mesa para não cair de uma vez nesse chão. — Você não faz ideia do que aconteceu com eles... e o que eu gostaria de fazer com você. Sabe? Preciso vingar a minha amiga... Qual seria o PERIGOSAS ACHERON

meio mais plausível? O que sugere? Como deseja morrer?

Ela sorri largamente e se aproxima mais. Ele, medroso como sempre foi, se afasta até que está sendo impedido por minha mesa.

Minhas mãos estão tremulas e eu não sei ao certo o que fazer para impedir...

Estive com medo de expô-la aos olhos dele e ela faz exatamente o contrário. Estou atordoado e não sei o que fazer.

— Lince, faça alguma coisa, agora! — ele rosna, mas eu não consigo me mover, porque o pânico está cada vez mais crescente no meu peito.

— Você sabe, Marinho, que estou a serviço de Luciano Monteiro? — Ela se aproxima mais e escuto o momento em que ele puxa uma longa respiração. — Você sabia que ele e Nicolas estão completamente irados com a morte de Íris? Oh... e o que dizer de Tércio? Ele deseja a tua cabeça sob uma bandeja — ela diz sorrindo e eu percebo o quão satisfeita está em causar medo nele. — Não tem lugar nesse mundo que ele não está te procurando... Espero que ele deixe um local do seu corpo para que eu possa desfrutar de horas torturando.

Marinho vacila e eu preciso respirar fundo antes de dar um passo em frente.

— Lince é meu amante desde o confinamento torturante que você e Malaquias nos colocou. Está ciente disso, não é? Estou aqui, porque esse é o meu lugar e não irei admitir que você se envolva no que temos de reconstruir. Você entendeu ou quer que eu desenhe com o seu sangue nesse chão?

Sei que ele não irá responder, porque sua covardia jamais deixaria e é exatamente por isso que tomei esse momento para me aproximar, mas ela me parou com o seu olhar frio e que dizia tudo o que eu não queria entender.

Parei, suspirei e quando abri a boca para pedir que ela o deixasse partir, então percebi que se eu o fizesse estaria colocando uma parede de aço entre nós. E por mais que isso parecesse pertinente até alguns segundos atrás, agora já não faz mais sentido. Vilk Jane não pode retornar a esse lugar nunca mais e preciso garantir que ela esteja segura. O local, eu não sei, mas seja onde for, preciso estar por perto.

— No meu corpo tenho armas, como você pode ver. Se eu quiser sacar uma delas e

PERIGOSAS ACHERON

descarregar todo o meu pente no teu peito, ninguém chegaria a tempo de impedir tua morte. Mas, tenho uma proposta para colocar em mesa somente entre nós dois. Caso queira escutar o que tenho para propor, você só precisa sentar, mas caso não queira, sairei do caminho para você deixar essa sala, contudo nada impedirá que nesse caminho, uma bala não esquente teus miolos. A escolha é unicamente sua.

Estou perplexo com o fluxo dessas ameaças e não consigo acreditar que essa mulher está se transformando em algo assim. Por mais que eu soubesse que ela estava em algum lugar do mundo matando pessoas, jamais poderia pensar que ela fosse tão ameaçadora como está sendo agora.

E seguindo a voz da razão, ele senta novamente na mesma cadeira e suspira.

— Você não pode demorar, afinal tenho muito que fazer hoje.

Vilk sorriu enquanto caminhava em direção a mesa.

— Você não está em condições de exigir nada.

— Do lado de fora dessa porta tenho diversos

PERIGOSAS ACHERON

homens a minha espera e...

— Não farão nada, porque cuidei de cada um deles antes de entrar nessa sala.

Ela se sentou na minha cadeira e focou o olhar inteiramente no rosto dele.

Sem entender o que ela pode estar querendo com tudo isso, apenas a observo. O choque corre loucamente por minhas veias e o meu coração está cada vez mais pulsante. Nesse momento, não sei se acabei de cair em um poço onde só existe ela, ou se estou em meio a um campo de concentração com diversas armas apontadas para nós dois. A morte será inevitável e a minha alma já está reservada para o senhor das trevas... lamento por não ocupar o mesmo local no céu, o mesmo que ela estará ocupando em breve.

— Lince será desvinculado desse negócio que você o mantém e, em troca, posso articular um encontro entre você e Luciano.

Marinho sorriu e recostou sua coluna contra a cadeira.

— Ele usaria desse encontro para me matar. Não sou bobo.

— Não seria uma má ideia. – Sorri, mas logo

PERIGOSAS ACHERON

retorna a ficar séria. — Tente mandar o homem que deixou no lugar de Júlio.

Ele sacudiu a cabeça. Esse acordo não terá nenhum vencedor, tenho certeza. O máximo que pode acontecer aqui é um dos dois acabar morto e eu não posso permitir que isso aconteça, porque tenho muito nas mãos de Marinho e não posso deixar que essa mulher se machuque.

— Vilk – chamo-a, mas sua atenção não se volta para mim.

— Isso não acontecerá.

— Acho melhor que aconteça, ou, isso aqui não terá fim.

Marinho suspira e eu dou um passo em frente.

— Não irei permitir que você faça algo contra Lince. Espero que seja capaz de entender isso... Se me conheceu bem, sabe a quais serviços eu era mandada e sabe do que sou capaz de fazer quando estou irritada ou extremamente magoada, não é? – Arqueia a sobrancelha e sinto o meu estomago revirar. — E não deixarei de acrescentar que estou com Luciano. Trabalho para ele a partir do momento em que você mandou matar Sensit. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lince é meu, mesmo que trabalhe para você. Não será difícil tirar você do meu caminho, caso seja um impecílio na minha vida.

Ele pisca e eu sei que quando ele sair dessa sala, fará de tudo para acabar de uma vez por todas com a vida dela... eu o conheço bem o suficiente para saber disso. Esse olhar covarde e amedrontado não me engana.

— Você sabe quem é o teu chefe? E o que ele faz?

Vilk sorri, uma clara troca de certezas, a disputa de controle.

Isso não vai acabar bem, tenho certeza.

— Sim, sei perfeitamente quem ele é. E é exatamente por isso que estou ao lado dele. Não irei descansar até encontrar todos os esconderijos que você mantém e o que está fazendo com as crianças inocentes...

E o que era para ser um local calmo, acaba de se transformar em um completo inferno. Tiros podem ser escutados do lado de fora, assim como algumas pequenas explosões. E a minha única preocupação é proteger aquela que está aqui e que contém todo o espaço do meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

Com a urgência correndo por minhas veias, me aproximo dela e baixo sua cabeça, trazendo o seu corpo para o chão, ficando assim embaixo da minha mesa. E nesse momento, somos capazes de ver Marinho se levantar e correr em direção a porta da sala, essa que ele abre e fecha rapidamente, indo para o mais longe que seu pânico consegue o arrastar.

Ao redor dos meus braços, ela respira calmamente e logo seus braços estão rodeando minha cintura. Aperta-me com a segurança que me permite respirar melhor. Respira no meu pescoço e me deixa completamente inerte somente por possuir o seu corpo no alcance do meu.

— Relaxa, amor. Está tudo bem — ela sussurra, mas o meu coração tem a certeza de que nada está bem.

Ela já estava na mira dele antes de vir até aqui.

Ela acabou de fazer uma ameaça ao ser mais covarde do mundo inteiro, o que só alimenta ainda mais a urgência dele em se livrar do perigo que o cerca.

E revelou coisas que eu não poderia

PERIGOSAS ACHERON

imaginar.

Ela trabalha para Luciano Monteiro? E afinal, quem é Sensit?

O que mais ela está me escondendo?

Tantas questionações, tantas dúvidas e tudo isso está ficando para trás, porque ela está beijando o meu pescoço enquanto alisa o meu corpo. Está me distraindo enquanto o mundo lá fora desaba. Está sendo difícil fingir que nada sinto, quando tudo o que mais desejo é tê-la por todo o sempre ao meu lado.

Quando consigo afastar seu rosto do meu pescoço, meu olhar está caindo diretamente para os seus lábios. Como uma lembrança vívida na minha mente, sempre foram carnudos e é exatamente isso que me atrai para eles. Aproximo nossas bocas, mas não selo nossos lábios, porque em algum lugar, como um tremendo tolo, tento não ceder, contudo não é uma tarefa fácil e logo quando estive tão perto desse perigo, que certamente me afastará dela, mas rogo aos céus que me leve e que aqui, ela consiga ficar.

Meus olhos marejam, porque me sinto desesperado.

PERIGOSAS ACHERON

Mas ela... bem, ela está me encarando com luxúria e quando menos posso esperar está aproximando seus lábios dos meus até que estão colados. O seu desejo, logo se torna meu. Sua luxúria reflete na minha e estou perdido no calor do seu beijo. O desespero sendo substituído pela saudade, a luxúria sendo trocada pelo arrependimento. Seus dedos entranham no meu cabelo e esse é mais um motivo para que eu falhe nessa missão quase impossível que é resistir a ela, ao que sinto e ao que sempre nutri dentro do meu peito.

— Desculpa a intromissão, mas é que...

Não registrei bem o momento, porque Vilk se afasta do nosso beijo para se atentar a voz desconhecida que acaba de invadir meu escritório.

Escuto minha porta ser fechada e é somente isso que me faz abrir os olhos para identificar que perigo pode ser esse, mas tudo que vejo é uma mulher alta se ajoelhando no chão, enquanto pressiona a cintura banhada em sangue.

Vilk ao vê-la logo se levanta e corre em sua direção.

— Veio até aqui sozinha? — questionou ao se PERIGOSAS ACHERON

abaixar em sua frente.

Semicerro os olhos identificando essa mulher como sendo a mesma que veio até aqui com Vilk há alguns dias comprar armas.

— Íris, você se coloca em perigo com muita facilidade – sussurrou tocando o exato local em que a mulher pressiona.

— Não é grande coisa... eu só precisava de tempo, mas fui pega antes de colocar o maldito localizador – rosna e então, me levanto.

As coisas começam a ligarem com mais facilidade e então, mais uma vez, estou começando a desejar estar morto.

— Você veio como minha guarda para surpreender Marinho, não foi? Como você soube disso antes de mim?

Meu coração bate com mais rapidez e eu me sinto um tolo por acreditar que ela esteja aqui por mim, logo quando fui o cara que a abandonou quando eu era tudo o que ela tinha.

— Sim, eu vim – ela disse sem olhar nos meus olhos. — Mas agora estarei como sua segurança para garantir que esteja seguro.

— Como você pode pensar em mim, quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você está em perigo? Por que se mostrou para ele e se colocou na minha vida? Ele vai te matar quando menos esperar!

Posso ter exagerado nas minhas palavras, porque ela logo está deixando a mulher de lado para se levantar e então o seu olhar, finalmente, está no meu. Está furiosa e eu não estou muito diferente.

— Estou aqui, porque eu te amo e vou te proteger.

Sacudo minha cabeça com um sorriso completamente amargo. Dele não sai um só ínfimo fio de humor.

— Você não pode me amar. Não pode me proteger. Você acabou de cavar a sua cova, Vilk Jane. Ele sabe onde moro, sabe como vivo e sabe perfeitamente como me controlar. Ele sabe e ele pode, porque ele me tem nas mãos. E você não pode fazer nada sobre isso.

Cada palavra proferida por mim aqui fez com que ela apertasse mais forte o seu maxilar. Eu a estou estudando, porque sinto que não a terei por perto em breve. Ele mandará a matar e nem eu poderei protege-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você pode pensar tão pouco de mim? — E ela sorri, mas eu vejo os seus olhos marejados. — Como você ousa rebaixar a minha força? Como, Lince?

Ela toma dois passos à frente, mas depois para. Está ferida e o culpado por isso, mais uma vez, foi eu.

— Eu não sou frágil. Não preciso ser protegida, porque posso fazer isso por mim. Marinho não vai me matar, porque não irei permitir que o faça. Eu, Lince Arias, sou uma assassina desde o instante que você me deixou para seguir o seu caminho, a sua liberdade. Sou uma assassina, porque fui treinada para tal. Sou uma assassina tão perversa que não medirei esforços até que eu tenha a cabeça dele na minha mesa. E é exatamente por não precisar de ninguém para me proteger, que estarei saindo daqui nesse exato momento.

Suas palavras fizeram com que eu me sentisse um grande bosta.

Ela se virou e ajudou a outra mulher a ficar de pé, então se afastou em direção a porta.

Quando pensei que partiria sem olhar nos meus olhos, ela me surpreendeu.

PERIGOSAS ACHERON

Parou e ainda ajudando a outra mulher a se manter em pé, então girou seu rosto, mas não o suficiente para olhar nos meus olhos.

— Sou perspicaz, Lince. Luto pelo que quero sem medo algum de ser feliz. Mas todo amor tem o seu limite. Não vou insistir por um sentimento que me magoa, que me faz sofrer mais que a realidade que vivo. Nenhum sofrimento é insuperável. Eu amo você, mas não espere que eu vá me anular para viver ao seu lado. — Respira fundo e então volta o olhar para a frente. — Essas palavras nunca serão esquecidas e estarão aqui como mais uma cicatriz no sentimento que tenho por você.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Vilk Jane



— Era só o que me faltava escutar dele. — Bufo enquanto limpo o sangue na ferida que Íris tem exposta. — Não serei capaz de me proteger... Era só o que me faltava!

Como se já não bastasse as humilhações que me fez passar quando fui no seu galpão pela primeira vez com Íris, agora tem mais essa. Ele realmente está me vendo como uma maldita mulherzinha pacata que não consegue se defender? Que droga de assassina fui convertida na cabeça dele? Sou mesmo tão fácil de ser atingida?

Conheço Lince perfeitamente para saber o motivo ao qual ele me tratava daquela forma, porque o pessimismo sempre esteve presente na sua vida e saber disso me faz concluir que ele estava querendo me afastar para tentar inutilmente me proteger. E por mais que eu o ame, não vou deixar que persista me tratando desta forma, porque não

irei servir de tapete para ele, tampouco para nenhum outro homem. Eu o amo mais que qualquer coisa nessa vida e se ele continuar me excluindo da sua vida, é exatamente isso que o farei. Não irei insistir em algo que o outro não deseja viver.

Tudo o que quero é ser feliz ao seu lado, mas se não é o desejo dele viver assim, não serei eu a louca que continuará insistindo nesse amor.

— Temos tanto em comum — disse Íris exibindo um sorriso pálido.

— Você não deveria tê-lo enfrentado assim, Íris. Está fraca e isso poderia se virar contra você — digo, mas ela apenas fecha os olhos com o sorriso ainda nos lábios.

— Só me sinto viva quando estou em ação, mas por que me sinto tão morta longe de Adiel e Tércio? Por que?

Suspiro.

— Porque você os ama.

— Mas um deles jamais irá me aceitar como sou e o outro me decepcionou profundamente — confessa soltando todo o ar preso nos seus pulmões.

— Às vezes sinto vontade de sumir para o mais longe possível, mas lembro que Tim ainda está

PERIGOSAS ACHERON

solto por aí... então a minha força de vontade só triplica em terminar de uma vez por todas com a existência fracassada dele. — Abre os olhos e me observa. — Ainda não o encontrei, mas descobri muitas coisas.

É, parece que a amargura nunca irá abandonar o seu coração. E eu sinto que isso não vai acontecer nem quando conseguir matar o homem que transformou a sua vida em um inferno. E falo isso por experiência própria.

Matá-lo não vai anular as dores sentidas, tampouco as marcas no corpo que a fazem lembrar dia após dia do que passou. A verdade mesmo é que vingança jamais levará a algum lugar. A dor continuará a mesma e o sentimento devastador aumentará enquanto corrói a sua sanidade.

— Estar morta nem é tão ruim — disse ainda com um sorriso. — Descobri que Teófilo foi assassinado e que no hospital está cheio de assassinos do sistema. Isso está me corroendo. Passei dias pensando que estavam lá por mim, mas eu estava enganada. Eles se livraram do corpo morto de Eliza, mas permaneceram disfarçados de enfermeiros e médicos. O que diabos tem naquele

PERIGOSAS ACHERON

hospital de tão importante?

— No hospital eu não sei, mas em você, a sua saúde é o que mais importa no momento – digo ao terminar a limpeza em sua ferida.

A sua bala acabou de ser removida, mas as feridas que ela tinha de antes estão precisando de um tratamento urgente. Por mais que eu tenha feito um novo curativo nas demais, tenho quase certeza que não ficarão assim fechadas por tanto tempo, porque ela vai sair, se mover e hora ou outra estará sendo pega com mais facilidade que pode imaginar.

E para o seu bem, preciso fazer com que isso mude.

— Você sabia que Martin é o novo diretor do hospital? Isso tudo está estranho demais. E tudo isso só me faz pensar que todos aqueles assassinos que eliminei não estavam atrás de mim. Poderiam até estarem de olho, mas não era por mim que estavam ali. E eu acho que, além da Eliza, Martin também estava envolvido com todo esse negócio. Será que Milena também? Oh... adorarei acabar com ela, enquanto acabo com Martin.

Suspiro ao tempo em que sacudo minha cabeça.

Ela realmente precisa apagar um pouco e é por isso que enquanto pensa em diversas formas mirabolantes das coisas acontecerem, aplico um sedativo.

Esse, por ser um pouco mais forte, tem ação rápida, ou seja, daqui a três minutos estará dormindo. Quando ela percebe que estou aplicando, já é tarde demais.

— Descanse. É disso que precisa.

Franze o cenho, mas suspira. A exaustão não demora para rondar a sua consciência e como esperado, ela dorme.

— Não será fácil, Íris, mas necessário.

Afasto-me do seu quarto e me encaminho para a sala, onde está meu celular. Com ele em mãos pondero se essa é uma opção a ser seguida.

Considerando que ela está se expondo e a qualquer instante pode realmente ser pega por seu pior inimigo e, acrescentando o fato de que está miserável, concluo que isso é o melhor a ser feito, porque além de certificar que ela não vá para lugar algum, ele dará a ela conforto. Se está tão preocupado e querendo vê-la, é certo que está disposto a ficar ao seu lado e eu espero que seja

PERIGOSAS ACHERON

exatamente isso.

Disco o seu número e espero que atenda.

— Alô – diz ao atender.

— Você está disposto a ficar com ela, mesmo sabendo que é uma assassina?

Escuto o seu suspiro e logo, ele está dando a resposta que quero ouvir.

— Eu a amo e, depois de conversar com Kaique sobre como tudo aconteceu, eu posso entendê-la.

— Ela não está em boas condições físicas, então será uma boa se vier já sabendo que, ou irá levá-la com você ou ficará aqui para cuidar dela. E se fizer qualquer uma das duas, traga reforços com você. De preferência Nicolas, Luciano e Laureano. E não demore. Dei um sedativo a ela, mas não durará mais que trinta minutos.

Encerro a ligação para que eu possa enviar a localização de onde estamos. E não será muito difícil de encontrar, já que é o mesmo apartamento em que Tércio morava antes de se mudar para o apartamento dela.

Ela pode até não falar isso em voz alta, mas eu sei que o motivo da sua escolha é que ela não
PERIGOSAS ACHERON

consegue ficar longe por tanto tempo. A saudade que está pulsante no seu peito deve ser maior que a decepção que ele causou. Juro que sei e entendo perfeitamente o que está acontecendo.

Sento-me no sofá da sala e aguardo o momento em que ele estará entrando por essa porta para trazer alegria ao coração massacrado dessa mulher.

Estava de frente para o relógio.

Prestei atenção a cada momento em que os ponteiros mudavam de posição.

Exatos trinta minutos após a minha ligação, uma certa movimentação nada agradável começou do lado de fora do prédio.

Precisei me levantar e ir até a janela para ver o que estava acontecendo e, claro que não poderia ser outra pessoa. Luciano Monteiro estava aqui e ao lado dele estava Nicolas, Laureano, Kaique, Tércio e... Adiel, a peça principal dessa pauta discursiva, onde o coração e a vida da minha amiga voltarão a encontrar a luz.

Contente e um pouco nervosa, encaminhei-me até a porta de entrada para deixá-la aberta e já a postos para que pudessem entrar. E enquanto os esperava, pensei debilmente em ter Lince aqui, no meio da família de sangue que possuí, mas eu sei que nesse momento é demais para se desejar, logo quando deixei uma enorme bagunça para ele arrumar.

Sim, fui até ali como sua segurança já sabendo que Marinho iria até ali.

Fui avisada mais cedo por Íris, que estava seguindo o rastro dele com cuidado. Ela tinha um plano e esse me envolvia. Teria de estar lá dentro para facilitar sua entrada e para ajudá-la com os obstáculos que poderiam aparecer. Ela possuía o mapa de todo aquele lugar. Como conseguiu, eu não sei, mas ela sabia por onde deveria entrar e como fazer. Bem, segui suas ordens e a ajudei. Tinha como propósito colocar um localizador no carro de Marinho, mas os homens que o seguiram eram muitos e ela estava debilitada demais para travar uma guerra, então, com o intuito de deixá-lo ali dentro pela maior quantidade de tempo possível, resolvi entrar e fazer isso acontecer, mas tudo foi

PERIGOSAS ACHERON

em vão, já que, como uma boa teimosa que é e sem nenhuma condição física para persistir lutando com mais uma dezena de homens, acabou não conseguindo passar da sala de espera daquela droga e, bem, agora estamos aqui.

Não demora muito para que eles estejam aparecendo aqui no andar em que estamos. Armas em punho, segurança planejada e eu gosto dessa ação. E apesar de amá-la, ainda prefiro possuir a paz de estar ao lado de quem amo.

— Espero que ela não te mate — sussurrou Nicolas ao passar por mim na entrada da sala.

Certamente ela não me matará, mas vai tentar. É um risco, mas estou fazendo para o seu próprio bem.

— Olá, cunhadinha — diz Luciano sorridente.

Como sempre, além de possuir um belo rosto, ainda tem o mais bonito dos sorrisos. De certo se eu o visse na rua, o acharia um anjo enviado dos céus para encantar a visão nublada dos dias chuvosos e deprimentes, contudo, este homem está longe de ser um anjo. Muito dos seus traços apontam para Lince, como os olhos, a curva do nariz e até o desenho da boca.

E logo atrás deles está Adiel que anda apressadamente empurrando os demais. Passa por mim e quando entra na sala a busca com o olhar.

— Está no quarto a tua esquerda – digo e rapidamente, ele está se encaminhando para lá.

Tárcio não está muito diferente de Adiel, mas eu percebo que ele se controla para não empurrar a todos e tomar a frente. Ao chegar perto de mim, ele para e me encara, os olhos cheios de lágrimas prestes a serem derramadas.

— Por que não me disse?

— Não tinha esse direito. Ela me pediu para não dizer nada, mas agora ela não está bem e não pode decidir manter isso longe de vocês – digo e ele pisca, liberando as lágrimas presas.

— Você ainda poderia ter me falado.

— Não, não poderia. Não espero que me entenda ou que a entenda, mas ela está muito chateada com você ainda.

Ele suspira, sabe que estou certa e me parte o coração o fato de que ele está sendo praticamente excluído da vida da pessoa que ele mais ama no mundo.

— Zayxa! – O grito de Adiel verbera por
PERIGOSAS ACHERON

todo o apartamento e assim como eu, Tércio corre para onde ela está.

Adiel toca o rosto da amada e a beija como se estivesse há anos sem vê-la. Dos seus olhos escorrem lágrimas grossas de saudade, de alívio por vê-la viva e no meio de todos esses sentimentos está a preocupação. Sem saber ao certo o que fazer, me aproximo dos dois e vou até ele que a abraça, a toca.

— O ferimento da facada ainda está aberto, assim como o da bala e, temos o acréscimo de mais uma. Ela não pode ficar aqui dessa forma sem assistência. Dei um sedativo, mas não acho que a manterá apagada por muito tempo. Se o certo a fazer é deixá-la segura, então levem-na com vocês – digo tendo a atenção de todos os homens que se colocam ao nosso redor.

Luciano está sério observando o corpo da irmã, Nicolas parece mais preocupado que o normal e eu sei que eles nunca a deixariam aqui. Sei disso porque no pouco tempo que os conheci, um lado completamente diferente das bestas insanas que eram pintados por aí, foi mostrado.

Estes homens, apesar de serem extremos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perversos, protegem àqueles que amam. E é exatamente por isso que estou do lado deles. Estou com eles, porque no olhar de cada um, vejo esperança. Estou com eles, porque no corpo deles há cicatrizes que nunca serão apagadas e que serviram para transformá-los exatamente no que são hoje. E exatamente por isso que não querem que pequenas criaturas sejam prejudicadas da mesma forma. Continuarei ao lado deles, porque isso é o certo a se fazer.

— Isso vai ser difícil — sussurra Nicolas preocupado.

— Muito difícil — conclui Luciano. — As crianças ficariam apavoradas se a vissem assim, mas não iremos deixá-la aqui sozinha, na mira do perigo.

Esse, talvez, seja o momento perfeito para dizer algumas coisas que eles não sabem.

— Vocês não parecem surpresos em vê-la — disse Tércio tomando meu lugar de fala.

— Não estamos — Luciano disse o encarando. — Quem você acha que a ajudou a sair dessa?

Tércio pisca derramando mais lágrimas por seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que não me falaram nada?

— Ela pediu para deixar Íris Sensit morta — Nicolas disse após um suspiro. — Ninguém poderia saber. Ela não me permitiu vê-la depois que a tirei de lá, tampouco recebeu uma das minhas ligações.

Olhar para Tércio é o mesmo que encarar a pior visão do desespero, da mágoa, mas não há arrependimentos. Eu o entendo, porque no seu lugar, não faria nada diferente. Ele mentiu, mas mentiu por uma boa causa. Ninguém pode julgá-lo ou culpá-lo por evitar o sofrimento dela e por um fim em tudo que estava sentindo. No fundo do meu coração, eu o entendo e no seu lugar não sei se faria diferente em um momento de desespero.

— Precisamos conversar — digo limpando a garganta.

O único método de tirar a atenção deles de Tércio é trazê-la para mim...

— Enfrentei Marinho hoje e deixei claro que não permitirei que ele me afaste de Lince.

Bem, agora a atenção deles é inteiramente minha. Do jeito que eu queria... ou não, não com tamanha fúria.

— Onde você o encontrou? E como só estou
PERIGOSAS ACHERON

sabendo disso agora?

Luciano parece surpreso e um pouco chocado.

— De alguma forma Íris sabia que ele iria até o galpão de Lince. — Dou de ombros e ele pisca ainda chocado. — Então ela me avisou e como previu, ele apareceu por lá.

Luciano bufa sacudindo sua cabeça.

— Ele a viu?

— Não... eu acho.

Aquele que se considera o diabo, baixou a cabeça e sorriu descrente do que escutava. O brilho que havia nos seus olhos era tão sombrio que me fizeram piscar um pouco.

— O que aconteceu com essa história que estou perdendo todo o meu controle? O que?

Acho que nunca vi um homem rosnar antes, mas esse aqui na minha frente foi capaz de o fazer e com o rosto vermelho cheio de ira contida. Juro que quase sorri, mas considero que essa não é uma medida apropriada para esse momento, já que os ânimos podem ficar ainda mais exaltados com o perpassar dos minutos e... das revelações.

— Lince disse que Marinho pode controlá-lo

PERIGOSAS ACHERON

e que eu não poderia fazer nada para impedi-lo. Isso me fez ver que Lince, realmente, teme a Marinho.

— Por que sinto minha cabeça doer de uma forma inexplicável? — questionou colocando a mão sob a testa. — É a abstinência de matar? Será? Oh, pelas chamas do Cramunhão!

Sorrio, porque o seu tom dramático o torna cada vez mais inofensivo, além de o formar um homem um pouco mais fofo e menos perigoso. Talvez, ele seja exatamente esse homem, contudo, com a quantidade de tempo que precisa mostrar a todos o quão perigoso é, acabou por abafar esse lado seu.

— E você o deixou sozinho? — pergunta Nicolas e eu aceno.

— Ele rebaixou o meu orgulho assassino — digo sentindo mais raiva só com a maldita lembrança.

Luciano respira profundamente e então solta. Quando retorna o seu olhar na minha direção está um pouco menos sombrio. O seu semblante está engraçado e até sinto um pouco de vontade de rir.

— Você não pode ficar desacompanhada,
PERIGOSAS ACHERON

querida. Não entenda isso como uma forma de rebaixar o seu ego assassino, por favor. É como uma proteção extra – diz com um sorriso. — Alguém pode ligar para Nicole?

Arqueio uma sobrancelha ponderando que, se eu estiver acompanhada, então essa companhia estará comigo na casa de Lince...

— Não quero uma mulher comigo – digo o encarando. Uma presença masculina ao meu lado fará com que um gatilho dentro de Lince seja ligado. Ou assim espero. — Quero que Kaique esteja como meu segurança.

Luciano arregala os olhos, olha para Nicolas que está com um sorriso mínimo nos lábios e depois dá de ombros.

— Mulheres são tão assustadoras – ele disse e depois balançou a cabeça.

Parecia saber o que eu estava fazendo, mas Luciano estava ainda com um ponto de interrogação no centro da sua cabeça, entretanto, não estou aqui para revelar as armas secretas de uma mulher irritada que deseja a atenção do homem amado de qualquer forma, mesmo quando ele acha que ela não é forte o suficiente para conter

PERIGOSAS ACHERON

um velho barrigudo que é mais medroso que tudo no mundo inteiro.

Kaique, no momento, parece o melhor instrumento que poderia me ajudar com Lince, causando ciúmes e outras milhares de coisas, mas não posso esquecer que estive por dias o torturando e essa pode ser uma forma de ele usar minha fraqueza contra mim.

— Não, eu vou.

Viro-me para ver Laureano desencostando-se da porta de entrada. Aproxima-se de mim sem nenhum humor rondando o seu rosto.

— Você não deveria usar como segurança um cara que você torturou. Não entendo o teu nível de burrice – sussurrou mais como um desabafo contido e isso me fez rir.

— Está ciente que o meu Lince também é teu irmão? – questiono e ele acena.

— Tenho completa consciência disso e esse é mais um motivo para eu estar me colocando a frente disso.

Este é um dos irmãos que eu não fui capaz de entender, mesmo tendo passado diversos dias o acompanhando para todos os lados. Ele nunca

PERIGOSAS ACHERON

sorria no meio dos outros, mas de uma forma peculiar, parecia sempre alegre em estar perto das crianças. Cuidando e se certificando que estão todas bem. Talvez ele tenha meu carinho por conta disso. Mas, a sua feição quando estava longe dos pequenos era diferente.

O espaço usado para treinamentos era o seu lugar mais predileto. Lembro-me de sempre que eu passava por ali nas manhãs, ele sempre estava lá lutando e fazia isso como se fosse o melhor meio de, não sei, pensar? Cada forma como usava para lutar com o seu oponente era calculado, o que demonstrava que ele estava focado em cada falha do seu inimigo e eu não posso nem imaginar como é que ele consegue fazer isso. Laureano é peculiar, de fato. Este cara possui muitas faces e tenho certeza que jamais revelará metade delas para nós.

— Alguém precisa ser amigável quando revelarmos tudo – disse e isso me fez o encarar por mais tempo que o necessário.

— Tudo...?

— Sim, sobre quem ele é, sobre quem é o verdadeiro pai e sobre todo o resto? – esclareceu como se estivesse expondo um fato óbvio. — Ou

PERIGOSAS ACHERON

você planeja esconder isso dele pelo resto da vida? Deseja mantê-lo no escuro ainda sob os cuidados de Marinho ou seja lá quem mais estiver no controle de tudo?

— Obvio que não, eu...

Sou interrompida por um gemido baixo acompanhado de um rosnado.

É Íris. E como imaginei, não se manteve derrubada por tanto tempo.

Adiel, mantendo toda a atenção sob ela, aproximou-se ainda mais do corpo dela e assim fez Tárcio, empurrando Luciano um pouco para o lado para que pudesse se aproximar da irmã. Laureano, não muito diferente dos demais, impulsionou-se para frente para que pudesse vê-la com mais perfeição e nesse momento, percebo que ele foi capaz de se aproximar dela no tempo que passaram juntos rastreando a localização de Júlio.

Sei de toda a história, mas eu acreditava que ela teria morrido, como nos relataram. Que o galpão explodiu e junto com ele, ela acabou não se salvando.

— Zayxa — sussurrou Adiel, a voz embargada e o olhar não menos nublado de lágrimas. — Estive
PERIGOSAS ACHERON

afundado em um poço que parecia não ter fundo...
por que escondeu de mim? Por que?

Ele questionava deitando a cabeça sob a barriga dela, enquanto Tércio se inclinava e depositava beijos sob o seu rosto pálido. As lágrimas escorriam dos seus olhos e ele não dizia uma só palavra, acho que para ela não o afastar do rosto dele ou do seu corpo.

— O que está acontecendo? — ela pergunta meio desorientada, a voz um pouco rouca. Acho que isso acontece por causa do sedativo que a dei.

— Temos companhia, Íris — sussurro e torço para que ela não me peça para me aproximar um pouquinho.

— Percebi desde a hora que a maldita porta foi aberta — diz e escolho que esse é o momento exato para sair daqui... antes que ela recupere todo o poder sob o seu corpo e possa se levantar.

Suspiro e então me aproximo só um pouquinho da cama, dessa forma posso olhar nos seus olhos e os ver marejados, cheios de lágrimas prontas para serem derramadas, não estava exatamente nos meus planos.

— Desculpa, minha amiga, mas isso é o certo
PERIGOSAS ACHERON

a fazer. Ele estava miserável, Tércio estava prestes a tirar a própria vida, você não está nos melhores momentos e eu não pude apenas ficar de braços cruzados, quando você foi a única a encerrar com a sua identidade para tentar nos proteger no escuro. — Respiro fundo, sentindo frio no pé da barriga, mas essa não é a hora de parar. — Passe o bastão para mim, para Luciano e para Laureano, enquanto você descansa e se recupera. Sabemos que tudo o que conseguirá nesse caminho é só se machucar mais.

Ela fecha os olhos deixando que as lágrimas sejam finalmente libertadas, o rosto vermelho dizendo tudo o que eu precisava, mas que tenho certeza que nunca será capaz de dizer em voz alta.

— Seria melhor para todos se eu continuasse morta — sussurrou e logo está quebrando em soluços ao tempo em que tenta contê-los.

Adiel levanta a cabeça e tão magoado quanto Tércio, a encara.

— Melhor para quem? — questiona levando sua mão aos olhos para limpá-lo. — Para quem, Zayxa? Você tem ideia de como vivi durante esses dias? Você tem ideia do que passei quando me disseram que estava morta? Nossa, você é PERIGOSAS ACHERON

inacreditável.

Funga, mas não desvia o olhar do dela e eu acho que vou acabar chorando com eles, porque ela o encara com tantos sentimentos evidentes ali na sua íris que qualquer um poderia afirmar o quanto ama este homem.

Saudade, medo, dor, paixão, preocupação... tudo isso ronda o olhar dessa mulher e Adiel estaria sendo um completo cego se não visse tudo o que ela o está mostrando.

Conhecendo Íris como conheci há alguns anos, posso afirmar que essa, talvez, seja a primeira vez que está realmente deixando seus sentimentos completamente a amostra para que alguém possa ver, para que nós possamos ver e isso é tão maravilhoso, logo vindo de assassinos com um passado marcado por dores e torturas. Espero que a partir daqui, tenham momentos juntos para degustar e viver desse amor que ela tentou acabar com sua morte.

Talvez eu que seja uma romântica incurável que acredita no amor acima de qualquer outra coisa, mas realmente estou aqui torcendo que o romantismo não esteja tão cego quanto o medo que

PERIGOSAS ACHERON

essa mulher tem de escutar o que esse médico tem a dizer.

— Como pôde se arriscar daquela forma para enfrentar um homem tão cruel que fez tantas barbaridades com vocês dois? Como?

Tárcio se afasta enquanto limpa os olhos das lágrimas derramadas.

— Você contou para ele? — ela pergunta encarando o irmão, mas tudo o que ele pode fazer é chorar mais e acenar.

— Tudo, contei tudo. — Pisca deixando mais lágrimas escorrerem por seu rosto. — Tudo o que vivemos, tudo o que planejamos. Ele sabe que você mata e ele também sabe que esse foi o único meio para me manter a salvo, já que eu não poderia fazer isso. Ele sabe de tudo, Íris. Não o escondi nada, nada.

— Estou aqui, Zayxa. Sei de tudo e estou aqui.

Ela sorri em meio as suas lágrimas e tenta se sentar, mas isso não é possível, porque seus membros estão pesados demais para a permitirem fazer tal movimento, então ela meio que fica de lado, um pouco desajeitada.

— Mesmo sabendo que não tenho dificuldades em levar desastre para onde me mandam, quando estou em ação? Sabendo que eu mato pessoas, eu as torturo e as faço sofrer? Você sabe de tudo isso e, como um médico que salva pessoas, está aqui em frente a uma mulher fria e calculista que não hesita quando precisa matar?

Sorri, mas o fim desse som acaba saindo com um soluço.

O soluço mais doloroso que eu já pude escutar vindo com tanto sentimento angustiante.

— Eu te amo, Zayxa. E você pode não acreditar, mas nada doeu mais que estar longe de você. Nada doeu mais que descobrir que eu tinha perdido o amor da minha vida para sempre. Nada me quebra mais do que olhar todos os dias para aquelas crianças e pensar que um dia você esteve daquele jeito com fortes marcas em um corpo tão juvenil. Eu amo você e eu escolhi ficar com você.

Ela franze o cenho, dos seus olhos escorrem mais lágrimas e eu acho que, sem conseguir acreditar, ela leva as duas mãos ao rosto, onde o cobre deixando que o seu choro de agonia possa sair e que os olhos dos demais não estejam mais

PERIGOSAS ACHERON

resguardando o seu sossego.

— Sou capaz de entender tudo, Zayxa. Mas agora, tudo o que peço é que me deixe ficar aqui e que, ao menos, me deixe cuidar de você. Ao menos dessa vez.

Essa é a cena mais linda que eu já vi em toda a minha vida e eu desejo ficar aqui durante todo o dia testemunhando o desenrolar dessa história de amor, mas logo Nicolas está nos arrastando para fora do apartamento. Um por um, afirmando que eles precisam de privacidade, mas eu vi quando disfarçadamente, ele limpou as lágrimas que escorriam no seu rosto de idade um pouco avançada. Luciano não estava diferente e isso me fez sorrir, o que se desfez no instante em que Laureano fechou a porta do apartamento, deixando-os sozinhos lá dentro e nós do lado de fora.

— Vocês poderão ir — disse Luciano limpando as lágrimas do seu rosto. — Kaique ficará. Chamarei meu esquadrão de demônios para montar uma guarda alta para ninguém tentar invadir o lar dos pombinhos.

Aceno e sorrio.

— Espero que agora eles fiquem bem. —
PERIGOSAS ACHERON

Desvio meu olhar para Laureano e o encontro me encarando com os olhos semicerrados, certamente me avaliando. — Vamos?

Ele acena e eu me viro.

Não preciso me despedir de ninguém para que eu possa seguir meu caminho para fora dali e ele está me seguindo. Laureano vem no meu encalço e eu espero que não tenhamos problemas enquanto estivermos sob a casa de Lince. Se bem que depois do que ele me disse mais cedo, é mais provável que não troquemos muitas palavras, não quero fazer isso.

— Você realmente espera a felicidade dos dois? — questionou quando entramos na rua movimentada do início de meio dia.

— Quem é você, Laureano? — pergunto parando os meus passos para o observar atentamente.

— Alguém que você não irá desejar descobrir — disse com um sorriso sombrio, o olhar sinistro.

— Você irá passar um longo tempo ao meu lado. Não será difícil — concluo dando de ombros ao tempo de o ver arqueando uma sobrancelha. — Devemos parar um pouco para comer e beber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma coisa?

Ele não me responde, tampouco diminui os seus passos, mas eu sorrio.

Talvez ele não seja tão sinistro quanto aparenta... talvez ele seja até um pouquinho sociável e mais agradável. Talvez...

Ou talvez o meu maior defeito seja o de enfeitar pessoas apenas com seus lados bons, mesmo que, como Laureano, não mostrem alguma. Talvez o meu maior defeito seja ter fé nas pessoas, quando elas já me provaram que não a merecem. Talvez o meu maior defeito seja esperar positividade, onde só exista maldade.

Talvez eu só esteja pintando o mundo de uma forma colorida.

Talvez meu pior defeito seja ser eu mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Lince Arias



Chuva.

Eu amo acompanhar quando as gotículas escorregam pela janela de vidro do meu escritório.

O clima desta tarde chuvosa está se igualando perfeitamente ao meu estado de espírito. Meu coração está nublado, assim como o céu com nuvens cinzas carregadas de mais gotículas, só que aqui dentro do meu peito tudo o que gira e se comprime são misturas simples causadas por uma forte dor, que sinto estar mais próxima que tudo na minha vida, com a mais fina e desgastante destruição.

Não irá demorar para que Vilk Jane me deixe e isso será a minha destruição, porque agora que a tive nos meus braços, dormindo ao meu lado e ocupando o meu lar já não sei se consigo ficar sem vê-la. Não sei se quero passar tantas horas sem manter contato com ela, ou uma simples trocar de

olhares. Quero estar perto daquela mulher e quero a proteger, mas tudo o que me resta agora é encarar minha janela enquanto fumo um charuto forte vindo da Itália.

Aquela mulher é tudo o que eu conheço de referência para o amor. Aquela mulher possui meu coração de uma forma que nenhuma outra foi capaz de ao menos se aproximar. Aquela mulher é o meu tudo. A única que possui o meu raciocínio.

Levanto-me dessa cadeira e me aproximo da janela, repousando uma mão no bolso da minha calça, enquanto a outra está ocupada com o charuto. Eu não deveria sentar nessa cadeira, a mesma que ela estava usando tão pouco e que eu a deixei partir.

— Você sorriu. Eu vi.

É a voz dela.

Sim, é a voz de Vilck, mas como?

Viro-me e me encaminho para a porta do meu escritório e só assim posso vê-la toda encharcada enquanto tira a jaqueta e logo está seguindo para a blusa, mas não estou vendo uma miragem ao perceber que está acompanhada. Ao seu lado está um homem, que aos meus olhos não é

PERIGOSAS ACHERON

desconhecido, e o meu peito está mais comprimido que o normal.

— Você se enganou, mulher — ele disse e o mais lento que um leopardo pode ser, eu me aproximei da minha sala de estar, onde Vilk Jane estava começando a desabotoar a sua calça, não parecendo nem um pouco incomodada com a presença do outro homem por perto.

— Minha casa virou uma pensão?

Foi a única coisa que consegui perguntar vendo essa cena, mas ela não pareceu surpresa ao saber da minha presença no mesmo ambiente que está dividindo com outro homem.

— Devido as circunstâncias, Laureano está aqui para me proteger.

Arqueio uma sobrancelha e deixo meu charuto cair no chão.

Não tenho nenhuma intenção de continuar o tragando, porque a cena que presencio está fazendo com que o meu coração se acelere e que a minha adrenalina fique mais ligada do que já esteve antes.

Observo a sua intenção de continuar a tirar sua roupa e ela realmente o faz, o que me deixa completamente descrente.

Aqui, na minha frente e na dele, ela está usando apenas sutiã e calcinha na cor preta. Uma cena tão bela que desejo observar durante a minha vida inteira, mas não é da minha natureza dividir tal visão com outro homem, como está acontecendo agora.

— Acredito que você queira vestir uma outra peça de roupa e, já que trouxe companhia, busque alguma peça para que ele se troque – digo sentindo o gosto amargo do ciúme sob cada palavra que forço para fora dos meus lábios.

Vilk não olha no meu rosto quando, na minha frente, se abaixa e pega as peças que retirou para logo em seguida, virar-se e caminhar em direção as escadas que darão no meu quarto, lugar onde ela deixou todas as suas roupas.

— Laureano, não fique com essas roupas ou acabará pegando um resfriado. Tire-as.

Pisco, precisando urgentemente de um gole do mais forte whisky do mundo para que eu possa conseguir engolir essas palavras. Ela realmente acabou de falar tudo isso na minha frente? Como se eu não estivesse aqui? Como se eu não fosse nada?

Definitivamente preciso de álcool, porque

PERIGOSAS ACHERON

agora sinto que meu coração está perto de transbordar algo sombrio demais para ser mostrado em público, principalmente na frente dela. Afasto-me do homem ficando seminu e vou diretamente para a mesinha com diversas garrafas de bebidas alcóolicas, de onde não demoro muito para pegar um copo e o encher da bebida mais forte que tenho aqui. Levo-o aos meus lábios quando tenho o copo abastecido e é o exato momento em que ela desce as escadas rapidamente. Uma toalha está amarrada na sua cabeça e ela vestiu uma das suas roupas novas. Nas mãos carrega uma camisa e uma calça de moletom minhas, imagino que seja para o homem que trouxe consigo e é exatamente isso.

— Vista isso — diz ao entregá-lo e eu não consigo desviar o meu olhar dessa cena.

Ambos trocam um olhar demorado até que ela semicerra os olhos e sorri.

— Você está tímido — conclui e ele sorri. — Oh, e sorriu.

Resisto contra a vontade que tenho em desgastar todo o meu ser para afastar os dois. Sinto que essa não é a minha função aqui e para ser bem mais específico, não sinto que esse seja o meu lugar

PERIGOSAS ACHERON

depois que ela chegou aqui.

Vê-la observar outro homem ativou outro lado meu que não imaginei existir. O órgão que bate aceleradamente como se estivesse prestes a causar algum dano ao meu organismo, junto a minha respiração fora de sintonia, constata o quão descontrolado estou e fora de sintonia.

Ele veste a roupa que ele a entrega e como um mero coadjuvante, fico no mesmo canto observando a mulher que me faz encontrar uma nova perspectiva de vida sorrindo e brincando com um homem diferente de mim. Eu, Lince Arias, fiquei observando, porque não sabia o que poderia fazer para afastá-la. Na verdade, não sei se tenho o direito de afastá-la dele por mais que algum animal dentro do meu peito brade nesse meu oco gelado o quanto preciso tomar o meu lugar de seu homem e trazê-la para perto de mim como deve realmente ser. Porém, acontece que não temos nada assumido. Nossa relação foi estabelecida em uma época em que buscávamos conforto e um refúgio de todas as formas possíveis. Eu era a esperança para ela e ela, para mim, era a minha única ancora, a única pessoa que me fazia acreditar que eu não estava sozinho e

PERIGOSAS ACHERON

infelizmente não sou forte o suficiente para expulsar do meu peito o sentimento que nutro loucamente por ela. Em meio a um sentimento que passei anos camuflando com a certeza de que era algo menor, acabei deixando de lado a única verdade sobre a minha. A de que eu a amo e eu sei disso antes de ela entrar por essa porta com esse homem, mas somente agora estou me importando o suficiente para colocar o sentimento a frente.

E essa é mais uma prova de que eu não a mereço, que não sou o homem certo para ela, que o seu lugar, com certeza, é ao lado de alguém que a dê a atenção que ela realmente merece. Sou apenas o homem que a matará sem ao menos pensar nisso.

Ela o acompanha até o sofá e se senta ao lado dele, enquanto isso Lince Arias passa de protagonista da sua vida para uma grande nada.

A vida é uma merda de uma ironia que já não me cabe, que eu não aguento, nem suporte.

— É impressão minha ou você quer sorrir novamente? — questiona e eu me irrita.

Não preciso ficar o resto do dia observando essa cena degradante em que não posso fazer nada além de conter a minha maldita raiva. Então,
PERIGOSAS ACHERON

pensando assim, limito-me a pegar a garrafa de whisky e saio daqui, indo diretamente para as escadas. O seu olhar não desviou para me observar por instante algum e isso me incomoda ainda mais. Eu sei que a afastei de mim desde o dia que chegou nessa casa e que não tenho o direito de trazê-la para perto, principalmente porque eu não a respeitei quando eu deveria o fazer.

Assim que consigo alcançar a parte de cima, onde meu quarto vazio e frio me espera, sento-me na minha cama e tiro essa minha camisa para que eu possa continuar em paz, livre de quaisquer impedimentos para um momento relaxante.

No meu quarto estamos sozinhos. Eu e o whisky. O whisky e eu.

Nesse espaço tentamos resistir ao que de mais ruim pode nos abrasar, mas o meu peito não fica menos apertado ao longo das horas que passam. Um trovão ricocheteia no céu e o som ressoa por todo o quarto. Estou miserável e o clima dessa cidade parece estar da mesma forma que eu. Provável que, se existir alguém lá em cima que me observa, deve estar com muita pena das desgraças que vivem surgindo na minha vida.

Esse pensamento me faz sorrir.

Acho que estou tão desgraçado na vida, que espero que Deus reserve parte do tempo milagroso dele para olhar para um só homem fodido. Tenho certeza que, se ele existir, certamente terá muito a fazer no seu dia do que ficar comovido com a dor que preenche o meu coração em silêncio.

Fico aqui por tanto tempo bebendo desse líquido, que só consigo acompanhar as gotículas da chuva escorrendo por minha janela. A noite logo está chegando enquanto que o ultimo gole de álcool logo está descendo por minha garganta. Desvio meu olhar da janela para o meu teto, tendo o meu corpo acompanhando esse movimento e logo estou pousando com minhas costas contra o meu colchão macio. Não deveria estar assim, aqui confortável enquanto perco a mulher que está continuamente no meu coração.

Não consigo esquecer dos momentos em que passamos juntos, do dia da nossa separação e, por conseguinte, dos dias vazios sem ela ao meu lado. Ao me afastar, comprovei que o meu coração só batia daquela forma para ela. Com a distância, constatei que nunca seria feliz. Mas tentei me

PERIGOSAS ACHERON

enganar. Fracamente busquei outras bocas, outros corpos e no meio de um mar de mulheres exatamente iguais, conclui que somente ela é a mulher que se encaixa na minha vida e que poderia possuir o meu coração. Nenhuma outra seria capaz de me fazer nutrir quaisquer sentimentos. E eu não seria capaz de esquecê-la.

— Acho que tem algum quarto livre aqui, Lau.

Pressiono meus olhos fechados e suspiro deixando que a garrafa escorregue da minha mão diretamente para o chão.

Ela está colocando outro homem dentro da minha casa e não sou homem o suficiente para, mesmo embriagado, levantar dessa cama e o expulsar. Disse que ele a deixaria segura e isso não poderia me doer mais.

Se sou o homem que ela diz amar, então eu deveria ser aquele que a protegeria, mas aqui estou como um fraco esperando ordens para decidir se a mato ou se me mato. E tudo isso é tão irônico porque eu jamais seria capaz de matá-la. A única oportunidade que eu teria para me matar seria essa. Receber a ordem para matá-la.

A minha existência sofrida acabaria instantaneamente, mas eu não posso simplesmente fazer isso. Tenho vidas para proteger além de toda essa merda. Vidas que precisam da minha obediência para sobreviverem, contudo, eu não seria capaz de cumprir uma ordem que rasgaria de uma vez por todas o que sobrou de coração dentro de mim. Por ela, para mantê-la viva, eu me mataria e essa seria a minha maior prova de amor.

Ou uma plena ilusão que isso a deixaria salva...

Na solidão de uma noite escura, eu tremia.

Fazia frio e eu não possuía cobertas, porque tudo o que me fazia companhia eram correntes. Estavam ao redor dos meus pequenos e finos braços, assim como das minhas pernas. Estava sem comida há dois dias e eu jurei que aquele seria o dia da minha morte, mas logo aparecia um homem no meio das trevas congelantes. Nas mãos carregava um prato com comida e eu jurei que poderia considera-lo a exceção, mas isso morria mais tarde

PERIGOSAS ACHERON

naquele dia, porque ele me torturava.

Ele me alimentava, quando mais ninguém o fazia e depois me torturava como se eu, uma criança, fosse um animal. Na verdade, ele era o pior no meio de todos os outros. Dedicava muitas horas dos seus dias para torturar todas aquelas crianças que chegavam ali. Não eram poucas e eu era uma delas.

O destino nunca cooperou comigo.

Desde que me entendi como ser humano, nunca encontrei a felicidade e para a pior infelicidade do mundo, eu a encontrei naquele buraco maldito. Encontrei a felicidade no meio de muita dor, de muito sofrimento e por estar tão afundado naquilo, não soube identificar a felicidade, de escutar a voz fraca.

Estava longe, mas eu conseguia a escutar cantando.

— *Se essa rua, se essa rua fosse minha... eu mandava, eu mandava ladrilhar...*

— Novamente desse jeito. Ao menos hoje
PERIGOSAS ACHERON

está com uma calça – escuto sua voz em meio ao meu sono embriagado.

Não abro os meus olhos, mas sinto que ela desfaz o botão da minha calça, para logo em seguida a descer por minhas pernas. Depois disso sinto o vazio, mas logo ela retorna com as cobertas.

Ela me protege com o calor da coberta e vem em seguida com o seu corpo.

— Você é um bebum, mas eu te amo mesmo assim.

Então um beijo casto está sendo dado na minha bochecha. Ouço seu suspiro e a sinto relaxar ao meu lado. Sua cabeça está no meu peito e eu desejo que ela não possa escutar o quão rápido meu coração está batendo aqui.

Pensei que ela me acalentaria com esse cobertor, mas a verdade é que o que me tirou do frio existencial que eu estava vivendo nesse momento foram as suas palavras. Ela disse que me ama mesmo depois de tudo o que eu a falei e não se afastou no fim desse dia.

Ela me deixa louco, completamente fora de mim.

Mas a sua atitude, suas palavras e a sua
PERIGOSAS ACHERON

presença me fazem sorrir pela primeira vez nesse dia maldito.

Desejo não dormir, mas logo minhas pestanas estão pesando e estou embarcando no sono que me persegue por conta da minha embriaguez.

Meu celular toca e eu luto para não abrir os olhos, mas parece que isso não está sendo possível. Minha cabeça dói, sinto um gosto horrível na boca e sinto que meus membros estão mais pesados que tudo nesse mundo.

É com uma luta interminável que abro os olhos e busco meu celular, mas ele está distante demais. Na poltrona afastada da cama, o que quer dizer que preciso me levantar para pegá-lo, mas algo está estranho e não é o fato das minhas calças estarem tão distantes. Esse quarto está estranho, porque ela não está ao meu lado. O aperto que estava aqui presente no dia anterior, volta com força total e a dúvida que ela possa ter me deixado retorna a minha mente.

Levanto-me meio cambaleante. As coisas
PERIGOSAS ACHERON

parecem estar girando por um instante e eu preciso parar um pouco para ficar melhor. Quando tudo volta ao seu normal caminho em direção a porta e quando sinto o cheiro de comida sendo preparada, um alívio incomum cai sobre mim. Suspiro profundamente, porque sei que é ela, ou meu coração me ilude ao esperar que seja por causa dela aquele cheiro.

O celular continua tocando e eu me encaminho até ele.

Um número desconhecido pisca aqui na tela e eu o atendo.

— Senhor, já estamos aqui — diz um dos meus seguranças e eu suspiro.

Se estão aqui é porque Marinho ainda não deu nenhuma ordem para eles e eu não sei se isso me deixa aliviado ou ainda mais temeroso.

— Já vou — digo e desligo, indo diretamente para o banheiro.

O que eu deveria fazer não está sendo nada fácil, contudo preciso continuar nas minhas atividades, afinal não sei o que é que me reserva para mais tarde, mas eu espero que ele não tente prejudica-la.

No banho, sentindo a água molhar o meu corpo, penso em tudo que passei até chegar aqui, mas parece que meu sofrimento e determinação ficaram perdidos no oco do passado e das minhas lembranças.

— Nada valeu a pena — sussurro, porque parece ser muito difícil apenas guardar esse pensamento para mim.

Desligo o chuveiro e saio do banheiro, pegando uma toalha no meu caminho de volta ao quarto. E ao entrar no meu closet tenho a melhor visão que meus olhos poderiam apreciar. Vilk está inclinada buscando alguma coisa aqui dentro. Veste uma camisa que não recordo se é minha ou não, mas que cobre parte da sua bunda por conta da posição que está. Suas pernas grossas são preenchidas por mais tatuagens e mais uma porção de cicatrizes, essas que são novas.

Não as tinha visto ainda e isso é um pouco estranho.

Quando retorna para a sua postura normal, a camisa cobre só mais um pouquinho da pele do seu traseiro e essa é uma visão maravilhosa para possuir e desfrutar. Mordo meu lábio inferior

PERIGOSAS ACHERON

mesmo que eu não tenha premeditado que, na minha mente, surgisse sua imagem vestida desta forma e de quatro, enquanto eu tinha perto de mim a sua bunda nua contra a minha virilha. Usando uma calcinha fio dental ou não usando nada, ela estaria perfeita demais para que eu observasse e amasse cada instante que a tivesse sob o meu toque e em contato direto com a minha pele.

Por incontáveis vezes, tive outra mulher na minha cama, enquanto na minha frente tudo que eu via era o seu lindo rosto vermelho, enquanto se movia sob minha ereção.

Pisco, afastando aquele pensamento da minha mente.

Ela olha na minha direção e semicerra os olhos, observando-me de cima a baixo e eu juro que tento não me mover para beijá-la. Juro que tento, mas o que adianta tentar tanto, se no fundo, tudo que desejo é o completo oposto? O lado “homem das cavernas” que existe dentro de mim exige que eu me aproxime e eu acho que ela conhece perfeitamente as minhas reações corporais, porque logo está se encaminhando em minha direção. Passo a passo, eu a acompanho e até o seu

PERIGOSAS ACHERON

jeito de caminhar, para mim, torna-se a coisa mais bela que tive ao alcance dos meus olhos.

Ao estar próximo de mim, ela me encara e percebo com louvor quando engole em seco e ainda mais belo que isso é ter aqui sob o meu olhar a sua pele mudando de cor. Sua pele pálida logo está ficando vermelha, mas não consigo ver até onde ela estará queimando, porque essa camisa me atrapalha.

— Lince, Lince... — sussurra e eu não consigo desviar o meu olhar dos seus lábios.

Parece que estou hipnotizado e que todo o controle do meu corpo se esvai.

— Por que está me olhando assim? — pergunta se aproximando do meu corpo.

— Eu tentei... juro que tentei — sussurro antes de colocar minha mão na sua nuca e a trazer para mais perto do meu corpo. Minha boca fica mais perto da sua e eu sinto meu coração se acelerar. — Mas você me deixa louco.

As palavras escorregaram da minha boca e quando fui notar já a estava beijando sem nenhuma vontade de parar. Suas mãos estavam ao redor da minha cintura e elas me apertavam mais perto do

PERIGOSAS ACHERON

seu corpo, enquanto eu nos afastava para longe daquela entrada e de encontro a primeira porta sólida do meu closet, onde eu poderia encostá-la e a levantar nos meus braços. E assim, no instante em que eu pude fazer isso sem desgrudar os meus lábios dos dela, então eu a levantei e Vilk, como uma amante perfeita, enlaça os pés ao redor da minha cintura deixando a sua virilha contra a minha.

O calor da sua abertura sendo separado apenas pela toalha que mantenho sob minha ereção, mas a isso não rendo atenção, porque a tenho sob os meus lábios e próxima o suficiente para que eu possa beijar cada pedaço seu. E assim o faço.

Separo meus lábios dos seus e traço um caminho de beijos por seu rosto e até o seu pescoço, onde dedico bons segundos para deixar a minha marca.

— Lince — sussurra perto do meu ouvido e eu juro que a qualquer instante estarei ficando ainda mais louco.

Suas mãos se aproximam do meu cabelo e ela afasta minha cabeça do seu pescoço para cravar sua atenção inteiramente no meu rosto.

— Você precisa se arrumar ou vai se atrasar. Seus seguranças estão te esperando.

Sua voz está rouca e ela pisca, certamente em busca de coerência, mas agora tudo que eu menos desejo é que ela esteja raciocinando, por isso que calo sua voz com mais um beijo. Sinto-a se movimentando contra a minha ereção e seu aperto ao redor da minha nuca fica mais forte, mas não quero me afastar, não desejo estar longe dela e...

— Desculpa atrapalhar, mas alguns homens estão lá embaixo avisando que o homem aí deve se apressar, porque terá uma reunião. — Não interrompo meu momento com a mulher que amo com o que ele diz, mesmo sentindo que ela deseja se afastar. Uma das suas mãos escorrega do meu cabelo e eu sinto que ela não me quer, que a presença dele faz com que seu comportamento comigo mude de alguma forma. Suas pernas parecem ceder, mas eu a pressiono mais ainda contra a porta do meu closet, aumentando assim o atrito que sua intimidade faz contra a minha. Meus olhos logo se abrem e me surpreendo por vê-la com o seu preso nos meus. — Recado dado. Adeus.

E ele ainda estava aqui?

Escuto a porta bater e a atenção dela retorna para mim, mesmo seus lábios estando contra os meus, mas agora eu escolho encará-la sem fazer mais nenhum movimento. O que ela deseja? O que ela quer aqui? Por que o trouxe? Quem é ele e o que significa na sua vida?

Afasto uma das minhas mãos do seu corpo e a pressiono contra a porta. Ela me olha como se eu fosse o homem mais incompreensível do mundo. E seu olhar não está nada errado. Sou tudo isso mesmo e eu a amo, mas nunca tive coragem de dizer essas palavras em voz alta, porque sou covarde e por amá-la não quero que se machuque, mas é tão difícil me manter neutro quando a tenho por perto.

— O que buscava no meu closet? — pergunto ao afastar nossos lábios e o seu olhar logo está caindo sob os meus.

— Roupa — diz com a sua voz saindo mais rouca do que o normal. — Laureano não trouxe nada para vestir.

Então ela não estava aqui por causa de mim... ela estava por causa dele.

— Você virá comigo hoje?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não – diz e eu aceno.

Afasto-me do seu corpo com o resto de determinação que ainda resta dentro de mim.

— Ele deve estar esperando a roupa – digo e ela respira fundo antes de se abaixar, a pegar e então se afasta.

Ela se afasta e sai do quarto, deixando-me sozinho.

Ela me deixa sozinho para ir deixar a roupa dele.

Ela se afasta e me deixa sozinho após o momento quente que tivemos para ir até outro maldito homem.

Tento respirar fundo e não pirar.

Busco as roupas que preciso vestir, mas ainda há essa maldita ereção aqui no meio das minhas pernas, causada por ela.

Vilk Jane.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Lince Arias



Mais cedo ainda naquele dia, quando acabei de me arrumar e descí as escadas, ela estava preparando o café com aquele homem bem ao lado dela. Próximo demais do seu corpo e o meu peito logo estava se apertando com a ameaça pungente do desconhecido tomando a única coisa que tenho, que é o seu amor.

Não sentei à mesa, não comi do que eles prepararam. Sendo mais claro, nem ao menos esperei que terminassem de fazer, porque eu já estava saindo de casa com o coração na mão e a esperança, que voltou ao meu mundo, de que ela não me trocasse para ficar com ele.

Entrei no carro e os deixei sozinhos.

O caminho inteiro até o meu galpão foi com minha cabeça inteiramente naquela casa. Ela estava lá e eu queria passar o resto do meu dia a beijando, recuperando todo o tempo que se foi, o tempo que a

deixei sozinha e com o meu egoísmo inseparável, acabei tendo minha liberdade, ao mesmo tempo que percebi que, sem ela ao meu lado essa liberdade não existia. Eu estava preso novamente. Preso no vácuo da solidão enquanto cumpria ordens.

— Recebemos maiores pedidos. Um político quer uma nova remessa de armas para o próximo mês. Isso vai nos render muito dinheiro – diz algum ambicioso que só pensa nisso. Render dinheiro.

Tudo que ele consegue extrair são longas reviradas de olhos.

— Deixe o pedido em cima da mesa – digo voltando meu olhar para o próximo homem.

A sala está preenchida com cinco empresários que investiram suas ações nesse negócio. Claro, todos trazidos por Marinho e Gregory.

— Senhor, precisamos de um lugar maior...

Bufo com minha imaginação voltando para minha casa. Sinto que preciso de um closet maior. Talvez colocar uma mesa em seu interior, cadeiras... assim não faltariam lugares para estar com Vilk.

Sorrio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com certeza ela ficaria feliz se soubesse desse pensamento.

— Senhor? – Alguém me chama fazendo minha dispersão passar para que eu possa retornar ao momento atual.

— Vamos terminar aqui – digo me levantando.

Não estou com vontade de estar aqui, tampouco observando esses homens que só desejam buscar mais mortes e tristezas.

Viro-me e saio daqui, tendo minha secretária me seguindo e quando entro na minha sala, ela está ainda na mesma posição logo atrás de mim.

— O que aconteceu, Lince? – questiona ao me ver retirar o paletó e logo em seguida, sento-me.

— Não estou a fim de uma reunião – digo afastando minha cadeira para frente, para que eu possa encarar meu laptop.

— Você precisa focar nisso aqui, ou você pensa que a bagunça que aquela mulher fez ontem foi esquecida? Estão furiosos com a brecha que você deixou passar – ela diz e eu volto meu olhar para ela.

Não me importo com nada disso.

PERIGOSAS ACHERON

Não me importo com a raiva que estão sentindo, tampouco com o que precisam lidar.

— O que te afasta de um homem? – pergunto e ela franze sua sobrancelha bem desenhada.

— O que?

A observo sem dizer mais nenhuma palavra e eu acho que ela entende, porque logo está suspirando, deixando seus ombros penderem para a frente.

— Indiferença, frieza... não assumir um relacionamento – diz e então para, pensando um pouco. O seu olhar perde o foco na parede atrás de mim. — Não dizer “eu te amo”.

Pisco sentindo a cor fugir ligeiramente do meu rosto. O frio na ponta do meu estomago começa a ser mais intenso.

— Geralmente isso me faz buscar outro homem para esquecer o amado. Respondi a sua pergunta? – questiona me deixando pior que eu já estava.

— Pode ir – digo com minha voz saindo mais fria e distante que já estava.

Está séria, mas ainda assim obedece a minha ordem, enquanto permaneço impassível na certeza

PERIGOSAS ACHERON

lamuriante que Vilk pode estar fazendo isso para me esquecer e buscar nele, tudo o que não encontra em mim. Arregalo os olhos. E se ela encontrar? O que é que vou fazer da minha vida? Como eu poderia viver com a certeza que ela está se afastando de mim para amar outro?

Contudo, minha nuvem de pensamentos permanece intacta por pouco tempo, porque na escuridão que reina no canto do meu escritório está um vulto de um alguém que conseguiu entrar na minha fortaleza, no meu local mais protegido e que agora, pode estar com alguma vantagem sobre mim. Tento pensar um pouco sobre o que posso fazer e sem que eu possa controlar, minha mão está se movendo até a parte debaixo da minha cadeira. Um movimento rápido que provém do meu inconsciente enquanto tento me proteger... meu corpo está programado para agir sozinho quando o perigo estiver perto. Como uma máquina, como um simples e puro ser agindo como um robô.

— A arma não está aí — alguém diz saindo do pequeno espaço ao qual estava escondido. Primeiro os pés são revelados, logo em seguida a calça jeans, então uma jaqueta preta aberta, mostrando o seu

PERIGOSAS ACHERON

peito nu. Pisco observando essa figura. — Ela está na minha mão – sussurra e sou capaz de observar o seu sorriso irônico, a porra de uma merda tudo isso.

— O que está...

— Fazendo aqui? – Arqueia uma sobrancelha e eu consigo ver a pistola pequena, com o seu externo coberto de prata, a minha iguaria pessoal, a única existente no mundo. — Estou aqui para coletar informações.

Bufo me recostando contra a minha cadeira e ao mesmo tempo recolho minha mão para o meu colo.

— E você é....

— Luciano Monteiro. Prazer, querido. – Ele sorri e a compreensão banha minha mente. Luciano, o homem para o qual Vilk trabalha e o mesmo nome que Malaquias tanto citava nas nossas reuniões. — Estive envolvido em algumas questões pessoais e não pude vir mais cedo. Por isso, peço perdão – diz parecendo decepcionado, mas logo essa expressão morre dando lugar ao mesmo sorriso sarcástico.

Ele, por algum acaso, é um lunático psicopata de múltiplas personalidades?

Sinto que minha cabeça estará doendo em questão de minutos. De lunático já me basta Gregory e de psicopata cagão basta apenas Marinho. Por que na minha maldita vida tenho de lidar com essas merdas?

— Não vai dizer nada? — questiona e logo para com expectativa, mas não darei a resposta que ele deseja, não é essa a minha questão aqui nessa merda. — Ok.

Respira fundo e se encaminha até a cadeira em frente à minha mesa, para que possa se sentar e cruzar as pernas, como uma bela mulher faria, mas que ele é uma imitação fajuta de uma, não irei negar.

— Bem, eu sei que você sabe da localização de algumas crianças que estão sendo submetidas a torturas dia após dia, da mesma forma como eu e você passamos. Estou aqui apenas para saber as localizações, assim como o nome de quem está as controlando e sem esquecer, é claro, da principal... Quer se juntar ao meu exército?

Pisco encarando o seu rosto como se o sentido das suas palavras fossem meras mentiras e talvez, um teste para colocar em risco daqueles que

PERIGOSAS ACHERON

protejo. Não posso simplesmente acreditar que ele esteja sendo sincero, porque sei perfeitamente que homens como ele não são de confiança.

— Não sei do que está falando. Pode ir.

Ele pisca, mas não revela outro sorriso debochado.

Não, agora ele está sério como se eu estivesse o dando a pior das respostas, um caminho difícil para seguir.

Este homem me olha como se eu fosse um louco à beira de um precipício e ao ponto de me lançar dele. Sendo sincero comigo, isso era tudo o que eu queria. Jogar-me de um precipício e me perder na imensa solidão que ele pode me proporcionar.

— Não irei me responsabilizar – ele sussurra ao se desencostar da cadeira. — Nesse escritório tem whisky?

— Para você? Não.

— E cigarro?

— Pior.

Sua resposta é outro sorriso diferente do sarcástico. Está agindo como um louco e talvez, ele seja um maníaco psicopata.

— Isso mesmo. Não confie em mim – ele diz antes de se levantar. — Quando mudar de ideia, Vilk Jane sabe como me encontrar.

Meu coração se acelera com a menção do seu nome e logo estou me recordando das palavras dela sendo dirigidas a Marinho. Sim, eles trabalham juntos. E aquele maldito que está na minha casa serve a ele também.

Luciano Monteiro não imagina o ódio que está nutrindo aqui dentro do meu peito... por culpa dele estou dividindo a minha casa e a minha mulher com outro homem e ainda por cima, corro o risco de perde-la para ele.

— Tire aquele maldito da cola dela, entendeu? Ela não precisa de ninguém para defende-la.

A cada palavra dita eu me levantava um pouquinho dessa cadeira e quando estou completamente em pé, fecho minhas mãos em punhos e os pressiono contra a maldita mesa de vidro.

— Laureano? – Então ri. — Ele não recebe ordens, tampouco as cumpre. Na verdade, ele é aquele a matar quem o ordena, então... se quiser dar

PERIGOSAS ACHERON

essa ordem a ele, fique à vontade.

— Quero que fique longe da minha casa e da minha mulher.

Ele entreabre os lábios e me encara surpreso, mas tudo que ele alimenta aqui dentro é a vontade de o esfaquear vivo, da mesma forma que faço com aqueles que devem uns míseros pares de dólares.

— Sua? Estou chocado – diz e seus passos estão sendo de volta para a cadeira em que estava sentado. — Meu Jeová olhe só o que temos aqui...

Enquanto a ira dentro do meu coração é alimentada, ele permanece me encarando como se eu não fosse muita coisa na sua vida e no seu negócio. É como se eu não passasse de um mero idiota sendo enganado e que ele soubesse de tudo. Odeio que ele permaneça com esse olhar idiota no rosto, odeio.

— Você tem certeza que não vai me dizer onde as crianças estão? Você está bem sabendo que elas estão sofrendo nesse exato momento? — questiona me encarando como se eu fosse uma anomalia.

— Saia.

Ele acena e franze o cenho.

— Você não parece com o Lince que ela descreveu, na verdade você é uma versão minha, só que mais séria e de poucas palavras, assim como Laureano.

Quando ele sorri, juro que sinto vontade de o quebrar por inteiro por ser comparado com dois malditos que são eles dois.

— Foi um desprazer te conhecer. Espero que o próximo encontro não seja da mesma forma, afinal, não costumo dar segundas chances para malditos frios como você e eu sinto que Vilk não gostaria do fim que eu te daria. Considere-se um homem de sorte por tê-la... veremos por quanto tempo terá esse escudo.

E essas foram suas últimas palavras antes de me dar a visão das suas costas. Saiu da minha sala silenciosamente da mesma forma que se aproximou e eu não quero me importar com o fato de que ele conseguiu invadir o meu local de trabalho dessa forma.

Volto a me sentar na cadeira para que eu possa relaxar um pouco. Fecho os olhos e a imaginação que Vilk esteja sozinha na minha casa

PERIGOSAS ACHERON

na companhia daquele outro homem é capaz de me enlouquecer, mas não há nada que eu possa fazer para mudar esse fato, afinal todos os dias desde o seu retorno foi regado a maneiras de a deixar cada vez mais afastada dos meus braços, da minha companhia e da sua vida.

Tudo o que não desejo agora é expulsá-la da minha vida.

É o que precisa ser feito, contudo, não consigo mais.

Simplesmente não dá.

Por isso que quando abro os meus olhos, tomo a decisão mais indevida e brusca.

Levanto dessa cadeira e pego o meu paletó. Então saio daqui, não dando sequer uma resposta para minha secretária quando ela me questiona sobre isso.

Certas vezes, tenho o pressentimento que não tenho controle sobre o meu corpo, sobre minhas atitudes e tampouco sobre os sentimentos que tento duramente apagar, mas infelizmente está cada vez mais difícil de conseguir. Ao entrar no elevador principal tento respirar um pouco, mas parece que cada instante que tomo ficando aqui dentro, é como

PERIGOSAS ACHERON

se aquele maldito que está ao lado dela, pudesse utilizar para seduzi-la. E o pior é que ele tem toda essa abertura, afinal fui o único a afastá-la da minha vida pouco a pouco com essa indiferença carregada de certeza que ao meu lado, jamais será capaz de prosseguir.

Hoje, diante de tudo o que aconteceu já não tenho a mesma certeza, não acredito que seja verdade.

Quando o elevador chega ao térreo, estou me considerando o homem mais bobo do mundo inteiro. Ao sair dele, caminho o mais rápido que posso em direção a parte de fora, onde meus seguranças e motorista me esperam, mas antes de me aproximar o suficiente, não posso deixar de parar um pouco para verificar meu sistema de segurança. Tudo ao meu redor parece perfeitamente estabelecido, do mesmo jeito que planejei. Sem falhas, sem maneiras de como ser invadido.

Como diabos Luciano conseguiu passar por minha secretária?

— O senhor precisa de alguma coisa? — pergunta um dos meus seguranças ao se estabelecer bem ao meu lado.

— Sim. Me escolte até minha casa. — Essas são as minhas últimas palavras antes de entrar no carro e ao observar pela janela do carro, vejo o quão tensos e hesitantes estão e isso, mesmo que ironicamente, me faz rir.

Eles não trabalham diretamente para mim, nunca trabalharam.

Estão aqui, porque foram ordenados por Marinho. Esses seguem ordens que não são dadas por mim e, inclusive, se a qualquer momento o chefe deles mudar de ideia e encomendar minha morte, não pensarão duas vezes antes de o fazer, por isso mesmo que não confio em nenhum deles sabendo as coisas que acontecem na minha casa.

Por isso que Vilk Jane não deveria estar morando lá.

Por isso que ela deveria estar o mais distante possível.

Naquela casa, só ficará até quando Marinho quiser... assim como eu.

Suspiro e quando eles retornam para o interior do carro deixo que me levem até onde pedi e em meio aos caminhos que tomam, me deixo levar até onde quer que meus pensamentos estão

PERIGOSAS ACHERON

me arrastando e juro que até tento não enlouquecer, mas quando passa por minha cabeça as horas que a deixei sozinha ao lado dele, isso só fica cada vez mais irritante.

A primeira parada do automóvel que estou é em um sinal de trânsito. O movimento é pequeno, mas não impede que alguns carros parem ao lado do meu, assim como atrás.

— Parece que estamos sendo observados — um dos seguranças sussurra, mas não consigo notar nada disso.

— Estamos... e esse pessoal não é nosso — o outro diz, enquanto semicerra os olhos olhando pelo retrovisor do carro.

Ou, talvez seja apenas um dos homens que trabalha para Marinho. Está nos seguindo assim como fizeram no dia em que Vilk bateu na minha porta. Não posso deixar de suspirar, porque eu sei que o meu fim deve estar próximo, mas é certo que se ele estava planejando me matar, certamente foi planejado antes de ela bater na minha porta.

— Apenas continuem.

Logo que o sinal é aberto, o carro retorna a se movimentar e então, acelera mais rápido que o

PERIGOSAS ACHERON

normal em uma avenida que o máximo permitido é 60 km/hr.

— Senhor, um deles está usando luvas e...

Se fosse em um dia em que eu não estivesse com ela tão perto de mim e se eu não estivesse experimentando um pouco de ar só por compartilhar da sua presença, certamente eu apenas fecharia os olhos e esperaria a bala perfurar a minha cabeça, contudo, nesse momento faço o completo contrário. Baixo meu corpo no banco de modo que estou deitado e encaro meu segurança que está da mesma forma.

— Acelera e tente passar o próximo sinal vermelho. Ele vai atirar a qualquer segundo.

E assim é feito.

Como homens perfeitamente treinados, acatam o que ordeno e quando estamos perto de um sinal, ele aperta seu pé contra o acelerador e o carro desliza na pista passando por todos os outros que seguem as normas de velocidade. Mesmo que o carro comece a ziguezaguear na pista, graças a esse motorista habilidoso não sofremos nenhuma colisão.

— Senhor, os perdi de vista — avisa e só
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então retorno a minha postura normal.

Quando retorno a pensar nas minhas atitudes,
o choque não poderia ser maior.

Eu realmente quis viver pela primeira vez em
anos.

E isso é por causa dela.

Vilk Jane.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Vilk Jane



Quando a porta de entrada é aberta, estou longe demais de estar preparada para prestar atenção em quem a está abrindo, por isso que apenas continuo no meu feito de devolver os golpes que Laureano me deu no decorrer do nosso treino. Estamos suados, ofegantes, mas nada nos fez parar com o que estamos tão empenhados: descobrir um ponto fraco em cada defesa.

Ele não desviou seu olhar do meu em instante algum até agora e eu tampouco irei o fazer. Essa é uma pequena guerra, onde ele estuda meus pontos fracos e eu o avalio atentamente, buscando no seu mais ínfimo gesto uma forma de derrubá-lo contra esse chão.

Quando a porta se fecha e ele desvia o olhar por um instante, não sou capaz de deixar essa chance passar. Com meu cotovelo, o ataco na bochecha e com meu joelho golpeio seu estomago,

e nesse embalo em que ele percebe minha ação, usa do seu pé direito para bater contra a minha perna que repousa contra o chão, então assim, ao golpeá-lo estou caindo contra o chão, enquanto ele se agita para cima de mim, mas como não estou começando a lutar agora, sei muito bem como sair desse bote inesperado que ele está querendo colocar sob mim. Deslizo para o lado e quando tento levantar, ele está me golpeando no meio da coluna fazendo meu corpo voltar ao chão com tal impacto.

— Ei!

Ouçõ passos rápidos na minha direção e antes que eu possa calcular algum movimento, sinto a presença de Laureano sendo afastada de mim. Assim que tento respirar com mais normalidade, viro minha cabeça para o lado e só assim vejo um homem vestido belamente a rigor para estar em seu escritório, lutando ferozmente contra o outro que está vestido a um dos calções largos de Lince, que peguei para treinarmos.

Meu lindo amor está sob Laureano desferindo alguns socos que o moreno desvia sabiamente apenas desviando de um lado para o outro, o que resulta em Lince acertando o chão em alguns

PERIGOSAS ACHERON

momentos. Viro-me no chão e suspiro, amando a visão desse homem em ação. Acho que nunca o vi brigar com outra pessoa com tanto afínco como agora. Seu rosto está retorcido em ódio e não consigo identificar nada de positivo sob sua postura. Juro que nunca presenciei uma briga mais bonita e com movimentos tão decididos e rápidos.

Em um momento Lince está por cima tentando mobilizar Laureano, no momento seguinte, tudo se inverte. Laureano imobiliza a cintura de Lince usando seu corpo sob o dele, enquanto mantém o antebraço pressionado contra seu pescoço.

— Isso é apenas um treinamento – explica Laureano encarando diretamente o olhar de Lince.

Ele não pisca, não desvia e o ódio parece brilhar ali com ainda mais louvor que já estava antes e eu não sei ao certo o que pensar sobre isso. São irmãos de sangue, mas Lince ainda não sabe disso. E sobre seu ódio e sua atitude abrupta, ainda não estou sabendo gerar um pensamento coesivo. Por que diabos interrompeu nosso treinamento?

— Foda-se – ele rosnou e Laureano sorriu.

— Você quer me matar, não é? – o moreno

PERIGOSAS ACHERON

questiona arqueando a sobrancelha e Lince sorri mostrando seus dentes cerrados de ódio.

Estou ao lado de uma pequena guerra de ódio, é isso?

Não é isso que desejo para dois irmãos que ainda não se conhecem bem o suficiente para traçar uma opinião sobre cada um. Lince não está disposto a criar também, afinal, estamos em lados diferentes por enquanto, mas estou disposta a deixar tudo mais especificado para que ele possa abstrair a própria opinião sobre cada um deles, ou ao menos espero que consiga.

— Você não imagina o quanto — Lince rosna mostrando um pequeno sorriso de lado que reconheço bem.

Já o vi assim antes durante os diversos momentos em que lutava por ar, enquanto cargas de energias eram descarregadas sob nossas peles. Lince sempre recebeu tudo sem demonstrar sentir nada, porque ele era obrigado a tal. Quando sorria tão perversamente era porque ele sabia que estava alcançando o que seu treinador o destinava.

— Infelizmente, não posso continuar com o que tanto quer — sussurra Laureano afastando seu
PERIGOSAS ACHERON

corpo do de Lince, que semicerra os olhos ao puxar uma longa respiração. — Ela me mataria.

E exibindo um sorriso debochado, levanta e se afasta do cômodo que estamos. Essa foi a primeira vez que o vi sorrir dessa forma, como Luciano, como Íris. É incrível a semelhança que possuem entre si. Apesar que Laureano tenha mais cicatrizes no rosto do que os demais, não há como não perceber o quanto se parecem e eu acho que Lince já deve ter percebido só por essa simples troca de olhares. A dor que erradia de um é palpável no outro. Está mais claro do que qualquer um pode notar.

Cresceram longe um do outro, vivendo coisas diferentes, ameaças distintas, contudo, o circo de horrores que foram forjados em suas vidas não são menos piores, não há um mais brando que o outro. Todos esses irmãos foram gerados com a dor, nasceram com o sofrimento e se criaram em meio ao desastre que um homem doente se dedicou a fazer presente nas suas vidas inocentes.

Pisco, quando Lince fica de lado e apoiado no seu braço, levanta-se do chão para se aproximar de mim. O cenho franzido, os olhos furiosos e os

PERIGOSAS ACHERON

lábios franzidos de uma maneira que somente ele é capaz de fazer quando está irritado.

— Vou matá-lo – rosna.

— Não precisa disso, Lince. Ele fez exatamente o que eu faria com ele se eu estivesse no seu lugar, afinal estávamos no meio de um treinamento que você interrompeu – digo exibindo um meio sorriso que o faz travar a mandíbula. — Você não pode machucá-lo em hipótese alguma. Laureano está aqui para me proteger, para garantir que Marinho não consiga me matar.

Como se eu o tivesse estapeado ou o golpeado em uma região sensível, ele se levantou e não demorou nem um pequeno espaço de tempo para se afastar. Deu três passos para trás como se estivesse magoado, ferido e eu não entendo o porquê.

— Você precisa dele? – questiona puxando difíceis respirações que me fazem titubear sobre o que possa estar sentindo.

— Sim. E mais tarde você irá perceber que não está muito diferente.

Ele acena, mas a fúria está na sua íris a cada piscada que seu organismo o força a dar. Quando se

PERIGOSAS ACHERON

vira e busca as escadas, nenhuma palavra pode ser ouvida da sua boca, por entre seus lábios e eu não poderia estar mais confusa.

O que eu fiz para o deixar assim?

Levanto-me do chão. Sentindo minha garganta seca pelo longo esforço que fiz durante algumas horas, considero que beber um pouco de água será o melhor para fazer com que as coisas se tornem mais claras na minha mente.

Caminho por entre os móveis que afastei para deixar um longo espaço disponível para que eu e Laureano pudéssemos treinar com mais facilidade e, ao chegar na cozinha, encontro Laureano na frente de três litros de água. Todos estão secos e o seu peito completamente ensopado. Não há copos no meu campo de visão e isso me faz, realmente, ponderar o quão ridículo está sendo nesse momento.

Isso é realmente necessário?

— Você bebeu toda a água da geladeira? — questiono e ele sorri colocando os pés em cima da mesa da cozinha ao lado das garrafas secas.

— Ele está com ciúmes de nós dois juntos — conclui deixando que sua voz grossa, diferente, se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arraste por todo o cômodo.

— Por que está com os pés em cima da mesa?

— Ele está me considerando uma ameaça — diz encarando meu rosto com total atenção e não consigo continuar falando, porque suas palavras me deixam sem reação. — Esse cara está escondendo alguma coisa... sinto como se ele estivesse acorrentado, como se estivéssemos dentro de uma gaiola. Essa casa... é um pesadelo.

Na sua frente estou paralisada.

Suas palavras são reveladoras ao mesmo tempo em que sinto o quão verdadeiras estão sendo. Ele tem certeza do que diz, não está tentando me aterrorizar.

— Os caras de preto que vieram pegá-lo pela manhã... eles o carregam como se fosse um prisioneiro. Estamos dentro de uma masmorra e a maior tortura que estamos presenciando é a de ele não poder fazer o que quer, de não conseguir. — Então tira os pés de cima da mesa e se levanta, o olhar ainda preso no meu. — Ele vai morrer e você não poderá fazer nada para impedir, porque é isso que ele quer. Morrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Balanço minha cabeça, tomando alguns passos para trás.

Meus olhos ardem com sua sentença, meu coração se acelera porque no fundo do meu peito, eu sei que ele está certo e se estou aqui agora, é para impedir que faça isso. Sei mais sobre Lince do que ele um dia possa imaginar.

— Ele não vai morrer — consigo dizer em meio a minha voz tremula, embargada.

— Ele é vigiado dia e noite. Essa é a prisão que você não pode livrá-lo.

Pisco sentindo a raiva subir por minhas veias.

— Onde?

Ele dá de ombros revelando um sorriso de lado.

— Eu cuido disso.

E sem mais a dizer, me dá as costas, saindo do ambiente.

Escuto a porta de entrada ser fechada e tento do fundo do meu peito não chorar. Tento não deixar que essa emoção se alastre aqui dentro do meu coração, porque ouvir essas palavras em voz alta dão vida a tudo que decidi não fazer presente na minha mente. Mesmo que eu soubesse que era PERIGOSAS ACHERON

verdade, enquanto o observei de longe por entre negociações distintas, tentei não acreditar ou não dar voz aos meus sentimentos. Mas as duras palavras de Laureano fizeram com que a minha mais profunda insegurança retornasse a superfície que decidi abafar.

Puxo uma cadeira e me sento.

Preciso me acalmar.

Por duas horas esperei que o turbilhão de sentimentos passasse da minha mente.

Em menos disso, Laureano retornou. O corpo estava banhado em sangue e nos lábios trazia um sorriso de missão cumprida, mas não consegui agradecer por isso.

Quando subiu as escadas em busca de um banho, tudo que consegui fazer foi puxar uma longa respiração, mas agora, depois de muito pensar e finalmente controlar meus sentimentos, consigo subir essas escadas e me dirigir ao quarto de Lince.

O sol está quente lá fora e não sei ao certo se isso é bom. Se a sua temperatura está trazendo uma

PERIGOSAS ACHERON

boa notícia para mim. Espero que sim, que traga e que dela eu consiga trazê-lo para a superfície, para os meus braços.

Limpo minha garganta quando alcanço o topo das escadas.

O caminho que traço até a porta do seu quarto não poderia ser maior com a maldita ansiedade fazendo da minha existência um pequeno redemoinho de desgraças, mas contra ela tenho a certeza que se eu me dedicar a fazer com que ele tenha um pouco de positividade dentro de si, conseguirei fazer com que queira viver. Preciso fazê-lo ver que lá fora existe liberdade, uma nova forma de viver, diversos caminhos a seguir e que as escolhas são apenas dele para se fazer.

Em frente a porta do seu quarto, fecho meus olhos.

Vou aplicar tudo que aprendi para o conquistar e o fazer entender que existe um mundo longe das amarras que o prendem ao lado de Marinho. Vou me dedicar para o apresentar a vida sem sofrimentos, estou curiosa para viver dela ao seu lado.

Abro a porta quando me sinto preparada para
PERIGOSAS ACHERON

tal.

Entro quando o vejo deitado na cama, tendo as cortinas fechadas deixando tudo escuro e acompanhando do ar ligado, deixando o quarto mais frio.

Suspiro e me encaminho em direção ao banheiro, onde tomo um banho rápido e logo estou me vestindo com uma das suas camisas longas. E assim que me senti pronta, juntei-me a ele na cama. Deitei de lado e passei minha perna por sua cintura, tendo-o perto do meu corpo, fazendo-me sentir sua presença o mais próximo que posso ter do meu corpo. Sorrio quando toco seu rosto, sentindo sua barba áspera contra minha mão.

— Pensei que estaria com ele – sussurra e seguindo o que meu instinto gritou, aproximei minha cabeça da sua e com meu olhar perto do seu, selei nossos lábios.

Desculpa, meu coração, mas não consigo me manter tão longe.

Desculpa, meu orgulho, mas não consigo o ignorar por mais que ele mereça.

Desculpa, minha vida, mas não sou capaz de deixá-lo ir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me diz, Lince. Fala, olhando nos meus olhos, um único motivo para não estarmos juntos, para não estarmos felizes.

Ele pisca e eu vejo os seus olhos marejados.

— Não somos e nunca seremos compatíveis – ele diz e acompanhada da sua mentira está um par de lágrimas que comprovam o quão falso está sendo.

Fecho os meus olhos, quando sinto que meu mundo pode estar desmoronando mais um pouco. Tento não chorar, entretanto, parece que o meu coração exige o contrário.

— O que é que eu preciso fazer para esse pretexto chegar ao fim?

Ele não me responde, mas os seus braços logo estão rodeando o meu corpo. Puxa-me para perto do seu corpo e quando posso sentir o seu coração bater tão acelerado quanto o meu, tenho a minha resposta.

E eu juro que não vou desistir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Em algum lugar na França



As pesadas correntes dificultam minha caminhada em direção ao conjunto de grades com uma cadeira em seu centro.

Meu rosto pinica com o nascimento de novos pelos, mas por conta das correntes não consigo levantar minhas mãos para coçá-la.

Um dos guardas abre a última grade que me separa do meu destino final. Ao meu lado, dois agentes estão me conduzindo enquanto apertam meus braços e, assim que estamos em frente a cadeira, um deles me força a sentar.

Suspiro, porque isso parece a única coisa que sou capaz de fazer.

Esse é o melhor lugar nesse lugar inteiro. Eles acham que eu irei manter alguma resistência em sentar aqui?

— Attendre. — *Aguarde.*

Eles se afastam e uma mulher adentra. Abre a

grade que acabei de passar. Veste roupas sociais pretas, a minha cor favorita. Nas mãos carrega um papel branco tamanho A4 e com os saltos médios batendo contra o piso, ela se aproxima de mim. Encara-me com afínco, considera-me uma escória, eu sei, posso ver em cada piscada forçada o nojo que sente só de me encarar, mas não estou preocupado com isso, não estou preocupado com ela.

Estende o papel que entreguei a um dos guardas há algumas horas na minha direção e o exhibe na minha frente, mas o meu olhar está sob o seu, observando a sobrancelha direita arqueada. O sorriso que exhibo é claro para afrontar um pouco do poder que ela pensa ter. Os franceses desse lugar odeiam quando algum detento faz um movimento debochado como esse e é exatamente por isso que estou o fazendo agora, como um garotinho mimado que sou.

— Juliette — pronuncio seu nome no mais arrastado tom francês que consigo. — Tenho um triunfo para você, boneca.

Ela franze o cenho, porque não consegue entender o que falo na minha língua oficial.

PERIGOSAS ACHERON

Semicerra os olhos aumentando a sua careta de nojo quando revelo um sorriso ainda mais largo.

— Nesse papel há um desenho que fará com que você descubra muitas peripécias e de quebra, boneca, ainda terá uma promoção. Você possui uma hora para tirar suas dúvidas. Após esse horário não as conseguirá sem a minha ajuda... logo, pode começar.

Em frente a grade, agora, surgem dois homens vestidos a ternos pretos muito bem alinhados e eu os invejo, porque esse tecido é o mais confortável que posso lembrar na minha vaga consciência enquanto estive servindo na Cuba.

— Apporté un traducteur, Juliette. (*Trouxe um tradutor, Juliette*) – diz e a vontade de vomitar volta-se presente sob meu intestino quando escuto sua voz e vejo o seu maldito rosto velho.

Antoine fez da minha vivência aqui uma das piores se comparada aos buracos cercados de grades que já estive enterrado ao longo da minha vida. Acontece que hoje é o dia que o jogo irá virar. Infelizmente não posso matá-lo, porque servirá perfeitamente para mim mais tarde.

— Tenho certeza que entende perfeitamente
PERIGOSAS ACHERON

minha língua, putinha, afinal você já proferiu meu nome de diversas formas por aí.... ou já esqueceu?

Então, gargalho alto vendo que ele cerra a mandíbula, mas isso já não me traz mais preocupação.

O homem que está ao seu lado sussurra no seu ouvido e logo a sua expressão está ficando cada vez mais fechada.

— Qu'est-ce que ce dessin signifie? (*O que significa esse desenho?*)

— Significa que você vive no escuro e que eu sou o caminho da glória. Você tem uma hora para descobrir o significado de cada linha dessa cruz. Lembre-se que cada uma delas tem um significado. Não as descarte nem mesmo quando descobrir o que uma delas significa.

Sorrio observando o tradutor repetir minha sentença na língua irritante e arrastada que eles possuem.

A questão sob meu ódio sob essa língua em questão, não está sob o preconceito linguístico. Não, longe da minha inteligência tal coisa. Passei péssimas situações nesse país, prestando serviços para o bel-prazer desses malditos e nunca se

PERIGOSAS ACHERON

importaram se em algum desses casos eu sairia vivo ou morto. Bem, tudo que remeta a existência desse lugar me rende ódio e nojo, logo só posso desejar que todos morram, mas não agora... preciso muito deles ainda...

— Vocês estão demorando e perdendo tempo — digo sorridente, mas nenhuma outra expressão diferente de raiva é retornada para mim.

Houveram dias que eu já me preocupei com o que eles poderiam estar sentindo sobre mim, mas atualmente tudo o que desejo é que cada um deles explodam e apesar disso, em nome dos velhos tempos, acabei dando um belo presente para eles. Ora, a partir de hoje terão nas mãos a chance de descobrir o maior esquema de tráfico da França e, se forem um pouquinho mais espertos ligando as informações que deixei no desenho, poderão descobrir as do Brasil também.

Mas a desse país acredito que irão demorar um certo tempo... ou não.

Eles desviam os olhares de cima de mim e se encaram. Então depois começam a discutir sobre o que eu estou fazendo com eles aqui, mas como eu disse para eles, não irei ficar por muito tempo para

PERIGOSAS ACHERON

tirar as dúvidas que estão rolando ali no centro das suas cabeças malditas.

Passam longos minutos encarando a folha e o tempo deles chega ao fim, quando um novo engravatado se aproxima da enorme grade enferrujada. O cheiro que o acompanha deturba o nojo do local em que estamos. Espero mudar o meu cheiro em alguns minutos também.

— Pardon. — Sorrio, porque a alegria está cada vez mais vívida dentro de mim. — Le détenu sera libéré maintenant. S'il vous plait, suis moi, Zya Rock. (*O detento será liberado agora. Por favor, me acompanhe, Zya Rock.*)

Quando me levanto dessa cadeira de metal, eles estão me encarando com os olhos arregalados e a boca entreaberta enquanto demonstram com clareza o quão surpresos estão.

— Qui a donné cet ordre? (*Quem deu essa ordem?*) — Antoine pergunta, mas controle nesse local ele já não tem.

— Eu disse que não tinham tempo, mas... não quiseram me escutar.

— Zya!

— My name is Zya Rock — falo em um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ridículo sotaque inglês forçado. — Perdóname, pero tendré que partir.

Eles odeiam quando falo em línguas diversas, exceto a que eles tanto falam. Por mais que eu seja fluente, me nego a falar a língua desse país que tanto me fez sofrer.

Caminho em direção ao homem que trouxe minha liberdade e aproximo minhas mãos dele para que me livre dessas algemas ridículas.

Quando ele me livra delas, ainda me viro uma última vez antes de encarar aqueles que não sentirei um pinga de saudades. Hoje estarei partindo para longe... algum lugar nos Estados Unidos, talvez?

— Marinho está te esperando.

Sorrio e sentindo o alívio do peso das algemas de ferro que eu carregava para cima e para baixo, caminho para fora dessa cela.

— Se forem inteligentes, conseguirão descobrir tudo antes desse ano chegar ao fim.

E essa foi a minha última sentença antes de sair daqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Vilk Jane



— Ele disse que não somos compatíveis — sussurro enquanto caminho ao lado de Laureano e Luciano.

Estamos em uma comunidade tomada por Luciano recentemente. Não tinha vindo até aqui ainda, mas não sei se esse é o momento perfeito para estar longe do meu Lince. Este homem precisa entender que sou a mulher da sua vida e que nada vai nos separar. Poxa, isso está escrito nos seus olhos, só que não consegue aceitar. Ou, não quer.

— Você deveria desistir. Ele quer morrer, eu já disse — Laureano diz e sou incapaz de continuar caminhando ao lado dele enquanto permanece repetindo a mesma asneira.

— Se você repetir isso, o morto aqui será você, idiota — rosno saindo do lado dele para ficar ao lado de Luciano, que sorri com o que eu disse.

Durante todo o caminho em que contei as

coisas da minha vida para os dois, Laureano se dedicou a dizer sempre a mesma coisa, enquanto Luciano ria no canto dele. Nada disse, nada mais falou e eu não sei se isso é bom, mas fico grata. Se é para reproduzir besteiras como as que sai da boca de Laureano é melhor que permaneça calado.

— Como está Íris? — pergunto quando ele retira uma chave de dentro do bolso e então para, assim que chegamos em frente a um enorme portão de grades.

— Se recuperando com os cuidados exagerados do namorado. — Suspira colocando a chave no portão. — E ela, inclusive, me revelou algumas coisas interessantes que precisamos estar vendo ou enfrentando...

Imagino e espero que ela esteja muito bem. Ainda não voltei ao local que ele mantém as crianças, mas acredito que o farei ainda hoje, já que não tenho muito o que fazer e que não posso retornar até o galpão onde as armas de Lince são fabricadas. Imagino como ele estará a essa hora, o que pode estar fazendo ou com quem deve estar negociando.

Eu deveria tentar retornar lá?

— Deve estar furiosa — sussurra Laureano sorrindo e Luciano, ao seu lado, joga a cabeça para trás rindo alto.

Até hoje não consigo compreender o motivo ao qual ele é assim todo exagerado. Para rir, exagera. Para ameaçar, exagera. Para cuidar, exagera. Não tenho paciência para isso e infelizmente não posso deixar de lado o fato que desejo que Lince me trate da mesma forma ou de uma forma parecida, ao menos... se bem que ontem ele deu uma simples amostra do que sente e isso, no meu coração, foi como uma pequena luz. Por mais que eu acredite que conseguirei mudar suas reações a mim, é difícil persistir quando não tenho uma reação positiva de que ele realmente queira. Sinto que reage ao meu corpo, mas não o sinto reagir ao meu coração e isso me parte o coração, porque não sei até quando conseguirei insistir nessa relação.

Sou assassina, perdi parte da minha humanidade, mas ainda tenho sentimentos fortes por ele.

— Sim, ela está. Adiel quer forçá-la a ficar na cama repousando, mas ela quer se levantar e ontem, ele precisou sair para comprar

PERIGOSAS ACHERON

medicamentos. Quando retornou, a encontrou lutando com os meus demônios. Quase morro de rir da cara dele – diz me fazendo sorrir.

Não dá para deixar um ser humano que vive em movimento, completamente intacto em uma cama, afinal, não há nada que nos deixa mais irritados do que a falta de independência. Ao longo dos treinos, aprendemos a nos movimentar e a fazer com que nossos corpos se recuperem. O organismo funciona de uma forma, mas aprendemos a fazê-los funcionar ao nosso favor. Precisamos estar no controle de tudo e, principalmente, dos nossos corpos, das nossas mentes.

— O que viemos fazer aqui? – pergunto ao mesmo tempo em que ele empurra o portão e assim o deixa aberto para que possamos passar.

— Viemos buscar soldados para o meu exército – disse Luciano tomando a frente ao longo do local. — Estou sentindo que tudo está parado demais, sem movimento... e isso me inquieta, porque nada de bom pode vir disso – devaneia colocando as mãos nos bolsos da frente da sua calça jeans.

Ultimamente tem andado por mais tempo que
PERIGOSAS ACHERON

o normal usando esses coletes de couro abertos, revelando seu peito nu. Se quer andar em localidades buscando respeitos dos demais, deve vestir ao menos uma camisa, mas quem sou eu na fila do pão para delimitar o que é ou não correto e adequado.

— Um homem que dedicou dinheiro, tempo e parte das suas localidades para fazer outras sofrerem e as tornarem seus assassinos psicopatas funcionais. Você acha que os negócios parariam porque ele morreu? — pergunta-me arqueando a sobancelha.

— Não.

— Sim, por isso que Marinho agora está no poder — diz Laureano olhando o irmão mais velho.

— Mesmo que ele caia, terá outro logo em seguida. — Suspira ao parar em frente a um pequeno bar e puxa uma cadeira qualquer para se sentar, então nós o seguimos. — É por isso que estou juntando tantos... Se eu tomar o lugar dele, saberei onde estão prendendo as crianças e assim, terei como dar um futuro melhor. E depois acabar com parte do que ele faz. Acho que consigo sustentar a todos com a fortuna de gerações que eles possuem

PERIGOSAS ACHERON

nos bancos, além do mais tenho influências... dinheiro não vai me faltar. Nem a mim, nem a vocês, nem as crianças. Trabalhei por anos para garantir minha independência, para ser melhor que ele... Tia, ei!

Em cada palavra sua, capturo apenas a verdade. Sinto que não tenta nos enganar e isso é o suficiente para que eu possa me sentir melhor.

— Traga uma garrafa de whisky, por favor! — grita e quando uma senhora simpática aparece na porta do bar, ela acena.

— Suco de acerola para mim — diz Laureano e isso me faz virar a cabeça automaticamente para o observar. — O que é?

— Suco para tomar com Vodka? — questiono e ele suspira sacudindo a cabeça.

— Não, eu não bebo — diz e dá de ombros, então após escutar isso, Luciano o observa com os olhos arregalados, a boca entreaberta e o rosto com sucintos tons vermelhos.

— Querido, tomar whisky é lei dentre os assassinos psicopatas — ele diz e Laureano balança a cabeça.

— Não sou psicopata. Não mato por diversão

PERIGOSAS ACHERON

e não prejudico quem não fez nada de errado para tal – diz e suas duras palavras fazem eu me afastar um pouco. — Só matei por vingança própria uma vez.

Luciano riu sacudindo sua cabeça.

— Queridinho, você não apenas matou. Você degolou e esquartejou sua presa no processo. Isso te faz um assassino melhor?

Laureano dá de ombros, parecendo não se importar muito com esse fato.

— Eu o fiz, porque estava tentando me sentir melhor, mas nem depois disso consegui. Ele me traiu, me escravizou e me tornou um soldado que executa problemas, mas eu estava em equipe e...

— Equipe que você matou em um incêndio. Sim, estou sabendo – interrompeu Luciano e o moreno revirou os olhos.

— Foi vingança – disse e deu de ombros novamente. — Como eu estava dizendo, eu não sabia de nada e quando pude soltar as correntes que ele me prendia como um animal, não hesitei.

A senhora se aproxima de nós trazendo um whisky e o copo cheio de suco em cima de uma bandeja de plástico. Coloca-a na mesa do mesmo

PERIGOSAS ACHERON

material e sorri quando nos entrega.

— Vocês são novos por aqui? – perguntou olhando entre nós três, mas foi Luciano o primeiro a responder.

— Sim, eu matei Búfalo, logo sou o dono daqui agora – disse e suspirou dramaticamente. — Como as coisas estão andando por aqui? – questionou a observando, mas a senhora agora parecia amedrontada e eu sinto que ela gostaria de correr a qualquer instante.

— Péssimo – sussurrou. — Aqui está uma zona. Ontem mesmo um dos vizinhos matou outro e agora estão querendo vingança – ela disse e Luciano sorriu.

— Que emocionante, irmão – disse para Laureano que o observou sério.

— Você é ridículo.

O moreno revira os olhos e isso me fez sorrir, porque os dois já parecem tão habituados juntos.

— Onde eles moram? – Luciano questionou retornando seu olhar para a senhora, que apontou para duas casas na frente do bar que estamos. — Aguardem aqui.

Quando ele se levanta e se aproxima da casa,
PERIGOSAS ACHERON

a senhora logo se agita. Recolhe a bandeja e rapidamente se dirige para dentro do seu estabelecimento. Arqueio uma sobrancelha vendo que está muito amedrontada. Pisco observando com atenção a movimentação ao nosso redor, mas poucas pessoas transitam por perto.

— No final, você acabou falando um pouco sobre você – digo sorrindo.

Ele, focado em observar Luciano, quando desvia o seu olhar para o meu rosto é com um pouco de suspeita e isso me faz sorrir novamente.

— Você falou e não percebeu? – questiono arqueando minha sobrancelha e ele revira os olhos.

— Eu percebi o que falei, mas... você acreditou?

Pisco o encarando.

Ele mentiu?

— Posso ver que você nem ao menos sabe distinguir a verdade da mentira. Agora entendo o motivo ao qual você insiste em uma relação sem futuro – ele disse cada palavra observando as reações que poderia causar no meu rosto e eu percebi isso, porque seu olhar estava tão focado quanto no dia anterior, enquanto analisava os meus

PERIGOSAS ACHERON

movimentos em busca de um ponto fraco.

Nesse momento, descobri um lado de Laureano que é bem presente em Lince. Ele, assim como o meu amado, tenta afastar as pessoas quando sente que elas se aproximam.

— Você precisa melhorar a tua habilidade em tentar afastar as pessoas. Você é como Lince nessa parte e quando se trata dele, sou magistrada — sussurro com um meio sorriso e então, me levanto. — Por isso o teu veneno não irá me atingir dessa vez. Talvez se houver uma próxima, você não tenha a mesma sorte e, além disso, vai que eu tenha uma arma por perto... ao contrário de você, que é um assassino que não mata sem motivo, eu mato sem pestanejar quando alguém me irrita e isso para mim, é motivo grande o suficiente.

Quando me afasto em direção aonde Luciano está batendo em uma porta simples de madeira, Laureano sorri e essa é mais uma das vezes milagrosas em que eu o vi sorrir.

Sim, captei o que ele tentou fazer e ele percebeu que eu o entendi.

— Você tem sorte que estou começando a me simpatizar com você — sussurra baixinho, mas PERIGOSAS ACHERON

como ainda não estou muito longe, sou capaz de escutá-lo.

Viro-me e andando de costas em direção a Luciano, observo-o.

— Teu irmão parece ter alguns motivos para me manter afastada – digo e ele revira os olhos. — Mas você não tem, então... – Pisco um olho para ele que sorri. — Não seja mau. Sou sentimental.

E finalizo minha andança de costas com um biquinho. Então me viro ficando de frente para Luciano que parece cansado observando a porta a sua frente.

— O que foi? – pergunto e ele suspira.

— Pelo amor de Jeová, não sei lidar com essas coisas. Quem mora aqui é surdo? – questiona mantendo o tom de voz baixo. — Ei, sai logo. Não tenho paciência para esperar – grita, esmurrando a porta de madeira até que ela é aberta por um senhor de idade que aparenta não estar gostando da nossa presença aqui. — Quem foi que matou quem aqui?

O senhor arqueia a sobrancelha.

— Eu deveria te matar para chamar atenção? – pergunta parecendo devanear, mas o senhor não se importa com o que ele pode querer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu deveria te matar para sair da minha porta?

Luciano sorri.

— Gostei de você, mas é tão irritante que...

— Pai, pare – alguém gritou no fundo e isso me fez olhar para o lado de dentro da casa, vendo que um homem de mais ou menos trinta anos, carregando uma adaga na sua mão, aproxima-se do pai. — Não se meta em brigas que são minhas.

Ao alcançar o pai, tenta o afastar para trás, mas o senhor parece não querer o fazer.

— Você é novo, não entende da vida. Deixa que eu resolvo – rosnou o mais velho, mas o filho não estava dando ouvidos a ele.

— A briga é minha, pai. Não tente se machucar por minha causa – sussurrou e então tomou a frente. Fechou a porta e ficou do lado de fora, a adaga na frente do peito.

— Sim, que lindo – disse Luciano sorrindo.
— Seu pai é um fofo, mas me diga... você matou quem e por quê?

— Por que quer saber?

Luciano suspirou descendo o olhar para o chão.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que busca um pouco de controle e paciência para lidar com essa situação, mas como estou um pouco caridosa hoje, o ajudarei nessa tarefa.

— Ele está tomando a frente dessa comunidade agora. — Quando o homem escutou minhas palavras, logo pôde arquear as sobrancelhas em claro entendimento. — E estamos recrutando soldados... logo, como você é valentão deve se encaixar no que ele quer.

Luciano suspirou novamente sacudindo sua cabeça.

— Não, não. Não quero valentões. Desejo lutadores e atiradores que sejam fiéis e...

— Se eu for um dos seus soldados, garante proteção para a minha família? — questiona parecendo quase esperar por isso há muito tempo.

— Quero fidelidade — disse em tom sentencioso. — Sabe lutar? Atirar?

O homem encara Luciano com firmeza, mas sendo sincera, não o considero de confiança. Ele parece apenas desesperado por proteção ao pai, mas acredito que se alguém oferecer alguma coisa maior em troca, ele se rebela. Acontece demais em PERIGOSAS ACHERON

sistemas como esse. Ele poderia manter jogo duplo entre Luciano e um inimigo aparente.

— Sei atirar e sou bom de briga.

Luciano acena parecendo ponderar o que ele diz.

— Ok, apresente-me mais pessoas que sabem lutar tanto quanto você e que queriam fazer parte desse exército – disse e o homem acenou.

Em poucos instantes, Laureano se aproximou do nosso pequeno grupo e com o olhar na adaga que o homem segurava, levantou sua mão.

— Entregue-me – ordenou e o homem hesitou.

— Acho que ele planeja te matar, Luciano – eu disse, porque isso parecia lógico na minha cabeça.

Até onde fiquei sabendo, Luciano invadiu esse lugar e matou o homem que estava no poder da comunidade, logo os moradores devem acreditar que qualquer um que ousar fazer o mesmo, acabará com a liderança da mesma forma. É óbvio.

— Acho que ele não ousaria, afinal não quer prejudicar a família dele, não é mesmo? – questiona observando o homem com atenção, enquanto ele se

PERIGOSAS ACHERON

assusta.

— Sim, ele quer te matar — afirmo e me afasto dos dois.

Maior perca de tempo ficar aqui com esse homem na minha frente, porque é óbvio o que irá seguir. As palavras ditas ao pai, seu nervosismo, o suor escorrendo por sua testa... está suspeito demais para se tornar um aliado. Certamente, ou quer matar Luciano assim que ele der as costas, ou irá levá-lo a alguém que se certificará de o fazer.

Retorno para o bar e logo escuto um gemido alto vindo do homem, mas isso é claro que aconteceria. Às vezes acho que Luciano é um pouco idiota.

Por que ainda insistir nisso, se já sabe o que vai acontecer?

Eu ein.

Sento-me à mesa e derramo um pouco do whisky no copo, então o tomo.

Aprecio desse momento, enquanto bebo mais do meu líquido forte. Luciano desvia dos golpes que o homem lhe tenta desferir, enquanto a adaga permanece na sua mão. Laureano observando aquela cena, revira os olhos e isso me faz sorrir

PERIGOSAS ACHERON

enquanto bebo.

A porta retorna a ser aberta e o mesmo senhor aparece com uma espingarda nas mãos. Laureano assim que percebe sua intenção, trata de desarmar o pobre homem e quando em um movimento desajustado, Laureano o faz dar dois passos para trás, logo ele se ajoelha. As lágrimas que escorrem dos seus olhos são o suficiente para me fazer tomar outro gole de whisky, afinal ele parece realmente sofrer ao ver que o filho está a um passo da cova.

Luciano, querendo finalizar o que tem na sua frente, então o golpeia na cabeça com o joelho, no exato instante em que ele tenta se abaixar para agarrar as pernas dele. Sinto vontade de sorrir, porque essa é uma cena cômica. Acho que Luciano deu um golpe realmente forte, porque o homem cai ao chão desacordado e com sangue escorrendo pelo nariz. Morrer de um jeito tão miserável deveria ser proibido para a visão das pessoas.

— Nem acredito que foi tão fácil... eu esperava algo mais emocionante quando a senhorinha falou daquela forma. Eu ein – ele disse em voz alta o suficiente para ser ouvida por toda a

PERIGOSAS ACHERON

rua e logo estava rindo.

Afastou-se do corpo dele e se encaminhou na minha direção. Parou na minha frente e encheu outro copo com whisky, então o bebeu.

— Bom... — disse e se afastou para a parte de dentro do bar.

Chutou a porta que a senhora fechou e quando ela se abriu, escutamos o grito pavoroso da pobre mulher.

Bem, por mais que esteja em uma idade avançada, tal traição não pode ser deixada em pune, logo ela deve ser punida junto ao pai e o filho que atentou contra a vida dele.

— Vovó, a senhora me decepcionou — ele disse entrando ainda mais no estabelecimento. — Pensei que a senhora fosse fofinha, como se espera das avós, mas é tão perversa.

Ele suspirou e isso me fez sorrir.

— Eu... eu... não pude negar. Nem te conheço, nem sei de onde veio — ela dizia e eu não quero escutar o que sucederá daqui, então me levanto e antes de me afastar daqui, encho meu copo de whisky.

Caminho pela longa avenida de cimento e ao
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passar por alguns bueiros fedidos, sinto como se estivesse entrando em uma vala da morte. Pessoas parecem não transitar por esse local, as portas das casas estão fechadas como se não houvesse moradores, como se fosse abandonada e eu acho que isso não está certo, nada aqui parece certo ou viável.

Semicerro meus olhos e bebo mais um gole, quando acho uma avenida de terra. Há outro bar e, ao lado dele, duas mercearias. Ambos abertos e ao que indica, há pessoas no interior. Isso me traz curiosidade, porque ainda não pude ver muitos rostos desde a minha chegada. Talvez tenham sido avisados da nossa chegada e se esconderam ao ver o que se aproximava ao possuir um corajoso a querer matar quem derrubou o líder desse lugar.

Suspiro e caminho em direção ao primeiro bar. A parte de fora está vazia de pessoas, contendo apenas as mesas e cadeiras sozinhas. Como a porta está aberta, entro e logo escuto um barulho de um sorriso alto, porém vacilante, típico de bêbados.

— Bom dia — disse um homem atrás do balcão.

Da entrada, posso confessar que gostei do
PERIGOSAS ACHERON

ambiente, porque já me mostrou muitas garrafas de conteúdos alcoólicos. Vinhos, cachaças baratas, whisky, cerveja, cachaça cara, rum, tequilas... sinceramente, tornou-se o melhor.

— Belo dia – digo sorridente ao me encaminhar cada vez mais para o interior.

— Oi, moça – disse alguém um pouco longe de mim. — Bom dia. Hoje vai morrer gente aqui... cuidado – falou com sua voz arrastada e tal aviso me fez olhar para trás, tamanha minha curiosidade.

Vejo um homem moreno, tamanho mediano, veste um par de roupas simples, que me fazem lembrar da minha estadia em uma cidade afastada, quando tive minha primeira missão. Os pés nus e sujos de areia me fazem sorrir, porque me rendem boas lembranças das pessoas que por lá conheci, mas que infelizmente não posso dizer o mesmo que elas sintam por mim.

— Acho que já morreu. Acabei de ver um estirado no chão, enquanto o pai chorava... uma pena – eu disse balançando minha cabeça com um ar de pesar. — Tive que sair da mesa do bar, porque parece que sobrou para a dona dele.

Levanto meu copo vazio e estendo para o

PERIGOSAS ACHERON

homem do balcão.

— Por favor, quero uma dose do teu melhor whisky – peço e ele acena, mas parece preocupado.

— Falta de aviso não foi. Eu até avisei a ele para não fazer nada... falta de aviso não foi. Isso! Isso é briga de peixe grande, moça... falta de aviso não foi.

Sorrio o escutando arrastar mais uma vez.

— Ei, *compadre*. Bota mais uma aqui pra mim – pediu antes de engolir o resto do conteúdo que estava no seu copo.

— *Compadre*, você está muito bêbado. É melhor diminuir – ele disse derramando um líquido amarelado no meu copo.

Sorri, porque aquilo parecia tão normal e corriqueiro.

— Depois da próxima, eu paro, *compadre*. Bote aqui – repetiu o pedido e eu sorri pegando o meu copo e o levando aos meus lábios.

Quando o homem do bar derramou mais whisky no copo do bêbado, ele virou o seu olhar para mim e levantou o dedo.

— Falta de aviso não foi – repetiu e quando o copo estava pela metade do líquido, abriu um
PERIGOSAS ACHERON

sorriso banguela que me fez sorrir junto com ele.

Bem, não tenho nada para fazer agora, então ficarei aqui mesmo na companhia desse bêbado.

— Por que não tem ninguém na rua? — pergunto bebendo mais um gole do whisky.

— Porque Dante queria matar o poderoso que matou Búfalo.

— Peixe grande, *compadre*. Isso é coisa de peixe grande, mas falta de aviso não foi — repetiu o bêbado ao tempo que sorvia mais do conteúdo do seu copo.

— Mas eu escutei a senhora do bar dizer para o homem que chegou lá, que estava péssimo o clima daqui, porque um homem tinha matado outro — digo e logo bebo mais um pouco.

— Aquilo foi para chamar a atenção dele. Não sabíamos onde ele pararia primeiro, então espalhamos o boato que isso tinha acontecido para mostrar que Dante é perigoso, mas ele não é de nada...

— Falta de aviso não foi! — gritou batendo com o copo sob o balcão.

— É mesmo, *compadre*. Quis se mostrar...

— Ele é peixe pequeno, *compadre*. Não sei o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que peixe pequeno quer se metendo com peixe grande.

Mal sabe ele que a junção de vários peixes pequenos é capaz de lidar perfeitamente com um peixe grande. Mal sabem eles que tudo o que o homem que eles se referem como peixe grande, é tão pequeno quanto eles e que, tudo o que busca é juntar os pequenos para lidar com o poder do grande que o massacrou durante longos anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Vilk Jane



Quando retornei para o bar em que estava anteriormente, uma cena um tanto cômica estava armada ali e não me contive, em meio a minha embriaguez, em rir do que se formava.

O homem que Luciano brigou há alguns instantes está com as mãos e os braços amarrados em uma das estacas de madeira que sustentam o teto. A boca lacrada com uma fita preta e, ao seu lado, observando tudo está Luciano com Laureano. Enquanto um bebe whisky, o outro bebe suco. Não vou mentir que sinto vontade de rir e continuar aqui observando, mas não sei. Meu pensamento não para de retornar para Lince e o que esses dois me disseram. Tenho medo que ele realmente desista da sua vida. Sinto que não posso e não serei capaz de conseguir superar tal perda. Ele foi e continua sendo o homem que toma conta da minha cabeça nos melhores e piores momentos, por isso que

desejo ir embora e em busca dele, em busca de apenas observar o seu lindo rosto enquanto o restante da vida lá fora se esvai.

Não me importaria se o mundo acabasse agora se eu tivesse a certeza que ele estivesse bem. É por me preocupar com ele e com seus pensamentos destrutivos que decido ir embora.

— Luciano, pede um táxi para mim, por favor – peço ao me aproximar o suficiente dele, então quando sobe seu olhar para o meu, observa-me por mais tempo que o normal.

— Você está bêbada? – questiona arqueando uma sobrancelha.

Como não desejo que ele comece a encher meu saco, então reviro os olhos.

— Óbvio que não.

— Óbvio que sim.

Eu e Laureano falamos ao mesmo tempo e quando me dou conta do que ele quer insinuar, semicerro os olhos e coloco o copo que carreguei nas minhas mãos em cima da mesa de maneira desajeitada, típica de uma bêbada.

— Você não sabe de nada – digo, mas ao vê-lo me encarar com um ligeiro sorriso sendo

PERIGOSAS ACHERON

disfarçado de seriedade, não consigo me segurar e logo estou rindo.

— Sim, ela está bêbada – escuto o sussurro de Luciano, mas para deturbar o que ele está concluindo, sacudo minha cabeça. Tentando ficar séria, levanto minha cabeça e o dedo indicador.

— Você não... entende de reações bêbadas.

Tento parecer séria, mas acontece o completo contrário. Meu riso parece tão solto que não consigo me segurar.

— Deus – sussurra Laureano sorrindo.

— Meu amigo Jeová está de prova que você bebeu demais enquanto tive que lidar com esses travessos – ele diz apontando para a parte de trás dele e quando acompanho o que ele aponta, não posso evitar de sorrir mais um pouco.

A senhora dona do bar está amarrada em uma cadeira e ao lado dela, está o senhor, pai do tal Dante.

— Olha, gente, não tenho nada a ver com isso, viu? – digo e ver as lágrimas do senhor me deixam um pouco triste tão rápido quanto resultou para sorrir facilmente. — Eles precisam ficar presos?

Ele suspirou.

— Não sei se você sabe, mas hoje em dia usamos um aplicativo para chamar carros e onde quer que estejamos, ele virá. Senta aí que vou chamar um deles para você – diz e logo saca seu celular, mas não desejo apenas sentar e esperar. Poderia beber mais um pouco... — Olha, tem vários nas proximidades. Que tudo, *fofa*.

Sorrio do seu jeito.

Se ele não fosse casado, certamente diria que é gay.

Se não estivesse o conhecendo aos pouquinhos, diria que é frio e um sociopata calculista.

— Pronto. Já pedi – diz subindo seu olhar para me encarar. — Bem rápido e prático.

Aceno positivamente gostando do quão rápido está sendo para resolver meu pedido. Muito competente, ele é. Gosto disso, não vou mentir.

— Ok, cunhado – digo pegando o litro de whisky e o derramando no copo que acabei de colocar em cima da mesa. Derramo o necessário para um gole e assim, bebo.

— Graças a Jeová, minha artilharia chegou –
PERIGOSAS ACHERON

ele disse se levantando.

De início não entendi o que ele estava falando, mas quando uma *Hillux* preta parou em frente ao bar, então compreendi. Na carroceria vários homens estavam esperando com armas em mãos. A porta se abre e então, Inseto sai dela exibindo um largo sorriso, mas quando me encara, não evita o semicerrar de olhos que surge nas suas vistas.

— O que essa *Bitch* faz aqui? – perguntou ao se aproximar da mesa.

— O que esse insetinho faz aqui? – questiono o observando com atenção.

Ele sorri e eu o acompanho, porque mesmo que eu saiba que ele nutre ressentimento pelo que eu fiz com ele durante o tempo que o manti em cativeiro, não consegui não devolver o sorriso dele. Inseto pode ter um olhar vazio, mas vi que quando olha para as crianças, o brilho e a vida retorna até ali. Então, sim, eu até que tenho um pouco de simpatia por ele.

— Por que está rindo, Bitch?

Dou de ombros ainda sorrindo.

— Você não é tão malvado quanto parece –
PERIGOSAS ACHERON

digo levantando meu dedo e o rodeando na frente do seu rosto.

— Sou muito malvado. Você não faz ideia, pequena *Bitch* traiçoeira – ele diz semicerrando os olhos e mostrando os dentes em uma careta malvada, mas tal gesto só me faz sorrir.

Na verdade, estou entre assassinos. Pessoas más, danificadas pelo passado e que cujo presente está marcado por tal. Não há como o enxergar de outra forma, afinal não sou diferente dele. Nenhum de nós aqui somos. Eu faço pessoas sofrerem enquanto dormem, enquanto respiram. Eu as torturo e as observo sofrer por horas como se tudo isso não fosse nada. Talvez, tenhamos almas de animais irracionais, aqueles que não pensam antes de matar e conseguir, na maioria das vezes, seu alimento. E, se observar bem por esse lado, não estamos sendo diferentes, já que perseguimos e matamos em troca de dinheiro.

— Você já o viu derretido com minha pequena menina? – Luciano pergunta ao se levantar.

Um sorriso está presente nos seus lábios e eu não posso deixar de sorrir junto a eles. Talvez,
PERIGOSAS ACHERON

possamos ser animais, mas que existe um pouquinho de humanidade dentro de nós, isso existe.

— Sim, ele é um fofo – digo e ele me encara como se eu fosse algum bicho de sete cabeças.

— Você não tem o direito de me dizer isso, *Bitch*. Você foi a desgraçada que me deixou preso por dias sendo vítima da tua tortura diária. Poupe-me dos elogios – sussurrou e logo desviou o olhar para Luciano. — O que preciso fazer, chefinho?

Sorrio e Luciano logo se adiantou, dando dois passos à frente e se colocando ao meu lado.

— Preciso que busque alguns soldados por aqui. Pergunte por aí quem eram os outros homens que estavam com Búfalo. E avise Fred para manter um olho constante aqui. Preciso dele entre os meus para observar e colocar ordem no que eles querem bagunçar – disse Luciano e assim que Inseto acenou, então apontou para o homem amarrado à estaca. — Ele tentou me matar. Não queria matá-lo, porque entendo o lado dele, mas preciso fazer a lição prevalecer. Faça um estrago nele e deixe os vovôs de observadores. Acho que é castigo bom o suficiente, não acha?

Inseto sorri sacudindo sua cabeça.

— Deveríamos matá-lo.

— Eu concordo – digo levantando minha mão e quando ele retorna seu olhar para o meu rosto é com seriedade.

— Opinião de bêbada não conta – ele sussurrou e logo sorriu me fazendo revirar os olhos.

— Não estou bêbada, fofo.

Ele pisca, Laureano me encara e pisca, enquanto Inseto estuda com atenção meu rosto.

— O teu rosto está corado, tua boca mais vermelha que o normal, o cabelo desgrenhado, você está piscando com mais lerdeza e os teus movimentos estão reduzidos. Você não tem controle nem sobre a tua cabeça, imagina sobre o resto – ele disse e logo estalou a língua. — *Bitch*, você está bêbada.

— Se eu estivesse sóbria, já teria arrancado a tua língua por me chamar de *Bitch*.

Ele sorri e me encara sentindo o desafio que eu não lancei, mas que ele abstraiu como sendo um.

— Adoraria descobrir se isso é verdade...

Luciano suspirou cortando o que ele dizia.

— Ela está fora disso. Você sabe bem, Inseto.

Por favor, não me cause dores de cabeça por isso.

Um bipe de algum celular chama nossa atenção. Quando Luciano baixa a cabeça e tira o dele do bolso, observa o que há na tela e então, busca com o olhar ao redor.

— O carro chegou – diz e se afasta. — Cuide de tudo e não faça muito estrago, por favor – pede e Inseto pisca um olho para ele.

— Percebeu que ele está usando até “por favor”, agora? – ele sussurra e eu sorrio, porque suas palavras são verdadeiras.

Luciano não está tão grosso como era desde a primeira vez que o vi na masmorra da sua casa. Ele, por passar mais tempo ao lado das crianças, deve ter aprendido a ser menos bruto. Isso é bom.

— Vamos, bêbada e trevosinho – ele nos chama e sendo guiada por Laureano me aproximo do carro em questão.

Sim, eu sei o quanto tudo é anormal e o quanto estou me habituando com todos eles, mas não posso simplesmente mudar quem sou. Por mais dura que tento ser, não há como ser assim por tanto tempo. Ninguém nunca foi capaz de tirar o brilho que tenho vívido nos meus olhos quando estou em PERIGOSAS ACHERON

um local tão cheio de vida e isso é ótimo.

— Oh! — exclamo ao me lembrar de algo muito importante. — O whisky.

Volto todo o meu caminho e pego a garrafa consumida até a metade por não sei quem, então retorno ao veículo que me aguarda, já que Luciano e o irmão estão dentro, mas deixaram a porta aberta apenas me esperando.

Sorrio, entrando e sentindo o ar frio do veículo, deturbando o clima quente dessa localidade.

— Vamos para a fábrica do Lince — digo e logo estou suspirando quando vejo a troca de olhares entre Luciano e Laureano.

— Você está louca? — questiona me observando.

— Não. Só quero ir lá.

— Você lembra que desafiou Marinho, não é? — Luciano pergunta com uma careta, mas dou de ombros abrindo minha garrafa e bebo um gole do líquido embriagante que possuo em mãos.

— Vamos lá — diz Laureano e isso me surpreende. Desvio meu olhar para ele, que ao meu lado permanece sério.

— Você mentiu mesmo? — pergunto e ele retorna o olhar para mim, revelando um leve esticar de lábio.

Acho tão lindo que os três fazem isso sem nem perceber.

Acho tão lindo que os três se parecem tanto.

— Mentiu em partes — disse Luciano. — É verdade que foi traído e enganado, mas por vingança, ele matou várias vezes. Sendo bem mais específico, ele matou todos os oficiais da localidade que estava. A cidade que já é um caos, transformou-se em um pesadelo. Sabe as guerras entre terroristas que há por ali? Então... sozinho, ele acabou com todos e, inclusive, com o local em que foi criado por anos. Laureano pode tentar mentir, mas eu sempre estarei um passo à frente. Sei reconhecer quando mentem e sei quando tentam me enganar. Você pode ter fraquezas, gatinho, mas nada justifica você tentar magoar pessoas como nós, tentando rebaixar quem somos e o que fazemos. Esse joguinho não funciona comigo, que fique bem claro.

Suspirei e quase me engasguei com o líquido que acabei de engolir ao escutar Luciano.

— Quando ficou sabendo de tanto?

— Eu vi tudo – ele diz dando de ombros. —
Você esqueceu de se livrar das câmeras de segurança – ele disse e Laureano bufou.

— Não. Eu as deixei propositalmente –
murmura desviando o olhar para fora do carro.

Sinto vontade de rir quando olho para o motorista. Ele está tremendo enquanto desvia o olhar de Laureano para Luciano. Acho que a qualquer momento estará pulando do carro e correndo, por isso trato de o confortar um pouco.

— Relaxe, moço. Eles estão inofensivos no momento – digo sorrindo e o homem pisca, claramente tenso.

Luciano desvia o olhar presente sob Laureano e foca no celular. Digita algumas coisas e logo retorna para o motorista, o entregando o aparelho.

— Vamos para esse lugar – disse sério e o homem apenas acenou, pegando o celular da mão dele.

Suas mãos trêmulas são notáveis.

No carro, o silêncio prevalece por todo o caminho até a fábrica de Lince. Há alguns intervalos quando movimento a garrafa de álcool e

PERIGOSAS ACHERON

a bebo sem interrupções, mas logo é esquecido. Suspiro, quando sinto o cansaço abater o meu corpo e logo minha cabeça pende sob o ombro macio e forte de Laureano.

— Acho que Lince não ficaria feliz se visse isso – escuto o sussurro de Luciano.

— Ele nem se importa – digo, minha voz saindo como um devaneio que se perde entre o ar do carro.

— Eu me importaria – sussurra Laureano... ou é Luciano?

As vozes são tão parecidas que torna um pouco difícil tal distinção.

Repouso e fecho meus olhos lembrando do tempo em que eu passava ao lado de Lince na instalação que nos mantinham. Apesar de eles passarem mais tempo me submetendo a diversas torturas, o espaço de tempo que eu tinha ao lado dele era como se uma eternidade estivesse passando por meus olhos cansados.

Havia momentos em que nos entregávamos a lasciva paixão dos nossos corpos adolescentes, quase adultos, e decorrente disso, logo após um tempo, engravidei da nossa bebê. Queria, do meu

PERIGOSAS ACHERON

mais profundo pensamento, lembrar um pouco da sua face delicada antes de ser arrancada dos meus braços minutos após o seu nascimento. Não tive a oportunidade de ao menos dar a sua primeira dose de leite materno. Sinto-me triste, a caminho da morte, quando recordo disso.

Poderia não pensar, mas é tão impossível.

Lembrar que Lince nem sabe da existência da nossa filha é ainda mais doloroso.

Recordar que não poderei ter outro bebê, parte ainda mais o meu coração.

Suspiro.

As lágrimas que escorrem por meu rosto é a única marca de saudade que posso deixar para ela, sem saber se está viva ou morta. Se está bem ou se é feliz onde quer que esteja.

— Você está bem? — um deles pergunta, mas eu trato de limpar a marca do meu sofrimento e logo estou colocando um sorriso nos lábios.

— Sim, não poderia estar melhor — digo levantando minha cabeça do ombro.

Nesse momento, o carro para na frente de um grande prédio com a sua metade destruída. Certamente é algum lugar perto do bairro PERIGOSAS ACHERON

abandonado onde está localizada a fábrica de Lince.

Vejo Luciano pagar o motorista e logo está saindo do veículo sem esperar o troco. Suspiro, os seguindo, mas eu acho que bebi demais, porque estou um pouco tonta. Minha visão torcida me faz sorrir.

— Pelo amor de jeová! Sensit sabe que a amiga dela bebe desse jeito? – um deles sussurra por perto de mim.

Logo braços estão rodeando a minha cintura e para me apoiar melhor, descanso meu braço sob seu ombro alto.

— Vamos logo – o que me segura rosna e eu acho que estou ao lado de um animal.

Fico passada com a capacidade destes homens serem duros e rudes. Eu ein.

Ajudando-me a estabelecer equilíbrio, esse ao meu lado me encaminha por entre as ruas sem movimentação. Luciano toma a frente e isso me leva a crer que quem me ajuda é Laureano. Sua presença perto de mim me faz sorrir ao imaginar qual seria a reação de Lince ao vê-lo me ajudar.

Sorrio sentindo minhas pálpebras pesadas.
PERIGOSAS ACHERON

Caminhamos por toda a avenida de terra até chegar nos portões eletrizados da fábrica de Lince. O irmão mais velho dos três, intitulado por Luciano e considerado o diabo, acena para a câmera e logo está apontando para mim, algo que me faz revirar os olhos e levantar a minha mão para o depositar um golpe perto da sua nuca.

Escuto um rosnado baixo e não posso não rir apertando ainda a minha garrafa de whisky ao redor da minha mão embriagada.

Abro os meus olhos e vejo o portão se abrir, então retorno a caminhar ao lado de Laureano, que permanece ao meu lado, carregando-me até que estou perto do outro portão de entrada.

Quando chego em frente a ele, vejo que meu lindo amor corre de dentro para fora. O rosto aflito, a respiração entrecortada e os olhos arregalados me fazem sorrir, porque até assim, ele é lindo.

Aproxima-se de mim, respira fundo e coloca a mão na cabeça, bagunçando o seu cabelo que estava perfeitamente alinhado com um produto qualquer.

— Ela quer se matar e me matar no processo – ele sussurra ainda me encarando e logo seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

desvia para Laureano. A raiva no seu rosto é notória, mas a minha vontade de o proteger é maior. — Naldo! — brada e eu sorrio, porque até irritado ele é lindo. — Traga o maldito carro. Agora!

Arrepio-me ao em vê-lo assim, todo irritado por conta de algo tão supérfluo como isso.

Por segundos, ele observa Laureano e quando desvia o seu olhar para mim falta pouco para explodir, sinto isso em cada um dos seus poros, por isso que tiro meu apoio do ombro de Laureano e o afasto um pouco, ficando em pé sozinha. Respiro fundo e nesse momento sinto minhas pernas bambas. Quando penso que vou cair, um par de mãos grossas está me segurando e o cheiro que sinto em sua camisa está presente sob minhas narinas.

— Peguei você — sussurra perto do meu corpo e novamente, tento ficar em pé, mas nesse processo de tentativas, sinto algo escorregar da minha mão e eu acho que é a minha garrafa de whisky.

— Engraçado que ela me criticou por não beber e sem esvaziar uma garrafa já está assim —
PERIGOSAS ACHERON

escuto a fala de Laureano e me arrumando nos braços de Lince, tento o encarar.

— Fofo, eu não bebi apenas essa... Antes de retornar, estive em uma competição de quem ficava bêbado primeiro com um bêbado. Eu ganhei e não estou bêbada.

Luciano ri e como é natural dele, acontece de o som sair mais alto que o normal.

— Nada bêbada, fofa – ele diz e eu reviro os olhos.

Ao redor da minha cintura os braços dele se apertam antes de soltar um rosnado baixo.

— Onde está a maldição desse carro? – bradou para um ser humano qualquer que deve estar atrás do meu corpo embriagado.

— Vindo, senhor – escuto alguém dizer.

— Senhor, senhor!

Essa voz feminina... é a secretária que, por obséquio, é conhecida de Íris?

— Ainda restam compromissos para o se...

O carro se aproxima e quando para ao nosso lado, ele se inclina e abre a porta, então me ajuda a entrar, mas eu não entendo o porquê de o fazer.

— Foda-se – ele rosna antes de tomar o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acento ao meu lado direito, porque no esquerdo, a porta se abre e Laureano entra, enquanto na frente Luciano ocupa ao lado do motorista.

Feçam as portas ao mesmo tempo e tal sincronia me faz sorrir novamente.

— Não confio em você – acho que é Luciano quem diz isso.

Não quero abrir meus olhos para ver, porque estou um pouco sonolenta, então estou derreando minha cabeça em qualquer ombro que estiver ao meu alcance.

— Saia do carro agora, eu dirijo.

Essa é a última coisa que registro antes de cair nos braços de Morfeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Lince Arias



— Era obrigação de vocês garantir que ela não extrapolasse – rosno novamente batendo com meu punho contra a mesa da minha cozinha.

Os dois malditos estão de braços cruzados me observando, ambos de olhos semicerrados. Por mais que eu tenha passado minutos aqui falando sobre o quão irresponsáveis são por não cuidar direito dela, eles permanecem me observando como se o errado de toda a história fosse eu.

Pelo amor de Deus!

Desde que essa mulher chegou, não tenho concentração para mais nada no mundo inteiro. Meu pensamento é permanente nela. Em como passou durante todos esses anos, onde esteve e agora, os recentes, é o medo crescente de que ela acabe se interessando por esse maldito que está toda hora na sua cola. Sou humano e como qualquer outro, tenho inseguranças. Eu a amo e não

é fácil apenas pensar que a qualquer instante posso perdê-la para ele, esse maldito. Ele é bonito, apesar do olhar vazio, mas isso não impede nada.

Preciso respirar fundo... eu preciso.

— Quero os dois fora da minha casa e das nossas vidas – rosno e Luciano dá de ombros, agora desviando o olhar para observar a minha cozinha.

— Ela é o braço direito da minha irmãzinha – começa e eu juro que ouvir a sua voz é o suficiente para desejar matá-lo. — Elas são inseparáveis. Duvido que saiba o que minha irmã fez para protegê-la e o que ela, Vilck, fez para ajudar minha irmã... então, não comece tentando estabelecer limites onde não pode.

Cada palavra dita por ele foi proferida enquanto encarava a maldita cozinha e isso está começando a me irritar.

— Sinto-me sufocado nessa casa – diz com um suspiro.

— Parece uma prisão, não é? – questiona o outro que terei o maior prazer de eliminar.

— Que maldição é essa que te deixam? Por que permanece assim? Você tem poder, tem habilidades, dinheiro... o que te prende?

Travo minha mandíbula quando ele retorna o olhar para o meu rosto. Odeio isso, odeio perder o controle e não conseguir mascarar o que sinto. Essa é a minha pior falha, a que nunca consegui superar, mas que tento encobrir. Não é com todos que funciona, mas com os poucos que consigo ainda sim é um progresso.

— Do que está falando?

O maldito ri, debochando da minha cara.

— Você está sendo ameaçado, não é? — questiona semicerrando os olhos e eu apenas pisco, sentindo meu rosto esquentar.

— Sim, está — conclui o outro.

— Sabia!

— Acho que ele tem uma família fora do caso com Vilk e que os filhos e a esposa estão sendo mantidos em cativeiro por Marinho — diz o idiota que está como segurança de Vilk e tal palpite me faz rir.

Até parece que eu conseguiria estar com outra mulher que não fosse aquela que descansa no meu quarto... até parece.

— Não, não é — diz Luciano exibindo um meio sorriso. — Ele é uma máquina de verdades e

PERIGOSAS ACHERON

mentiras. Até minhas filhas mentem melhor que ele.

Seu comentário me faz bufar novamente.

Não sei o que ainda estou fazendo aqui, deixando que eles falem e me insultem dentro da minha maldita casa, onde por mais que não possa mandar ou ordenar em algo, ao menos ainda o título de minha ainda permanece nela. Aos poucos estou perdendo o controle da minha vida e isso é o que mais me deixa confinado ao fracasso, a morte, ao fim.

— Vão embora da minha casa agora – rosno suspirando fundo, mas o olhar deles desviam do meu e então, começam a se encarar.

— Deveríamos contar agora? – o tal Laureano questiona ao observar Luciano e a presença dos dois está me irritando mais que o normal, mas ver Luciano sacudir a cabeça lentamente me faz, realmente, começar a ficar intrigado.

— Contar o que? – questiono, o meu olhar presente em Laureano, mas ele dá de ombros desviando o olhar para a porta.

— Eu disse a Vilk. Disse a ela que deveria
PERIGOSAS ACHERON

seguir a vida dela e te deixar, já que você está destinado a morte. Essa casa é o maior prelúdio. Não entendo como ela pode continuar insistindo. Deveria deixar para lá – ele fala e a minha boca cai junto com a descrença que me abate em surpresa.

— Não entendo essas mulheres que se humilham tanto atrás de homens que não se importam com elas – o outro sussurra como se fosse uma confissão ao se inclinar em direção ao outro, mas infelizmente sou capaz de escutar cada palavra do que estão falando e nada disso faz sentido na minha vida.

Nada, tampouco eles.

— Estão na casa de um fabricante de armas... esperam que nessa casa não tenha uma? Que eu não saiba manusear o que fabrico? Insultam-me e ainda esperam sair daqui vivos? – questiono e Luciano arqueia uma sobrancelha.

— Não vamos embora até que ela acorde... temos assuntos a tratar ainda hoje – ele diz e agora sou eu a arquear as sobrancelhas. — Você sabe... sou inimigo do teu chefe, mas tenho mais poder e influência que ele, apesar que ele tenha, em contrapartida, pessoas inocentes em cativeiro sob

PERIGOSAS ACHERON

tortura contínua.

A expressão que ele mantinha muda gradativamente quando retorna a falar das pessoas... e eu não entendo como ele pode saber disso, ou o que ele quer com essas pessoas.

Gente como ele não se importa nem um pouco com os outros, não será ele a fazer minha opinião mudar.

— Ele deveria ir até a cidade que você mantém – disse Laureano encarando a parede da minha casa.

Ele não faz ideia do quanto me incomoda.

— Que cidade?

— Não confio nele para estar perto dos meus bebês – ele diz fazendo uma careta e tal gesto me rende outra revirada de olhos, porque é tão patético.

A única pessoa aqui que não merece confiança é ele.

— Vilk te mataria caso escutasse isso – o outro diz com um meio sorriso e Luciano o encara como se soubesse de algo...

A troca de olhares que acontece aqui é como se estivessem sabendo de coisas que eu não estou... é uma comunicação entre duas pessoas que se

PERIGOSAS ACHERON

entendem, mas isso dura por pouco tempo, porque, graças as forças divinas que do céu escutaram minhas preces, Laureano se levanta com um suspiro pesado.

— Acredito que essa casa está segura com você aqui, Luciano – ele diz e então caminha em direção a porta da cozinha e logo para, retornando seu olhar para trás. — Irei ver Íris e as crianças. A noite retorno para que você possa ir embora.

Luciano levanta. A boca aberta e o dedo logo está levantando, mas dos seus lábios não saem palavras.

— Mandarei Bomba vir, assim que eu chegar lá.

— Não. Deixe-o lá. O que você quer dizer? Que eu não posso tomar conta dessa casa sozinho? – questiona incrédulo, mas eu vejo o sorriso que o outro revela. — Que Jeová, meu amigo do coração, me dê paciência para lidar com esse demônio! Vem aqui, seu desgraçado. Vou te mostrar como é que se fere o orgulho do Diabo em pessoa.

— Adoraria jogar água nesse teu fogo baixo, mas... tenho um compromisso com Íris que não pode ser adiado. Com licença.

Suspiro sentindo uma leve dor de cabeça se arrastar por minha cabeça.

Deveriam ir os dois embora dessa casa de uma vez por todas. Sinto como se estivesse perdendo meu precioso tempo olhando para esses malditos, por isso que dou as costas para Luciano e saio desse cômodo. Vilk Jane está me trazendo muitos problemas e preocupações.

Hoje, mais uma vez, saí do meu posto para retornar a essa casa. Não terminei meus compromissos e, inclusive, saí no meio de uma reunião importante para o fornecimento de armas, mas sendo sincero, já não me importo com isso. Os negócios estão me deixando louco, mas saber que se eu não o fizer direito estarei dando fim a quem protejo pode ser ainda mais destruidor e tal pensamento, tal certeza, faz meu coração se apertar no meu peito, porque eu sei que Gregory é capaz de assassinar um deles para me colocar nos trilhos novamente e isso acarretaria no afastamento definitivo de Vilk da minha vida, acontecimento esse que não estou nem um pouco preparado.

Eles podem me tirar tudo, menos vida.

Não suporto mais perder e ficar sozinho.

A solidão me consome e já não consigo ser eu... sinto vontade de extravasar. De chorar e até de acabar de uma vez com esse sofrimento, mas acontece que se eu o fizer, talvez seja capaz dos outros morrerem da mesma forma.

Se hoje trabalho incessantemente para Marinho é por causa dessas vidas que, apesar de eu nunca as ter visto pessoalmente, sei das suas existências e saber que estão passando por tudo o que eu um dia passei é ainda mais torturante. A única coisa que posso fazer para diminuir suas dores é me render as suas ameaças constantes e, a cada foto que eles me trazem, vê-las vivas é o suficiente para que eu permaneça lutando.

Meu peito sufoca com o pensamento das suas realidades, a mesma que eu e Vilk compartilhamos.

— Irei me vingar, maldito — essa é a última coisa que escuto antes de eu entrar no meu quarto, onde Vilk repousa do seu embriagamento.

Dorme pacificamente enrolada nos meus lençóis, mas eu sei que não vai ficar assim por tanto tempo. Talvez em duas horas, no máximo, vomitará tudo o que bebeu e saber que ela vai passar por essa dor é o necessário para me deixar doente. Se eu

PERIGOSAS ACHERON

pudesse fazer algo para ajudá-la a superar isso, juro que faria.

Aproximo-me do seu corpo e me sento ao seu lado na cama, então assim, estou do seu lado perto do seu belo rosto e do seu corpo coberto por um lençol.

Meu único sonho é o de tê-la nas minhas vistas todas as horas do dia. Quero mantê-la segura e longe de tudo isso, mas ela parece estar mais afundada nesse sistema maldito do que eu, contudo, ela parece estar de um lado não tão perverso quanto o meu. Por mais que eu saiba o quão ruim Luciano pode ser e o quanto Marinho o odeia, a forma como ele cita os filhos, exibindo um brilho bonito nos olhos, me leva a crer que sua humanidade não está tão perdida quanto a de pessoas como Marinho e Malaquias.

Talvez, eu esteja enganado.

Luciano, por ser filho de Malaquias e seu braço direito, é um pouco estranho e de fato ainda mais perverso saber que juntou tantos aliados e usou de tal coisa para matá-lo. Traição pior que essa, certamente deve não existir.

Vilk se remexe na cama e isso chama minha

PERIGOSAS ACHERON

atenção.

Seus olhos se abrem e ela se levanta, apoiando apenas o cotovelo sob a cama. Nos olhos há um sorriso e ele está destinado a mim.

— Você é tão bonito — ela sussurra, mas logo escorrega na cama e suspira ao fechar os olhos.

Sorrio, porque ela faz o meu coração pular dentro do meu peito somente com essas simples palavras.

Essa mulher sempre foi a alegria dos meus dias.

Ela foi minha alegria só em lembrar que fez parte da minha vida.

Ela foi minha felicidade só em pensar que os seus lábios foram meus.

Mas, junto a sentimentos tão belos, também foi o meu martírio, porque se entregou para mim e fui o desgraçado que a abandonou após uma intensa noite de amor. Se o meu coração era tão dela como o dela era meu, então por que fiz isso? Por que a deixei na primeira oferta de liberdade?

Talvez eu não seja o homem certo para ela.

E, certamente, o homem certo para ela nunca deveria a abandonar depois de roubar o seu

PERIGOSAS ACHERON

coração.

E não, isso não é um pretexto para me afastar.

Essa é a verdade, a mais nua e crua.

Ela dormiu o resto do dia inteiro.

Não se levantou para ir ao banheiro e não houve a ínfima anúncio de vômitos.

Durante todo o dia fiquei ao seu lado, porque me transformei em um homem fraco por não desejar me afastar dos seus lábios carnudos enquanto dorme. O rosto limpo e pálido me preocupa, mas também me lembram do instante em que a vi corada por estar bêbada.

Escutando-a falar coisas desconexas, arrastei-a escadas acima. Tirei suas roupas escutando sorrisos baixinhos, como se esperasse uma extensão sacana a partir dali e apesar que eu estivesse aflito, preocupado, eu ri, porque esse é o efeito que ela traz para a minha vida.

A sua luz é o que me motiva a sorrir e eu não quero perdê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As lágrimas que agora escorrem por meu rosto denunciavam isso.

É tão difícil e deprimente possuir o amor na palma da minha mão e o deixar escapar como se não valesse nada, quando vale tudo. Ela é o meu tudo.

Não tenho mais nada a não ser esse sentimento que abarca o meu peito e que, a cada vez que preciso impor uma distância, sufoca-me mais um pouco. Juro que vou morrer a qualquer instante, eu sei que vou, porque certamente Marinho está sabendo da presença de Luciano nessa casa. Resta-me esperar que a morte me abarque.

Suspiro quando preciso me levantar e sair para beber um pouco.

Beber e fumar.

Eu só preciso disso para me sentir melhor.

Sim, apenas isso.

Levanto-me da cadeira e me encaminho para fora do quarto. Assim que estou na parte de fora, logo estou pegando um pouco de ar, mas o ar está impuro. Nada se compara ao que sinto aqui ao lado dela... nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Saiu da toca? – Escuto o questionamento de Luciano, mas não lhe dou ouvidos, porque, não sei, não estou no clima para falar com alguém agora. — Você está sendo vigiado, sabia?

Agora ele consegue minha atenção.

— Como?

Suspira e eu o encaro com atenção.

— Há três homens na casa da frente que estão nos observando – comenta dando de ombros. — Pensei em ir lá e os matar, mas não sei se deveria.

Pisco e a minha determinação acaba de ser um pouco abalada. E eu nem tenho tempo de pensar mais um pouco sobre isso, porque logo escuto o som de carros próximos daqui e quando param próximo a minha casa, acho que meu coração pode estar dando mais um pulo e essa é a minha hora.

Luciano faz uma careta e se aproxima da porta.

Ele a abre e revela um sorriso, quando a porta de um sedan preto se abre e uma mulher, a mesma que foi na fábrica com Vilk, surge. O braço amarrado em uma tipoia e muitos curativos ao

PERIGOSAS ACHERON

longo do seu rosto me assustam, porque eu não a tinha visto assim antes. Estava ferida quando surgiu do meu escritório, mas o seu rosto não estava ferido para precisar de tantos curativos.

Ao seu lado, um homem que não vi antes, está saindo e ao lado dele, um outro homem que até se assemelha. Então me considero perdido.

— Estou passado que ele te deixou sair de casa — Luciano disse sorrindo e ela revirou os olhos.

— Ele não manda em mim — rosnou e apressou os passos ao passar pela porta. — Onde está Vilk? — questionou me encarando e eu a devolvi o mesmo olhar. — Ele é irritante, mas é fofinho.

Tento suspirar, mas está tão difícil. Por que tudo está sendo tão insuportável de repente?

— Olha, eu sei que deveria esperar Vilk acordar para que pudéssemos dizer tudo, mas eu acho que esse é o momento que não pode ser adiado — ela disse, mas Luciano travou a mandíbula se colocando no meio, entre eu e ela.

— Não. Essa não é a hora, Sensit.

— Ela morreu, irmãozinho. A viva é a Zayxa.

Satisfação – ela disse sorrindo ceticamente, mas ele não se mexeu.

— Você é irritante. Não venha estragar o momento revelação triunfal. Esse momento deve ser icônico. Você entende?

Ela revira os olhos e sai da frente dele, para então se encaminhar até o primeiro sofá. Quando se senta, o homem alto que a acompanhou no carro, logo a está seguindo. Senta-se ao lado dela, passa um braço por trás do pescoço e assim, fechando os olhos e esticando as pernas sob minha mesa, ela relaxa.

— Você só tem até o momento que Vilk acordar de tempo para preparar o momento icônico – disse com um suspiro.

E enquanto eles trocam palavras que eu realmente não compreendo, permaneço com a convicção que há algo sério. Eles sabem de uma informação importante que eu não sei. Eles possuem vantagem.

Luciano caminha até estar em frente a ela, então a observa chocado.

— Gata, eu sou o dono da porra toda. Sou o demônio controlador desse inferno. Que diabos é PERIGOSAS ACHERON

que...

— Porra nenhuma. Cuida de terminar com isso logo – diz sem mexer um músculo e quando escuto um sorriso baixo, então desvio meu olhar e logo estou vendo o rosto de Laureano sorridente.

— Meu gêmeo me contou algumas coisas interessantes... você nem sabe.

— Não a irrite – rosnou o homem que está ao lado dela, o rosto contorcido em raiva.

Estou no meio de um hospício?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Martin



O movimento no hospital está bom o suficiente para não me preocupar, então foco em receber na sala de reuniões os investidores que preciso para compor a minha equipe.

Júlio tentou fazer fortuna e sucesso, mas estava obcecado a estar atrás de Íris, essa que hoje jaz em um túmulo qualquer, que não faço a mínima questão de ver. Mas tenho planos diferentes, penso de forma lógica e é aqui que meu império irá começar. Sem olhar para o passado, focarei apenas no que o futuro está me reservando, afinal nada mais pode me dar felicidade que isso.

Estive fadado a esse hospital desde sempre e, além disso, Marinho me deve muito mais que isso, exatamente por estar passando informações e cuidando para que os negócios que circulam em torno do hospital esteja cada vez mais em alta, então sim, mereço muito mais.

Vi o império de Malaquias ruir e o de Júlio nem se levantar. Tudo isso causado por um homem. Eles o provocaram, tentaram superá-lo. Estou no controle para seguir o que posso, não para superar ninguém. Quero poder, dinheiro e mais negócios, mas tais coisas são conquistadas aos poucos, não como eles fazem sempre desejando o êxito instantaneamente.

— Amor?

Sorrio ao escutar a voz melosa de Milena.

Ela entra nessa sala como se nada importasse, como se fosse dona de tudo e, apesar que eu não deseje maltratá-la tanto, sei que ela é a única que pode me ajudar a levantar tudo que desejo.

Já estou no controle das finanças, da produção de drogas e escravização, além do tráfico de pessoas. Então sim, meu império está se formando com bons pilares, tenho plena consciência. Se eu continuar do jeito que estou, sem provocar mais ninguém, tenho certeza que ninguém conseguirá destruir o que tenho.

Nem mesmo Luciano.

— Sim?

Exibindo um sorriso bonito, ela se encaminha
PERIGOSAS ACHERON

em direção a minha mesa, onde coloca em cima, um pen drive.

— Acabei de receber.

Aceno e a libero para sair, mas ela não o faz, antes de, como sempre, rodear a mesa e me beijar. Milena é uma safada, jamais poderia não afirmar isso.

Todos veem o quanto essa afirmação é verdadeira e se oferece para todos, mas eu não me importo, porque sei que no final, sempre irá voltar para os meus braços, contudo, não posso deixar que me traia com qualquer um e que realmente consiga fazê-lo.

Assim que ela sai da sala, logo coloco o pen drive no computador, para que assim eu possa ver a movimentação dos meus trabalhadores locais.

Vejo imagens da movimentação das drogas, logo em seguida, tenho dos presos sendo treinados para se tornarem assassinos em série perfeitos para lidarem com qualquer situação. Tal ato é fácil de se tornar realidade e para isso, usamos a psicologia. Ideia perfeita vinda do pai de Malaquias. Não há como existir um homem mais inteligente, não conheço. Formar assassinos em série para trabalhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao nosso favor é uma tacada de mestre.

Assim temos fidelidade, serviço e o melhor de tudo, sangue em mãos que nos traz muito dinheiro.

A próxima sequência de fotos é da casa do nosso fabricante de armas.

Lince Arias, nossa última opção possuindo o sangue de Nicolas, da mesma família de Malaquias, mas ao que vejo ele está perdido.

Luciano está junto com Laureano, esse que sai da casa.

Laureano era uma forte arma. Marinho esperava que, pelo fato de ele ser treinado por um velho amigo de Malaquias, acabasse do nosso lado, mas surpreendeu-se ao descobrir que foi ele quem matou aquele que o criou. Foi chocante e mesmo que soubesse da sua condição, pensou que poderia manipulá-lo, contudo, Luciano foi mais rápido.

Não posso correr o risco de ter mais um inimigo.

Luciano é forte demais sozinho e com os outros irmãos tudo ficou mais pesado. Ele pode reivindicar tudo, caso tenha todos do seu lado.

Suspiro pegando o meu celular. Seleciono o
PERIGOSAS ACHERON

número do meu assassino fixo, o único que possui poder suficiente para acabar com aquilo. Sobre isso, Luciano nada pode fazer, afinal Lince trabalha para Marinho, logo é um assunto nosso que precisa ser resolvido logo ou, tudo pode piorar.

“Mate-o.”

Capítulo 19

Lince Arias



A noite se arrastou até que a madrugada chegou, então os raios de sol estavam batendo à minha porta. Vilk não havia acordado até a madrugada e aquilo intrigou a nós, principalmente a mulher com o braço machucado, então ela subiu as escadas com a ajuda do homem que não desgrudava um instante sequer dela e se encaminhou até o meu quarto, onde Vilk dormia pacificamente.

— Eles são tão melosos — disse Laureano com um meio sorriso.

Talvez, durante o resto da noite estando nessa sala observando cada um deles e sem dizer mais uma palavra, eu possa ter descoberto algumas coisas intrigantes, como o fato óbvio de que todos eles estavam me escondendo alguma coisa e nesse combo, Vilk está incluída. Estar aqui dependendo de um homem para saber a verdade estava me

deixando louco, porque as possibilidades do que ele me diria estavam rondando de maneira incansável dentro da minha mente e começava a me desgastar.

Em instantes, o homem retornou com o rosto sereno, mas o olhar preocupado deturbava sua serenidade. Era impressionante como ele parecia com o outro de olhos azuis que está com o olhar grudado na minha janela, talvez observa os que mantêm vigília constante em mim.

Talvez Marinho já saiba das minhas visitas, mas estou achando muito estranho que até agora não tenha feito contato ou que nenhum passo tenha dado.

— Essa espera está me deixando louco — Luciano sussurra encarando o homem que acompanhou a amiga de Vilc.

Se ele está cansado e ansioso, imagine eu no completo escuro.

É por isso mesmo que estou me levantando deste sofá e estou me dirigindo para o meu quarto, onde esperarei que ela acorde. Subo as escadas e de alguma forma sinto como se todos os olhares estivessem sob mim, mas realmente não me importo, então continuo andando e só paro quando

PERIGOSAS ACHERON

estou em frente a porta do meu quarto, onde Vilk Jane está.

Ao abrir a porta, encontro as duas sentadas na cama. Estão conversando e eu estou surpreso, porque esperei ela acordar por horas e só agora ela o fez, talvez porque essa mulher a forçou a acordar? Semicerro os olhos, mas a conversa delas está tão profunda, que não notam minha presença.

— O que você descobriu? — questiona Zayxa, acho que foi esse o nome que ela disse anteriormente, observando Vilk.

— O hospital está cheio de assassinos do sistema. Reconheci alguns e eles estavam o rondando como se fosse realmente um local de trabalho.

Zayxa acena como se comprovasse algo que já sabia.

— Eu acho que ali tem alguma coisa... e, outra, antes de me ferrar, estive por lá e Teófilo já não estava por ali tampouco na sua casa. Não acredito que tenha viajado. O óbvio é que tenha sido assassinado. Percebeu algo sobre algum novo diretor?

Vilk sacode a cabeça e nesse momento, entro

PERIGOSAS ACHERON

no quarto e fecho a porta logo atrás de mim. A atenção delas voltam para mim, mas isso logo se reverte.

Estou chocado.

— Não... não sei de ninguém que o esteja substituindo, mas isso podemos resolver com facilidade. Com uma ligação, por exemplo – Vilk disse, mas Zayxa sacode sua cabeça novamente.

— Não, não é tão simples. O novo diretor do hospital é o mesmo que está no lugar de Júlio. Teófilo precisava morrer, porque ele estava se metendo em negócios obscuros que não o cabiam. Estava se metendo com outra área... estava tentando enfrentar Júnior Perverso – ela disse e Vilk suspirou.

— Você acredita que foi esse motivo da sua contratação?

— Estive lendo os papéis de Malaquias... e achei coincidência demais o fato de Luciano se apaixonar logo pela mesma mulher que Malaquias designou que ele fosse segurança, assim como acho coincidência demais ele me colocar em um hospital e ali, eu conhecer alguém como Adiel, mas há tantos elementos conflitantes... Tudo tem relação

PERIGOSAS ACHERON

com ele, entende? Não acredito que isso seja coincidência ou um mero chute do destino...

Pisco ainda não entendendo do que ela pode estar falando.

O que Malaquias tem a ver com tudo isso?

Vilk bufa sacudindo a cabeça.

— Maldito doente – rosna se levantando da cama. — Vou tomar um banho, porque estou podre – disse e sorriu ao se encaminhar para o banheiro do quarto.

Fui considerado como parte do cômodo, porque elas nem ao menos se deram conta da minha presença e eu não sei como isso pode ser mais embaraçoso e louco.

Zayxa se acomoda na minha cama e estica suas costas ali, então em questão de segundos está deitada.

— Você não se incomoda se eu tirar um cochilo na sua cama, não é? – questiona com um meio sorriso e eu não digo nada, porque estou descrente sobre tudo isso que está acontecendo na minha casa.

Sem conseguir permanecer aqui parado e esperando, encaminho-me para dentro do banheiro,
PERIGOSAS ACHERON

onde buscarei respostas com a mulher que banha al.

— O que você está me escondendo, Vilk? —
questiono parando em frente o box.

Quando a água para de escorrer e ela abre um pouco do box, então posso ver a metade do seu rosto.

— Muitas coisas — diz e não posso impedir de não ficar chocado com a veracidade da sua sinceridade.

— Por quê?

— Você nunca me perguntou nada, além do mais já deixou claro que não quer saber nada relacionado a mim, então... guardo tudo.

Bufo incrédulo.

— E você parecia engajada em me trazer para perto. O que aconteceu? Mudou de ideia? Laureano parece ideia melhor para você?

Juro que não era minha intenção colocar o nome dele no meio, mas parece que o medo que sinto está tão forte que é quase impossível o evitar. Não posso pensar no dia anterior, quando ela derreou a sua cabeça no ombro dele. *Deus!* Quis morrer e matar todo mundo naquela droga de carro. Isso é um grande e maldito inferno.

— Você se incomoda? – questiona aderindo uma expressão séria.

— Sinceramente, Vilk Jane, o que você acha? Minha respiração está tão rápida que mal consigo respirar, porque o meu coração bate em um descompasso maldito em que nada faz sentido. Parece que ela desacredita no sentimento louco que tenho por ela... acho que não mais vê o que eu sinto, mas o que posso fazer? Estou louco. Passei dias querendo que ela não acreditasse em nada, assim me esqueceria e eu poderia morrer com a certeza de que não estaria presa em um cara como eu.

— Eu acho que você me ama, mas não quer viver esse amor – ela disse olhando nos meus olhos e eu a compreendi, porque cada palavra sua é verdadeira e eu as sinto no meu coração.

É uma guerra perdida, uma discussão que não tenho forças para sustentar, mas a verdade que ela acredita não está inteiramente certa.

— Por que você não diz que é mentira? – ela pergunta me observando e logo está abrindo o box por completo, revelando agora, o seu corpo nu.

— O que está me escondendo tem relação

PERIGOSAS ACHERON

com Zayxa e Luciano? – questiono e ela sorri.

— Quando o assunto é sobre nós você precisa sempre estar fugindo? – Demonstra estar tão incrédula, que nem percebe estar fazendo o mesmo que eu. Quando penso que ela vai me dar as costas, então me surpreende como sempre fez. — Essa não é uma revelação que eu deva fazer, Lince. Vocês estão ligados de uma forma que você não acreditaria se não visse provas, mas as trarei. E quanto a nós, o assunto intocável, não se preocupe, porque a qualquer instante farei exatamente o que você quer.

E sem mais, ela se vira e retorna ao chuveiro, fechando o box com tamanha brutalidade que me causa mais temor do que o que eu estava sentindo há algum tempo. Seus olhos não estão nos meus e eu acho que esse é o momento em que ela desiste de nós dois, o momento em que vou morrer de fato sem me importar com nada, porque ela decidiu seguir em frente e sem mim. Por que eu deveria estar de outra forma? Por que estou tão triste e miserável? Por que a vontade de chorar está ainda mais intensa dentro de mim? Como eu poderia não estar diferente?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela toma todo o seu banho e eu permaneço no mesmo lugar até que ela sai. Espero que diga que tudo isso é mentira ou que me abrace, mas não. Ela passa por mim e o seu rosto sério, demonstra o quão pontuativa foi. Para a minha completa tristeza, ela se afasta. Por mais que eu desejasse exatamente isso, porque é o melhor para ela, não pude ficar feliz, simplesmente não deu.

Virei-me de costas e segui o caminho que ela fez em direção ao closet. Lá dentro, vestia as roupas que havia comprado. Nada meu, apenas tudo dela. Não que estivesse algo errado nisso, porque não tem, mas agora vê-la assim me rende saudades de vê-la com minhas peças... e sinto que quando ela sair por aquela porta, estará mais difícil de ela a vestir, porque a distância está ficando maior entre nós dois.

— Vilk, eu...

— Vilk! Onde ela está? – Essa é a voz de Laureano.

Está mais uma vez se metendo onde não foi chamado e eu acho que a qualquer instante posso acabar explodindo. Todo o meu ódio será destinado a ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Aqui – ela grita vestindo uma blusa, então logo ele está surgindo ao meu lado.

O meio sorriso nos lábios e o olhar inseguro. Detesto que isso possa causar alguma coisa no coração dela, juro que eu queria ser o único a causar batimentos acelerados no seu peito. Desejo ser o seu único homem, mas o que posso fazer se isso significaria sua morte? O seu fim?

A partir do momento em que a deixei naquela instalação maldita, fui destinado a servir ou a morrer. Ou eu seria fiel e serviria Malaquias ou morreria. Óbvio que ele não disse isso com tais palavras, mas estava claro sempre que tentava me controlar, mas ele encontrou uma maneira perfeita, a maneira em que me manteria nos trilhos sem um vacilo sequer.

— Precisamos ir. Luciano disse que temos um local para visitar – disse a observando e quando ela sorri, tomando o caminho em sua direção, juro que as lágrimas se arrastaram até a beiradinha dos meus olhos.

Tudo que desejo agora é chorar ou morrer de uma vez, mas tudo que tenho reservado é a obrigação de acompanhar o seu caminho para um

PERIGOSAS ACHERON

novo amor... ao lado dele.

— Visitar? O que? – questionou a mulher deitada na minha cama, o que causou um sinuoso sorriso em Vilck.

De alguma forma vê-la sorrindo é o necessário para me tornar menos miserável, porque no brilho genuíno que sempre revela ao sorrir, está claro a sua esperança em viver uma vida melhor, essa que infelizmente nunca poderei provar ao seu lado e esse pensamento me parte o coração ao nível de expulsar as lágrimas que aqui estavam presas e que, para não mostrar aos demais, escolho me virar e me encaminhar ao banheiro. Não preciso que meus inimigos me vejam miserável como estou agora.

Como eu poderia ser um homem feliz ao seu lado, quando fui aquele a deixá-la quando mais precisou? Eu era a sua tábua de salvação, a sua esperança de um dia melhor, mas escolhi seguir em frente sem ela. Escolhi o meu egoísmo e a deixei.

Escuto a porta bater e limpo as minhas lágrimas para que eu possa sair daqui. Olho-me no espelho e o meu reflexo não poderia ser pior. Um homem sem vida, sem brilho e sem nenhuma

PERIGOSAS ACHERON

determinação para viver. Respiro fundo antes de me afastar desse reflexo e então, me dirijo para fora desse banheiro, encontrando ainda, a mesma mulher deitada na minha cama, agora repousando um braço atrás da cabeça, enquanto tem um pé esticado e o outro encolhido e, dessa forma, ela mexe no celular com o braço imobilizado.

Sua expressão parece preocupada, mas a isso, não irei me focar, então saio daqui. Percorro o corredor como se estivesse indo ao meu inferno, a minha sentença de morte. Do alto das escadas, vejo-a séria escutando algo que Luciano profere. Com um aceno estão me dando as costas e saindo daqui.

— Adiel, você precisa vir conosco – Luciano diz encarando o grude da mulher que está no meu quarto.

— Não vou deixar Zayxa sozinha – ele diz e eu reviro os olhos.

Ele diz como se ela não estivesse deitada na minha cama, repousando em um lugar que não é seu.

— Ela não pode ir conosco, mas você é o nosso médico de confiança. Precisa vir conosco.

PERIGOSAS ACHERON

Não sabemos em qual situação eles se encontram – Luciano diz e logo Vilck toma a frente colocando as mãos na cintura.

— E ela não está sozinha. Lince está aqui – diz semicerrando os olhos e o homem, pressionado como está sendo, suspira.

— Vou falar com ela.

E sem esperar escutar mais nada, ele fica de frente para mim. Sobe as escadas rapidamente e então, ao estar perto o suficiente me observa com demasiada atenção.

— Não desgrude os olhos dela, ok? – questiona e eu arqueio minhas sobrancelhas.

Quando ele retorna a sua caminhada em direção ao meu quarto, não posso deixar de revirar os olhos. Além de lidar com o fato de a única mulher que já senti algo na minha vida inteira estar se afastando de mim, ainda tenho que escutar tais palavras de um completo desconhecido e que, só ainda permito ficar dentro da minha casa, porque tem alguma ligação com Vilck. Essa casa deixou de ser minha no instante em que ela pisou aqui dentro. Cada cômodo, após sua partida, não terá nenhum sentido, porque ela é a única capaz de dar sentido a

PERIGOSAS ACHERON

minha vida e a tudo.

Se ainda estou sendo complacente é por causa dela.

Se aturei Luciano nessa casa, é por ela.

Desde que ela voltou, tudo é para ela.

Em segundos o homem retorna e rapidamente está descendo as escadas. Sua expressão está clara que ele não quer deixá-la sozinha e de alguma forma, a sua preocupação faz com que o mesmo sentimento surja no meu peito.

Não quero deixá-la ir, mas não posso fazer nada para impedir.

Desço alguns lances de escadas e no terceiro degrau de baixo para cima, sento-me para vê-los deixar minha casa. Vejo-a sair sem se despedir, mas não perco o olhar demorado que mantém em mim ao cruzar a porta e se virar para me olhar. Ela o faz como se estivesse me dizendo um “até logo” ou um “adeus” que não estou preparado para receber.

Fecha a porta logo atrás de si e quando escuto o barulho dos carros se afastando, sinto como se eu pudesse morrer agora. Ela se foi e mesmo que eu quisesse saber com detalhes onde iria e com quem

PERIGOSAS ACHERON

se encontraria ou o que faria, não pude deixar que tais questionamentos escorregassem por meus lábios, já que como ela disse, não quero viver o nosso amor ou, o correto a se afirmar, não posso viver o nosso amor.

Suspiro baixando minha cabeça.

O silêncio e o vazio dessa casa me lembram do quão solitário sou e do quanto minha vida não gira em torno de quem deveria.

— Lince! Lince!

Levanto-me e me viro, então Zayxa aparece no meu campo de visão.

Está tirando a bota ortopédica que estava na sua perna e logo em seguida, livra-se dos materiais que mantinham seu outro braço imobilizado.

— Acho que você se lembra da sua secretária, não é? – questiona e logo está descendo as escadas com certa dificuldade, mas rapidamente me alcança. — Então, ela é uma velha aliada. Espero que não esteja chateado por isso, enfim... acabei de receber a informação que você está fora do negócio. Hoje, Martin assumirá tua cadeira, sendo assim, ela me disse que isso significa que, ou você estará morto ou já está. Logo, levando em

PERIGOSAS ACHERON

consideração o que fiquei sabendo por Laureano, isso acontecerá em poucos instantes já que Luciano não está mais aqui. Dessa forma, você tem duas opções: lutar sozinho por tua vida ou, aceitar a ajuda da tua irmã de sangue, no caso eu, e viver para se vingar, assim como estou vivendo. O que vai ser?

Não compreendo.

Acho que estou um pouco sobrecarregado e tonto com tamanho giro.

Demitido, morto, irmã de sangue. Ela. Minha irmã.

Sorrio sacudindo minha cabeça, porque isso é tão absurdo que chega a ser engraçado.

— Não fique tão chocado. Para mim, essa revelação não foi tão sutil, já que Luciano não sabe como o ser.

Afasta-se de mim e vai em direção a porta da rua, onde a tranca e logo está puxando uma das cadeiras que estavam na sala, com mais deles sentados, e a usa como escora para a porta.

Pisco, sentindo minha respiração acelerar.

Se estou fora, significa que as crianças irão morrer? Quer dizer que aturei por tanto tempo e

PERIGOSAS ACHERON

tudo isso por nada? O salto que meu coração dá é tamanho que preciso me apoiar nas escadas para não cair de uma vez nesse chão.

— Você pode não saber, mas a casa em frente a essa estava cheia de homens. Laureano matou a todos e se livrou dos corpos no quintal. O que não entendemos é o fato de que ontem à noite outros homens já estavam ali – ela diz e logo se aproxima da janela, fechando-a com a cortina. — Esses vidros são a prova de bala? – questiona arqueando uma sobrancelha enquanto estou imóvel apenas a observando se mover, como se não estivesse machucada há alguns instantes. — Acredito que sim, já que você fabrica armas.

Pisco fazendo uma careta.

— O que te faz acreditar que irei crer nas tuas palavras?

Sorrio incrédulo com tamanha pachorra.

Não irei acreditar nisso, porque eu sei que cada palavra sua é mentirosa, mas... eu não deveria receber ao menos uma ligação de Marinho? Ao me dispensar?

Oh! Suspiro.

Ele deve saber da presença de Luciano no
PERIGOSAS ACHERON

escritório e logo em seguida, nessa casa. Então isso o leva a acreditar que o estou traindo. Merda.

— O que está pensando? Em Marinho? — ela pergunta, mas não a respondo. — Eu trabalhava para Malaquias e logo que foi tirado de circulação, Marinho assumiu o circo de horrores que é a nossa vida.

Nada consigo dizer. Piscar paralisado é a única coisa que posso, porque minha cabeça está girando demais para manter algo constante.

— Imagino que a tua infância tenha sido a base de torturas, não é? — Encara-me intensamente ao parar no meio da sala. — A minha, a de Luciano e a de Laureano não foram diferentes. Fomos torturados desde pequenos para nos tornamos assassinos destinados a matar todos aqueles que Malaquias nos mandar. Fomos criados para sermos máquinas, Lince — disse, a voz mais suave, mais confiável.

Contudo, suas palavras podem ser montadas o suficiente para me enganar. Vilk pode ter contado sobre o nosso passado fodido e por esse motivo, ela está querendo nos dar um pouco de semelhança, mas não somos iguais. Lutamos em lados

PERIGOSAS ACHERON

diferentes. Isso é só uma maneira de ela tentar me enganar, tenho certeza.

— E se não entendeu ainda — diz arqueando a sobancelha. — Posso provar. Você é o meu irmão, assim como Luciano e Laureano. Você é filho de Nicolas Poser e de alguma prostituta qualquer escolhida para ser barriga de aluguel. Lince Arias não é nada mais, nada menos, que um experimento de mentes doentias. — E a cada palavra proferida, ela se move por minha sala. Fecha e cobre janelas. — Acho que não preciso reforçar a você, porém, nesse momento, como você foi descoberto com os inimigos do teu chefe, então, chegou a hora de te eliminar e eu não posso permitir que isso aconteça. — Suspira e para, virando-se para me olhar. — Primeiro, Vilk é obcecada por você. Perdê-lo irá devastá-la e eu a entendo completamente, logo, tal dor não desejo que ela sofra. Segundo, mesmo que eu não te conheça, é meu irmão, tem o meu sangue e espero conseguir uma ligação tão boa quanto a que estou construindo com Laureano. Terceiro e não menos importante, Nicolas, nosso pai, está louco e angustiado com a certeza que você poderá morrer a qualquer instante nessa casa. Então, sim, PERIGOSAS ACHERON

se vim até aqui foi para te levar comigo para o único lugar seguro desse país. Se quiser ir por livre e espontânea vontade, maravilhoso. Caso não queira, apesar do trabalho, terei que forçá-lo ao mesmo tempo que preciso mantê-lo seguro dos que invadirão essa casa.

Ao terminar de falar, o silêncio ronda a casa, porque tenho a certeza da minha morte, contudo, as coisas mudam um pouco quando acabo de descobrir que não sou quem penso, mas isso ainda está em avaliação. Ainda não consegui filtrar tais revelações. Eu, irmão do Luciano? Nunca.

— Estou vendo que não acredita, não é? — ela diz e sorri. — Quando nos livrarmos dos que estão perto de aqui chegar, prometo mostrar todas as anotações feitas por Malaquias, além das imagens que ele possui do nosso crescimento e sofrimento. Enfim... esquece o questionamento que fiz anteriormente. Você, agora, possui a obrigação de me aceitar aqui.

E então, sorri.

— Nicolas Poser? — questiono arqueando uma sobrancelha.

Esse nome... não é estranho, mas não lembro
PERIGOSAS ACHERON

de onde posso tê-lo escutado.

— Sim, você já o viu?

Dou de ombros, não querendo lhe dar uma informação sequer, porém, quando escuto o barulho de pneus parando na frente da minha casa, o seu olhar corre para o meu rosto em um pedido de socorro, esse que eu não sei como, mas estou compreendendo. Pisco e me viro, percorrendo o caminho até o meu escritório.

— Você pode lutar desse jeito? – questiono e sua resposta vem até mim com um sorriso debochado.

— Querido, se fiquei aqui foi porque irei lutar – ela diz e assim que entramos no escritório, logo fecha a porta. — Entrei no teu galpão e fiz o estrago do século em um lugar de segurança máxima, mesmo estando cheia de ferimentos ao longo do corpo. Você não deve fazer ideia mesmo da minha resistência, não é?

Escuto o barulho de passos pesados ao redor da casa e logo estou me adiantando em abrir o meu armário com as únicas armas existentes no mundo inteiro, desenhadas e fabricadas por mim. Pego três pistolas e entrego a ela, então, logo em seguida, PERIGOSAS ACHERON

estou pegando um rifle.

Meu melhor amigo para uma batalha.

— Gostei do modelo... É tão leve. Está carregada? – questiona deslizando o olhar ao longo da pistola e isso me arranca um meio sorriso.

— Óbvio.

Minha pistola foi feita exatamente para ser assim. Leve, pequena e fácil de esconder em qualquer parte do corpo, dando assim, para aqueles que as utilizam mais facilidade para guardá-las. Indicadas para mulheres que necessitam escondê-las em suas meias calças, foram feitas sob o molde e, claro, levando em consideração a delicadeza de mãos femininas.

Minha criação, óbvio.

— Quero uma exclusiva... pode ser? – questiona e eu arqueio, novamente, minhas sobrancelhas.

— Talvez.

Ela sorri, mas logo sua atenção muda para a janela do meu escritório. Fica tensa e este fato me leva a crer que, ou existe algum soldado encarando-me por ela, ou alguém acabou de passar ali.

— Você tem coletes a prova de balas, não é?
PERIGOSAS ACHERON

— pergunta com o seu olhar focado ali, no mesmo lugar e então, logo estou me movendo para pegá-los.

Movimento necessário para que ela levantasse o braço e atirasse.

Um tiro, um susto, um vidro quebrado, um grito, uma vida perdida.

Odeio estar nessa situação, contudo, nesse momento, a minha condição não está das melhores para evitar a morte daqueles que estão contra mim.

Pego um colete e a entrego, então pego o outro e visto rapidamente.

— Quando terminarmos com isso, espero que você esteja vivo, Lince — ela diz olhando nos meus olhos. — Vilk vai morrer se você morrer. Caso não queira vê-la morta, acho melhor começar a desejar viver. Laureano me disse que a vida já não habita nos teus olhos e, por mais que ele ache que você está sendo ameaçado, você tem a obrigação de se defender e lutar até o último fio para se proteger. Morrer não vai proteger Vilk, tampouco deixá-la melhor e eu aprendi isso, passando por essa situação.

Puxei uma longa respiração assim que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terminou de falar e séria como estava, ficou de costas.

E mais uma vez, com um suspiro, decidi que iria viver.

Decidi que viveria para dizer a ela que, talvez, podemos ficar juntos.

Por Vilk.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Vilk Jane



No meu peito, o meu coração bate acelerado com a incerteza do olhar de Lince. Tenho pressentimentos de que as coisas possam não ocorrer como esperamos, mas não desejo que algo dê errado. Juro que as minhas últimas palavras não eram verdadeiras. Só desejei que ele sentisse um pouco do sentimento do possível abandono.

Quando saí, seu olhar estava tão distante, pesaroso como se desejasse mesmo morrer.

Sinto como se eu estivesse dado a ele o gancho que faltava para que ele assim terminasse com sua vida. Minhas mãos estão trêmulas, porque essa é a certeza mais próxima que tenho, contudo, para meu ínfimo alívio, sei que Íris não permitiria que ele fizesse algo para se prejudicar, mas não posso mentir em dizer que não desejo voltar logo para casa. Isso é tudo que mais desejo no mundo inteiro.

— Estamos chegando – Kaique diz do banco do motorista, enquanto se aproxima do local em que Diego informou que estaria uma possível instalação contendo crianças sendo torturadas.

— Não sei se estou preparado para ver isso – desabafa Luciano baixinho. — Já vi isso três vezes e não sei se meu coração aguenta tal crueldade.

Desvio meu olhar para ele, quando tudo parece realmente difícil para ele.

Sorrio, porque as vezes, um sorriso é tudo que uma pessoa precisa para se sentir melhor e sendo ele essa pessoa, certamente um sorriso e palavras reconfortantes irão o ajudar.

— Ei, loirinho. Relaxa, vamos resgatá-las em boas condições. Você vai ver – sussurro e ele sacode a cabeça exibindo um sorriso triste, sem ânimo.

— Elas nunca estão bem, Vilc – disse e cada palavra sua parece tão difícil. — Perverso deveria estar aqui me ajudando, aquele escroto da porra – rosna assim que o carro para em frente a um enorme edifício.

Na sua frente há uma enorme placa com os letreiros enormes “O Grande Supermercado”. Acho
PERIGOSAS ACHERON

que o prédio está abandonado há muito tempo e ainda acredito que por mais ruim que esteja, no fundo dele deve estar pior, onde ninguém pode escutar os gritos de horror e dor das crianças.

Do banco da frente, Luciano cobre a boca ao encarar a frente cheia de lodo verde no chão. Imagino que esteja tão pútrido quanto era o local em que eu era mantida quando mais jovem.

— Aqui é seguro? – questiona Adiel ao meu lado.

— Seguro? Você verá o seguro dessa merda – Luciano rosna ao abrir a porta e sair do carro.

Desvio meu olhar para ele e sorrio.

— Fica aqui com Kaique, enquanto entramos, ok? – digo e logo estou saindo.

Ao meu lado, Laureano segue, saindo do carro de trás.

Luciano está com as mãos na cintura observando o alto do prédio cheio de fios elétricos ao seu redor e eu juro que não quero nem imaginar o que isso pode significar aqui. Ao lado desse prédio, possui outros interligados e estão abertos com pouca movimentação, mas já é alguma coisa.

Suspiro, observando a entrada e então, saco

PERIGOSAS ACHERON

uma arma, assim que noto as câmeras de segurança ao lado da porta de ferro.

— Deve estar eletrizada – diz Luciano, então observa a grade de ferro ao lado da porta.

Seu olhar demora ali e eu posso apostar que há algo de errado. Eles não deixariam nossa entrada fácil, posso apostar.

— Ou as crianças estão perto dessa entrada, ou podem ter colocado explosivos por toda a parte da frente – diz semicerrando os olhos ao encarar a parte de baixo da porta.

Aceno, quando vejo as linhas na entrada.

— Vamos invadir essa farmácia – digo e ele a observa, então saca sua arma e se aproxima.

Duas mulheres que iriam entrar por ela, logo estão parando e desviando seus caminhos. Tal coisa me faz rir, porque é engraçado, mesmo que nossa situação seja tão tensa.

— Bom dia – ele diz sorridente ao entrar pela porta. A arma presente na sua mão não passou despercebido pelas atendedoras. — Queremos entrar para verificar o prédio ao lado. Somos policiais – disse e então sorriu educadamente. — Estamos no meio de uma ação. Peço a contribuição de todas e

PERIGOSAS ACHERON

que, caso necessário, esvaziem a loja.

Elas acenam, os olhos ainda arregalados do susto e isso quase me faz sorrir, porque a capacidade de um rosto bonito convencer assim é, de fato, interessante.

Adentramos a loja e ele rapidamente sobe as escadas. Logo os demais estão vindo atrás dele. Inseto está com Bomba. Ambos armados e sem exibir um mínimo sorriso, o que é completamente estranho, porém compreensivo.

É a primeira vez que estou os acompanhando na invasão de um local como esse e espero ser o último, porque não deve ser capaz que alguém pode mesmo estar envolvido em algo sujo demais até para assassinos, prejudicando pequenos seres inocentes.

Luciano usa a primeira janela que encontra para observar a parte de dentro, contudo, não há janelas nesse espaço, o que nos leva a subir até o topo do edifício e quando nele chegamos, nos encaminhamos até o edifício ao lado. Ambos são colocados uns nos outros, tendo uma pequena diferença de menos de meio metro entre os dois, tal coisa é superada com um rápido pulo.

PERIGOSAS ACHERON

Luciano avança tomando a frente e eu vou logo atrás dele.

— Se houver algum desgraçado aí dentro farei com que passem as piores horas dos seus dias. — Escuto Inseto dizer e nesse caso, sou obrigada a concordar com ele. Eles não merecem misericórdia por mais que tentemos não ser extremos.

Expulso esses pensamentos quando ele avança pela extensão vazia do teto desse prédio. Está limpa, exceto alguns pedaços de cigarro descartados largados de canto a canto. Talvez essa seja a evidência que precisássemos ou talvez, alguém de um dos outros edifícios podem ter vindo até aqui para fumar. As possibilidades são enormes e Luciano está engajado. Quando para em frente a uma porta de ferro, ele a analisa por extensos minutos, tendo ao lado dele a companhia de Bomba que junto a ele não deixou escapar nenhum detalhe.

— Não há pegadinhas – ele disse e Luciano sorriu.

— Isso é uma piada. Ele não seria burro e descuidado a esse ponto, Bomba – ele disse e logo estava voltando seu olhar para o chão que estamos.

— É por aqui que entraremos. Pelo chão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Inseto se aproxima e sacode sua cabeça.

— Radical, gosto, mas se estiverem por baixo desse teto, irão morrer – ele disse e Luciano travou a mandíbula.

— Sim, você tem razão.

— Talvez possua outra entrada – devaneio ao me aproximar da porta.

— As janelas não são uma opção, porque devem estar lacradas e com alguma bomba instalada e caso forcemos entrada pode...

O seu celular toca e ele para de falar, voltando sua atenção para ele, então o atende.

— Sim. – Pausa e observa o outro edifício, então, sem que ninguém entenda o que possa estar acontecendo, corre em direção ao mesmo prédio que usamos como passagem até aqui.

Sem pensar duas vezes, nós três fazemos o mesmo.

— Onde estão? – questiona em meio ao seu ritmo rápido que acompanhamos de perto. — Estou indo. Não faça nada.

Ao guardar o celular, ele para no terceiro lance de escadas.

— Temos companhia. Deixem que eu resolvo
PERIGOSAS ACHERON

isso – ele diz, mas não nos olha e isso me leva a pensar que ele está louco demais para nos dizer alguma coisa.

Luciano é um predador, um assassino. Assim como eu e os demais, foi criado para matar. Os rumores que circundam o mundo do crime com o seu nome são de histórias épicas, dignas de um óscar por conta da sua frieza, inteligência e astúcia. É temido até por aquele que o criou e, seguindo o que lhe foi designado, conseguiu o que desejava, mas não consigo tirar da minha cabeça o fato de que mudou gradativamente com a chegada e a descoberta das crianças no território de Malaquias. E é por saber o que ele é, que estou o seguindo cegamente agora.

Quando retorna a sua corrida escada abaixo, nós o seguimos de perto, então ao chegar no térreo vemos as mulheres do estabelecimento claramente chocadas com nossa interrupção. Ele não joga um olhar para elas. Segue em frente, em direção a parte de fora do local e atrás deles seguimos tendo o tempo suficiente para vê-lo levantar a arma que tem na mão.

— Querido, querido... – diz sorridente ao se
PERIGOSAS ACHERON

aproximar do homem de roupas de caminhada em frente ao prédio. — Sabe quem sou?

O homem semicerra os olhos com uma careta e Luciano avança para cima dele, a arma em punho e a seriedade constante no rosto.

— Quanto é que Marinho te paga? – rosna sua pergunta, mas o homem nem pisca com medo do que ele questiona e eu acho que Luciano não gosta muito disso. — Não sabe mesmo...

Ele suspira e para de caminhar.

Fecha os olhos, acho que buscando concentração ou um pensamento que possa o ajudar, mas quando seus olhos se abrem, ele encara o homem com tanto ódio e urgência que eu, de longe, sinto medo.

— Abre essa porta maldita – rosna e o homem apenas pisca o observando.

Quando ele não faz movimento algum para obedecê-lo, então o diabo em uma versão melhorada avança desferindo golpes no rosto do seu oponente que carrega uma sacola nas mãos. Ele revida, mas Luciano está sempre desviando. Não se deixa ser atingido e quando tudo parece ficar ainda mais sério, nós ainda escolhemos não nos mover, PERIGOSAS ACHERON

porque essa foi a ordem dada por ele antes que nos aproximemos daqui.

Acho que agora estou começando a respeitá-lo mais que antes.

Está insano, ninguém seria capaz de o segurar, mesmo quando derruba o homem no chão e o monta. Sorri e sussurra coisas que não somos capazes de escutar. O homem tenta se defender, mas Luciano está imbatível enquanto desfere os socos.

— Você... — Defere outro soco enquanto fala ofegante. — Vai... abrir... essa... maldita... porta... ou... irei... acabar... com... a... tua... RAÇA!

Arregalo os olhos com o volume do seu brado, enquanto sua série de socos continua. Do chão, o oponente tenta se defender ao elevar as mãos para o meio do rosto e cobri-lo. Ele não responde a Luciano e isso o faz parar, a respiração acelerada é um claro sinal do seu descontrole e irracionalidade. Talvez ele não seja tão perfeito como os outros o pintam por aí.

Levanta a arma e a coloca contra a cabeça dele, observando com atenção os sinais que o seu rosto adere e dessa vez, as coisas mudam. O olhar

PERIGOSAS ACHERON

do homem vai direto para o cano da arma perto do seu olho e quando Luciano a destrava exibindo um sorriso perverso, ele pisca em meio ao sangue que escorre por seu rosto espancado.

— É só desativar a tranca – ele diz e Luciano aumenta o seu sorriso ao apertar levemente o gatilho. Talvez não tenha munição, mas eu não acredito que ele o traria até aqui sem munição. — Só precisa puxar a fechadura antes de girá-la – complementa, mas Luciano continua o observando. — Juro que é só isso! – Seu desespero é evidente, o medo palpável. Normal, ninguém deseja morrer e tendo um cano de uma arma na frente do seu olho não é algo que o faça ficar calmo. — Só sou um distribuidor, não faço nada além disso – diz, a voz embargada com o anúncio de choro. — Não sei quem é Marinho... eu trabalho para Martin!

Luciano respira, o sorriso sendo desfeito. Agora, o seu olhar está quente sobre a porta.

— Abra – rosna ao se levantar, dando espaço para deixá-lo passar. — Qualquer gracinha e meus homens irão acabar com qualquer coisa que você ame no mundo.

O olhar não deixou de ser feroz, mas o

PERIGOSAS ACHERON

sorriso... esse sim sumiu e não sei se isso é bom nesse momento.

O homem se levanta com certa dificuldade, mas antes que chegue na porta, Luciano o puxa com a mão no seu ombro e então o derruba. Desfere uma série de socos, que parecem não ter fim, mas que finalizam quando uma pequena multidão começa a se formar na calçada.

— Como você mantém contato com esse Martin? Como é? — questiona, a sua voz está em um tom diferente. Parece obscura, irada... É um brado em um tom menos elevado e o homem parece entender isso, porque ele está temeroso com a violência de Luciano contra ele.

— Ele sempre me liga e eu...

— Onde está o teu celular? — pergunta e antes que o homem possa abrir a boca para falar, Luciano está buscando na roupa dele qualquer aparelho e quando encontra, levanta-se e se afasta desse corpo machucado. — Abre.

Quando o homem tenta se levantar o seu olhar está ainda sob o rosto de Luciano. Está com medo, isso é claro e estou prestes a ter um pequeno infarto com o sentimento de que algo não está

PERIGOSAS ACHERON

certo.

Sinto que algo não está seguindo a direção que planejamos.

Ele se aproxima da porta e quando puxa a maçaneta antes de a girar, sinto como se meu coração fosse explodir a qualquer instante com a tensão presente nesse local. A porta se abre e o homem segue em frente com Luciano logo atrás dele, então eu o sigo, porque a curiosidade e a necessidade de o proteger estão mais urgentes. O pressentimento que algo está errado ainda presente dentro de mim, me deixa um pouco paranoica. Ao entrar, meu olhar está sob cada canto, contudo, o vazio que encontro aqui é tamanho que meu coração perde uma batida. O odor é tão podre que preciso cobrir meu nariz com meu braço para que eu possa continuar a andar.

Inseto toma a minha frente e logo está ficando mais próximo das costas de Luciano.

— O que é que você contrabandeia aqui? — Escuto a pergunta e logo estou me apressando em sua direção para que eu consiga escutar melhor.

— Quem é você, cara? — ele pergunta ao parar de caminhar e olhar para Luciano.

PERIGOSAS ACHERON

— Já ouviu falar em Luciano Monteiro? O cara que matou Malaquias e mais de um milhão de seres podres? Não? Pois então, prazer. Agora me responde.

Ele arregala os olhos e quando penso que vai correr na direção contrária, então puxa uma longa respiração e observa Luciano com atenção.

— Eu o conheço sim e...

— FODA-SE! – brada ficando ainda mais próximo do homem. — O que merda você contrabandeia nessa desgraça?

Ele arregala os olhos e quando Luciano fecha as mãos em punhos, ele responde.

— Órgãos. Para o mercado negro.

Minha reação temerosa agora se assemelha com a dele com o surgimento abrupto do medo. Pisco, quando me forço a parar.

— Você matou as crianças que estavam aqui sendo torturadas? – questionou alterando ainda mais o seu tom de voz, mas o homem semicerrou os olhos.

— Torturadas? – Sacudiu a cabeça demonstrando estranhar o questionamento. — Quando cheguei aqui só havia os corpos. Os órgãos

PERIGOSAS ACHERON

foram retirados enquanto os donos estavam vivos e estão conservados ali. — Aponta para uma enorme porta de freezer no final desse enorme espaço. — Os corpos seriam descartados hoje. Sim, eu sei que são crianças, mas não sei de onde vieram ou o que aconteceu para serem mortas. Meu trabalho é contrabandear, entregar a quem pedir e o resto... não é meu problema. Martin e Gregory que cuidam disso.

Acho que Luciano, assim como eu, não consegue respirar.

— Gregory? Que Gregory?

Um vinco se forma no cenho daquele homem.

— Gregory Vilaça.

Luciano bufa e por um instante eu acredito que ele o conhece.

— Onde estão os corpos? — rosna e o homem aponta para uma sala ao lado do freezer, então ele vai até lá.

Caminha rápido demais, como se sua vida dependesse disso e quando nela chega, precisa tampar o nariz com o braço para que possa abri-la e entrar. Eu o sigo e o que vejo me deixa ainda mais PERIGOSAS ACHERON

chocada que eu já estava ao saber de toda a história.

São três crianças.

Há enormes cortes em suas barrigas e na cabeça. As bocas rachadas e cortadas, assim como os dedos que não existem nem nas mãos, tampouco nos pés. Tal visão me faz quase vomitar e é exatamente por não conseguir permanecer aqui por muito tempo que me viro e saio correndo para a parte de fora desse galpão maldito. Quando chego na parte de fora, sinto o vento frio em um anúncio de uma possível chuva e eu acho que se ela vier agora, estará chegando no momento correto, porque o mundo está se perdendo. Talvez ela viesse com um veneno que irá matar aqueles que fizeram tal barbárie com aqueles três pequenos.

Não conseguindo ficar aqui por muito tempo, então retorno para o carro.

Sento-me, fecho a porta e meu olhar fica perdido no vazio do banco da frente, onde penso se a minha filha teve o mesmo destino que essas crianças.

— O que houve lá dentro? Já devo ir? — pergunta Adiel me observando com expectativa.

— Não. Chegamos tarde — sussurro e me

PERIGOSAS ACHERON

recosto fechando os olhos.

E aqui, permaneço até que Luciano retorna para o carro.

O olhar vazio se assemelha com o meu.

— Vamos para a casa de Lince. Precisamos estabelecer algumas coisas — ele diz e minha atenção se volta para ele, mas não o questiono.

Kaique dá partida no carro e acelera como se fosse realmente dono da pista, mas não estou focando minha atenção nele por muito tempo, porque não existe nenhum outro lugar em que eu deseje estar do que nos braços de Lince, mesmo que tenhamos brigado por sua covardia.

Estamos há poucos metros da casa de Lince, quando Luciano manda que Kaique pare o carro. O seu olhar ainda está perdido e eu acho que ele não está pensando tão bem assim, porque o descontrole está mais que presente no seu rosto.

— Vamos de pé, Vilk — diz, a voz grossa sobressaindo sobre todo o espaço.

Ninguém é capaz de o questionar sobre sua
PERIGOSAS ACHERON

decisão.

— Vocês ficam aqui – ele diz e então, segue para fora dele e para, me esperando.

Suspiro e saio do carro, então ao seu lado caminho em direção a casa de Lince.

— Temos um traidor entre nós – fala ao caminharmos por entre a calçada. — Eles agiram antes de chegarmos e sumiram, então deixaram aquele idiota. Tudo em um espaço pequeno de tempo... então, foram avisados antes de agirmos. Eles sabiam que viríamos, por isso limparam tudo e desligaram o ar do freezer que os corpos estavam. Temos um traidor dentro da minha casa – devaneia ao continuar sua caminhada.

— Você acha que pode ser algum daqueles homens do sistema que você mantém? – pergunto e ele sorri.

— Desconfio de todo mundo, menos dos meus irmãos, Eve, você, Adiel e Nicolas. Meu sogro e a esposa dele são ainda mais suspeitos... então, todos estão no combo, mas isso posso descobrir em alguns dias. Contudo, hoje, Lince precisa vir conosco – ele diz quando estamos a uma rua de distância da casa dele, mas ao olhar para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente dela, vemos três carros pretos. Estão parados na entrada, no seu interior parece não ter ninguém e isso parece mais suspeito.

Caminho rapidamente, não parando nem quando ele me ordena para tal. Ao chegar na calçada em frente à sua casa, vejo corpos estirados no chão. O sangue presente ao seu redor.

O medo retorna ao meu peito e eu sinto que ele pode me sufocar a qualquer instante.

— Porra! — rosna acelerando os passos para a parte interna da casa.

Vou logo atrás dele.

Meu coração quase saindo por minha boca.

A sala está bagunçada com mais corpos estirados e logo estou indo para o seu escritório, onde vejo mais homens mortos.

— LINCE! — grito correndo em direção as escadas, onde espero que ele esteja. — LINCE! ÍRIS!

Acho que vou morrer.

Acho que nada pode me deixar pior do que isso.

Meu coração está quase se partindo a cada degrau que subo.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto minha respiração travar.

Alcanço o segundo andar e mais homens mortos são vistos.

— Pelo amor de Deus! Onde você está? — grito sentindo o pânico crescente cada vez mais dentro de mim.

Por favor, que ele esteja aqui... que ele esteja aqui...

— Lince! — grito sentindo as lágrimas de puro desespero nascendo mais uma vez dentro de mim. — Lince!

— Eles estão aqui, Vilk! — Escuto o grito de Luciano e logo estou saindo do quarto para descer as escadas em direção a cozinha, de onde vem o seu grito.

Meu peito está apertado. Eu sabia que algo estava errado, que hoje o dia não estava reservando coisas boas. Por favor, que ele esteja bem... por favor!

As lágrimas cegam minha visão, mas nem por causa delas permito que me impeçam a continuar minha caminhada em direção a cozinha.

— Onde? Onde ele está? — questiono, o olhar vagando por todos os cantos, mas em nenhum

PERIGOSAS ACHERON

consigo vê-lo.

— Na despensa — diz e eu franzo minha sobancelha o encarando, então ele aponta para a pia, onde a porta está aberta revelando Íris sorridente e ao seu lado, Lince suspira, apertando a sua barriga.

Essa visão me faz suspirar.

— Estamos bem, gata — Íris sussurra me observando.

Suspiro novamente.

— Você não está tão bem assim, ao que posso ver — digo e ela retorna a sorrir. — Lince, como você está? — pergunto baixando-me sob meus joelhos e me aproximando dos dois.

Vê-lo preocupado com o ferimento dela me faz sorrir, porque é a sua primeira preocupação aparente sob a sua irmã de sangue.

— Eu o contei sobre o nosso parentesco... — diz com a voz distante. — Mas ele não acreditou ainda.

Quando ela sorri, sinto que vai acabar desmaiando a qualquer instante, porque seus lábios estão brancos assim como seu rosto pálido.

— Como se houvesse grande diferença entre
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele e Luciano – disse em meio a um devaneio e ele manteve o olhar sob o rosto dela, ainda exibindo uma careta.

— Na próxima te deixo morrer só por ousar dizer algo assim – ele sussurra e sou incapaz de não sorrir.

— Eles são a tua família, Lince – digo liberando as lágrimas que estão aqui prontas para serem derramadas. — E você faz parte da família deles.

Ele me observa, o cenho franzido e os olhos arregalados comprovam que ele a compreensão lhe cai.

— Precisamos sair daqui – diz Luciano de detrás de mim. — Eu e você teremos uma longa conversa.

O tom de Luciano é tão taxativo e sério que por um instante sinto medo, mas isso só dura até ver Lince ajudar Íris, demonstrando cuidado, zelo, algo que nunca o tinha visto fazer. Talvez essa seja a primeira vez e provavelmente, agora, ele abstraia um novo motivo para viver.

E eu espero que meu desejo seja real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Lince Arias



— Que lugar é esse? — pergunto ao entrar em uma casa repleta de crianças.

Elas andam e correm por todos os lugares, mas o incomum é que em seus rostos e nos pedaços de peles descobertas há marcas, feridas... rastros de dor. Não são diferentes das que recebo imagens a cada vez que precisam de um serviço meu. Vê-las me faz lembrar das que protegi por muitos anos, mas que agora, por causa do destino ou, não sei, acabei falhando perigosamente. Isso é mais assustador do que uma vida controlada por um homem que só deseja extrair o pior de mim.

— É a minha casa e esses são meus filhos — Luciano diz tomando a frente e se encaminhando para uma porta lateral.

— Zayxa, eu disse para você ficar quieta. Por que nunca me escuta?

Aqui atrás de mim, a mulher que se diz

minha irmã está seguindo ao lado do seu carrapato. Em momento algum, desde que nos descobrimos escondidos, ele a deixou em paz com o seu excesso de proteção. Isso estava começando a me incomodar, mas é claro que eu não falaria nada, afinal ela continua sendo uma estranha para mim, enquanto a única de confiança ao meu redor é Vilk Jane. Anda ao meu lado desde o instante que saímos da minha casa, carregando apenas a roupa do corpo, um rifle e uma pistola junto dela.

— Querido, você quer que eu fique em repouso e eu não tenho estruturas para isso – ela sussurra alto o suficiente para que eu e Vilc escutemos.

— *Papaaai* – grita uma pequena menina correndo em nossa direção.

Os olhos azuis me fazem sorrir, porque parece um pedaço pequeno de menina angelical. Ao chegar perto o suficiente de Luciano, ela se joga nos seus braços e sorri ao rodear os pequenos braços ao redor do seu pescoço.

— Senti saudades – ela diz fechando os olhos e descansando sua cabeça sob o ombro dele.

Nesse momento, eu não sei o que pensar,
PERIGOSAS ACHERON

porque a imagem que tenho dele na minha mente está mudando. De um assassino perverso para um homem que cuida de crianças ferradas. Bem, esse é um lugar que possui um prato cheio para enlouquecer qualquer mente sã..., mas essa é a minha vida.

— Tio Inseto está me devendo bombons – ela diz, mas logo é interrompida por um garoto gordinho que corre em nossa direção.

Seu olhar está temeroso sob mim, o desconhecido do lugar, mas logo se suaviza ao observar algo atrás de mim.

— Tia Zayxa? – pergunta franzindo a sobrelancelha ao passar por mim.

Sou incapaz de não acompanhar seus passos com atenção. Ver a sua orelha me rende uma pequena dor no peito, porque uma criança não deveria passar por ondas tão fortes de dor como ele deve ter passado para ter a sua orelha assim, faltando um pedaço. E é óbvio que essa não é uma marca de nascimento.

— Oi, meu pequeno detetive – ela diz sorrindo fracamente, mas ele, que de bobo parece não ter nada, sacode sua cabeça elevando o seu

PERIGOSAS ACHERON

pequeno dedo indicador.

— Que teimosa – diz e estala sua língua. A cena mais fofa que presenciei durante minha vida, disso não tenho dúvidas. — Titio Adiel disse para não fazer esforço..., mas olha a senhora.

— A titia é de ferro, meu lindo.

Um longo suspiro acompanhado de um gemido me assusta, fazendo com que eu vire o meu rosto na direção oposta, então um homem que não conheço está parado o alto de uma escada que eu não sei onde pode parar. Ele nos observa e dos seus olhos escorrem lágrimas, essas que ele trata de limpar o mais rápido que pode, assim que nota ser observado por nós aqui de baixo.

— Tércio – sussurra Vilk e minha atenção agora é dela.

Ela o conhece, então? No final de contas, não era apenas Laureano que estava como meu inimigo?

— Filha, leve seu irmão para brincar. Papai vai conversar com os adultos – Luciano fala ao meu lado colocando a pequena menina no chão.

Seus pequenos olhos azuis estão alternando entre o pai e o desconhecido, que no caso sou eu.

Por mais intrigada e curiosa que esteja, ela acena e se afasta, levando consigo o menino.

— Levarei você para descansar e irei refazer esses curativos — sussurra o homem atrás de mim e em instantes ele está levando-a para as escadas, onde ela a sobe com a ajuda constante dele.

Reviro os olhos me perguntando onde ele estava enquanto ela me salvava de assassinos prontos para arrancar nossas vidas. Tenho dúvidas se ele realmente sabe que mesmo ferida, me defendeu de vários homens ao mesmo tempo e, que de quebra, ainda possui a melhor mira que já pude vislumbrar em toda minha ferrada existência.

Sorrio quando por cima do ombro dele, ela me observa e pisca um olho.

Sim, se ela for minha irmã, acho que posso ter alguma relação boa com ela, mas com esse na minha frente, a sorte não será a mesma.

— Vamos ao meu escritório — diz Luciano me encarando e logo está caminhando. — Vilk, chame Nicolas, por favor.

Pisco ao escutar sua ordem e por um pequeno espaço de tempo pondero se essa é a realidade de Vilk nesse momento. Saiu de um campo de

PERIGOSAS ACHERON

concentração onde era obrigada a fazer o que não queria, para virar empregada de um assassino maldito. Uma merda de destino, esse o dela.

Ela o obedece e ele me guia em direção ao que diz ser o seu escritório. Ao chegar em frente a enormes portas de madeira, então as empurra e entra, comigo o seguindo logo atrás. É tudo estranho, mas diante a situação louca que me encontro no momento, de fato não tenho muito a reclamar ou a dizer já que não tenho opções para compartilhar ou um lugar mais seguro para ficar.

— Então você não acredita que seja meu irmão — diz ao se sentar em uma cadeira acolchoada.

Ainda alternando meu olhar entre as paredes dessa sala, encaminho-me em direção a cadeira não tão confortável quanto a dele. Ao me sentar, observo-o. É impossível que eu não recorde do meu escritório, o mesmo lugar em que Vilk Jane dominou com o seu corpo quase desnudo.

— Primeiro, necessito te falar uma coisa que está me incomodando — ele diz e logo sorri, como se achasse um absurdo. O deboche está claro no seu rosto, tão presente quanto o sol no alto do céu. —
PERIGOSAS ACHERON

Há alguns dias você se negou a me falar a localização de onde as crianças estariam sendo torturadas. Bem, eu as encontrei hoje.

Arregalo os olhos e o susto de tal revelação me faz levantar de imediato.

Elas estariam seguras agora?

— Onde? Onde estão? — questiono ofegante, mas o olhar triste que adota me faz recuar um pouco. Algo poderia ter acontecido?

— Você não sabe mesmo?

Quando arqueia sua sobrancelha e sobe o seu olhar para o meu, juro que sinto vontade de o esmurrar até a morte, mas quando ele suspira em puro estado de incredulidade, então vejo que algo anormal aconteceu. Ele se levanta, aproxima-se de uma estante de livros, então eu o acompanho pegar cada um deles e os levar para cima da sua mesa.

— Aqui estão as provas do nosso parentesco, mas se ainda restar dúvidas, escolha um hospital e faremos o teste de DNA. Nicolas virá logo em seguida.

Semicerro meus olhos quando dois livros de capas grossas e algumas pastas são colocadas na mesa. Sinto que ele pode estar me enganando e ele

PERIGOSAS ACHERON

percebe a minha desconfiança.

— Como eu disse... as provas são claras, mas no computador você pode ver o mesmo e-mail ao qual você trocava mensagens com ele. E, se for do teu desejo vê-lo... peça a Vilk para te levar até ele — diz cada palavra com o olhar perdido, tão diferente do que vi antes de chegar aqui. — Se quiser ficar, a casa é tão sua quanto minha, mas for embora, peço apenas que não prejudique meus filhos. Caso o fizer, não serei piedoso. Não costumo ser com quem tenta prejudicar minha família.

E, sem mais, se vira e sai do escritório.

Não me diz o que aconteceu com as crianças. Deixou-me na expectativa, esperando que algo ilumine um pouco que seja a minha mente, mas nada é capaz de o fazer agora, porque tenho minha cabeça cheia de coisas conflitantes e principalmente com o fato de que já estou com a minha corda ao redor do pescoço mais apertada que já era. Fui expulso do negócio que passei anos à espreita e sendo bem sincero, já não sei o que fazer da minha vida. Não tenho outra direção para correr, mas espero que ao menos as crianças estejam bem... juro que espero, porque não sei como agiria

PERIGOSAS ACHERON

caso algo acontecesse.

Suspiro e me encaminho até a sua mesa, onde estão os papéis.

Pego um por um, os livros e a pasta para que eu possa folheá-los. Em meio as páginas do grosso livro, encontro fotos de quatro crianças distintas em estados completamente desumanos e à medida que os papéis amarelados cheirando ao mais puro mofo, são lidos e passados de um a um, logo descubro coisas que não me agradam ao extremo.

A porta é aberta, mas não desvio meu olhar dos papéis. Logo ela é fechada e eu só sei, por causa do *clic* da fechadura. Quando tenho um papel com o nome de Luciano nas minhas mãos e com linhas extensas de desenvolvimento em forma de texto por uma caligrafia que reconheço perfeitamente por ser a de Malaquias, então penso que estou ficando um pouco doente.

É uma narrativa usual, como se fosse um livro.

Sim, é como se eu estivesse lendo ficção. Um livro *dark* que pinga sangue a cada linha escrita junto a permeável crueldade notada em seu desenvolvedor. No primeiro parágrafo ele diz que a

PERIGOSAS ACHERON

criança com o nome de Luciano Malaquias seria o sucessor dos diversos negócios da família, mas ele não poderia ser um homem fraco que se deixasse envolver por qualquer sentimento, logo seu aprendizado seria adquirido desde pequeno, sofrendo duras horas de desprezo, dor e com a extensa onda de mágoa que ele teria no seu coração, logo estaria em seu perfeito estado para matar quem quer que ele assim determinasse. E estaria determinado a Nicolas receber esse menino, que mesmo sendo seu filho, sofreria pelas mãos sádicas do pai biológico, enquanto acreditava ser filho de outro, o tio mais novo. As barbaridades listadas me deixam sem palavras.

— Eu não sabia que eram meus filhos. — Escuto uma voz distante pronunciar tais palavras e quando me viro, é inevitável não me assustar.

Não posso nem acreditar que esse maldito está aqui....

— Não sabia — ele diz e dos seus olhos, lágrimas estão ao ponto de serem derramadas, mas eu não acredito que sejam verdadeiras.

Esse maldito dedicou horas do seu dia para fazer da minha existência um completo inferno

PERIGOSAS ACHERON

naquela instalação sádica e maldita, então, agora eu simplesmente tinha que permanecer aqui o encarando como se não pudesse matá-lo?

— Você, assim como Zayxa e Vilk, tem todo o direito de me odiar – ele diz e eu aceno, deixando de lado os papéis e então, encaminho-me em sua direção.

Estou nervoso, mas acima disso e de todo o resto, estou furioso.

— Fui um maldito com todos vocês – sussurra e eu aperto meu maxilar, agora estando frente a frente.

Suas feições... Oh, nunca irei esquecer do ar satisfatório que sempre exibiu ao me ver chorando e implorando para morrer, mas ele nunca fazia o que eu pedia. Podia me deixar entre o viver e o morrer, mas não dava o que eu pedia e essa era a pior das torturas.

— Vou acabar com você – rosno não piscando por instante algum e quando estou a dois passos de o acertar um soco, então faço uma mudança de planos.

Com minha mão direita, aperto o seu pescoço. Acompanho, sem satisfação alguma, o

PERIGOSAS ACHERON

sangue se acumular no seu rosto e os seus olhos se arregalarem.

— Essa é uma armação sua? – questiono e ele sacode a cabeça.

— Nunca prejudi... ca-caria um fi-filho me....

— Você não é meu pai. Eu não tenho família – rosno e quando eu teria minha vingança, a porta é aberta novamente e quando desvio meu olhar, vejo a única capaz de fazer meu coração parar uma batida apenas para apreciar sua visão.

— Para, Lince – sussurra entrando e fechando a porta. — Você não pode! Solte-o!

Travo minha mandíbula tamanha é a ira que circunda meu peito, mas aceito o que ela diz e o solto. Afasto-me da sua figura medonha que só me traz pensamentos assassinos e encaro Vilk.

— Você lembra quem ele é, não é?

— Sim, lembro, mas ele tem suas razões. Ele tem um juramento de sangue.

Sacudo minha cabeça.

— Isso não é justificativa – rosno e ela revira os olhos.

— Você sabe que é.

Quando suspira e se aproxima dele, juro que
PERIGOSAS ACHERON

posso acabar tendo um ataque do coração.

Como ela pôde me esconder isso por tanto tempo?

Como ela pode estar do lado dele?

Como?

Isso não deveria ser possível!

Está me decepcionando, Vilk...

— Antes de fazer merda, veja as provas — ela disse se aproximando dele.

E eu malditamente revirei os olhos, porque nesse momento tudo o que eu queria era escutar dos seus lábios o que está acontecendo aqui. Não quero que ela diga que isso não era uma história sua para contar, como fez mais cedo e, pior, não desejo que agora ela defenda este homem, porque ele nos danificou de formas incontáveis durante dias. Ele foi o responsável por me tirar dali e me afastar dela.

Não, ele nunca será o meu pai ou passará perto disso.

— Lince, por favor, pare. Há crianças ao nosso redor e elas são sensíveis para a violência. Por favor.

O seu olhar está tão duro sob mim que me sinto miserável. Quando é que nossa relação ficou

PERIGOSAS ACHERON

assim? Desde quando ela ficou do lado do inimigo e contra mim? Desde quando tudo virou de cabeça para baixo?

Quando a porta retorna a ser aberta, meu olhar vai diretamente para ela e me forço a fazer isso porque está sendo difícil demais olhar para Vilk. Pela porta, uma mulher entra. É baixa, possui os quadris avantajados e mais carne do que meus olhos já puderam registrar, mas isso não a torna menos bonita. Veste roupas pretas, como uma perfeita rockeira o faria e o seu olhar está pulando de Nicolas para mim.

— Atrapalho algo? — questiona arqueando as sobrancelhas.

— Não — responde Vilk com um suspiro. — Leve Nicolas daqui, ok?

Ela franze o cenho e pisca quando meu olhar permanece no dela. Percebo quando analisa o meu rosto, mas o sorriso que beira seus lábios é mais estranho que o normal para mim.

— Eu não sabia que Luciano tinha um gêmeo — diz se afastando da porta e se aproxima de mim.

Preciso respirar fundo para não explodir, juro que isso é tudo o que eu preciso.

— Nicolas, ele tem os teus traços... os lábios, até os olhos... Você tem quatro cópias! Como diria Luluzinho, estou é passada.

O sorriso que vejo brotar nos lábios dele me irritam, porque ele não deveria ser capaz de o fazer. Não depois de desgraçar minha vida. Meu instinto grita para que eu o mate aqui e agora, contudo, o olhar amedrontado de Vilk me faz recuar. Seguindo o que me ordenou há poucos segundos, viro-me ficando de frente para a mesa e me sento a ela.

Então, com os papéis nas minhas mãos, começo a ler.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Vilk Jane



Quando ele saiu daquele escritório, horas depois de estar lá dentro sozinho, seu olhar estava em busca do meu e seus braços abertos vieram diretamente em direção ao meu corpo que o esperava com graça. Os rodeou na minha cintura e afundou sua cabeça no meu pescoço. Essa foi a primeira vez que ele me procurou por conforto. Abraçou-me como há muito tempo não o fazia e eu amei o contato da sua pele contra a minha.

Eu estava tão desgastada depois de chegar daquela busca maldita e a resposta que obtivemos foi a pior possível. Jamais seria capaz de imaginar que ao invadir aquele lugar encontraria aquelas crianças mortas. Isso estava me matando a cada instante. E observar as outras correrem por essa sala enorme, fazia a possibilidade de o mesmo acontecer com eles. Isso estava me consumindo tanto, que eu mal poderia ousar tocar em alguma

comida por mais que eu estivesse com muita fome.

— Eu... não sei o que pensar — sussurrou perto do meu ouvido e eu continuei a abraçá-lo forte, porque isso era tudo o que eu precisava e eu sentia que ele também assim o queria. — Como posso ter irmãos? Se fui criado durante minha vida toda em orfanatos e casas aleatórias que me expulsavam? Quando... por que ele fez isso?

Pisquei e não pude me conter, quando lágrimas escorreram dos seus olhos marejados. Ele é o homem mais bonito da minha vida e eu juro que o fato de o ver tão triste me faz sofrer de uma forma que não sou capaz de explicar.

— Desculpa — desabafou me encarando. — Te neguei esse tempo todo, te afastei... desculpa.

Não quero o responder, porque não sei se quero perdôá-lo.

Não sei se quero esquecer o que ele me disse para me manter longe..., mas minha indecisão morre no momento que lembro do seu motivo para fazê-lo. Eu sabia durante esse tempo todo o que ele estava fazendo ali. Eu sabia que ele comandava aquele galpão, que ele morava naquela casa e era observado constantemente e sabia do seu

PERIGOSAS ACHERON

envolvimento direto com Marinho. Tinha certeza que ele era ameaçado de alguma forma e por alguma coisa, mas não sabia o que. Sei de tudo sobre ele, porque me manti por um bom tempo o seguindo, observando-o de longe, enquanto tomava coragem para recomeçar com uma aproximação.

— Vilk.

Viro-me ao escutar Help me chamar.

— Vá para o seu quarto com ele, sim?

Suspirei e acenei com um agradecimento baixinho, então nos conduzi até lá.

A sala ficou quieta desde o segundo que ele abriu as portas de uma vez e tudo ao nosso redor ficou tenso quando se aproximou de mim e começou a sussurrar palavras ao pé do meu ouvido. As crianças estavam sentindo o quanto o clima ali ao redor estava tenso e eu não poderia estar de outra forma logo quando ele não estava de uma forma tão diferente de mim.

Assim que entramos no quarto, ele suspirou pesadamente e se encaminhou até a cama no centro do cômodo. Deitou-se ali e de olhos abertos, focou seu olhar naquele teto.

— Ainda tem alguma coisa que eu não saiba?

PERIGOSAS NACIONAIS

– perguntou, sua voz saindo em um sussurro baixinho, cansado.

— Muitas coisas – digo me sentando ao seu lado.

Estou tensa, porque não quero falar sobre o bebê que perdemos.

Estou nervosa, porque sinto que lembrar daquele dia não vai ser algo que eu possa lidar nesse momento, não depois de tudo o que presenciei hoje.

Deito-me ao seu lado, mas escolho não dizer nada, porque tudo que desejo é sentir o seu corpo junto ao meu.

O susto que tomei ao entrar na sua casa e ver tantos mortos foi o suficiente para me deixar louca por uma série de horas. Agora que ele já não está no radar de Marinho, espero conseguir que deixe de arrumar pretextos para não ficar comigo, para que assim possamos estar juntos e felizes.

— O que você não está me falando? – questiona sem voltar o seu olhar para mim.

— Eu te amo – digo ao costurar o que devo dizer em algum momento da minha vida a ele.

Ele se vira, fica de lado e de frente para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto observa meu rosto, percebo tantos sentimentos passarem sob seu olhar que mal sou capaz de aguentar, porque logo em seguida, lágrimas estão escorrendo dos seus olhos para borrarem seu lindo rosto. Os lábios recheados esticam mostrando um meio sorriso, mas ali não vejo nenhuma felicidade e isso me entristece mais se eu estivesse à beira da morte.

— Mesmo depois desses dias que te fiz sofrer?

Em meio a sua pergunta, sinto que existia muito mais que uma simples questionação. Ele realmente deseja saber se existe sentimento, se eu ainda quero continuar ao seu lado. Vejo isso no instante em que reluz isso ao meu olhar e eu juro que se fosse com outro homem, eu diria que não, que eu seguiria em frente e que se ele me quisesse, teria de lutar para me reconquistar, mas acontece que a nossa situação é tão complicada que tudo nos afasta. O passado, o presente e até um provável futuro. Conheço a sua mania de afastar todos a todo instante até que não exista mais ninguém ao seu redor. Sempre foi assim, lembro como se eu estivesse o vendo hoje naquela sala de tratamento.

A maneira como expulsava os outros garotos com uma arrogância e frieza que todos viam claramente que ele não tinha. A tristeza que havia no seu olhar era constante, nada seria capaz de mudá-la, nem mesmo minhas canções sem sentido ou meus conselhos que vagaram pelo vazio de qualquer que fosse a sala que estivéssemos. Meu Lince é e sempre foi um homem perdido na própria tristeza e, naquela época, jurei que nada seria capaz de tirá-lo dali, mas isso foi só até que eu conseguisse o conhecer por completo.

— Não pense que não vi que você também sofria — sussurro passando meus dedos com suavidade por seu rosto. — Por isso continuei com você, Lince. Eu sei o que sente por mim... é claro demais, mas você... é frustrante as vezes.

Quando ele sorri em meio ao par de lágrimas que escorrem ao mesmo tempo por sua face, acho que sou capaz de respirar melhor. Nossos olhares focam um no outro e logo estou aproximando meus lábios dos seus.

— Não sei como dizer isso, Vilk, mas depois de tantos anos só agora sinto que posso ser feliz — sussurra.

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso que mostro a ele é o da mais pura felicidade, porque esperei tanto para escutar isso que nem sei se sou capaz de prosseguir nessa caminhada em direção a nossa felicidade.

Ele aproxima os lábios em direção aos meus e me beija. Nesse singelo gesto de afeto derramo toda a minha vontade de possuir um futuro recheado a muito mais deles. E eu espero, realmente, que o nosso destino seja esse, de agora em diante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Lince Arias



Ainda não sei o que é pior sobre o meu passado: as dores que sofri, ou os traumas que até hoje vivem continuamente sobre mim.

O homem que se dedicou a me fazer sofrer todos os dias declara ser meu pai de sangue. O homem que passei anos escutando barbaridades se declarou como meu irmão. A mulher que ainda não tenho uma opinião formada é a minha irmã. O homem que nutri altas doses de ódio e vontade de o matar é meu irmão. Faço parte de uma família conturbada, com pessoas fora si e que levam tristeza a vida das outras, assim como eu faço e talvez, essa seja nossa maior semelhança. Ou o fato de sermos assassinos, ou o fato de que compartilhamos o mesmo destino, a mesma podridão e tudo planejado por um só homem. Tudo é tão absurdo e macabro que pouco se pode abstrair.

Acabei de ler os papéis com as anotações antigas de uma caligrafia completamente conhecida por mim, afinal passei anos a vendo e a abstraindo, engolindo a vontade que eu sentia de explodir, já que isso eu não poderia fazer.

Ele traçou cada plano desde o nosso nascimento. Determinou cada pessoa que estragaria nossas vidas. Acho que no mundo nada deve ser pior do que uma infância maldita como a minha, como a dos meus irmãos. Isso tudo está me deixando ainda mais louco, porque realmente, não entendo a vantagem que esse homem teria causando tanta dor. Ele não tinha um pinga sequer de humanidade dentro de si? Ele não pensou no que poderíamos fazer caso desse errado? Exatamente como aconteceu?

— Você gosta desse lugar? — pergunto a Vilk, que ao meu lado está deitada enquanto meus braços rodeiam sua fina cintura.

— Sim, eu gosto. As crianças precisam de tudo o que pudermos dar a elas.

Sua resposta me faz suspirar, porque era o de se esperar.

Vilk é assim desde que eu a conheci. Ajuda
PERIGOSAS ACHERON

aquele mais frágil até que esteja bem, talvez seja por isso que passou tanto tempo ao meu lado, mesmo que sofresse tanto ou mais que eu. Estava ao meu lado, sussurrava palavras reconfortantes e depois cantava baixinho uma música que eu nunca saberia ao certo o seu real significado.

— Você quer continuar aqui?

— Sim – respondeu sem titubear.

Se era assim que ela queria, então assim seria.

Aqui, deitado ao seu lado, tomei uma decisão que espero ser a melhor para o nosso bem e para os demais, porque não espero mais que seu coração seja rejeitado por mim. Agora tenho uma realidade diferente ou nem tanto. As crianças ainda estão sob a guarda de Gregory e isso é o que mais me apavora, porque sinto medo do que ele pode fazer, agora que me excluíram dos negócios. Pergunto-me quem é que agora tomará a frente dos negócios... e com quem fechará os planos que tinha em aberto e que guardei as sete chaves para que ninguém o aceitasse.

— Só queria um gole de whisky – sussurro em um pequeno desabafo e escuto ela sorrir, logo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em seguida ao se afastar do meu peito e olhar o meu rosto.

Nossos olhares se cruzam e ali naquele pequeno universo me vejo refletido.

É o maior e mais concentrado em sinceridade que já pude ver em toda a minha vida e agora, no que resta dela, espero que esse esteja presente por muito e muito tempo, porque não sei ao certo se conseguirei viver caso ela esteja longe.

— Vou buscar um pouco para você – ela diz, mas antes que se levante, toco o seu pulso e a puxo em direção ao meu peito mais uma vez.

Observo mais uma vez os seus olhos e de todo o fundo do meu coração, sinto arrependimento.

— Você será capaz de me perdoar algum dia?
Ela sorri.

— Se você não fugir ou persistir nos pretextos infundáveis, certamente perdoarei.

E, sem mais, se inclina e deposita um rápido selinho nos meus lábios antes de se afastar e se levantar. Sai do quarto sem olhar para atrás.

Ao olhar para o teto, chego a conclusão que sem ela já não posso mais viver.

PERIGOSAS ACHERON

Isso é um fato.

Alguém bate na porta e, sem esperar que eu diga algo, já a está a abrindo. Luciano está sério na entrada me encarando, quando atrás dele aparece uma pequena menina de aparência adorável. Rodeia os braços na perna esquerda dele e ali fica grudada. A carranca que ele exibia logo some, dando lugar à um sorriso de lado.

— Papai, o tio Bomba não quer me dar chocolate – ela diz suavemente com um meio sorriso.

— O que o tio Adiel disse ontem?

Ela revira os olhos e se afasta da perna dele.

— Quero chocolate – afirma, a boca se transformando em uma careta ainda mais adorável.

— Já comeu? – ele a pergunta, mas a pequena garotinha retorna a revirar os olhos e logo se vira, saindo de perto dele ainda com uma careta instalada no seu rostinho.

Quando desvio meu olhar para Luciano, ele aparenta cansaço extremo, mas eu não sinto nenhuma pena dele.

— Nunca pensei que ter filhos rendesse tanto trabalho e paciência – sussurra entrando e fechando

PERIGOSAS ACHERON

a porta logo atrás dele. — Você já escolheu se fica ou se vai embora?

Para aquela pergunta eu já tinha minha resposta e ela seria graças a Vilk.

— Sim.

Levantei meu torso da cama e permaneci sentado o observando.

— Então...

A sua expectativa está evidente e difícil de ser camuflada. Realmente não sei identificar se isso é bom ou ruim, contudo, não posso ficar tão distante como já estou. Esse é o lugar que Vilk quer ficar. Não é justo que eu escolha ir para longe logo agora, porque eu sei que mesmo que isso seja o justo para ela encontrar felicidade, certamente não é o que ela iria querer. Afastar-me só faria com que ela percorresse um longo caminho atrás de mim, enquanto se afasta do local em que realmente quer ficar. Certamente já fiz péssimas escolhas e eu sinto que esse é o momento em que devo fazer a melhor para ela.

Suspiro.

— Ficarei por Jane.

Luciano me encara, me encara e por fim,
PERIGOSAS ACHERON

acaba suspirando.

— Ao ficar saiba que assumirá responsabilidades. Terá a vida dessas crianças indefesas sob a sua proteção. Cada uma delas tem uma história diferente de vida, de sofrimento. Na parte de cima da casa ainda restam crianças mais novas cheias de ferimentos. Espero que não esteja aqui para prejudicá-las. Espero que, assim como Zayxa e Laureano, você fique para somar no crescimento delas de uma forma positiva.

Aceno, porque as suas palavras foram pesadas demais para que eu me mantivesse inerte. Ainda não passei tempo o suficiente nessa casa para abstrair algo diferente por elas, mas se elas precisarem de proteção, não hesitarei em protegê-las, afinal são crianças. Com a minha vida se for necessário.

— Decidiu viver? — ele pergunta e eu semicerro os olhos, porque tal questionação não era tão previsível.

— Desde quando decidi morrer?

— Estava claro. Todos viam, alertamos a Vilk, mas ela não queria nos escutar. Fico feliz em ter você ao meu lado. Espero que me ajude e que

PERIGOSAS ACHERON

construa um nome forte assim como eu, dessa forma a proteção deles será maior.

Pisco, porque o que ele está pedindo agora é demais. Nem conseguiu minha confiança e já me quer a frente dessa merda com ele? Quem pensa que é?

— Estou cansado de levar tudo nas costas sozinho. Estou cansado de correr atrás das guerras, de ser obrigado a ganhar sempre e de deixá-los sozinhos com Eve e Help. — Ele para um pouco, baixa o olhar e suspira, acho que procura palavras. Aqui sentado o observo e não consta no seu olhar nenhuma vitimização provinda de uma possível enganação. Está sendo sincero e eu aprecio que assim esteja sendo. — Estou farto de dormir com um olho aberto e o outro fechado... Sempre foi assim. E agora, eu acho que mereço férias. Meu doutorado como assassino está acabado e já não quero lutar todos os dias para implantar respeito. Você, Zayxa e Laureano têm o mesmo sangue que eu, o mesmo destino, habilidades não tão boas..., mas seria pedir demais tanta perfeição de todos. Chegou a hora de vocês assumirem o que construí para derrubar Malaquias. Se é para o bem ou para

PERIGOSAS ACHERON

mau, pouco me importa. A obrigação de vocês será em proteger os pequenos... de resto, espero que se foda.

E sem mais, ele se vira.

— Pense bem sobre isso, porque...

Alguém abre a porta de uma vez e isso ocasiona, na madeira batendo contra sua cabeça.

— Que merda! – brada, dando dois passos para trás até que a pequena menina entra com os olhos arregalados e a boca fechada em um bico.

Sua expressão me faz rir, quando ele leva a mão até a testa e começa a fazer um pequeno barulho de choro, que faz a pequena correr até ele.

— Papai... desculpa eu – diz abraçando as pernas dele. — Foi sem querer querendo, juro.

Ele sorri, mas continua gemendo como se estivesse doendo muito. Caminha sem dizer nada e ela se agarra na perna dele com um forte aperto. Senta-se sob o pé dele e à medida que ele anda, a leva junto.

— Ai, meu Jeová – balbucia sussurrante. — Acho que vou morrer!

Ao passar pela porta, ele para.

Mais a frente uma mulher de cabelo
PERIGOSAS ACHERON

vermelho, tamanho mediano e os olhos cheios de lágrimas está parada o encarando.

— Amor – ela diz e corre até ele. Assim que para na sua frente, desvia o olhar para a pequena menina. — Bebê, ajuda a tia Vilk a achar aquelas garrafas do papai, sim? – pede e a pequena logo se desgruda da perna de Luciano, levantando o olhar para cima.

— Está doendo muito, papai? – pergunta, o queixo trêmulo.

— Não, bebê. Está tudo bem – ele diz com um meio sorriso tranquilizador e a menina semicerra os olhos, desviando o olhar para a ruiva.

— Mãe, ele estava chorando como um bebê – ela diz e a mulher tenta sorrir, mas não consegue.

— Vá logo ajudar a tia, mais tarde conversamos.

A pequena suspira e revira os olhos.

— Quer se livrar de mim para falar coisa de adulto. Pensa que não sei, é? – ela diz à medida que se afasta e todos escutam.

— Como ela pode ser tão sapeca assim? – ele pergunta ainda encarando a pequena e o seu comentário me faz sorrir.

Sim, realmente ela é muito sapeca e esperta até onde pude perceber.

— Estão cercando as redondezas, Luciano. Os seguranças do subterrâneo estão dizendo que observam aquela parte desde cedo...

— Merda! Querem invadir essa porra – rosna levando as mãos para a cabeça e então, volta seu olhar para trás, para mim. — Quer ser útil ou vai remoer a tua identidade até o fim do mundo acontecer?

Pisco não compreendendo o motivo de tal ignorância.

Reviro os olhos ao me levantar.

— Se você tiver um rifle e um ponto que cerca esse lugar todo, te mostro a minha utilidade – digo me aproximando dele e saindo do quarto.

Era para sair com um pouco de humor, mas acho que o clima no momento não é um dos melhores.

— Venha comigo – ele diz, mas antes de começar a caminhar se aproxima da mulher e lhe deposita um beijo na testa. — Vai ficar tudo bem, amor. Lembra daquele lugar que te falei? Leve as crianças para lá e fique com elas. Não saia até que

PERIGOSAS ACHERON

eu as chame. Ligue o som e distribua os livros que coloquei lá. Comece agora.

Quando se separa, ela acena, os olhos ainda cheios de lágrimas.

— Levarei Adiel comigo — sussurra e ele acena.

Então os dois se afastam, tomando caminhos diferentes.

Ele se encaminha de uma porta de frente para a minha, mas no final do corredor, uns dez metros à frente. Sigo-o sem falhar nenhum passo e sem dizer uma só palavra.

Ao abri-la, a primeira pessoa que vemos é o mesmo homem que estava como um fiel cachorrinho atrás de Zayxa, a minha irmã mais nova. Irmã... tal pensamento me faz sorrir, porque nunca tive uma antes.

— Adiel, ajude Eve a deslocar as crianças para o calabouço e consigo, leve Íris...

— No inferno que ela vai — diz ela ao se levantar da cama que estava deitada.

— Você não estava dormindo? — o homem questiona alarmado.

— Não, eu não durmo com tanta facilidade,
PERIGOSAS ACHERON

meu amor – ela diz com um meio sorriso. — Ajude Eve.

Ele pisca a observando.

— Adiel, estou acostumada a estar em ação até mesmo machucada. Eu sei me defender. Fomos criados para isso, assim como você foi para ser médico e saber como lidar com um paciente baleado. Ok? Ok. Vá.

Retira a agulha que tinha no braço e se apressa em levantar da cama.

— Você não está em condições de...

— Não vamos brigar, por favor. Não sou uma mocinha frágil que precisa de proteção, Adiel. Sei me defender, sei me cuidar. Não me julgue com tão pouco, ok? Me ofende e fere o meu orgulho esse teu julgamento.

Ele bufa colocando as mãos na cintura e a observa.

Sinto vontade de sair correndo daqui para o mais longe possível para não presenciar essa pequena briga de casal.

— Meu julgamento, Zayxa? O meu? Você é a única que se fere entrando em brigas sem ao menos se recuperar primeiro. Não fazem nem duas

PERIGOSAS ACHERON

semanas desde que eu soube que você estava viva, então, por favor, pare de se machucar. Não vou ficar de braços cruzados apenas esperando você voltar morta, entendeu?

— Ela não vai voltar morta, porque sou Luciano Monteiro e não deixarei que nada aconteça. E você não estará de braços cruzados. Precisa cuidar das crianças e do tempo que irão precisar ficar no calabouço... enquanto cuido de tudo.

Enquanto a atenção do médico estava sob Luciano, Zayxa continuava a tirar todos as agulhas que tinha no seu braço e então, para atravessar o quarto sem passar pelo homem, pulou a cama e correu para fora do quarto.

Sorrio, porque ela estava exibindo um bico fino quando fez isso e posso apostar que foi para evitar um confronto maior com ele, que está de boca aberta a observando fugir. Saio dessa porta e me encaminho para a seguir. Vejo-a correr escada abaixo e quando me aproximo do conjunto de escadas, observo Zayxa parada em frente a Vilk, que arregala os olhos com alguma coisa que lhe foi dita. Na sua mão há um copo com o que imagino

PERIGOSAS ACHERON

ser whisky.

Desço-as e vou de encontro a mulher que mora no meu peito. Pego o copo da sua mão e bebo o conteúdo que nele contém. É nesse momento que sinto que posso respirar com mais facilidade.

— Acho que algum confronto se aproxima. Luciano disse a Adiel para levar as crianças para o calabouço – sussurra, os olhos ainda dançando pelo rosto de Vilck, que engole em seco antes de tomar o copo da minha mão e sorver o resto do líquido.

— Íris! Íris! – grita um outro homem saindo de dentro de um quarto. — Você precisa se esconder. Estão cercando tudo!

Os olhos de Vilck se arregalam e Zayxa toma dois passos para a frente.

— Você está atrasado, Tarcio. Eu já sabia – ela diz o encarando com seriedade.

— O que vamos fazer? Como eles estão conseguindo isso? – ele pergunta de olhos ainda arregalados.

O medo está constante no seu olhar e isso não é capaz de disfarçar.

— É simples. Temos um ou mais traidores no recinto – Luciano diz vindo por trás de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando me viro, vejo Adiel ao seu lado e em contrapartida, o olhar dele está sob Zayxa.

— Zayxa, suba com Lince. Preciso de dois francos atiradores a postos. Tem mecanismos no meu escritório. Pegue-os e se preparem.

Zayxa acena.

Vilk acena.

E logo estão se virando, seguindo escadas abaixo.

— Você não disse que seria útil com um rifle em mãos? Então... guarde o calabouço e não deixe que ninguém se aproxime.

Ordens... detesto que me ordenem a fazer coisas, afinal, passei a minha vida inteira as recebendo de Malaquias e posteriormente de Marinho. Não estou com paciência para tanto e logo agora, depois de me livrar das correntes, mas levando em consideração que aqueles pequenos estão sendo arrastados para fora da casa agora nada tem a ver com isso, então me afasto, indo logo atrás das mulheres.

Quando entram no mesmo local em que deixei os documentos abertos, vejo-as pegando rifles e coletes a prova de bala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem que chamaram de Tércio está vindo logo atrás de mim, entrando e fechando a porta atrás de si.

— Quero ajudar – ele diz e eu me encaminho em direção ao local em que elas estão.

Acho que posso suspirar profundamente ao ver a quantidade de armas que ele possui. Não as tinha visto quando estava aqui mais cedo, mas agora que as tenho sob meu olhar posso sorrir.

Odeio usá-las, mas quando a situação não é a das melhores, como agora, tendo pessoas más querendo prejudicar pequenas crianças indefesas, sinto que posso lutar por isso e me sinto feliz em fazê-lo... por uma boa causa.

— Eu vi pelas câmeras de segurança o momento que se entranharam entre as árvores. Eles são perigosos e você está machucada. Por favor, não vá – ele diz e eu pisco, quando Vilk me entrega um rifle e duas pistolas.

Seu olhar sob o meu rosto está intenso e com o colete já no seu corpo, ela se aproxima assim que pego as armas. Rodeia meu pescoço com seus braços e deposita um beijo no meu pescoço antes de se afastar e me encarar.

PERIGOSAS ACHERON

— Volte para mim, ok? Não ouse se entregar — ela sussurra e então, deposita um beijo sob meus lábios. — Uma vida sem você não é algo que eu deseje.

Quando ela se afasta, certamente estou sem ar. Quando volta sua atenção para a parede, juro que tento respirar, mas isso ainda parece difícil. Quando se vira, em sua mão está outro colete, esse que ela se aproxima de mim e o coloca no meu peito, o apertando com demasiada força.

— Vilk é tão fofa — disse alguém aqui dentro, mas não dei a mínima, porque não consegui.

— Se cuida — sussurro, vendo seus olhos subirem para os meus. — Se algo acontecer com você, juro que não vou conseguir.

E ela me beija. Sem querer me controlar, do fundo do meu coração, correspondo-a.

— Sei que esse momento é único entre vocês, mas... poderiam esperar até que nos livremos dos invasores? — É Zayxa quem pergunta e quem está nos separando.

Agarra a mão de Vilk, que ainda me observa, e a coloca atrás de si.

— Lince, vamos — ela diz e aponta para a
PERIGOSAS ACHERON

porta, então eu pisco não desejando me afastar logo quando derramei o meu mais profundo desejo.

Lutei por anos para não demonstrar o que sinto, mesmo estando em plena evidência. Agora já não tenho essa necessidade. Agora tenho que mostrar tudo o que sou e o que sinto por ela, para ela.

— Voltarei para a sala de monitoramento. Coloquem os fones, que estarei os mantendo informados.

Vilk desvia o olhar para ele e acena, então faço o mesmo.

Se é isso que ela quer fazer, então é exatamente isso que farei ao seu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Vilk Jane



Há alguns anos, descobri o que era amor em meio a toda a dor que meu corpo poderia sentir.

Ele olhou nos meus olhos e no meio daquele olhar encontrei conforto, enquanto chicotes estalavam nas minhas costas.

Em um calabouço, sendo suspensa por grossas correntes, desprovida de roupas, eu chorava, pedia misericórdia, enquanto sob minha pele uma adaga qualquer me rasgava para que eu aprendesse a resistir. Isso aconteceu por longos dias até que as lágrimas pararam de escorrer, até que meus gritos se transformaram no mais barulhento silêncio que a minha carne já ousou experimentar.

Amarrada, sem poder me mover, a única coisa que pude me agarrar foi o seu corpo esguio, magro de alimentação e atenção. As gotículas de água que pingavam do céu, em uma noite chuvosa, pousavam sob minha cabeça e escorria por meu

corpo ainda sem coberta e não havia mais ninguém que desejasse compartilhar do quente do seu cobertor para me ajudar... apenas ele se levantou e me cobriu.

Adolescentes, imaturos e com a brasa da paixão nos queimando, fomos amantes.

Naquele lugar sujo, pútrido e sem nenhuma esperança de vida, nos entregamos a paixão, nos momentos em que nos deixavam ali sozinhos.

No fim da nossa adolescência, ele foi o único que compartilhei sentimentos e eu sei que para ele foi da mesma forma, porque nunca foi capaz de esconder o que sentia.

Acompanhei os pelos da sua barba crescerem, vi ele tirá-los.

Dos olhos que escorriam lágrimas intensas após uma luta perdida, também descia a vontade de viver, porque ele já não a tinha e eu juro que também desejei não mais tê-la.

Antes de chegar naquele lugar, eu tinha uma família feliz que me amava.

E eu os vi morrer. Minha mãe, meu pai e minha avó. Morreram nos meus braços, enquanto eu chorava. E dos seus corpos, fui tirada por mãos

PERIGOSAS ACHERON

calejadas e cheias de maldade. Eu os amava mais que tudo na vida e nunca imaginei que tão nova, tão cedo, poderia os perder, mas nem mesmo o horror que me cercou fez com que eu perdesse a vontade de viver, porque com eles aprendi que se eu quisesse, a minha vida pode mudar. Era o que minha mãe sempre dizia.

— *Pequena, enquanto existir vida, há esperança, por isso vamos continuar tratando dele até que melhore, ok?* – Foi o que ela me disse antes da minha vida mudar drasticamente. Falava de um cachorrinho nosso que estava muito doente. Seu nome era Toby e eu o adorava. Naquele fatídico dia, ele morreu junto com os meus pais, quando tentou agarrar a perna do assassino que os matou.

Ele morreu, eles morreram, mas eu fiquei viva e fui levada ao inferno.

Resisti enquanto respiração eu tinha e aqui estou vendo o homem da minha vida após dizer palavras que realmente nunca escutei sair por seus lábios.

“— Se algo acontecer com você, juro que não vou viver.”

Foi a primeira vez que o escutei dizer algo

PERIGOSAS ACHERON

que remeta a preocupação e ao amor.

Eu estava dormindo quando ele sumiu. Quando acordei e não o vi em lugar algum pensei que estava morto, mas a notícia de que ele foi liberto logo chegou em mim.

— *O ofereceram a liberdade e ele a pegou.* — Foi o que me disseram.

Fiquei feliz, mas uma parte de mim estava melancólica demais para aceitar que havia partido. Não me disse adeus e nem se despediu. Pior irrelevância não havia sentido até aquele momento.

Um tempo depois, quando comecei a sentir sintomas de gravidez, quando comecei a sofrer com o bebê que carregava no ventre, então pude entender e ficar feliz por estar longe dali. Se eu estivesse no lugar dele, certamente teria ido. Qualquer realidade era melhor que aquela.

Foram sete meses caóticos, a partir dali.

Era impressionante como todos os dias eram chuvosos, cheios de trovões, mas aquele dia foi diferente. A luz do sol, a primeira que tomei em anos, uma pequena menina gritou ao vir ao mundo. Nas mãos de Nicolas, ela chorou ao contemplar a luz do dia. Nas mãos dele, encontrou um destino

PERIGOSAS ACHERON

melhor que o meu. De preferência, bem longe desse país, como ele disse que faria. Ele prometeu que ela seria feliz com uma família carinhosa que a cuidaria tão bem quanto ele o faria caso tivesse filhos. Confiei nele, porque não tinha outra pessoa para me agarrar e ele foi o único, nos meus meses de gestação, que me ajudou a não passar por um mar de dor e acabar perdendo o brotinho que eu estava carregando.

Depois do parto, meses depois, Malaquias surgiu pela primeira vez depois de me jogar ali e me ofereceu liberdade, mas eu teria que trabalhar para ele, claro. Aceitei, porque com o meu destino não seria outro, era o único jeito de sair dali e procurar por quem amo.

Minha filha não sei onde vive, não sei com quem mora, mas espero que esteja bem longe do inferno que fui confinada a viver. Não a busquei, não fui atrás dela, porque não desejo que em momento algum ela acabe prejudicada pela desgraça que me segue.

Malaquias não sabe da sua existência, Marinho também não. A minha gestação é um segredo meu e de Nicolas. Naqueles sete meses, ele

PERIGOSAS ACHERON

me deixou em um lugar que somente ele tinha acesso. Ele me alimentou de um jeito que não imaginei que faria, mesmo que tenha passado anos ali nos torturando. Sim, não posso negar que foi uma controvérsia que jamais irei superar, mas ele foi a força que eu precisava depois que Lince partiu.

A amargura de a deixar cabe somente a mim sentir, mas sobre sua existência ele precisa saber. Só não sei qual seria o momento adequado para contá-lo.

— Vou ligar o som — diz Luciano ao meu lado, enquanto nos aproximamos da entrada desse condomínio.

As crianças estão em segurança no calabouço, graças a Help que chegou há poucos instantes, trazendo consigo seus motoqueiros fiéis, esses que estão ajudando na barricada da frente para não dar entrada para mais ninguém.

Luciano está com seu colete e pendurado em seu peito há um rifle, enquanto pelo resto do corpo diversas pistolas o preenchem.

Acho que é alguma banda de rock que começa a verberar alto pelas caixas de som

PERIGOSAS ACHERON

espalhadas por todo esse ambiente.

— Esse som é bom para matar, Jane... tenha em mente isso. Sempre que for matar, ligue um som pesado. Lulu aqui ama, querida – ele diz e isso me faz sorrir em meio as lembranças nada agradáveis que carrego na mente.

— *Hide my face again harbor in the shadows* – ele começa batucando as mãos no ar. — *Feel this weight of sin hammering away* – continua ainda andando.

Achar isso sério, realmente não consigo, porque ele é muito engraçado cantando. E a cada letra que continua a cantar, mais o sorriso se revela nos meus lábios, porque é cada vez mais impossível não o fazer.

Quando as portas se abrem e ele é o primeiro a pisar fora, então seus braços se abrem e ele grita:

— THIS MEANS WAR!

— *Lash your tongue of bane carry me to nowhere* – Help o acompanha levantando ainda as mãos para cima. Nicolas batuca o vento com as mãos fechadas e mais uma vez, estou sorrindo.

O som verbera alto por aqui e nem sei como ele faz para estar tão relaxado logo quando estamos

PERIGOSAS ACHERON

sob ataque.

— Ele é fã de Avenged Sevenfold – sussurra quando estou me colocando ao seu lado.

— E de System of a down, não esqueça, papaizinho – ele diz revelando os dentes brancos.

— Adicione AC/DC. Por isso o amo – fala Help com a língua de fora e uma pistola na mão. — Isso significa que muito sangue vai escorrer por aqui hoje. Eu adoro.

Olho ao redor e tudo parece calmo até agora. Não vejo sinais de uma possível guerra.

— O que há de diferente por aqui? – questiono voltando meu olhar para Luciano que me observa com um sorriso cético.

— Se você fosse atacar um local como esse, começaria por onde? Pelo mais protegido, com o diabo na frente, ou iria pelo menos guardado? Pelo local esquecido?

Quando ele arqueia a sobrancelha e sorri, então posso compreender o que ele diz.

— Você está me dizendo que estamos aqui servindo de enfeite? – pergunto e ele acena com um meio sorriso.

— Só até Laureano nos chamar. Ele está
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

onde realmente nos importa – diz e então, quando uma nova música começa ao redor do local, ele começa a cantar.

Pressiono o ponto no meu ouvido e suspiro.

— Aqui é Vilk. Está tudo bem por aí? – pergunto e logo um suspiro acompanhado da resposta procede.

— Na outra extremidade, atrás do vasto terreno de treinamento há homens em cima das árvores apontando para os inimigos que se aproximam, acontece que eles estão em grande quantidade mais adiante e isso pode ser um pouco difícil.

Suspiro ao escutar as palavras de Zayxa.

— Vou entrar – digo ao me virar para Luciano.

Quando ele acena dando espaço para que eu o faça, logo estou seguindo para dentro. Corro até a casa grande, o rifle ainda em minhas mãos e a adrenalina correndo mais solta que antes.

Um pequeno movimento na porta de entrada me deixa hesitante, mas paro mesmo assim ao ver Yanne com uma pistola na mão, enquanto agarra Tércio pelo pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

— Que porra – rosno alto, chamando sua atenção.

Ela para, a ira queima sob seus olhos e eu sinto que estou passando mal.

— O que está fazendo, porra? – brado levantando meu rifle e apontando para ela, que sorri amarga, como nunca a tinha visto. — Por que está o segurando assim? O que pensa estar fazendo?

Ela pisca e semicerra os olhos.

— Ela está do lado de Zene. Não posso ser fiel a ela quando escolheu a minha inimiga, quem quase me matou.

Pisco ainda não entendendo o seu ponto.

Ela está nos traindo?

— Yanne, pare – rosno, mirando na sua perna.

— Se você atirar, irei matá-lo. Agora ninguém pode te ouvir, ninguém está vendo nada. Vou te matar – ela diz olhando nos meus olhos e eu pisco, porque não pensei que isso poderia vir dela.

Por um momento pensei que estivesse sozinha, que não poderia existir ninguém do lado dela, mas quando vejo por trás do calabouço mais três homens trazerem consigo os corpos de Zayxa e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lince, sinto que posso morrer a cada segundo que se arrasta por aqui.

Desvio meu olhar quando essa maldita destrava a pistola que possuí em mãos.

— Se não baixar o rifle, vou atirar nos dois — ela diz apontando para eles e é nesse momento que eu juro que se a pegar, irei matá-la da forma mais perversa que ninguém pôde imaginar.

— Vilk, está tudo bem — é Tércio quem diz.
— Está tud...

No segundo que desviei meu olhar para encarar o rosto dele, ela atirou.

Foram quatro tiros no peito.

A dor que me cerca é quase cega, o ar parece fugir dos meus pulmões.

A série de tiros e explosões que acontecem logo em seguida, parecem fugir da minha consciência assim como a minha audição, que se junta a escuridão da minha dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Lince Arias



Quando abro os meus olhos, é como se tudo ao meu redor estivesse rodando. O mundo parece não fazer tanto sentido como imaginei. O céu foi a minha primeira imagem. Está nublado, nuvens parecem cheias e prestes a despencar gotículas de mais uma enxurrada que parece sempre fazer parte desse lugar, ou seria do meu humor?

Tento puxar uma respiração, mas ao que parece isso não é tão possível quanto desejo nesse momento. É dificultoso até esse simples ato e quando meus ouvidos começam estabelecerem seu natural, de como estamos e em que situação compartilhamos, então acho que posso escutar alguma coisa... um conjunto de gemidos ao meu lado e, um pouco mais distante, gritos e praguejos.

— Merda... que merda me atingiu? — Alguém gemeu perto de mim, mas nada que me rendesse vontade de levantar minha cabeça.

— Droga... como dói essa merda — Essa é outra voz... uma conhecida demais para que eu não identifique. Escutá-la tão baixa me faz virar o rosto e conferir o que realmente está acontecendo.

Minha vista ainda está turva e eu sinto como se ao meu redor, tudo pudesse começar a desmoronar, mas ver Vilk Jane caída no chão, tentando arrancar seu colete para longe do corpo é o que me dá forças para me levantar sob minhas mãos e me arrastar até onde ela está.

— O que aconteceu aqui? — Luciano perguntou um pouco longe, mas não me importo com ele, tampouco com a sua maldita curiosidade, porque Vilk está precisando de mim, da minha força para estar ao seu lado, quando está machucada nesse maldito lugar que deveria ser bem protegido, como ele tanto afirmou.

Quando enfim consigo alcançá-la, ajudo-a a tirar essa droga de colete. Ao olhar para o seu rosto, por meio do embaçado que ainda cobre minha visão, vejo-a exibindo uma careta de dor.

— Como você está? — pergunto, mas quando seu olhar cai sobre o meu rosto, o alívio que a banha é tamanho que estou quase desmaiando no

PERIGOSAS ACHERON

mesmo nível de relaxamento.

— Como conseguiram pegar vocês?

— Fomos surpreendidos – responde Zayxa ao meu lado.

Desvio meu olhar que a cada piscada sinto que melhora um pouco mais a minha visão e só assim, consigo ver o sangue que escorre da cabeça dela por trás do seu ouvido até o seu pescoço, mas ela não parece abalada com isso.

Respiro fundo em busca de alguma ajuda, mas logo um assombro repentino de Vilk chama nossa atenção.

— Porra, porra, porra – pragueja se levantando. — Yanne levou Tércio!

E antes de terminar, já está correndo na nossa direção oposta.

Zayxa, na mesma proporção de assombro, levanta-se e eu a sigo, quando começa a correr atrás de Jane. Não conheço Tércio, mas com certeza deve ser alguém importante no meio das duas, já que parecem desesperadas enquanto correm.

Mais à frente, o campo verde que até poucos minutos eu estava guardando com Zayxa, agora está vazio, exceto por Vilk que corre por sua

PERIGOSAS ACHERON

extensão até a saída e logo em seguida, está ganhando os limites da floresta.

— Porra, para onde estão indo, merda? — Luciano grita aqui atrás e então me forço a parar, porque minha cabeça está queimando e minhas pernas já protestam esse esforço repentino.

— Levaram um Tércio e...

Nem termino de dizer e ele está arregalando os olhos antes de correr com mais velocidade que eu logo atrás de Zayxa, que está bem perto de Vilc.

Suspiro com as mãos na cintura, considerando que não posso fazer mais nada a partir daqui, então traço meu caminho novamente para o local em que eu estava guardando com Zayxa, assim terei minha visão mais abrangente para ajudar a encontrar seja quem for esse homem.

Nada pôde ser avistado do alto do edifício que estávamos.

Laureano estava vindo com Zayxa conturbada, Vilc temerosa e Luciano irado. Estavam se dirigindo para dentro da casa principal

PERIGOSAS ACHERON

e logo eu os estava seguindo, porque não tinha mais outro lugar para ir e eu precisava saber um pouco mais sobre o que Vilk estava se metendo.

Quando entrei logo atrás deles, a primeira coisa que vi foi o torço ensanguentado de Zayxa. Ela seguiu apressada escadas acima e Laureano estava indo logo atrás dela. Parecia preocupado, exibia uma careta no seu rosto e eu não soube entender o que acontecia, mas ali na sala, Luciano e Vilk estavam para me explicarem.

— Ele se deixou ser levado... tem algum plano ou é mais um traidor? — ele se questionou baixinho enquanto andava em círculos no meio da sala.

— Tércio não pode ser um traidor — afirmou Vilk surgindo na frente dele.

Luciano sacudiu sua cabeça, ao tempo que balançava sua mão.

— Você está deixando seus sentimentos nublar o seu julgamento — ele disse e ela parou com um sorriso debochado.

— Que julgamento, Luciano? Você quer dizer que aquele garoto que sempre esteve ao lado de Zayxa para tudo, agora a trai porque se deixou PERIGOSAS ACHERON

ser levado por quem amava? A situação não precisa ser analisada friamente como você sempre faz. Se você estivesse no lugar dele, o que faria? Mataria Eve ou seguiria até pensar em outra saída?

O olhar dele se levanta instantaneamente e a encara com fúria, então quando se aproxima rápido dela, tomo a frente e intercepto, colocando meu corpo entre os dois, meu olhar sob o dele e a certeza que se sua intenção for machucá-la, certamente terá um tempo ruim comigo.

— Nunca a machucaria — ele rosna cada palavra com seu olhar feroz sob ela.

Escuto sua risada.

— Então, não ouse pensar que um cavalheiro como Tércio pudesse fazer algo diferente.

Estou confuso, mas ainda não abro minha boca para dizer uma só palavra, porque no instante em que ele se vira, ainda com a ira cercando o seu rosto, Zayxa está claramente atordoada descendo as escadas.

— Yanne me traiu — ela rosna avançando em direção a Luciano, que levanta os braços para cima em sinal de rendição.

— Eu sabia, por isso dividi todos e não a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixei proteger as crianças no calabouço – ele fala olhando no mais profundo e conflituoso olhar dela.

O clima, de repente, fica ainda mais pesado.

Um trovão ressoa por toda a localidade e eu acho que o temporal está se assemelhando com o humor dos dois.

— E por que não me disse nada? — questionou o observando com demasiada atenção.
— Por que não me alertou?

Luciano toma dois passos para trás.

— Eu não tinha certeza e...

— Deveria ter me avisado mesmo assim – ela grita levantando o dedo indicador da sua mão direita e logo aponta no meio do rosto dele, que suspira em busca de calma.

Das escadas, está vindo Laureano.

Desce-as apressadamente enquanto possui em seu rosto uma carranca ainda maior. O olhar está constante sob o rosto de Luciano e ao se aproximar dos dois, rodeia a cintura de Zayxa para afastá-la dele.

— Calma – sussurra perto do seu ouvido, mas tudo o que ela faz é expulsá-lo, fazendo com que tropece para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que em toda a minha vida, convivendo com psicopatas dos piores tipos, nunca vi tanto tormento no rosto de uma pessoa, logo sendo ela uma que acabei de conhecer e descobrir que é sangue do meu sangue. Não que eu realmente me importe com isso, mas acontece que o dia que estive lutando ao seu lado, pude perceber o quão forte é. Vê-la tão frágil nesse momento não é uma linha imaginável.

— Ele é meu irmão! — brada levando a mão até onde está manchado de sangue. — Dediquei a minha vida para protegê-lo das maldades do mundo e agora, porque esse maldito que pensa saber tudo do mundo, me escondeu um fato que ele percebeu há tempos, estou com ele longe de mim...

Ela sorri, mas ao olhar o seu rosto, percebo que não está nada feliz.

Seus olhos estão nublados, as lágrimas estão prestes a escorrer por ali.

— Nas mãos de Yanne, que já nem sei mais para quem trabalha, ou de que lado está, mas aposto que já se aproximou de mim com essa finalidade. Logo, deve estar do lado de Marinho, de braços dados com Tim. Inferno! Inferno!

Quando ela fecha as mãos, enquanto respira fundo, penso que pode dar uma crise nervosa a qualquer instante, mas seria pouco demais da minha parte pensar algo assim dela.

Estamos todos de secundários enquanto ela e sua dor são protagonistas.

Quando ela pisca e dos seus olhos escorrem mais lágrimas, o som lá fora parece diminuir, sendo abafado aos poucos pelas gotas da chuva que se aproxima.

— Se Tim fizer alguma coisa para ele — sussurra e o restante da sua ameaça fica perdida no vazio dessa sala.

— Ei, Zayxa... nós iremos o encontrar — sussurra Laureano tentando se aproximar dela.

No seu rosto, o mesmo que tanto quis quebrar, vejo uma dor que chega a se assemelhar com a dela. Eles são muito parecidos, fisicamente comparando, e em algumas atitudes, eu poderia dizer o mesmo, mas ainda é muito cedo para que eu aponte quais.

— Não! — grita mais uma vez e quando ela se afasta em direção a uma mesa, a sua ira é descontada ali, no instante que a pega com as duas

PERIGOSAS ACHERON

mãos e a vira, derrubando tudo no chão. — AH!

Ela grita, o som fica cada vez mais alto e eu acho que é a primeira vez que ela o faz, porque é tão gutural que pelo tom da sua voz, sou capaz de sentir a sua dor, o seu desespero. Ela encara suas mãos manchadas com seu próprio sangue, enquanto as lágrimas escorrem por seu rosto. Quando a realidade fica ainda mais pesada sobre ela, seus joelhos cedem e ela cai.

— Ele não – sussurra virando-se no chão de forma que suas costas fiquem contra a madeira fria que cerca esse lugar. — Ele não.

Com tantos espantados aqui nesse lugar, as únicas pessoas que choram junto com ela são Vilk e Laureano. Ambos se aproximam para a ajudar a levantar, mas parece que não ela deseja.

— Se Tim matá-lo, como é posso viver? – ela sussurrou rodeando com seus braços o pescoço de Laureano, que a abarcou no seu colo como se fosse uma pequena menina que acabou de cair. — Como posso dormir sabendo que Tércio está sofrendo nas mãos dele? Como? – Ela quebra em mais um soluço alto e afunda a sua cabeça no ombro do irmão gêmeo. — Passei tantos dias o ignorando, PERIGOSAS ACHERON

Lau. Tantos dias... e se eu não o ver mais? Ele sempre foi o meu motivo de vida... sempre, Lau.

— Xiiii – sussurra Laureano, passando sua mão sob os fios do cabelo dela. — Você agora me tem. Também sou o seu irmão, lembra? Nós iremos encontrá-lo. Confia em mim...

Ela sacode sua cabeça, parece estar atordoada demais para se dar conta das suas reações e, de até mesmo, se controlar.

É perceptível a maneira como agarra e aperta o braço do irmão. As lágrimas que escorrem por seu rosto são de pura tristeza.

— Sinto como se pudesse morrer de verdade agora – ela sussurra, a voz sendo quebrada por um soluço violento, sendo seguido por um grito fino horrendo.

Vilk se ajoelha e ao lado do corpo de Laureano, revela um singelo sorriso branco. Ao levantar sua mão para tocar a pele descoberta e ensanguentada do braço de Zayxa, ela pisca e esfrega por um pequeno instante.

— No instante em que você conseguir se controlar, então poderemos discutir uma maneira de trazê-lo de volta – ela sussurrou, o tom beirando a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calma que somente ela é capaz de trazer em meio ao caos.

Por meio de um simples olhar e um sorriso típico dos seus lábios, acho que posso me encontrar. Sim, estamos no meio de uma guerra, com um ente desaparecido e que traz dor a alguém que me aproximei. Acontece que o olhar dessa mulher é profundo e verdadeiro demais sem nenhuma lacuna que dificulte a perdição de quem nele concentrar. Tentei não pensar nisso durante tantos anos e para minha pobre sorte, acho que quase me esqueço do quão intensos esses olhos podem ser. Arrependo-me do fundo da minha alma por tanto lutar contra, por buscar um motivo para não me aproximar e ser dela de uma vez por todas. Agora, esse é o final de todo e qualquer pretexto que, um dia, eu poderia criar para estabelecer distância entre nós.

Por ela, escolhi viver.

Por ela, decidi lutar.

Por ela, estou aqui.

Por Vilk Jane, agora, tenho uma nova chance.

E eu juro que não irei desperdiçá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Lince Arias



Meu coração está acelerado.

Normalmente em dias que minha cabeça está tão cheia de pensamentos como hoje, eu me sento em frente a minha janela, observo as gotas da chuva escorrerem por ali e bebo um bom whisky. As vezes fumo um charuto cubano importado para liberar tudo que impede meus pulmões de funcionarem. É assim que consigo continuar vivendo em dias turbulentos. Somente dessa forma consigo encontrar uma frecha, por mais fina que seja, para começar um novo serviço e embarcar no que me era ordenado.

Hoje aconteceu de uma forma diferente e estou sorrindo como um completo bobo por isso.

É madrugada, acredito. As crianças estão de volta a enorme mansão. Cada qual em seus respectivos quartos, incrível ou não, ajudei cada um a se acomodar. Insano ou sentimental, não sei.

Estou me tornando um grande e forte humano e hoje me descobri rendido por algumas crianças ferradas, com mais marcas em suas peles do que eu em suas idades. Vê-las me fizeram lembrar dos pequenos que estão mantidos em cativeiro por Gregory, esse que necessito ferozmente encontrar. Certamente, começarei a me concentrar nessas questões, afinal não posso deixar no escuro aqueles que passei anos protegendo.

Após acomodar todas as crianças, Adiel surgiu para buscar por Zayxa, que nos braços de Laureano adormecia. No meio de toda aquela confusão, o sangue que escorria era do seu ferimento em processo de cura. Precisou ser avaliado e com mais um pouco de cuidado, o homem refez o curativo. Durante todo esse processo, Vilk acompanhou e o assistiu ajudando sempre que lhe era pedido. E, ao final de tudo, quando todos estavam se recolhendo para seus quartos, esperei que ela viesse até mim, que me abraçasse e que buscasse nos meus braços, o conforto que um homem pode dar a sua mulher, contudo, como sempre, ela me surpreendeu em se dirigir diretamente para o quarto e ao entrar, fechou

PERIGOSAS ACHERON

a porta logo atrás de si. Fiquei aturdido, pensei diversas vezes no que eu deveria fazer para lidar com isso, mas acontece que essa mulher pode ser a mais surpreendente de todo o mundo e sobre isso já não me restam dúvidas.

Enquanto eu sofria ainda observando a maldita porta à minha frente, ela tomava seu banho. Do lado de fora, eu era capaz de escutar o som do chuveiro ligado, enquanto na parte externa da casa a chuva permanecia forte, sem sinais de uma possível melhora. Talvez, aquele era o estado que estava se assemelhando ao que Zayxa sentia. Talvez aquela era a maneira de alguém lá em cima afirmar que se compadecia daquela mulher que aos prantos lamentava o sequestro do irmão.

Eu pensava, porque quando estou confuso ou louco por dentro é isso que me concentro em fazer. E enquanto eu fazia exatamente isso, tal foi meu susto quando a porta do quarto foi aberta e Vilk Jane surgiu enrolada em uma toalha cinza escura. Estava belíssima com seu longo cabelo negro liso molhado, o corpo da mesma forma e os olhos semicerrados era a única coisa que distorcia a bela imagem que eu possuía na minha frente.

— Por que não entra? — Foi o que ela me perguntou ao me ver ali e, ao invés de respondê-la, entrei no quarto. Estava ansioso, esperava que nesse momento nossa conversa sobre o presente acontecesse e que ficássemos bem, mas ela não estava disposta o suficiente para isso.

Suas atitudes sempre me fazem rir e eu acho que é porque sua capacidade nata, certamente, é a de me fazer feliz mesmo quando o clima está péssimo e a felicidade não seja certa.

Como eu nada disse, ela também não insistiu em algum assunto. Virou-se em seu caminho e assim que estava perto da cama, livrou-se da toalha e, sem usar mais nada, pôs-se por baixo das cobertas.

Fiquei estático observando como aquela mulher era capaz de me deixar louco com movimentos tão sutis como aqueles. Já a tinha visto sem roupa diversas vezes, isso era certo, contudo nada disso impedia que eu não ficasse cada vez mais bobo em vê-la despertar tais sentimentos sob o meu corpo.

Em pé, parado no mesmo lugar, acompanhei o seu adormecer. O mais lindo de todos e desse
PERIGOSAS ACHERON

fato, nunca fui capaz de duvidar, mas as coisas que cercavam minha mente estavam longe de me deixar dormir. E mesmo assim, com a insônia presente sob o meu corpo e perturbando o meu juízo por completo, deitei-me ao seu lado sob a espaçosa cama ao qual ela repousava. Não pude evitar sorrir a cada instante que seu rosto esteve sob o meu olhar. Sim, cada instante dessa madrugada, sem pregar o sono por instante algum, assim permaneci e, sinceramente, não me arrependo de minuto algum.

Quando se mexeu ao meu lado, senti como se meu coração pudesse me causar algum ataque nervoso, porque se iniciou a sua batida violenta dentro do meu peito. Estou com medo de acordá-la, de alguma forma atrapalhar o seu sono sossegado. Observá-la serena como se encontra nesse presente momento, certamente está acalmando tudo de revolto que existe aqui dentro do meu peito e, dessa forma, não sei ao certo a quem devo agradecer por isso.

E eu juro que poderia passar aqui o resto do meu dia inteiro apenas a observando, porém, apenas um fator conflitante me impede de assim

PERIGOSAS ACHERON

continuar até que os raios solares invadam as janelas do quarto. Passos pesados andando no corredor do quarto, seguidos e de uma suave aterrissagem.

Levanto-me, porque nesse horário com todos já em seus respectivos quartos, não há mais o que se debater, tampouco o que se fazer andando pelos corredores.

Meu primeiro pensamento vai para os quartos das crianças.

Pode ser algum outro membro infiltrado em uma tentativa de ferir os pequenos. Essa especulação é o que me faz afastar a coberta e me levantar da cama, deixando minha mulher deitada sozinha nessa cama.

Encaminho-me em direção a porta e quando a tenho no meu alcance, então eu a abro. Tudo está escuro. O breu é completo, mas ainda escuto o barulho de passos se afastando para a minha direita. Suspiro e, inclino minha mão sob a parede do quarto, para que assim eu possa ascender a luz do quarto, então o pouco que ilumina esse corredor é o suficiente para que eu consiga ver a silhueta de uma mulher machucada se movendo com dificuldade até

PERIGOSAS ACHERON

o final do corredor para que assim possa alcançar as escadas. O longo cabelo loiro e o machucado descoberto que exhibe nas suas costas certamente pertencem a Zayxa.

Sigo-a, porque nesse momento me pareceu certo o fazer.

Quando alcanço as escadas, o cenário que me deparo pode ser um pouco melancólico.

Está sentada em uma cadeira em frente a uma janela observando a chuva lá fora. No instante em que um trovão preenche a casa com seu alto barulho, paralelo a ele, um raio ilumina toda a sala por questão de segundos para que tudo retorne ao breu natural, já que não tem nenhuma luz acesa.

Aproximei-me dela e quando estava ao seu lado, busquei uma cadeira para que eu pudesse sentar e assim o fiz. Sentei ao seu lado e junto com ela, vi a chuva lá fora escorrendo pelo vidro.

— Eu descobri muitas coisas enquanto estava morta — começa. Ao dizer suas palavras, seu olhar não desviou para saber quem se aproximou dela e, talvez, ela já sabia quem seja... de alguma forma, ela sabe. — Mas o principal, o que me corroeu desde o momento em que conversei com Laureano

PERIGOSAS ACHERON

a primeira vez, não fui capaz de descobrir.

Mantenho meu olhar na chuva, nas gotículas de água escorrendo por essa janela e nada digo, porque eu acho que ela não quer escutar minhas palavras.

— Na verdade, a maioria das coisas que eu precisava descobrir, o que me incomodava, estavam nos papéis de Malaquias. — Pausa, respira e retorna a falar, ainda sem desviar o seu olhar do que acontece lá fora. Parece estar paralisada com o fenômeno natural que acontece ali fora. — Minha vida inteira foi uma mentira, eu sou uma mentira. Sou apenas uma peça de peão criada por um monstro – sussurra e eu posso sentir que a qualquer momento ela irá começar a chorar. — Me colocaram dentro daquele hospital e logo em seguida, assassinos estavam o circulando. Pensei que estavam ali para me eliminar e então, tratei de me livrar de cada um daqueles que me ameaçavam. Como eu poderia agir diferente? Afinal, além disso estava sendo seguida. Logo me transformei em um alvo. Só que tudo isso é demais para minha mente processar.

Suspiro, porque não sei o que dizer.

Quando desvio meu olhar para observar suas feições, vejo que seu olhar está perdido lá fora, enquanto duas lágrimas escorrem por seu rosto, então eu acho que contar um pouco sobre mim, pode desviar seus pensamentos atuais, os que maltratam seu peito e seu sossego.

— Desde que me entendo por ser humano, vivi de casa em casa, como uma criança sem lar, conforto ou amor. Fui criado em um orfanato, mas nunca encontrei a estabilidade que uma família poderia proporcionar. Pelo contrário – começo e logo sua atenção está se voltando para mim. — Andei por muitas casas, famílias loucas, pais que abusavam dos seus filhos, mães que os espancavam, enfim... a última família que me teve em sua casa, me expulsou no meio de uma forte pancada de chuva. Lembro como se fosse hoje o quão frio estava. As gotas da chuva daquele dia estavam me castigando, porque eram pesadas, fortes... como se eu tivesse feito algo de errado, mas eu sabia que não tinha feito. Eles me expulsaram e o homem da casa afirmou que eu não era seu filho, que daquela família eu não fazia parte – digo, mas a essa altura já não tenho controle no PERIGOSAS ACHERON

meu tom de voz. Talvez tenha saído alto, ou baixo, tanto faz, não me importo. — E Malaquias surgiu. Pensei que fosse um herói, iria me salvar quando tanto pedi por ajuda sozinho. Quando me cobriu com uma manta e me ofereceu seus braços como um meio de conforto. Pensei que estava sendo salvo, que tudo ficaria bem. Confiei nele por poucos minutos, mas logo em seguida, ele me jogou na realidade em que eu viveria em um lugar que ao que me lembro, era como um calabouço fétido. O meu maior castigo foi continuar vivo.

— Sinto muito por tudo isso – ela sussurrou e levantou seu braço, aproximando-o do meu ombro. — Juro que não entendo o que se passava na cabeça de Malaquias para nos trazer tanta dor.

Ele não tinha o direito de prejudicar tanto a vida de pessoas, por um problema que era seu para ser resolvido. Se era doente, que *foda-se*, que fosse tratado e permanecesse o mais longe possível de mim, mas não. Sem tratamento e estando tão perto me transformou em um idiota, um completo imbecil para matar pessoas e crianças inocentes, assim como um dia fui.

Estou com o pensamento tomado de ódio e
PERIGOSAS ACHERON

mais um pouco de insanidade, quando escuto um suspiro cansado de Íris.

— Estou tão cansada, Lince... as vezes desejo morrer de verdade, sabe? – confessa em um baixo sussurro que me fazem arregalar os olhos. — Mas se eu fizer isso agora, sei o quanto todos estariam desamparados...

Ela ficou em silêncio.

Encarar as gostas de chuva parecia reconfortante para a sua existência naquele momento e eu decidi não atrapalhar. Então, assim, ao seu lado permaneci quieto.

— Não consigo entender o que o fez partir com Yanne – sussurra, o olhar ainda perdido lá fora. — Talvez ele vá tentar se vingar sozinho? O que ele planeja?

— Escutei de Luciano que ainda possuem documentos perdidos... que documentos são esses? – questionei e ela deu de ombros.

— Eu preciso de uma banheira cheia de gelo... preciso disso para conseguir pensar. Preciso apagar para conseguir retornar a vida..., mas com Adiel aqui, isso seria impossível – ela sussurra apertando os braços ao redor da sua cintura. —

Sinto-me cada vez mais sufocada sem encontrar respostas... acho que vou explodir a qualquer instante e ninguém poderá me ajudar.

Paro um pouco e tento pensar em alguma coisa, mas nada me vem à mente para ajudá-la.

— Você sabe de algum outro quarto que possui banheira por aqui?

— O de Laureano, eu acho.

Aceno e então, levanto-me.

— Você sabe se no congelador tem muito gelo? – questiono e ela desvia o seu olhar para mim.

Quando um sorriso aparece nos seus lábios, então eu acho que, por um momento, acredito que posso dar a vida só para vê-la sempre assim sorridente. Ela pisca e seus olhos começam a ficarem marejados. Não sei como deveria me sentir, mas certamente, o aperto que se inicia no meu peito está me deixando um pouco inquieto.

Não a conheço por tempo o suficiente para nutrir algo por ela, mas saber que ela é minha irmã e adicionando as lutas que tivemos juntos é normal que eu esteja assim com ela, não é?

— No freezer da cabana em que Malaquias

PERIGOSAS ACHERON

está sendo mantido tem muito – ela diz e eu aceno.

— Onde fica?

— Você tem certeza que vai conseguir encará-lo? Te faço essa pergunta, porque eu nunca reuni um pingo de coragem para isso. Acho que eu o mataria se fosse até lá – ela sussurra e eu sacudo minha cabeça. — Na cozinha também tem e eu acho que é o suficiente para encher uma banheira.

Sorrio, quando ela me diz isso. Não sei o motivo do sorriso, mas sem precisar escutar mais nada, estou me virando e me encaminhando para a cozinha. Quando tenho o freezer sob minhas vistas, trato de me encaminhar até lá. Pego dois sacos cheios de gelo e, antes que eu possa me virar, encontro Luciano parado atrás de mim e com os braços cruzados na frente do peito a me encarar.

Não vou dizer que estou apreciando tudo isso, porque essa é a última coisa que vou fazer. Sua presença aqui perto só me faz encarar a situação como ela realmente parece.

— Você não vai colocá-la na banheira de Laureano, não é? – ele questiona arqueando as sobrancelhas. — Ela ainda está ferida, Lince.

Dou de ombros.

— Ela disse que a faria pensar.

Ele pisca ainda com os braços cruzados e me encara como se eu fosse um completo idiota que não sabe dizer “não” e é realmente isso que acontece. Não sei não fazer tudo para uma pessoa como ela, que está claramente massacrada pelo que aconteceu com Tércio, então... foda-se, que seja feita a sua vontade.

— Você é idiota?

Não lhe dou ouvidos, porque se eu realmente o fizer, essa seria uma guerra que eu estaria pronto para enfrentar.

Passo por ele e me aproximo de Íris, que ainda está no mesmo lugar que a deixei, observando a chuva que parece aumentar a todo instante.

— Peguei o gelo – sussurro perto dela que, ao me escutar, vira sua cabeça na minha direção e sorri um pouco, para logo em seguida ficar em pé.

Suspira e desvia o olhar para algo atrás de mim, que imagino ser Luciano.

— O que pretende fazer? – ele pergunta ainda atrás de mim e ela sacode sua cabeça desinteressada.

Em contrapartida, ela toca o meu braço e então, começa a andar em direção as escadas. Está um pouco debilitada e tudo isso não poderia ser mais louco, mas não consigo ver alguém que ficou ao meu lado para me proteger e que ao meu lado lutou, ficar tão desamparada como estava a pouco.

Não penso, quando tomo a iniciativa de continuar caminhando escadas acima até que paramos na porta do quarto de Laureano. Ela se encosta contra a parede ao lado e suspira forte, antes de aproximar sua mão fechada em um punho da porta para que assim possa bater por um par de vezes antes de a recolher.

Quando Laureano abre sua porta, ele exhibe uma careta, mas não aparenta que estava dormindo.

— Te acordei? — ela pergunta e ele desvia o olhar para ela que ainda está encostada contra a parede tentando respirar.

— Está sentindo dores, não é? — ele questiona se aproximando dela e quando toca em seu braço, ela sorri.

Não é agradável para os meus olhos vislumbrar sua figura, já sabendo o quão próximo de Vilk Jane esteve e isso em nada me agrada.

Ele não me agrada.

— Posso ficar um pouco na tua banheira? — ela pergunta ao subir o olhar para o dele.

— É uma péssima ideia — disse Luciano atrás de mim.

— Luciano é o típico irmão mais velho chato e ranzinza? — pergunto com um meio sorriso, sabendo que talvez isso não vá agradá-lo e para ser bem sincero, não me importo com isso.

— Chato e ranzinza? Você não me conhece — rosnou me fazendo sorrir, mas ao desviar meu olhar para Íris, percebi o quão debilitada parece ficar a cada instante que discutimos.

— Você vai deixar ou não? — ela pergunta e ele acena, então a ajuda a entrar no quarto.

Sigo atrás dos dois e ver a maneira que o quarto é arrumado, me causa um pouco de surpresa, porque não esperei ver isso em um quarto isolado de uma pessoa como ele.

Desvio minha atenção dali para arrastar o saco com gelo até a banheira. Está limpa e colocada de lado. Acho que nunca foi usada e isso não me incomoda, porque logo pego uma lâmina em cima da sua pia para abrir o saco. E só assim, deixando-a

PERIGOSAS ACHERON

de lado, posso derramar na banheira todo o conteúdo do saco.

Quando ela se aproxima da banheira, usa apenas uma calcinha. As cicatrizes que cobrem sua pele são diversas e estão espalhadas por todos os lugares. Tatuagens cobrem algumas delas, mas não exclui o fato de que algumas são profundas e isso não me causa dor, porque o seu corpo não é muito diferente do de Vilck ou do meu. Na região da sua barriga há um enorme curativo, assim como na perna e nas costas, lugares atingidos em seu confronto recente.

A banheira está com a parte de baixo cheia de gelo. A quantidade que despejei ali dentro não foi o suficiente para enchê-la, mas acredito que se adicionarmos água, a temperatura estará boa o suficiente para o que quer que seja o que está pensando em fazer agora.

— Você vai se deitar em cima do gelo? É louca? — questionou Luciano vindo do quarto.

Ele me faz rir, porque por mais irritante que tenha sido durante todos esses dias na minha casa, dessa vez, está mostrando que se preocupa com alguém e isso é bonito, admirável.

— Não — Zayxa sussurra e então liga a torneira ao pé da banheira.

Acompanhamos até que esteja cheia e quando isso acontece, ela entra e pede que nós saíamos do banheiro para que ela fique sozinha. Acho que sou o primeiro a sair. Laureano e Luciano ainda debatem com ela sobre o fato de deixá-la sozinha, mas ela é irredutível. Então, poucos minutos depois, eles estão saindo do banheiro, fechando a porta logo atrás de si.

Sorrio, porque a preocupação evidente em seus rostos estava mais vívida que os trovões que ricocheteiam no céu. Luciano estava preocupado. Anda de um lado para o outro em frente a porta, enquanto Laureano opta por se encaminhar em direção ao seu saco de pancadas na cor preta, onde desfere socos. Observo-os enquanto o tempo escorre longe da nossa consciência.

Enquanto um está concentrando em bater contra um saco, o outro anda. Parecem compenetrados no que fazem. Essa parece a forma de os fazê-los pensar, talvez calculam um próximo passo, ou simplesmente não conseguem digerir as escolhas feitas por ela.

Quando as mãos de Luciano se abrem no meio do seu cabelo loiro, percebo o quão nervoso e aflito está. E não sou capaz de compreender, porque não os conheço o suficiente para construir um pensamento avaliador sobre suas ações.

Os trovões continuam lá fora, mas a escuridão logo é substituída pelo claro de um novo dia. O sol não está presente entre nós, porque tudo está nublado, a chuva está forte lá fora. A manhã chega e Laureano permanece da mesma forma batendo contra um saco. Em contrapartida, Luciano permanece sentado no chão ao lado da porta observando um ponto qualquer do quarto que está longe de ser ao acaso.

— Quando saí, deixando você sozinho com Íris, fomos em busca de crianças que estavam presas em um galpão. — Luciano quando começa a falar depois de horas em silêncio, mantém o olhar no mesmo ponto cego do quarto. Laureano continua da mesma forma batendo contra o saco, mas eu desvio minha atenção para ele e o escuto. O porquê ainda não sei. — Aquela era uma nova localidade descoberta por um dos meus homens. Como pertence a Malaquias e, eu sendo seu

PERIGOSAS ACHERON

herdeiro, tudo dele passa a ser meu, logo tenho consciência de tudo o que lhe pertence, mas Marinho possui algumas cartas nas mangas que me distanciam de descobrir tudo o que preciso. Enfim. Fomos até lá, era uma mais uma instalação para aprisionar crianças. — O olhar agora virou-se para mim, focando no meu rosto, então a boca retorna a abrir. — Mas elas já não estavam mais vivas, não puderam ser salvas. Eles a mataram para vender seus órgãos. Eles fizeram isso e eu não pude fazer nada para impedir, porque cheguei tarde demais — ele diz e quando pisca, seu olhar ainda está preso no meu. — Você sabia onde eles estavam. Por que não me disse?

Meus olhos estão mais arregalados e a minha respiração está a ponto de ganhar a sua corrida contra o gelo que me corrói dos pés à cabeça. Levanto-me, quando ficar sentado só aumenta o estado mais inquietante que pode corroer o corpo de um ser humano.

— Eu não sabia onde estavam — digo, sentindo o ar se comprimir ao meu redor e tudo se reduzir a nada. — Se eu soubesse já não estaria aqui, eles não estariam presos.

Um bolo está se formando no meio da minha garganta, porque sinto que lutei por anos por uma causa perdida, talvez as fotos nem eram atuais, talvez eu estivesse sendo enganado... foram anos obedecendo para mantê-los a salvo e tudo foi em vão.

— Fui mantido por todos esses anos nessa merda para que eles vivessem sem torturas — sussurro, enquanto caminho em direção a janela desse quarto. As gotas de chuva que escorrem parecem se conectar com as lágrimas que logo estão escorrendo por meu rosto. — Eu viveria uma vida obedecendo, seguindo as regras de Malaquias e Marinho, então eu teria ao final de cada mês uma prova de que estavam bem. Isso foi o que me disseram quando me ofereceram a maldita liberdade. — Suspiro, porque o fardo que está no meu peito permanece grande demais para suportar. — Me contaram uma história mirabolante. — Meu olhar se perde lá fora, no claro do dia e logo o quarto está em silêncio, o barulho dos socos de Laureano sessam. — Eles estavam pegando bebês, resolveram mudar a tática e eles queriam que eu fosse um dos torturadores. — Sorrio, porque aquela

PERIGOSAS ACHERON

era a situação mais amarga e macabra da minha vida. — O torturado passaria a ser o torturador... de bebês. Nunca aceitaria uma merda dessa, então Malaquias, um maldito, ofereceu-me outra coisa, outro serviço. Eu venderia armas, aprenderia como funcionavam para que eu pudesse as fabricar e comercializar. Então, fizemos um acordo. Os bebês cresceriam e seriam criados com o cuidado que precisam, longe dessa merda toda, e eu faria exatamente o que eles queriam, mas à medida que os anos foram passando, as coisas foram piorando, eles queriam que eu fosse para confrontos, queriam que eu ajudasse a eliminar alvos e quando fui obrigado a negar, quando decidi que a vida já não era necessária, quando tentei tirar a minha vida, então ele resolveu que a ameaça deveria ser maior. A minha casa era vigiada vinte e quatro horas por dia. Eu era transportado para o trabalho que ele montou e logo me tornei um negociador.

Bufo, quando sinto que minha voz trava no meio da minha garganta. A ira do que toda a minha vida significou está se acumulando dentro de mim e tudo o que penso é em devolver toda a dor que estou sentindo. Sim, não é justo que ele me faça

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrer tudo isso. Não é justo que eu esteja aqui passando por tudo isso e que o provedor do meu sofrimento não passe o mesmo que eu, ou, ao menos um terço.

— Eu era um negociador de um sistema que distribuía armas para diversos países a fora. Negocieei com membros do governo, tive de suportar ameaças vindas de malditos e ainda por cima, passei horas do meu dia maldito enfurnado em um escritório fingindo que conseguia suportar, o que, na verdade, nunca fui capaz. Sempre fui um robô maldito para proteger suas pequenas e inocentes vidas, para que agora ele as tenha matado para vender seus órgãos. Não sei se sou capaz de suportar isso... não, eu não quero suportar.

Respirar tornou-se difícil é por isso que agarrei a janela e a abri, para que um pouco de vento entrasse e batesse contra o meu rosto, mas eu acho que isso não está fazendo com que eu consiga suportar. Meu peito está confinado, parece que está trancado pela ira que me cerca e a dor, mais uma vez, está sendo mais que uma mera amiga.

Por anos, tive que restringir os meus sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

Por anos, fui obrigado a não revelar o que eu sentia, mas agora.... nesse exato momento já não tenho essa necessidade.

Gregory irá pagar por isso, garantirei que aconteça.

Quanto ao novo chefe a frente da Guns Lince, irá cair.

Marinho vai sofrer, porque irei me dedicar para fazer isso acontecer.

Quando uma mão delicada, fria e frágil toca o meu ombro, sinto que posso explodir, mas dessa vez, tento não o fazer. A frustração está tão forte dentro de mim, que não consigo me controlar... que não consigo pensar.

— Vamos retornar ao seu galpão e iremos explodi-lo. Logo em seguida, iremos ao hospital, onde meus alvos estão me aguardando – sussurra tão pacífica que me viro, vendo que o Íris parece outra pessoa.

Um alguém que eu nunca tinha visto.

— Eu sei o que você está sentindo – ela sussurra. — E eu quero me vingar por você, por mim, por Luciano, por Vilk, por Laureano, Tércio e por todas as crianças que sofrem todos os dias nas PERIGOSAS ACHERON

mãos desses malditos. Vista-se, recomponha-se e vamos lutar.

É tudo o que ela diz antes de se virar, ainda vestindo uma peça de roupa e se afastar até a cama. Pega as demais peças e se veste. O seu olhar desvia para Laureano e logo ela está sorrindo.

— Obrigada por me deixar usar sua banheira. Te devo mais uma, não é?

— Você me paga permanecendo viva e no meu campo de visão – ele diz se afastando do saco de pancadas para que possa rodear os braços na cintura dela. — Você é o único elo que me deixa raciocinando, Íris. Se eu te perder, se eu perder Nora, você não faz ideia do demônio que circulará pelo mundo... você não quer descobrir.

Os seus olhos cheios de lágrimas se assemelham, de alguma forma, com os meus e logo elas escorrem por meu rosto. Eu não preciso prendê-las, porque não preciso me camuflar, ou me esconder de ninguém.

— Não sou uma arma que deve ser destravada. Você é o meu único metal de segurança – ele diz e quando funga perto do pescoço dela, percebo que os olhos dela estão da mesma forma

PERIGOSAS ACHERON

que os meus. — Se planejou morrer para encontrar Tércio, peço que refaça o seu plano. Não estou preparado para me despedir de alguém importante, de alguém verdadeiro para o meu coração. — Ele a aperta e funga mais uma vez, liberando mais lágrimas, mais emoção. — Íris/ Zayxa/ Nora é a única pessoa que tenho na vida. Nunca implorei por nada, pela vida de alguém, mas agora eu preciso implorar pela sua. Eu sinto que preciso. — Ele se separa, afasta-se do corpo dela que ainda o observa de olhos arregalados. Quando se ajoelha, baixa o olhar e junta as duas mãos, sinto que nada no mundo pode ser mais confuso e turbulento do que o que está acontecendo nesse quarto agora. — Por favor — sussurra, sendo atrapalhado por um soluço, acompanhado de fortes lágrimas. — Não morra.

Estou irritado, mas o sentimento que vejo entre os dois muda o que estou nutrindo aqui no meu peito, porque é tudo verdadeiro. As palavras de Laureano são verídicas, as lágrimas que escorrem por seu rosto são verdadeiras. E eu posso sentir isso.

Íris se ajoelha, ficando na mesma altura que ele. Leva as duas mãos ao seu rosto e o toca,
 PERIGOSAS ACHERON

levantando sua cabeça.

— Estou com você, Lau. Não vou a lugar algum.

Quando ele pisca, mais lágrimas escorrem por seu rosto e logo estou me vendo da mesma forma.

Não consigo ser de uma forma contrária, porque parece que estamos sofrendo a mesma dor.

Isso é que é ser irmão?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Lince Arias



Vilk Jane dorme do mesmo jeito que a deixei na madrugada da noite passada, acho que aproveita do clima frio dessa manhã. Deixo-a exatamente onde está, porque sou incapacitado de mexer em uma mulher tão bela e serena como ela é enquanto dorme. Estou sentado ao seu lado, observando-a dormir, enquanto o temporal lá fora continua forte. Estamos esperando que diminua um pouco, ou, que passe para que possamos tomar Guns Lince para o nosso domínio.

Mas, observar Vilk me parece muito mais agradável do que ir em busca de vingança.

Dorme pacífica como se nada no mundo lhe preocupasse e eu a acho mais linda quando está assim, relaxada. Sorrio, quando ela respira fundo, mas não se mexe sob a cama em que estamos.

Deslizo meus dedos sob seus fios de cabelo negro observando o quanto sua expressão continua

serena e só posso desejar tê-la dessa forma ao meu lado pelo resto dos nossos dias. Não lembro de termos paz em um dia chuvoso, mas hoje é esse dia. Talvez, hoje seja o momento perfeito para que possamos dar início na nossa felicidade.

Parece que isso pode ser real.

Realmente parece que podemos ser felizes juntos.

Estamos em uma casa cheia de crianças. Correm de um lado para o outro, mesmo com suas cicatrizes, sentindo dores em seus pequenos corpos. E o meu maior sonho só seria que aqueles que tanto lutei para proteger aqui estivessem. Vivos, cheios de esperança e com uma nova chance para serem felizes, mas isso não foi possível a tempo.

Fui enganado e isso não está sendo fácil de engolir.

— Um dia, quem sabe, teremos os nossos filhos – sussurro antes de aproximar meus lábios dos seus e ali, deposito um selinho.

— Eu não posso.

Arregalo os olhos, afastando-me rapidamente do seu rosto ao me dar conta que ela estava acordada. Certamente, se eu soubesse que ela

PERIGOSAS ACHERON

estivesse acordada não teria falado isso. Sim, eu sei. Passamos por diversos tipos de torturas e, inclusive, tenho conhecimento das profundas que ela sofreu. Mas, essa não é a única forma de termos filhos.

— Você estava acordada? — pergunto ao limpar minha garganta.

Ela abre os olhos e eu vejo o par de esmeraldas que carrega ali, tendo o seu redor com um tom vermelho de marejamento que me parte o peito.

Talvez esse seja mais um vacilo meu.

— Eu não posso ter filhos, Lince — ela sussurra, levantando-se da cama e então, vira-se para me encarar com atenção.

Aceno aproximando minha mão do seu rosto.

— Está tudo bem — digo a observando, mas ela sorri e é o seu primeiro sorriso triste que tenho o desprazer de provocar.

— Lince, eu não posso ter filhos, porque eu já tive um.

O choque que percorre o meu corpo faz com que eu fique paralisado. Não consigo me mexer, porque essa é uma confissão inesperada.

— Depois que você saiu, algumas semanas depois descobri que estava grávida – ela sussurra baixando o olhar, antes de se levantar de uma vez da cama e ficar de frente para a porta do quarto.

Não sei o que eu deveria fazer, porque se antes o meu coração já estava descompassado, agora ele está ainda mais, porque estou em choque.

Baixo o meu olhar, porque estou projetando Vilk Jane grávida e sendo torturada todos os dias, enquanto eu estava fora vivendo em uma casa considerável, mas com conforto e alguns pares de peitos a minha disposição. Sinceramente, nesse momento eu não consigo olhar no seu rosto, porque fui o pior homem do mundo em não pensar no seu bem-estar e não tentar tirá-la de lá.

A porta é aberta e quando levanto o meu olhar, vejo-a sair. As lágrimas escorrem dos seus olhos e logo estou do mesmo jeito. Não sou capaz de suportar tudo. Tudo que eu não tinha conhecimento..., mas imagino o quanto sofreu e eu não estava por perto para protegê-la ou tentar tirá-la do perigo.

Fecho os olhos, ao lembrar do seu rosto juvenil. A última vez que a vi antes de sair foi o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento mais depressivo da minha vida. Ela estava dormindo quando a deixei. Malaquias fez uma oferta para que eu saísse dali e eu não neguei, porque viver ali dentro com torturas diárias estava me levando a a um limite que eu não aguentava mais, então aceitei e saí sem olhar para trás, como o homem frio que fui treinado para ser, mas ao que posso perceber agora, minha saída custou muito para ela. Muito mais do que eu poderia imaginar.

Além de ficar sem o único apoio, o seu único fio de esperança, foi obrigada a ser constantemente torturada enquanto carregava um filho meu no ventre. O quão fodida pode ser a mente de um ser humano?

As lágrimas que escorrem por meu rosto são de arrependimento.

Juro que me arrependo da decisão de sair, de não ter voltado atrás, de não tê-la buscado quando havia oportunidade.

O soluço que sai por minha boca é de agonia.

Dói-me o peito com o pensamento dos dias de terror que ela passou e... o filho?

Ela disse que teve a criança, mas não disse o que aconteceu com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Levanto-me ainda sendo difícil puxar alguma respiração, mas ainda assim, tentando suportar, saio daqui e vou atrás dela. O corredor está vazio, exceto por uma criança que encontro na porta do seu quarto. Ele encara a parede em sua frente. Seu olhar vazio, e o seu braço despido cheio de cicatrizes é o que me coloca no extremo, no meu limite em pensar que tenho um filho, que está sendo torturado ou... Por Deus, que tenha o mesmo destino das crianças encontradas por Luciano há alguns dias.

O não saber é o que me deixa a beira da loucura e é por isso que desço as escadas e a busco na cozinha, mas ali ela não está. Encaminho-me até um lugar que parece uma sala de janta, tendo Íris, Luciano, Nicolas e outras pessoas ao seu redor..., mas ali Vilk não está, nem Laureano.

— Vocês viram Vilk? — questiono tendo o olhar afiado de Íris sob o meu rosto.

Ela semicerra os olhos e se levanta.

— O que aconteceu?

— Você a viu ou não? — pergunto sentindo que a qualquer momento eu vá explodir.

— Ela está treinando com Laureano no pátio

PERIGOSAS ACHERON

— diz Luciano ao se levantar, mas não dedico meu tempo para o observar, porque tenho algo mais importante para fazer.

Viro-me e me encaminho diretamente para o local que ele disse. Quando a vejo com duas luvas pretas em suas mãos batendo contra o peito de Laureano, sinto como se o meu fosse se afogar nos sentimentos que tenho transbordando e transformando o meu interior em uma devastação completa. A chuva está forte ainda, mas ela se deixa molhar enquanto bate contra ele, que parece não se importar.

Corro em sua direção, pisando sob poças de lama, e quando a alcanço, rodeio sua cintura com meu braço, trazendo-a para o meu peito e a afastando dele. Respiro fundo, tento puxar ar para os meus pulmões, mas tudo que acontece são mais lágrimas escorrendo por meus olhos.

— O que aconteceu? — pergunto, minha voz saindo no meu mais forçado sussurro. — O que aconteceu com a criança? O que aconteceu com você depois de tê-la?

Ela se afasta e eu subo meu olhar para observar o seu rosto, enquanto ela tira as luvas das

PERIGOSAS ACHERON

mãos. Ao terminar, vira-se inteiramente para mim e derramando lágrimas daquela piscina verde que jamais quero perder, ela sorri.

— Eu lembro que ela tinha fios castanhos, como você – sussurra ao levantar sua mão e a passar por meu cabelo ensopado pelas gostas de chuva. As lágrimas escorrem por meus olhos, porque não consigo me manter diferente ao criar na minha imaginação sua pequena e frágil imagem. — Seus olhos eram escuros e na minha vaga lembrança ou só por um desejo meu, não sei, acho que eram verdes. Ela era linda – diz, antes que um soluço saia dos seus lábios e ela baixa o olhar. Quando retorna a me olhar, não tento me controlar quando meus braços vão diretamente para o redor do seu pescoço e eu a puxo para o meu peito. Meus olhos estão fechados, enquanto a chuva me castiga, me molha. — Juro que ela foi a coisa mais linda que eu vi na minha vida – sussurra ao pé do meu ouvido, seus braços apertando minha cintura como se eu fosse a sua tábua de salvação. — Nicolas a levou. Disse que a mandaria para outro país, onde viveria em paz e seria feliz. Ela foi o nosso segredo... ninguém mais sabe dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa – sussurro, porque isso é tudo o que eu posso fazer. — Me perdoa, por favor.

Ela se afasta e esse é o pior movimento que ela poderia fazer para o coração amargurado que carrego no peito. Seus olhos ainda estão cheios de lágrimas sendo derramadas e eu não posso fazer nada para mudar isso, porque mais uma vez sou o causador da dor que sente.

— Lince – começa, mas eu não sei o que posso fazer além do que passa por minha mente.

Nunca serei um merecedor do seu amor, das tentativas para estar ao meu lado e me proteger. É em nome dos seus sentimentos verdadeiros, de tudo que passou para chegarmos aqui a um passo da nossa felicidade, que me ajoelho e aos seus pés observo o seu rosto, recebendo seu olhar assustado e sendo agraciado por um trovão que ressoa no céu.

— Me perdoa – peço e ela sacode sua cabeça, liberando mais lágrimas. — Desculpa por tudo. Desculpa por ser isso – sussurro batendo no meu peito. — Desculpa por te machucar tanto. Juro que nunca estarei à altura de receber o amor que você me entrega tão naturalmente. Desculpa por ser covarde, Vilk – imploro, enquanto outro trovão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ressoa sobre nós. Ela balança sua cabeça antes de se ajoelhar, ficando da minha altura. — Por favor, me perdoa por te trazer tanto sofrimento, tanta dor. Desculpa por dificultar nosso amor, desculpa por te deixar sozinha... eu juro que nunca poderei me perdoar por ter feito tanta merda.

Ela se aproxima de mim.

Coloca as duas mãos no meu rosto e aproxima o seu rosto do meu.

Um sorriso está vindo para clarear a confusão tormentosa do seu lindo rosto que sempre deve ser alegre.

— Pare de pedir perdão, ok? — pede e pisca, liberando lágrimas grossas por seus olhos. — Você não foi culpado de buscar sua liberdade, de sair de um inferno. Você não foi culpado em ter me afastado, porque estava sob a observação constante dos homens de Marinho. Por favor, não se culpe.

Quando junta sua testa na minha, sinto que talvez eu possa respirar com menos dificuldade.

— Juro que vou lutar para te fazer feliz — sussurro e ela aproxima os seus lábios dos meus.

Ela me beija e eu juro que posso ver um fio de luz no meio da escuridão que nos cerca.

PERIGOSAS ACHERON

Ela permanece com seus lábios próximos dos meus e eu sinto como se tudo fosse resumido a nada e, inclusive, as gotas da chuva estivessem diminuindo para nos dar um momento de paz.

— Se você não inventar mais pretextos para nos afastar, então eu posso ser feliz – sussurra ao desgrudar seus lábios dos meus.

Afasta nossos rostos e me observa, agora, com um sorriso longe de qualquer tristeza.

— Nossa bebê deve ser feliz em algum lugar do mundo, Lince – ela diz antes de se levantar. — Não vamos pensar nisso, ok? Quanto menos pensarmos, menos perigo ela correrá.

Quando estende sua mão para me ajudar a levantar, sinto que morrer com essas gotas de chuva seria o caminho menos doloroso para acabar com minha dor.

— Laureano? – Escuto alguém chamar ao fundo e quando desvio meu olhar de Vilk, o vejo com o olhar perdido nas costas dela. Está vazio, distante, parece perdido ou hipnotizado?

— Laureano?

Íris se aproxima e é o momento em que ele cai ajoelhado no chão, o olhar permanece no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo lugar, não desviando para lugar algum. Vilk se vira e nesse momento, ele fecha os olhos. Parece tentar respirar, mas isso está sendo um pouco difícil ao que posso perceber e isso é o que me faz me aproximar dele.

Ele continua no mesmo lugar, do mesmo jeito.

Limpo minhas lágrimas, para que eu possa enxergar melhor.

Franzo minha sobrancelha ao ver mais pessoas afastadas observando o local em que estamos. Eles estavam aqui esse tempo todo?

— Lau? — chama Vilk e é nesse momento que ele abre os olhos.

Mas ele está vazio demais, está longe.... parece não existir.

O seu olhar baixa para a barriga dela e quando ninguém menos espera, ele aproxima a mão dali.

Que...

— Farei com que ele pague — ele diz e isso me assusta, porque sua voz muda.

Antes era grossa, mas agora, está mais grave... muito diferente de antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu juro — sussurrou e sorriu.

Quando afastou sua mão da barriga dela, ele se levantou.

O olhar sinistro que enviou aos demais estava longe de ser o seu normal.

Quando se virou, Íris ficou na sua frente e ao encarar os olhos dele, semicerrou os olhos e aproximou suas mãos do rosto dele.

— Lau? O que está acontecendo com você? — sussurra buscando algo no olhar dele.

Se esse momento foi louco e, acredito que um pouco sobrenatural, o que prosseguiu foi ainda mais. Se antes não entendi sua ação em tocar a barriga dela e jurar vingança, agora que não entendo mesmo, quando suas pestanas começam a fechar e os braços se abrem. Parece mecânico, um pouco fora de sentido, mas ele o faz. Rodeia o pescoço dela e a abraça, então seus olhos se fecham e logo, Íris está arregalando os olhos.

— Eu não consigo te segurar, Lau — ela diz com seu rosto ficando vermelho e eu me adianto para segurá-lo, quando escorrega e ao chão cai, parecendo desligado.

Ele desmaiou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Vilk Jane



— Você tem certeza que deseja vir conosco?
— Lince pergunta ao semicerrar os olhos e encarar Laureano com demasiada atenção, uma que percebo bem que ele não gosta de receber.

Desvia o olhar para a janela do carro e acena, não dando uma resposta audível.

O momento que compartilhamos há alguns instantes nos deixou um pouco confusos, porque em um momento ele se transformou em outra pessoa e, logo no seguinte, nos braços de Íris estava desmaiando, sem nenhuma consciência.

— Vocês precisam manter distância de mim quando estou desligado – ele sussurra, o olhar ainda perdido lá fora. — Geralmente, nada bom acontece quando estou assim. Agora, estou entre o limiar de Laureano e Umbra. – Quando ele suspira, sinto-me mais perdida que já estava. — Preciso de um pouco de ação para que Umbra não venha à superfície

novamente.

Pisco e quando desvio meu olhar para Lince, o encontro tão confuso quanto eu.

— O que eu disse? O que eu disse quando desliguei? — pergunta, mas seu olhar não retorna para nenhum de nós.

O carro ainda está em movimento, em direção a Guns Lince. Preparados para a guerra que possamos travar, enquanto isso, temos ao nosso lado, no carro em que estamos, Laureano e no banco da frente Íris, enquanto Luciano nos conduz.

— Nicolas disse uma coisa e eu fiquei um pouco incomodada — Íris diz desviando seu olhar para trás, para onde estamos. — Você tem transtorno de personalidade?

Laureano fecha os olhos e sorri, mostrando todos os seus dentes brancos. A cicatriz que lhe marca o rosto parece brilhar quando uma lágrima escorre e eu não consigo entender nada.

Depois que Lince e Luciano o levaram para o interior da casa, após alguns instantes ele acordou desorientado, perguntava o que aconteceu e quando Íris contou, ele se levantou rapidamente. Parecia sentir dor de cabeça, porque sua mão estava sempre

PERIGOSAS ACHERON

indo para ali e quando começou a andar de um lado para o outro, exibia uma careta de dor no rosto, enquanto puxava o cabelo e movia o pescoço de um lado para o outro.

Parecia perturbado.

Adiel o examinou e afirmou que seu coração estava batendo muito rápido, sua pressão estava muito alta e, de repente como mágica, ele estava com febre.

— Nunca — sussurrou abrindo os olhos devagar, o sorriso ainda presente nos lábios —, em hipótese alguma, me faça essa pergunta quando eu estiver no limiar da loucura.

O olhar vazio retornou ao seu rosto e eu arregalei os meus, tendo ao redor dos meus ombros o braço de Lince.

— Laureano? — chama novamente e ele sorri.... não, ele gargalha ao mesmo tempo em que joga sua cabeça para trás.

Quando retorna a cabeça para a postura normal, começa a sussurrar palavras que não sei identificar. Talvez esteja falando em outro idioma, um que não reconheço e isso é o suficiente para que Luciano pare o carro a beira de uma calçada

PERIGOSAS ACHERON

qualquer. E quando isso acontece, ele começa a cantar baixinho.

Levanta sua mão direita, observa-a se mover à medida que canta e balança a cabeça, então, abruptamente, ele para.

— Umbra — diz antes de sorrir alto.

A voz diferente, como mais cedo ainda no território de Luciano e isso me assusta, porque ainda não entendo.

Quando ele passa a mão no olho e logo abaixo na cicatriz que possui no rosto, logo está rindo novamente.

— *Fucky you*, Umbra — diz sorrindo. — Umbra, Umbra!

Agora, ele parece se deleitar a cada vez que chama esse nome e eu não sou capaz de entender.

— Laureano, você está bem? — pergunta Luciano com o cenho franzido e então, o sorriso cessa e o seu olhar vazio, vago e cruel desvia para ele.

— Umbra. Umbra!

Quando ele revela uma careta, Luciano arqueia as sobrancelhas dobrando a cabeça para o lado e quando revela um sorriso tão cruel quanto o

PERIGOSAS ACHERON

dele, então eu acho que estou tendo delírios.

— Lau... re... a... no... — Luciano diz com a voz saindo baixa, como um sussurro ou um devaneio, como se testasse nos lábios aquele nome. — Umbra!

Laureano revira os olhos e ao fazer uma careta final, abre a porta.

— Lau? O que está acontecendo? — Íris o chama e ele para, antes de retornar o braço para dentro e fechar a porta no processo novamente. — Lau? — o chama se inclinando no banco para que possa o ver com mais clareza.

Nesse momento, vejo novamente algo louco acontecer.

Ele pisca, fecha os olhos e como se estivesse se deleitando com a voz de Íris, ele sorri. Levanta a mão e a sacode no ar como se estivesse ouvindo uma canção.

Quando ela se inclina e toca na perna dele, os olhos retornam a abrir e ele sorri novamente, mas já não parece tão cruel e seu olhar não está tão vazio, porque lágrimas estão se formando ali e uma outra lágrima escorre.

— Lau...

E a mão dele cai. Os olhos se fecham, mais lágrimas escorrem e eu não estou entendendo nada.

— Definitivamente, ele é um louco – sussurra Luciano observando-o com os olhos arregalados.

— Nunca vi algo assim – Lince sussurra ao meu lado e eu não posso deixar de piscar curiosa, porque esse foi um acontecimento muito singular na minha vida, porque antes não tinha flagrado tal insanidade.

O celular de alguém aqui dentro toca e logo Luciano está pegando o seu para atender.

— Estamos indo. Parece que Laureano está com problemas, Nicolas – sussurra e então, os olhos dele se abrem novamente.

Parece estar assustado, o olhar perdido entre nós, mas principalmente foca em Íris, que assim como eu, está confusa.

— Por que paramos? – ele pergunta, a voz agora parecendo normal.

— Laureano, você....

Ele levanta a mão, interrompendo Luciano.

— Não fale... não fale – diz, antes de levar a mão até a cabeça. — Só vamos logo para essa maldição de lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza...

Laureano dobra a cabeça no seu ombro e parece estar sentindo muita dor, quando puxa uma longa respiração.

— Eu disse para não falar – rosna, antes de travar sua mandíbula. — Eu falei com alguém dentro desse carro? – ele pergunta e Luciano pressiona os lábios juntos ao tempo em que se vira no banco, tomando o volante novamente.

— Com Luciano – respondo e ele desvia o olhar para mim.

Encara o meu rosto por um tempo. Não sei se espera algo, mas antes que eu possa perguntar alguma coisa ele está se adiantando.

— Quem falou comigo antes de eu retornar? – ele pergunta e eu pisco.

— Íris.

Ele faz uma careta, antes de fechar os olhos e quando os abre, volta seu olhar para ela.

— Você é o gatilho – pontua antes de puxar outra respiração. — Mais cedo só lembro de estar escutando o que Vilk falava para Lince sobre a gravidez, depois disso não lembro de mais nada. Vilk é outro gatilho.

PERIGOSAS ACHERON

— Gatilho? Como? Não estou entendendo nada – digo o observando e quando ele volta seu olhar para mim, não posso deixar de suspirar, porque seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Ouvir sua voz não me deixa com dor de cabeça agora... isso quer dizer que você é um gatilho para quando eu desligar novamente e isso vai acontecer. Ou seja, se vocês duas estiverem por perto, eu posso não acabar morrendo e matando, contudo, se estiverem longe apenas uma bala ou uma pancada me fará retornar – diz e então respira fundo novamente. — Não sei o que acontece, mas há episódios como esse quando algo me desestrutura emocionalmente. Acontece desde que eu era um moleque, mas só durou por muito tempo em poucas ocasiões. No Iraque, isso aconteceu quando descobri a verdade sobre mim, sobre Luciano, sobre esse tal de Malaquias e sobre o meu Mestre. E aconteceu quando o velho morreu. Fazia parte de um treinamento pelo que li no dossiê do Mestre, mas eu desliguei quando cheguei nessa parte. Só lembro de acordar determinado a matar o meu esquadrão, os seguranças do Mestre e o Mestre. Lembro de estar pronto, lembro de estar PERIGOSAS ACHERON

posicionado e de planejar, então puxei o gatilho... quando tudo explodiu e eu tive a certeza que estaria livre, quando entrei no galpão em que o Mestre estava... eu desliguei. Não sei como controlar, só sei que há coisas que me fazem um monstro e ele está acordado agora... uma palavra e ele sai. Estou sentindo minha cabeça martelar só com essa lembrança maldita.

— Lau — Íris o chama e ele levanta o olhar para ela. — Luciano irá nos levar ao galpão e então, o que você fará?

Ele faz uma careta.

— Eu não vou fazer nada. Umbra vai retornar. Nesse momento, não deixem ninguém além das duas por perto, porque ele é imprevisível.

Pisco, porque estou assumindo que ele tem personalidades distintas e que Umbra é outra pessoa.

Estou surpresa, porque nunca vi isso na minha vida, mas estou muito maravilhada por vislumbrar esse fenômeno insano. Acho perfeito, mas não acredito que isso seja do agrado dele, já que está tão perturbado na nossa frente.

Toco em seu braço em uma maneira de o

PERIGOSAS ACHERON

enviar um pouco de conforto e ele suspira.

— Não posso garantir o que vai acontecer, mas eu acho que não vou atacar um de vocês, afinal, de alguma forma, são tão importantes quanto vocês duas.

Lince bufa ao meu lado e eu o cutuco, porque não precisamos que o outro lado de Laureano venha a borda mais uma vez, já que não sabemos como lidar, mas eu adoraria vê-lo em ação. Por mais que eu não tenha apreciado o momento anterior, por estar confusa, agora me sinto pronta para acompanhar o momento em que ele vai se soltar.

— Sou cruel quando apago. Não posso garantir o que farei com quem virar alvo... do Umbra.

Sorrio, porque desejo ver o que vai acontecer.

— Estamos com você. Fique calmo – digo apertando o seu braço e ele sorri.

— Fico feliz – ele sussurra e então encosta sua cabeça contra o vidro do carro.

Luciano coloca o carro em movimento e então acelera em meio a avenida um pouco vaga. As gotas de chuva ainda estão intensas e nem por

PERIGOSAS ACHERON

elas decidimos parar.

Ainda com a mão no meu ombro, Lince a aperta e o seu olhar sobre Laureano está começando a me incomodar, porque... não sei. Laureano acabou de falar uma parte sobre ele que ele não diria se isso não tivesse acontecido na nossa frente.

Ao meu lado, Lince continua e eu estou feliz por isso. Principalmente porque ele disse que vai lutar pela minha felicidade e eu sei o quão bobo isso pode parecer para uns, mas para mim, essa foi a prova mais aproximada de amor que já consegui vinda dele. O seu ajoelhar e os pedidos de desculpas, foram os “eu te amo” que nunca escutei sair dos seus lábios e que sempre sonhei escutar na minha mente fantasiosa, quando o tive na minha mente. Sinto meu coração crescer aqui no meu peito a cada batida, a cada vez que sinto o seu cheiro e a sua aproximação de mim.

Acho que nunca estive tão feliz por ter esse homem ao meu lado. Não vejo a hora de tê-lo por tanto tempo quanto for possível interruptamente. A única coisa que me preocupa é Laureano, que ao que pude perceber não está lidando muito bem com

PERIGOSAS ACHERON

o seu *eu*.

— Por que a minha gravidez te desestruturou? — pergunto sem conseguir me conter.

— Foi um conjunto. — Suspira. — Íris retornando machucada foi o primeiro gatilho, eu senti, mas consegui segurar, consegui me manter, mas hoje... O que escutei mais cedo de Lince, a possibilidade de Íris tentar se matar novamente, Luciano armando uma nova emboscada, as crianças em perigo, Lince ajoelhado, você chorando... tudo isso me deixou abalado, doeu o meu coração, senti mais raiva que o normal... então, apaguei.

Semicerro os olhos sem entender o que veio antes, mas não o questiono.

— Acho que vocês são importantes para mim. Vocês se machucarem, me machuca e isso libera Umbra. Enfim... só quero esquecer esse dia.

Pisco quando acho que posso compreender.

Ele não está bem em nos ver sofrer e esse fato o deixa no seu limite.

O que para mim é um limite que é combatido com esforço físico, com ele é diferente. Ele se torna outra pessoa, não lembra do que acontece e seus
PERIGOSAS ACHERON

atos não podem ser controlados por ele. Isso pode ser um problema... ou nem tanto.

Talvez Umbra só faça o que Laureano tenta não fazer. Talvez Umbra seja a vontade suprema de Laureano, mas isso só saberemos quando chegarmos até ao galpão de Lince.

O carro para em frente ao enorme portão. Logo atrás de nós, vem outros carros trazidos de um território que eu não conhecia, mas que parece ser mais um dos que Luciano tem poder e eu juro que ainda desejo conhecer todos eles, mas isso parece ser difícil.

Laureano é o primeiro a sair e eu vou logo ao seu lado.

Lince permanece calado, não diz nada, mas me acompanha de perto, enquanto sigo os passos de Laureano.

— Lembro de estar aqui com Íris – ele diz antes de se virar e encarar meu Lince. — Você lembra de mim aqui?

Lince sorri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sabia que você não era desconhecido, mas também não lembrava de onde conhecia. Estou associando agora – ele diz agora com um sorriso e Laureano acena.

— Minha cabeça dói – ele sussurra levando as mãos à cabeça. — Não vou segurar por muito tempo. Sinto que não vou.

Um tiro.

Uma explosão.

Quando vamos nos dar conta, um dos prédios um pouco mais atrás está caindo.

— Fiquem longe deles – grita Lince, adiantando-se em passar seu braço ao redor da minha cintura. — Ali dentro não existem aliados. Todos, se ordenados, irão nos matar.

Luciano acena.

— Exceto sua secretária que trabalha para nós, mas... hoje não veio para o trabalho – ele diz sorridente, o olhar logo retornando para Laureano, que parece estar sentindo mais dor que o normal.

Da sua cintura, Luciano retira um par de pistolas. Uma ele sustenta em uma mão e a outra estende para Laureano que está quase fechando os olhos novamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Umbra! – Luciano grita exibindo um largo sorriso. — Umbra! – grita novamente, o olhar perverso me faz semicerrar os olhos. — Umbra!

— Esse cara é retardado? – Lince pergunta encarando Luciano que continua gritando por Umbra, enquanto Laureano deixa suas mãos cair, ao tempo em que os olhos se fecham e logo os braços se abrem antes de puxar uma longa respiração.

— Fucky! Fucky! – sussurra Laureano, a cabeça deitada para trás e, logo volta-se para Luciano com um sorriso. — Umbra! Umbra! – grita antes de pegar a arma da mão do irmão e suspirar. — Amo essa atmosfera! – A voz gutural estando presente e eu acho que esse fenômeno é muito digno de apreciação. — Chuva, terra molhada, arma, explosão...

— *Pow!* – diz Luciano mordendo o lábio e mostrando um sorriso ainda mais perverso que Laureano.

— Eu, *fucky*, gosto de você – diz sorrindo. — Quando é que a porra vai ficar pesada?

Íris o encara assustada e quando ele percebe o olhar dela, logo está se encaminhando em sua

PERIGOSAS ACHERON

direção. O sorriso vacila e ele pisca.

— Você sou eu e eu sou você — sussurra aproximando a mão molhada vazia do rosto dela, que o acompanha com atenção. — Somos metades... juntos somos um só. — A sua voz, certamente, é o mais surpreendente desse discurso, porque quanto mais ele fala, mais grossa e grave ela se torna. — Você é a minha vida. Você tem a minha vida, porque você é tudo — sussurra baixando o seu tom de voz. — Eu sou o teu colete a prova de balas e você é a metade que eu preciso proteger. Fomos gerados na mesma barriga — ele diz sorrindo e esse parece ser genuíno, longe de quaisquer sentimentos negativos. — Estou aqui, porque eu sempre soube de Nora... sempre soube que tinha uma irmã, mas nunca pude ir até você... Não acredite nele, porque ele não sabe de nada... ele... ele se acha um guerreiro salvador de uma pátria que nunca foi dele. Ele pensava que protegia um país — diz antes de gargalhar alto. — Mas ele só estava me segurando... só estava me segurando! Ele me mostrou você e eu amei o quão pequena e parecida comigo era... mas ele...

Certamente estou chocada e Íris não está

PERIGOSAS ACHERON

diferente, mas logo somos forçadas para longe desse momento, porque mais tiros estão vindo na nossa direção e mais rápido do que pode ser possível, Lince está me puxando para longe dos dois, e para trás do carro. Vejo que Laureano puxa Íris e a abraça, virando suas costas, protegendo-a com seu próprio corpo. Isso me faz arregalar os olhos e quando ela percebe o que está acontecendo, o puxa pela camisa até que está ao nosso lado, vindo com Luciano parecendo tonto em seguida.

— Vocês escutaram o mesmo que eu? — ele pergunta, os olhos arregalados.

— Prestem atenção nessa porra!

É Nicolas quem late a ordem, quando estamos ainda distraídos pelo que está acontecendo, mas isso tem que passar, ele está certo. Precisamos nos concentrar.

— Qual é o plano? — pergunto ao desviar meu olhar para Íris, que pisca, ainda aturdida pelo que escutou. Não estou diferente, mas não podemos deixar de pensar que estamos em campo de guerra e que qualquer passo em falso poderemos nos queimar.

— Lancem as bombas! — grita Luciano e eu

PERIGOSAS ACHERON

arregalo meus olhos, porque quando vou entender o que ele quer dizer, é o tempo em que vejo de relance, atrás de mim, lançarem exatamente o que ele mandou.

— Você é louco! – rosno e ele sorri, jogando a cabeça para trás.

— Quem é você? – Laureano pergunta sorrindo e dobrando a cabeça, como se realmente estivesse traçando um pensamento sobre ele. — Eu vejo que os seus olhos são como os dela – diz e aponta para Íris. — E você se parece muito com ele... lembro vagamente de mais duas crianças além de Nora... não lembro nomes, mas lembro que existem.

— Somos irmãos!

E então, outra explosão.

Lince me puxa para o seu peito e com suas mãos tenta cobrir o meu rosto. Isso atrapalha o que preciso focar, mas não deixa de fazer com que meu coração se acelere mais um pouco com a sua ação em me proteger. Estou amando essa nova fase e espero que não passe nunca.

— Sou o diabo, irmãozinho... em uma versão, claro, completamente melhorada. Luciano
PERIGOSAS ACHERON

Monteiro é como me chamam por aí – ele diz.

Pisca exibindo um sorriso e quando Laureano inclina seu pescoço mais uma vez, sinto como se não estivesse bem, mas tudo o que acontece na minha frente parece louco, insano ao mesmo tempo que mágico.

Talvez Laureano, realmente, tenha dois lados? São duas pessoas dentro de si? Parecem tão diferentes ao mesmo tempo em que parece tão iguais. Não consigo compreender, mas é um fenômeno da mente que está me encantando.

— Quando vamos começar a matar? – pergunta ainda exibindo um sorriso vacilante.

Sorrio, assim que Lince afrouxa o seu aperto ao redor do meu corpo e só assim posso respirar sem muita dificuldade enquanto posso observar o que acontece ao nosso redor.

Logo que o barulho de passos em nossa direção está se aproximando, vejo que Nicolas aparece ao nosso lado e os homens dos outros carros que nos seguiram estão correndo em direção a entrada do galpão. O portão precisa ser aberto para que possamos entrar.

— Como faremos para entrar? – pergunto

PERIGOSAS ACHERON

virando-me nos braços de Lince para o encarar.

Ele baixa o olhar antes de pegar o seu celular. As gotas da chuva caem sob sua tela quando ele tenta digitar algo e assim que consegue o que deseja, está sorrindo ao mesmo tempo em que as grades se abrem.

— Ainda tenho o controle – sussurra ao se levantar, trazendo o meu corpo junto do seu e assim que estamos em pé, meu olhar sobe para o seu, que encara o portão se abrindo.

Parece preocupado e sinto na palma das minhas mãos o seu coração bater rápido.

— Acho que você está muito sexy hoje – sussurro aproximando meus lábios dos seus, ao tempo em que o seu olhar cai para o meu rosto. Vejo suas pestanas pesarem e a língua passar por seus lábios entreabertos.

Desejo beijá-lo.

Desejo estar em qualquer lugar em que estaremos apenas os dois sozinhos, mas eu acho que isso não vai acontecer agora, porque a nossa guerra está só começando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Lince Arias



Essa invasão está longe de ser uma guerra comum.

Percebi isso porque os homens que por aqui estão normalmente, não estão nas redondezas e isso já é um motivo forte o suficiente para me deixar alarmado. Nosso esquema de segurança sempre foi forte, não é normal que o galpão esteja tão vazio como está hoje. A quantidade de homens que lutam para nos afastar é mínima em comparação aos que estão aqui com mais regularidade.

O novo chefe deveria estar aqui e, por incrível que pareça também não está e eu preciso acertar uma conta muito alta com ele, porque durante tantos anos fui enganado e nunca poderei esquecer o quão maçantes foram meus dias com o medo presente de que algo poderia acontecer com seres tão inocentes e pequenos como aqueles. Odeio que Marinho sempre obteve tanto poder

sobre mim, mas agora o jogo virou e não estou nem um pouco a fim de persistir com tudo isso.

— Laureano e Luciano parecem compartilhar uma loucura muito problemática – Vilk sussurra ao entrar na minha sala, onde busco por todos os papéis de negociações futuras.

Se é para desestabilizar a vida de Marinho, começarei por aqui e certamente ele sentirá no bolso cada retirada.

— O que estão fazendo? – questiono, o meu olhar focado em buscar tudo que tenho sobre os investidores, assim como os parceiros poderosos que mantemos como se fossem os melhores clientes de ouro.

— Matando... brutalmente – ela sussurra e quando levanto minha cabeça para a observar. Está assustada e isso me faz sorrir um pouco.

— Você parece um pouco surpresa com isso – digo e ela revira os olhos.

— Morte é morte, Lince. Não precisa daquilo tudo para matar uma pessoa. Parecem dois sádicos loucos – sussurra e quando balança as mãos no ar, retorna seu foco inteiramente para mim. — O que você está buscando?

— Papéis.

Ela sorri e então caminha até que está ao meu lado. Encosta-se na mesa e cruza os braços, observando-me.

— Pode continuar – diz e eu mordo meu lábio inferior, porque a plenitude do seu rosto é a expressão mais bela do meu dia.

Sinceramente, acho que agora posso ser o homem mais feliz do mundo inteiro se a tiver por todos os dias da minha vida ao meu lado, sorrindo como o faz agora.

Desvio meu olhar, porque preciso terminar de buscar o que necessito no momento para que só então possamos ir embora desse lugar, mas ainda assim acho que para o que tenho em mente, isso pode não ser muito adequado, afinal se preciso dos investidores do meu lado, então, necessitarei desse lugar novamente. Como poderei passar credibilidade com minhas palavras se não tenho o lugar em que as armas são produzidas sob o meu poder?

Paro os meus movimentos e me levanto.

— O que foi? – ela questiona alarmada e eu me encaminho para longe dessa mesa, deixando ali

PERIGOSAS ACHERON

os papéis.

Não lhe dou uma resposta, porque tudo dentro da minha mente está girando rapidamente. Sim, preciso desse lugar e não posso apenas deixá-lo de qualquer forma para seguir com uma vingança. *É óbvio*. Os investidores, os clientes, todos eles só desejam saber das munições em mãos. Pouco lhe importariam a injustiça da minha vida e é exatamente por isso que não posso deixar esse galpão para trás.

E só há uma maneira de fazer com que ele permaneça sendo meu, mesmo com os danos causados a pouco por Luciano enviando bombas.

Saio da minha sala e me encaminho até as escadas, tendo Vilk logo ao meu lado murmurando palavras que não consigo entender.

Subo alguns lances e ao chegar no andar superior o meu, uma porta com uma caveira cortada preenche minha visão. A sala de controle, de onde podemos observar tudo ao nosso redor, de onde podemos controlar tudo. Essa é a sala onde nunca entrei e que, o máximo que eu tinha disponibilidade eram de monitoramentos daqueles que entravam e saíam, mas eu sei que posso mudar o acesso de

PERIGOSAS ACHERON

todos que são permitidos de aqui entrar. Sei disso porque minha secretária vez ou outra dedicava parte da sua manhã, em alguns dias da semana, para o alterar, a fim de fortalecer a segurança.

— Vilk — a chamo e quando ela me observa, posso sorrir. — Você entende de sistemas internos controlados por computador e servidores?

Ela faz uma careta e logo estou considerando outra coisa linda nessa mulher. Existe algo feio? Ou que ao menos se assemelhe a isso? Estou achando que não.

— Mais ou menos — diz e eu aceno ao abrir a porta.

Preciso digitar uma senha em outra porta para que eu possa, enfim, entrar. Logo atrás de nós, após entrarmos, a porta se fecha e o meu sorriso não poderia ser mais satisfatório. A senha ainda continuava a mesma, ou seja, a qualquer momento eu poderia mudar tudo e nenhum deles se dariam conta disso, não poderiam fazer nada para me impedir.

— Preciso de...

Do meu lado direito um rápido vulto não passou despercebido e eu poderia até afirmar que

PERIGOSAS ACHERON

seria apenas uma leve impressão, já que estamos perante diversos monitores e em uma sala demasiada escura, sendo iluminada apenas pela claridade dos monitores. Certamente, a pessoa que aqui está não esperava por uma visita. Sim, com um lugar tão vasto como esse, essa sala é o último lugar ao qual o inimigo poderia se preocupar.

— Temos companhia — Vilk disse ao meu lado e ela nem precisava tê-lo feito, porque já percebi isso há alguns segundos.

Sorrio e me encaminho em direção aonde notei o vulto e assim que estou parando entre um estreito espaço de dois monitores, logo posso vislumbrar a ponta de um tênis. A respiração está pesada e eu posso sentir o quão nervoso está e isso é o suficiente para que eu me aproxime mais.

— Você poderia se esconder de qualquer um, menos do seu chefe.

Caminho em frente até que passo pelo espaço estreito e o encontro embaixo de uma mesa de metal reclusa e escondida.

Um pequeno esconderijo que eu não tinha conhecimento, mas é bom o suficiente que ela tenha existido, afinal pode nos servir mais tarde.

— Chefe? – ele pergunta com seu tom de voz baixo. — Quem é você?

— Lince Arias, o chefe – repito e logo escuto seu suspiro, então sua mão escorrega da sua barriga para o chão.

— Não sei o que está acontecendo – ele disse antes de começar a se arrastar para fora do pequeno cubículo ao qual se meteu e quando de lá já está fora, posso conferir como está assustado.

Sua testa repleta de gotículas de suor, assim como seus olhos arregalados e as mãos trêmulas são as provas perfeitas do seu medo e, em decorrência dele, poderia ter nos dado alguma dor de cabeça, mas isso não aconteceu, o que não quer dizer que eu não deva tomar cuidado de agora em diante.

— Estão tentando tomar o meu território – digo oferecendo minha mão para que ele possa ficar em pé.

— Quem? – questiona com o cenho franzido.

— Martin – responde Vilk atrás de mim. — Ele disse que irá tomar Guns Lince a qualquer custo.

Quando ele sobe o seu olhar para me

PERIGOSAS ACHERON

observar e pega na minha mão, não posso deixar de revelar um sorriso de vitória.

— Acho que ele pretende fazer algo, por isso preciso que mude as senhas e altere as permissões de entrada, assim como avalie quem está ocupando os prédios ao nosso redor. Se estamos sendo observados, quantos são... essas coisas.

Ele me acompanha ainda aturdido, mas decido que passarei a ele toda a calma que certamente não é existente dentro de mim, então, quando ele está da minha altura, coloco minha mão sob o seu ombro e o aperto.

— Preciso que faça isso agora – digo e ele suspira.

— Senhor, isso levará um tempo – sussurra e eu aceno.

— Ficarei aqui para te proteger.

Ele acena e se encaminha em direção aos computadores.

Senta-se em frente a um conjunto com quatro e nos teclados começa a digitar. Seus dedos tão rápidos como apenas um homem acostumado em tal tarefa poderia estar e enquanto isso, estou posicionado atrás dele observando-o discar diversos

PERIGOSAS ACHERON

pares de números e letras.

— Eles poderão entrar depois que você fizer as mudanças? – questiona Vilk e logo ele sorri.

— Não. Quando as portas fecharem, ninguém poderá entrar nem sair, porque vou mudar algumas programações – ele diz, o seu olhar ainda focado na tarefa.

Vilk acena.

— Irei avisar aos outros – ela fala e eu percebo quando ele desvia o seu olhar para ela, então semicerra os olhos e retorna para a tela.

Então... tal gesto só me leva a conclusão de que ele não é nada de confiança e que certamente não engoliu a história que acabei de o contar e é exatamente por isso que quando ele terminar de fazer o que ordenei, terei de encerrar com o seu ciclo de vida, por mais que eu odeie fazer isso.

Após algumas horas sentado e observando o homem trabalhar, alguém abriu a porta e por ela, entrou Luciano acompanhado de Laureano. Tal foi minha surpresa ao ver o seu rosto cheio de sangue,

PERIGOSAS ACHERON

enquanto as mãos não estavam diferentes. A visão do conjunto estava de um digno filme de terror e ele parecia nem se importar, contudo eu estava mais curioso ao seu respeito.

Não compreendi como ele poderia ser duas pessoas tão diferentes em um curto espaço de tempo. Já escutei falar em dupla identidade diversas vezes, sua existência não é nenhuma novidade, mas eu nunca tinha visto alguém com esse transtorno mudar na minha frente. Não sei como devo considerá-lo, mas confesso que estou com um pouco de medo, afinal... isso é um pouco diferente e perigoso para a minha plena compreensão.

— Como as coisas estão correndo por aqui? — Luciano pergunta ao estar totalmente dentro desse ambiente.

E eu, que observava Laureano, pude desviar meu olhar para quem veio até aqui comigo e fez essa invasão possível.

— Sabe qual é o meu maior desejo? — solta Laureano ao passar por Luciano e se colocar ao lado do homem que organiza a segurança desse galpão. — Estourar miolos enquanto eles

PERIGOSAS ACHERON

funcionam a mil...

E então gargalha me fazendo arregalar os olhos. Luciano, em contrapartida, está o acompanhando na gargalhada, algo que me faz suspirar profundamente, mas acontece que esse homem na minha frente jamais seria bobo o suficiente para acreditar que isso seria uma brincadeira. E isso é comprovado logo em seguida, quando se levanta e com uma arma apontada para os dois, intercala sua mira. É medroso, disso não me restam dúvidas, além do que, suas mãos trêmulas me fazem ter a certeza que isso não poderá acabar bem.

Desvio meu olhar para a tela do computador e quando estou focando o suficiente bem ali, posso ter a certeza de que sua morte já não tem tanta importância como parecia ter há alguns minutos... as câmeras de segurança mostram as portas fechadas e quando um cadeado com números diversos começam a rolar na tela, então posso sorrir sem demonstrar nenhuma culpa por isso.

— Por que estão aqui? — ele pergunta, a voz um pouco vacilante e as mãos trêmulas.

— Porque — começo, afastando-me da mesa

PERIGOSAS ACHERON

para que eu possa observá-lo com mais atenção — estamos tomando o que é nosso.

Quando seu olhar arregalado e assustando desvia para o meu rosto, tudo o que posso fazer é sorrir, porque já consegui exatamente o que eu queria.

O controle do meu galpão.

Luciano o matou e eu não me importei com isso.

O fato de que o cadeado ainda não parou de rodar na tela e que não sei o que fazer para consertar essa droga, está me enlouquecendo.

— Por que você o matou? — questiono com minha voz saindo como um rosnado.

— Não poderia deixá-lo atirar nesse belo corpinho, certo?

Reviro os olhos ainda mexendo nesse teclado, enquanto mais números e letras surgem na tela e, sinceramente, não consigo entender nada.

— Bomba já está chegando, querido. Pare com esse terror.

Suspiro com o pensamento de que a essa hora Martin já deve estar por dentro de tudo, inclusive, que tomei novamente o galpão. Um confronto é quase impossível de não acontecer e espero que venha o mais rápido possível, porque minha adrenalina está pulsando insanamente por minhas veias enquanto observo esse maldito computador.

— Eu soube que você matou Malaquias — comento e quando desvio meu olhar para observar o seu rosto, vejo um sorriso brincar por ali.

— Isso é o que todos precisam acreditar, pequeno gafanhoto — ele diz e eu não posso deixar de suspirar. — Severino não sai de dentro do galpão que o mantenho preso por nada nesse mundo. Nos prometeu que o inferno na vida dele seria constante enquanto estivesse vivo... bem, ele é dedicado.

Sorrio sentindo um pouco de satisfação com suas palavras, mesmo que já tenha escutado palavras como essas vindas de Zayxa. Lembro que ela me contou que ele estava em um galpão... espero que as coisas estejam sob o seu controle.

Laureano anda por entre as sessões com mais computadores e telas. Não sei qual versão está em

PERIGOSAS ACHERON

ação nesse momento, mas não irei concentrar parte da minha preocupação nele, afinal não somos empáticos o suficiente para tal.

Levanto-me dessa cadeira, quando essa sala começa a se tornar sufocante. Sinto que tudo o que eu preciso é de um pouco mais de ar ou só um gole de whisky.

— Como estão as coisas lá fora? — pergunto e Luciano sorri.

— Tudo controlado. Vilk, Íris e Nicolas já imobilizaram nossos oponentes. Está tudo sob controle.

Aceno ao mesmo tempo em que sinto que agora as coisas estão seguindo o percurso almejado desde o início.

— O que você está planejando? Pensei que derrubaríamos esse galpão.

Sorrio, voltando-me para ele.

— Por que faríamos isso? — pergunto arqueando minhas sobrancelhas. — Afinal, se tivermos o galpão em nosso poder, teremos também o apoio dos investidores, clientes e afins.

Quando ele sorri ao compreender minhas intenções, então eu acho que posso ver, em meios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as covinhas que surgem no canto da sua boca, um pouco de mim.

— Por isso que gosto de você – ele disse antes de se levantar. — Inteligente e perspicaz.

Laureano, que até o momento estava quieto, agora sorri aparecendo ao nosso lado.

— O que você precisa? – perguntou com a sua voz grossa, certamente não deve estar raciocinando muito bem agora.

— O galpão já é nosso. Agora, esperaremos por Bomba e Fred para que possamos retornar e armar alguma emboscada para Martin.

Acho engraçado que Luciano faz tudo parecer simples, quando na verdade, tudo é louco e desafiador, contudo, esse não é o momento para que eu sinta um aperto no peito. Esse é o momento para agir tão frio quanto fui forçado a ser durante anos.

Se o que ele deseja é me matar, então não há outra saída a não ser me proteger.

Afinal, estamos entre matar ou morrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Lince Arias



Mais tarde, quando Bomba chegou e conseguiu tomar conta dos cadeados malditos que rondavam a tela do computador, logo pôde controlar a segurança de todo o galpão, sendo assim, ninguém poderia entrar exceto eu, Luciano, Vilk ou ele.

Martin ou Marinho não poderiam invadir aquele território e eu sabia que as coisas estavam ficando mais críticas. Mais cedo ou mais tarde eles retornariam para dar o troco e eu estava esperando ansioso por isso, porque seria o momento que eu me vingaria. Acontece que Zayxa já deixou claro que não deixará isso acontecer. Está estudando maneiras de invadirmos o hospital e que assim, possamos o tomar de Martin, a fim de descobrir também o que há de importante para assassinos do sistema andarem por aqueles corredores. Além do que, tomar o hospital do seu domínio só mostraria o

quão fraco é... um ponto ao nosso favor para conseguir mais aliados.

É fim de tarde quando retornamos para a localidade de Luciano. Sei que não deveria retornar tão cedo, contudo, as crianças precisam de nós para que não corram perigo, levando em consideração que já conseguiram invadir esse lugar uma vez.

Na sala estão Zayxa e Adiel. Ele cuida novamente dos ferimentos que, mais uma vez, foram abertos. Ao lado de Zayxa, duas crianças estão segurando suas mãos, como se tentassem passar um pouco de força e tal ato não poderia deixar de ser lindo ao mesmo tempo que maduro.

Tão delicados, tão pequenos e já feridos.... isso está me deixando louco.

E foi por isso que decidi subir essas escadas e me dirigir diretamente ao quarto que estou com Vilk Jane.

Quando chegamos aqui, ela veio diretamente para esse quarto afirmando que banharia e depois deitaria um pouco para descansar o corpo. Eu nada disse, por mais que desejasse ser convidado para acompanhá-la. Mas agora estou seguindo exatamente para o lugar ao qual desejei por cada

PERIGOSAS ACHERON

instante estar, desde que cheguei. Quando abro a porta, a primeira coisa que vejo é o seu corpo desnudo em cima da cama. Está deitada e os olhos fechados são como um chamado para que eu me deite ali ao seu lado para acompanhá-la no seu sono perfeito, mas me sinto sujo demais para tal.

Encaminho-me, então, para o chuveiro e assim posso me livrar dessas peças e tomar um banho. Fecho meus olhos quando a água que escorre por meu corpo parece lavar a minha alma de alguma forma, deixando que o peso que permanecia por eras sob os meus ombros, saiam de uma vez e que deem lugar ao meu sossego. Sinto-me limpo, leve e com mais disponibilidade para deitar ao seu lado. Sorrio quando percebo que isso tudo parece um sonho ao qual nunca desejo acordar. Meu coração está batendo acelerado devido a ansiedade que percorre o meu peito.

Quando desligo o chuveiro, logo estou me encaminhando para a toalha estendida em um dos ganchos ficados nas paredes do banheiro. Enxugo-me sigo para o quarto. Do guarda-roupas limito-me a pegar uma cueca e uma calça de moletom para que assim eu possa me deitar na cama, ao lado de

PERIGOSAS ACHERON

Vilk.

Observo o seu rosto sereno enquanto descansa do dia intenso que tivemos. Parece que realmente está em paz e eu não posso me sentir diferente, mas as lembranças e o vago pensamento do que a deixei para sofrer sozinha ainda me corrói por dentro. Sinto culpa, dor. É como se eu estivesse sendo asfixiado por toda essa certeza, ainda com a lembrança vívida de que minha filha pode estar em algum lugar do mundo sofrendo. Isso me parte o peito, devasta o pouco de sanidade que ainda resta no meu cérebro.

Sim, tomei o galpão e agora? O que acontece? Farei com que Marinho perca forças, então o matarei. E depois? A minha dor, a minha culpa... elas irão embora junto com a sua vida?

— Você está tenso — ela sussurra, a voz rouca digna de quem acabou de acordar.

Seus olhos se abrem lentamente e eu juro que seus olhos sendo abertos de pouco a pouco, enquanto a beleza sobrepõe o seu rosto inchado, é a visão mais encantadora que pude flagrar na minha vida inteira. Quando se mexeu na cama e ficou de lado, jurei que poderia me ajoelhar e a pedir em

PERIGOSAS ACHERON

casamento pelo resto das nossas vidas, enquanto, por dias infindáveis, declaro-a meu amor. Talvez essa seja uma forma de me redimir da dor que a fiz passar, ou de deixá-la saber dos sentimentos que tanto desejou que eu sentisse por ela.

Sou dela, sempre fui.

Sim, tentava camuflar os meus sentimentos, tentava mentir para o meu profundo ser, mas tudo ficou diferente, as coisas ficaram mais caóticas... e ela apareceu.

— Eu te amo – sussurro e quando vejo seus olhos se abrirem por completo e a sua boca esticar em um lindo sorriso feliz, então posso me considerar um cara menos maldito.

Ela aproxima o seu corpo do meu e assim que está perto o suficiente, toca o meu rosto com sua mão macia. Os dedos passam por minha barba e eu posso fechar meus olhos para absorver cada segundo do seu toque, porque antes eu não poderia ao menos pensar em tê-lo por perto. Agora que tenho, tudo o que desejo é permanecer o máximo de tempo possível a aproveitando.

— Você sabe, não é? É a primeira vez que confessa o seu amor – ela sussurra e, antes que eu

PERIGOSAS ACHERON

abra os meus olhos, estou sentindo seus lábios encostarem contra os meus.

Ela me beija e eu sinto que posso flutuar por todo esse maldito mundo.

Quando toma entre seus dedos um punhado do meu cabelo, ao aprofundar nosso beijo, então sinto que sou a porra de um maldito muito sortudo. Mesmo depois de tudo que aconteceu nas nossas vidas, ela está aqui disposta a viver esse amor e eu não sei o que poderia fazer para prová-la o quão errada está, mas devo levar em consideração que não existe explicação para o que sentimos, ao que o coração nos exige viver, ao desejo intenso que nos arrebatava e derrubava ao chão quaisquer pretextos que um dia eu poderia inventar a ela.

O correto seria que ela estivesse longe daqui, que conhecesse um homem menos fodido e que fosse feliz em qualquer lugar longe de mim. O que posso fazer quando ela decidiu que ao meu lado será feliz? O que posso fazer se sua decisão acelera o meu coração e me faz sentir vivo?

Aqui nesse momento, nessa cama, beijando-a, sentindo seus beijos e apreciando seus toques, não posso jamais desejar nada mais na minha vida,
PERIGOSAS ACHERON

além de que esse momento perdure por uma longa quantidade de tempo.

Quando nosso beijo se intensifica e ela cola o seu corpo desnudo contra o meu, levantando sua perna e a passando por cima do meu corpo, certamente a minha mente afirma que dela jamais poderei desistir, enquanto meu coração brada aos quatros cantos do meu peito que minha mente deve se calar, porque os nossos corpos devem se conectar de uma forma que há anos não fazemos.

Acho que isso está claro para ela, esse é um desejo que ela já possui e é por isso que está tomando, mais uma vez, o controle da nossa relação. Ao inclinar nossos corpos um pouco para o lado, nosso beijo permanece mais intenso e eu juro que não poderia desejar nada menos que isso para o resto da minha vida.

Quando os seus lábios se separam dos meus e ela abre os olhos, sinto que fui golpeado por uma beleza jamais alcançável. O par de esmeraldas cintilantes é o mais belo de todo o mundo e certamente, por entre cidadãos do mundo inteiro, nenhum deles jamais será como esse.

Pisco, quando ela desliza seus dedos por meu

PERIGOSAS ACHERON

rosto, sob minha barba ainda me observando.

— Eu te amo — ela sussurra e quando uma lágrima escorre dos seus olhos, sinto-me incapacitado de não me aproximar e beijá-la.

O faço e nesse momento, o conjunto que sentimentos que arrebatam o meu peito são tamanhos que mal posso ser capaz de contê-los. Meu coração bate com tanta brutalidade, que logo estou sentindo meu sangue esquentar por minhas veias.

Sua perna aperta ao redor da minha cintura e logo, sua intimidade está de encontro a minha, coberta pela calça de moletom. Os lábios macios novamente se encontram com os meus e eu juro que me sinto como a porra de uma nuvem, flutuando em um céu azul de um dia feliz e enquanto isso, ela me toca, deslizando seus dedos leves por minha pele.

Amo-a, disso nunca nutri dúvidas, mas tentei me enganar, juro que tentei e como me arrependo...

O seu beijo é o único que sinto, do fundo do meu coração, que pode fazer o meu coração acelerar como um louco. É o conjunto de sensações gostosas que pode me tornar vivo e fazer de mim

PERIGOSAS ACHERON

um homem que deseja viver por todo o sempre, somente para senti-la.

E enquanto me beija, ela ousa me tocar.

Como eu poderia ser um cara diferente?

Posso ser muito bobo, porque tudo está interligado a ela.

A Vilck Jane.

Entrego-me a ela, porque sempre fui dela. Meu corpo sempre reagiu a ela e não seria diferente agora. Ela me beija, toca-me e o meu corpo se torna dela novamente, para que me use o quanto quiser. É incrível o quanto nossa atmosfera muda em questão de minutos, com um par de declarações e beijos ardentes. Sinto a temperatura do meu corpo aumentar e posso abstrair dela a mesma coisa.

Poderia ficar imóvel o resto da minha vida deixando que ela tome o controle da nossa relação, mas agora não consigo. O meu lado mais insano ordena para que eu nos conduza em direção ao prazer. Meu corpo pede, ordena e eu acho que escuto o mesmo do seu. Sim, estamos sincronizados e eu não poderia estar mais contente por isso.

Quando nos viro nessa cama, fico por cima

PERIGOSAS ACHERON

do seu corpo desnudo. Assim posso ter a visão perfeita dos seus seios nus. Então, sim, eu sou o homem bobo e entregue que irá observá-los por quanto tempo for preciso. Irei degustá-los por quanto tempo minha alma se estabelecer em ligação a sua.

— Eu sei o quanto te ignorei, o quão maldito fui e...

Com sua mão na minha nuca, ela me puxa para mais um beijo e, ao se afastar, encara os meus olhos.

— Vamos focar no nosso presente e futuro, ok? Quero ser feliz, Lince. Quero viver com você. Vamos viver o nosso momento... — Ela morde o lábio inferior e sorri, como uma grande safada que agora parece ser. — Estava tão gostoso... por que interromper?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Vilk Jane



Passos do outro lado da porta me despertam.

Nos braços de Lince estava confortável em meio a um sono maravilhoso, devido a uma tarde intensa de amor ao lado daquele que amo.

Quando abro os olhos, a primeira coisa que vejo é o seu rosto dormindo serenamente ao meu lado. Certamente é a visão que mais ansiei por anos e o meu peito não poderia estar mais inchado e cheio de alegria, porque nosso amor foi tão gostoso e cheio de sentimentos que quase não fui capaz de acreditar que estava mesmo acontecendo.

Mordo meu lábio inferior quando recordo do seu olhar fixo no meu, enquanto movia o seu sexo em mim. As sensações estavam intensas, mas o seu olhar... era como se por meio dele, Lince se dedicou a dizer o quanto me amava e eu realmente entendi isso.

O forte cheiro de cigarro me faz desviar o

olhar dele para a porta, porque parece que alguém está fumando não muito longe de nós.

Devagar, escorrego meu corpo dos seus braços e logo me afasto daqui para que só assim, eu possa ver quem diabos está fumando a essa hora e no meio de uma chuva que parece não ter fim. Suspiro, buscando uma cueca de Lince e uma das suas calças de moletom, para que eu possa complementar com um top. E, assim, ao escutar mais passos nesse corredor, abro a porta e saio, me deparando com as costas de Laureano, tomando o caminho da janela no fim do corredor.

Observo-o olhar para fora e antes de pular, suspira.

Sigo-o e quando nela chego, vejo um par de pés femininos, que certamente são de Sensit, levando em consideração, pelos anos que a conheço, que telhados são os seus melhores locais para concentração.

Logo estou seguindo os passos de Laureano, ficando embaixo de um pedaço de telhado que pode cobrir nossas cabeças da chuva. Então, dessa forma estamos os três nesse telhado.

— Acordei vocês? — ela pergunta, o olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda perdido entre as gotas de chuva que caem na nossa frente.

— Certamente – digo e ela sorri.

— O que você está fazendo aqui? – ele pergunta, seu tom de voz agora parece normal.

Esse homem estava incontrollável mais cedo. Parecia um homem descontrolado eliminando ameaças e mais ameaças. Atirava com um revólver, lançava facas com a outra e como se isso não fosse o bastante, destrinchava os corpos e... a lembrança me rende vontade de vomitar, mas não posso deixar de admirar o quão belos pareciam seus olhos enquanto ele os matava.

— Estou pensando – ela diz, o olhar ainda nas gotículas. — Ainda não entendo tudo o que está acontecendo.

Um movimento na janela de onde acabei de entrar, chama mais uma vez minha atenção e quando desvio meu olhar, vejo Nicolas seguindo em nossas direções depois de repetir o mesmo ato que eu e Laureano ao pular a janela.

— Vocês não sabem serem sutis – ele sussurra e logo está vindo ao nosso encontro, ficando ao nosso lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Seria uma coincidência? — ela questiona ao arquear as sobrancelhas. — Odeio essa palavra.

Nicolas sorri e se senta ao meu lado, sacando do seu bolso uma carteira com cigarros.

— Na vida de vocês? Nada é coincidência — ele diz e eu não consigo não o observar, porque olhar o seu rosto me faz lembrar do passado... me faz lembrar da minha filha.

— Acho interessante que tenha dito isso — diz Íris. Puxa um trago do seu cigarro para que só então possa começar a desenvolver seu pensamento. — Primeiro sou contratada para matar Teófilo, então preciso me camuflar e vestir Zayxa Silva. — Ela sorri, mas não demonstra nenhuma felicidade. — Então, começo a ser seguida e logo preciso de respostas. Acontece uma invasão na casa de Teófilo e sua esposa é sutilmente assassinada, mas vocês sabem qual é a coisa mais impressionante nisso tudo? A notícia não veio a público. Um tempo mais tarde, a sua esposa também é assassinada. A notícia não veio a público, ninguém veio em busca de vingança, não buscaram o assassino. Tudo estranho, pensei. Definitivamente algo ele estaria escondendo, então

PERIGOSAS ACHERON

em meio as vastas investigações de Tárccio, descobrimos que ele estava tentando comprar um terreno no território de Júnior Perverso. Terreno esse que está na mira de diversos membros do mercado negro e do mundo do tráfico. Achei curioso, interessante demais até, mas então descobrimos que um dos filhos de Teófilo é proprietário de um dos prédios de Gregory. Vocês acham que nada disso está interligado?

— Por que ele cobriria a morte da empregada e da esposa? Mesmo que esteja interessado em um terreno... não faz sentido – digo e ela acena.

— Exato...

— Não, vocês estão erradas – diz Nicolas ao soltar uma boa quantidade de fumaça por seu nariz.

— Ele não poderia deixar que seu nome viesse a público, afinal estaria em vários tabloides, o motivo das mortes seria pesquisado, possíveis inimigos seriam apontados, logo chegariam em evidências de que ele estava se envolvendo em negócios ocultos com traficantes. Além de não ser bom para sua imagem, não seria bom para os filhos... Isso está claro – conclui Nicolas, fazendo-me piscar um pouco. — Qual a próxima confusão?

PERIGOSAS NACIONAIS

Desvio meu olhar para Íris, que está tão boquiaberta quanto eu.

— Certamente se pergunta sobre o motivo da sua contratação, não é? Levando em consideração que esse serviço foi solicitado no momento em que Luciano dominou esse lugar e as contas de Malaquias, e que você é minha filha, além do que Luciano se aliou a Júnior Perverso na invasão, se você matasse Teófilo naquele momento, as atenções se voltariam inteiramente para Júnior e, ao isso acontecer, logicamente ele encontraria a verdadeira assassina e a entregaria aos filhos ou a quem quer que buscasse vingança por ele. Então, dessa forma, ou você seria uma moeda de troca entre a carcaça de Malaquias e a sua vida, ou seria a vingança de Marinho contra mim. Além do que, poderia ser visto como forma de traição aos olhos de Júnior. Enfraqueceria a aliança de Luciano e a guerra entre os dois retornaria mais forte que nunca. — Ao terminar de concluir suas palavras, mais uma vez, traga do seu cigarro e então retorna o seu olhar para Íris, que paralisada o observa. — É lógico... não compreendo como você não entendeu isso antes.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas...

Ele sacode a cabeça.

— É simples assim. Você precisa entender que nasceu graças a uma mente doentia que concluiu, ao se reencontrar com o irmão fodido depois de anos em um campo de concentração no meio do nada, que aquilo seria o mais viável para trazer assassinos para o seu lado com fidelidade. Eu era adolescente quando nosso pai decidiu que eu deveria ser mais forte, que eu deveria ser treinado. Ao ver que eu era um cachorrinho psicopata completamente lascado, meu querido irmão decidiu que queria filhos assim... criados para serem psicopatas, com suas infâncias desgraçadas... o resto vocês já conhecem.

É difícil engolir palavras tão duras, mas infelizmente é a verdade.

Uma verdade fodida.

— Nessas semanas que passei morta, pude descobrir algumas informações, como a morte definitiva de Teófilo, inclusive que Júlio estava no meu pé por mais tempo que eu poderia imaginar....

— Ele estava te seguindo? — Nicolas pergunta ao se livrar do seu cigarro e isso me faz
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrir um pouco, porque esse diálogo perto de mim não é nada normal.

— Sim. Quando busquei as câmeras de segurança da rua em que eu morava, vi que ele já estava me vigiando dias antes da proposta de serviço – ela diz e ele pisca, acenando.

— Acho que ele era obcecado por você.

— Não imagina o quanto – ela conclui e ele sorri.

— Acho que ele quer fazer o mesmo com Cynthia – ele diz e Íris arregala os olhos.

— Bomba a encontrou?

Ele acena e saca outro cigarro da carteira. Como não estou preparada para ficar aqui passando vontades, pego um cigarro e o ascendo com o isqueiro de prata que carrega na mão.

— Me disse agora pouco a localização dela.

— Quem é essa? – Laureano pergunta ao se inclinar para, também, pegar um cigarro.

— Irmã de Adiel e Kaique – sussurra Sensit, voltando com seu olhar para a chuva. — O que você quer dizer com isso, Nicolas?

— Ela foi contratada para assassinar um Governador.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ela se cala, então posso ter a certeza absoluta de que algo está muito errado, mas não faço ideia do que pode ser.

— Você sabe que se ela o fizer, a morte dela é garantida, não é? — ele diz, mas Íris desvia o olhar para observar o seu rosto, enquanto exhibe um sorriso.

— Você não a conhece, Nicolas. Ela é cruel, dedicada e insana.

Quando ele sorri, então considero que estou entre dois predadores, tão insanos quanto quem Íris descreve.

— Sabe, ainda não entendi o motivo ao qual os dois irmãos foram pegos e Adiel poupado. Assim como não entra na minha cabeça o motivo ao qual fui designada para o mesmo hospital que ele trabalha. Você pode desvendar esse mistério, por favor?

Alguém bufa atrás de nós e quando desvio meu olhar para ver quem é, então encontro Help ao lado de Eve, observando-nos com as sobrancelhas arqueadas.

— Acho superinteressante ver as beldades aqui nesse telhado fumando cigarros enquanto nós

PERIGOSAS ACHERON

duas estamos cuidando das crianças. Nicolas, querido, por que você não vai cuidar do nosso bebê? Ele acabou de acordar. Você precisa trocar as fraldas. Logo!

Reprimo a vontade que sinto de rir, quando ele deixa o cigarro de qualquer jeito sob o telhado e então, sem dizer mais uma palavra, se vira e se arrasta em direção a janela, onde as duas estão nos observando com os olhos semicerrados.

— Estão com insônia? — pergunta Eve exibindo uma careta e quando aceno, ela sorri. — Ótimo. No terceiro quarto em frente as escadas, dois pequenos estão precisando de atenção, porque está chovendo e eles sentem medo, sabe? Medo de que o homem retorne... que homem é esse, eu não sei, mas já que são tão cruéis, assassinos prendados e cheios de energia para lutar horas em guerras sangrentas, tenho certeza absoluta que conseguirão ajudá-los.

Sorrio, vendo que Laureano logo segue Nicolas na jornada para fora do telhado.

— Zayxa está ferida, mas tem energia para lutar, não é? Então, certamente deve existir lugar para confortar um pequeno menino que é louco por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela... assim como Vilk Jane que está sem um pingão de sono, então pode trocar alguns curativos que estão incomodando outro pequeno. Serviço nessa casa é o que não falta, mas é impressionante como sempre vejo vocês desocupados. Essa mordomia... precisa acabar hoje mesmo.

Desvio meu olhar para Íris, que sorri descartando um pedaço de cigarro que ainda restava entre os seus dedos.

— Vamos lá – sussurra antes de se mover em direção a janela.

Sua questionação sendo esquecida... por enquanto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Zya Rock



A brisa fria de uma cidade isolada na França me deixa feliz, porque essa é a liberdade que sempre almejei na minha vida.

Longe daquela prisão, a longos quilômetros de distância de Antoine e Juliette, estou sentindo que posso respirar com mais facilidade e sem precisar me desgastar tanto para encontrar um pouco de felicidade em meio a desgraças.

Na minha frente, o enviado do meu pai lê alguns papéis deixados por ele para que eu pudesse prosseguir com seus planos. E por mais que eu não vá seguir nenhuma das suas ordens, ou seus planos idiotas e sem algum cabimento, estou feliz e isso acontece exatamente porque estou longe das grades de uma prisão que não mereci estar.

— O que diabos? Como ele espera que eu consiga isso? — sussurra ao tirar o óculos da frente do seu rosto e os deixar de lado. — Não posso nem

retornar para o Brasil. Tudo está crítico.

Sinto vontade de sair daqui, de andar pelas ruas e me sentir mais livre que já sou e é exatamente o que faço, deixando-o no mesmo lugar com papéis tão incoerentes e relatos de uma mente claramente distorcida.

Sinceramente, já li todos. Por milhares de vezes estudei cada folha e nunca consegui entender. Seria um enredo para uma série de livros? A fodida forma de encontrar o amor e logo em seguida o eliminar como se nada fosse, porque segundo o narrador, tal sentimento enfraquece mentes que devem ser fortes e insentimentais? Como se controla o natural do ser humano, afinal? É impossível que ele deseje forjar a falta de sentimentos, de amabilidade e humanidade. Se – digo hipoteticamente porque é impossível de acontecer – ele conseguisse, como iria controlar tal monstro?

Esse é um plano cheio de furos e é algo que não desejo fazer parte.

Nasci para servir como um protetor, não para ser um idiota em potência.

Não vou negar em dizer que sinto muito que
PERIGOSAS ACHERON

ele seja meu pai.

Desde que o conheci, sempre demonstrou ser esse tipo de ser humano psicótico e quando contava histórias de pessoas que eu deveria controlar no futuro, mais irritado me deixava. Ficar nessa casa com ele ou nos Estados Unidos era impossível, por isso que eu sempre fugia quando ele chegava, mas a única maneira de me manter longe foi me alistando no exército.

Servi em cinco países e em todos, acabei sendo traído por membros do governo, contudo, dessa vez jurei ao meu eu interior que não serviria a mais ninguém. A partir do momento em que eu saísse daquela prisão, ajudaria aquele governo maldito a derrubar todos os outros que tornaram a minha vida um inferno.

Mr. Malachi, mais conhecido como senhor meu pai ou Malaquias no Brasil, passou mais tempo ausente do que presente e, nas vagas lembranças que ainda me restam, lembro que sempre que vinha até mim, só reservava seu tempo para contar histórias de pessoas aleatórias. Obrigou-me, ainda muito novo, a aprender lições básicas de luta livre, logo em seguida vieram as de PERIGOSAS ACHERON

tiro ao alvo.

Na adolescência, era um garoto amargo. Tinha tudo que queria, mas faltava o principal. A presença dos pais.

A única ficção que tive sobre minha mãe é a de que ela morreu quando eu ainda era um bebê e, que meu pai, para fugir do local em que a amada vivia, escolheu viver em outro país, enquanto seu filho estava longe, transformando-se em um playboy metido.

Enfim, uma merda, mas não tão pesada quanto ao que ele escreveu nos papéis sobre os que ele sempre disse serem meus primos.

Suspiro quando sinto meu celular vibrar no meu bolso. Quando o pego e vejo um número internacional brilhar na tela, então uma careta não demora a se instalar no meu rosto.

Atendo.

— Fiquei sabendo que você está livre — alguém diz do outro lado da linha e eu não reconheço sua voz, porque não a escutei antes. — Lembra do teu treinador?

Suspiro pesadamente quando as lembranças logo estão retornando com força. Sim, lembro dele

PERIGOSAS ACHERON

e não sei se ainda tenho certeza que desejo continuar nessa ligação, afinal os caminhos que ela pode seguir a partir de agora serão diversos.

— Lembra daquela mulher? A mulher e a criança?

Sim, lembro-me perfeitamente.

— Você manteve sua palavra?

Sim, mantive.

De longe, mas mantive.

— Espero uma resposta, rapaz.

Quando suspiro e o máximo que me limito a enviar é um limpar de garganta, logo escuto o barulho típico de quando portas são fechadas.

— Sim — respondo, apressando-me a entrar no elevador e quando isso acontece, sinto como se as paredes estivessem se contraindo de pouco a pouco até que as portas retornam a abrir e dele, eu possa sair.

— Ótimo. — Suspira. — Tenho mais problemas, todos relacionados ao meu irmão e a Marinho que persiste a nos prejudicar. Tiramos todas as vítimas recentes dos esconderijos que ainda restam, mas... ainda temos um local para invadir. Quero saber se você ainda está do meu

PERIGOSAS ACHERON

lado, se algo mudou.

Não preciso pensar muito para o enviar uma resposta, afinal ela não é tão difícil de sair.

— Nada mudou, Nicolas.

Quando ele finaliza a ligação, estou perto de alcançar a parte de fora desse apartamento, mas acontece que no meio do caminho sou interceptado por seguranças que são de Marinho. As armas estão apontadas na minha direção e, como não trago nenhuma comigo, estou definindo que as coisas precisam ser mudadas logo. Marinho está me irritando...

Não, na verdade, ele sempre me irritou, mas agora está passando dos limites estabelecidos por mim.

Quando estou dando meia volta para retornar ao elevador, ele está surgindo afobado como só ele consegue ser. Ao observar o meu rosto, suspira.

— Estamos no meio de um desastre e você quer sair? Qual o seu problema, garoto?

Fecho os meus olhos, porque sinto que necessito de calma para lidar com isso agora. Sinto que ele necessita, na verdade, de uma lição.

— Esse é o momento em que você cala a
PERIGOSAS ACHERON

boca – sussurro aproximando o meu dedo indicador dos meus lábios. — Estou cheio de você. Agora, vamos começar a estabelecer algumas coisinhas... entre elas, a de que não irá se meter na minha maldita vida ou... estará fora.

Ele sorri, revelando seus dentes amarelados que me irritam profundamente.

— Você não pode fazer isso, afinal eu...

Antes que ouse terminar a sentença, avanço em sua direção. Minha mão direita está ao redor do seu pescoço nojento e a lembrança de toda a maldade que continua a espalhar pelo pequeno mundo de pessoas está me deixando louco.

— Você retornará para cima e irá deitar. Essa é a cena que desejo presenciar quando eu retornar, entendeu?

Ele acena e após aumentar o aperto ao redor do seu pescoço, solto-o.

Viro-me, deixando ao alcance da sua visão as minhas costas. Caminho em direção a parte de fora desse prédio e ao chegar na calçada, avisto um táxi, que me apresso a chamar, para que assim eu possa entrar e me afastar rapidamente.

Observo que os seguranças ainda estão com
PERIGOSAS ACHERON

suas armas em mãos, mas não me passa despercebido o estarrecimento das suas faces. Nada que me abale, mas que fará com que a moral de Marinho caia completamente.

Sorrio e ainda segurando meu celular, retorno a ligação para Nicolas, meu tio, aquele que me ensinou as lições fundamentais que jamais poderei esquecer.

— O que você quer saber sobre as duas? — questiono assim que ele atende.

— Preciso saber como estão.

Suspiro e então me inclino para dizer ao taxista o endereço que precisa seguir.

— Ok. Algo mais?

— Talvez, terei de enviar as crianças e as nossas mulheres para um lugar seguro. O território do teu pai não é mais seguro. Prepare-se para retornar a qualquer momento.

Suspiro, quando ele o chama de meu pai. É impossível não bufar e se revoltar com isso, mas eu preciso fingir, não é? Preciso fingir para que tudo tenha fim.

— Ok. — Limito-me a dizer e então encerro a ligação, guardando o celular no meu bolso.

O táxi se aproxima da pequena casa que comprei há alguns anos para elas e assim que está parando na frente, vejo pela primeira vez em anos, uma menina de liso cabelo castanho correr por cima de um gramado verde. Parece feliz com um conjunto rosa e um cachecol que rodeia seu pescoço. As delicadas luvas vermelhas destacam seu visual, mas o seu sorriso certamente é o mais bonito em meio a tudo.

Como cresceu!

A mulher sentada no alto das escadas lê um livro qualquer e mesmo tendo passado muitos anos, parece não ter mudado muita coisa, exceto a cor do seu cabelo, que agora é preto.

Sinto meu coração acelerar e logo estou saindo desse carro para me aproximar das duas. Ela não me nota de imediato, mas a pequena menina o faz.

— Salut! Tres Bien? (Oi! Tudo bem?) – ela pergunta, os olhinhos verdes claros tão lindos quanto seu sorriso feliz.

E, pela primeira vez na minha vida, sou cativado por uma criança só em escutar sua voz pela primeira vez.

— Mon Dieu! (Meu Deus) — Escuto a sua exclamação antes de se levantar.

Os olhos estão arregalados e o livro escorrega da sua mão para cair ao chão.

Certamente, mulher, estou tão chocado quanto você, porque nunca pude vislumbrar uma mulher tão linda na minha vida inteira.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Lince Arias



Quando acordei, o barulho alto de um trovão fazia-se presente por toda a casa, mas o que me incomodou foi o fato de que eu não tinha, ao meu lado, a mulher que me enlouqueceu durante a noite passada.

Deitado nessa cama, observo o teto, enquanto o barulho da chuva lá fora está forte. Sinto-me um pouco mais acolhido, porque esse é conjunto que mais se assemelha a calma que estou acostumado e é exatamente por isso que começo a ponderar que se esse, talvez, seja um bom lugar para estar.

Do lado de fora, escuto alguma movimentação e considero me levantar dessa cama para ter a certeza do que é, mas o meu corpo está desprovido de vestimentas, então preciso buscar uma calça de moletom qualquer de dentro do guarda-roupas e, assim que tenho uma camiseta em mãos, logo a visto.

Ao abrir a porta do quarto, a primeira coisa que vislumbro é uma criança.

Em suas mãos há uma boneca, enquanto o seu olhar está perdido em algum ponto isolado na parede em sua frente. Tento encontrar um pouco de sentido no seu ato, mas a realidade é que não existe. Possui essa boneca, mas acho que não sente a mínima vontade de brincar com ela.

Pondero se devo me aproximar ou se devo apenas deixá-la sozinha com os seus pensamentos.

— Lince?

Viro-me e quando vejo Luciano parado no topo das escadas me observando, arqueio minha sobrancelha, porque não compreendo o motivo ao qual me observa com tanta intensidade.

— O que é?

— Acompanhe-me, por favor – ele diz e logo está se virando para descer as escadas rapidamente.

No seu rosto está claro o quanto algo está errado e sim, estou curioso para saber o que é, por isso que me encaminho para as escadas com a certeza de que serei esclarecido em breve. A criança brincando com a boneca ainda está parada no mesmo local e eu me sinto um pouco culpado

PERIGOSAS ACHERON

por deixá-la sem dizer uma palavra, mas não me sinto com direito apenas voltar meu olhar para e reproduzir algumas palavras de conforto.

Suspiro ao chegar na sala.

As crianças estão por toda parte. Algumas brincam, outras conversam e as demais estão isoladas em seus respectivos cantos, sem reproduzir sons.

— Lince, venha logo – Luciano rosna ao sair do seu escritório para me chamar e isso me faz revirar os olhos, porque a ideia de que ele é realmente um cara chato não sai da minha cabeça.

Já está quase se transformando em convicção.

Quando entro no escritório, avisto Laureano ao lado de Vilk, enquanto Íris conversa sobre alguma coisa com Nicolas, entretanto, meu olhar ainda permanece em Vilk que parece animada em uma conversa qualquer com este homem. Respiro fundo e ao estar em frente à mesa de Luciano, cruzo os braços e o encaro, que suspira antes de pegar o celular e fazer uma ligação.

— Bomba? Pode vir ao meu escritório?

Desvio meu olhar dele quando fica impossível ignorar a aproximação de Vilk e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Laureano. Então acabo por pensar em fazer algo que nunca passaria por minha cabeça. É insano e um pouco irracional? Sim, com certeza, mas no momento é tudo o que consigo pensar em fazer para não explodir e expulsar esse maldito para o mais longe possível.

Inclinei-me um pouco para frente e sob o seu rosto, depusitei um beijo.

Foi casto, simples e rápido, mas juro que senti como se meu coração pudesse apenas rasgar todas as minhas veias para que pudesse romper todo o caminho para fora do meu peito. Talvez, durante esse gesto, meu coração apenas tenha decidido habitar a única morada que o pertence. A do peito dela. A morada que o pertenceu de pouquinho a pouquinho durante anos de convivência. Sofrendo, chorando, sentindo a solidão o possuir e que só não o foi por completo, porque essa porta se abriu o suficiente para que ele entrasse. A cada vez que ela abria os seus braços para me receber, o meu coração mais forte batia.

Quando afastos meus lábios do seu rosto e o seu olhar desvia diretamente para o meu, sinto que tenho sua atenção.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês estão de lua de mel?

Reviro os olhos ao tempo em que me separo um pouco dela. Luciano sabe perfeitamente como ser inconveniente. Impressionante...

— Bem, não vem ao caso – ele diz tentando camuflar o sorriso que exhibe, mas não consegue. — Na verdade, vem super ao caso. Quando aconteceu?

— Ontem – Vilk responde e logo estou desviando meu olhar para o seu rosto que demonstra a mais pura e crua felicidade. — Nos acertamos, definitivamente.

— Então... – começa ajustando a postura sob a cadeira que está sentado. — Vocês... irão ficar? Ou decidiram ir embora e serem felizes em algum outro lugar?

Vilk me observa e aumentando o seu sorriso, desvia o olhar para ele, que nos encara com grande expectativa.

— Ficaremos.

Ele suspira e fica de pé para que logo em seguida possa se aproximar de nós. O sorriso está enorme nos seus lábios e eu logo estou assumindo que ele pode estar se tornando um homem mais intruso que o normal.

— Estou feliz – sussurra e quando toca meu ombro, acho que estou notando seus olhos marejados. Não, isso eu não sou capaz de compreender, mas nem tenho tempo de tentar fazer porque a porta é aberta e por ela, um homem entra, então as atenções estão se voltando completamente para ele.

— Se o que você quer saber tem relação com o hospital.... enfim, encontrei o mapa completo dele no computador de Tércio... – Ele para, limpa a garganta ao desviar o olhar para Íris e logo retorna para Luciano. — Não há nada de suspeito em nenhuma das instalações.

Há um suspiro.

— Lógico que não há no mapa. – Viro-me para ver Laureano revirando seus olhos. — Se eu tivesse um negócio exclusivo, óbvio que o camuflaria de todos. Temos que invadir... e é isso.

Nicolas, ao lado de Íris, logo está nos observando com atenção.

— Cynthia precisa ser uma pauta nessa discussão.

Quando um par de suspiros rondam todo esse escritório, logo vemos o quão perturbados os

PERIGOSAS ACHERON

demais ficam apenas com a menção deste nome.

— Vocês sabem perfeitamente que se ela matar o Governador, os aliados dele não irão descansar até que a encontrem, então ela irá morrer. Isso é mais que óbvio. Ou seja, se querem mesmo trazê-la viva, isso deve ser feito logo.

Nicolas está irredutível em suas palavras e observá-lo assim me rende lembranças do passado. Ele não era o único naquele lugar, as vezes apareciam uns e outros, mas após as longas sessões interrompidas de torturas, sempre nos deixavam sozinhos. Agora, com essa postura, recordo-me de quando ele brigava com seus comparsas para que apenas um método fosse aplicado em nós, porque aquele foi o que ele definiu. Sim, não consigo alterar o ódio que sinto por ele. Certamente, não seria a ligação de sangue que me faria mudar agora.

— Ninguém nunca conseguiria pegá-la, Nicolas – diz Íris com um sorriso, mas ele não parece estar em uma margem digna de deboches e brincadeiras, como sempre esteve.

— Vocês precisam parar de acreditar que são imortais, que nunca poderão morrer, que são inalcançáveis e sem erros. Todo mundo comete

PERIGOSAS ACHERON

erros, todo mundo consegue morrer com uma bala no meio da cabeça. Ou seja, pare de supervalorizar esses egos idiotas. Sim, ela pode morrer. Sim, ela pode ser capturada. Sim, ela pode sofrer bastante até que sua morte a acompanhe. Esse é nosso destino. Essa não é uma história de Deuses cruéis e sobrenaturais. Parem de viver na merda da ficção.

Quando ele termina de falar, está suspirando. Leva a mão até a cabeça cheia de fios brancos, mas quando percebe que aqui não está mais sendo o melhor lugar para ficar, logo traça seu caminho para fora da sala. Abre a porta, mas antes de sair vira sua cabeça para o lado.

— Vocês não sabem do que eles são capazes. Mesmo que Luciano tenha traçado um belo boicote, eles continuam fortes e vocês são inimigos. Vocês, mais que ninguém nessa casa, são os alvos principais e essa casa... não é mais segura.

Então, ele sai fechando a porta logo em seguida. O baque circunda todo o ambiente trazendo consigo o silencio de bocas que jamais pensei estarem tão caladas antes.

Luciano se senta, parece aturdido.

Íris respira fundo, parece perdida.

Laureano, em contrapartida, está mais normal que nunca antes estivera.

Vilk, assim como eu, viaja o olhar por entre os demais até que chega em mim. Ela pisca e me observa com atenção.

— Talvez devêssemos escutá-lo — Íris sussurra.

— Devemos — Luciano conclui.

— Se quiserem, vou busca-la. Não tenho nada de melhor para fazer mesmo — diz Laureano com um suspiro o acompanhando logo em seguida.

Nossos olhares estão concentrados sob ele, que ainda parece normal, como se nada estivesse acontecido antes.

— Sim, não confio em ninguém melhor para o fazer — sussurra Íris desviando o seu olhar para ele, que sorri para ela, parecendo um pouco mais satisfeito. — Mas você está bem para ir?

Ele acena.

— Sim, nada me abala no momento. Uma vez que ele sai, consigo viver em paz... contanto que vocês estejam em paz, estarei controlado — ele retorna a dizer, viajando seu olhar para cada um nessa mesa e Íris é a primeira pessoa a se

PERIGOSAS ACHERON

aproximar dele para o abraçar, logo depois dela Vilk está seguindo e, então, Luciano.

Fico de braços cruzados os observando, porque não me sinto à vontade para tal, afinal ele ainda não deixou de ser uma ameaça, alguém que está próximo demais da mulher que amo, mesmo que seja meu irmão e que ela me ame. A ideia de que ele possa conquistá-la e que, em decorrência disso, ela possa me deixar ainda é presente.

— Então vamos invadir o hospital – digo desviando meu olhar para a mesa, onde papéis estão espalhados. — Onde está o mapa, Bomba?

Ele suspira.

— Vou buscá-lo.

Quando ele sai da sala, observo que o grupinho feliz está se dispersando. Enquanto uma limpa lágrimas, a outra pisca sorridente e o outro, não consegue disfarçar o sorriso tremendo que exhibe. Bem, nessa família que acabei de descobrir não há nada de normal para encontrar.

— Iremos invadir o hospital hoje – conclui Luciano ao se afastar dos braços de Laureano. — Vou reunir alguns homens para que possamos ir, ok?

— Seria esse o momento em que eu deva reunir os investidores da fábrica? — questiono, agora exibindo um pequeno sorriso.

Luciano semicerra os olhos, a careta que exhibe posteriormente demonstra o quão está confuso.

— A Guns Lince conta com muitas alianças, inclusive com membros de diversos governos. Apesar da sede da fábrica ser aqui, diariamente exportamos mais de cinquenta milhões de armamentos. Então, sim, somos uma empresa famosa. Os arredores daquele bairro inacessível estão cheios de armadilhas e de outros galpões, enfim... aquela é uma empresa muito importante. O que quero dizer é que, se ela cair, muitos saem prejudicados, ou seja, o que puderem fazer para que isso não aconteça, eles farão. A Guns Lince está nas minhas mãos novamente, certo? Eles não podem destruí-la para tomá-la, mas tentarão. Podemos solidificar nossas alianças para que possamos encurralar os negócios de Marinho e os demais de Malaquias, que estão espalhados ao redor do mundo.

Quando Luciano sorri, logo estou fazendo o

PERIGOSAS ACHERON

mesmo, porque sinto o canto da vitória tão forte quanto ele deve estar o fazendo.

— Não será fácil – digo o observando. — Se Martin não estiver em negócios com eles agora, certamente, teremos de ser rápidos o suficiente para que façamos antes dele.

— Eu acho que ele não fez. Afinal, o quão fraco ele pareceria se dissesse que o galpão foi tomado? Que grande droga ele seria, não? Como não daria conta nem do domínio do próprio galpão? Certamente, se for inteligente, não o fará.

Vilk está certa, mas nunca podemos imaginar as cartas que possuem nas mãos.

— Se invadirmos o hospital, isso seria mais um ponto negativo. E contamos com a vantagem de que eles não suspeitam que nós desconfiemos que exista algo de diferente no hospital.

— Acontece, meus amores inteligentes, que o hospital está sempre cheio. Como faremos para o invadir sem machucar ninguém? – a questionação de Íris, é certamente, a mais coerente e racional diante a tudo.

— Não estamos contando com essa variante, gata. Não tem como não machucar pessoas....
PERIGOSAS ACHERON

iremos machucá-las, esmagá-las e matá-las. É assim que funciona.

Ela sorri balançando sua cabeça.

— Acho que você não entendeu ainda, não é? — Parece triste, talvez um pouco mais distante de tudo que é normal por aqui. — O que nós seríamos se desgraássemos vidas inocentes? Seríamos diferentes daqueles que fizeram o mesmo conosco? Crianças lá dentro é o que mais há. Se você quer continuar distribuindo esse inferno, sinto muito, mas não conte comigo. A única coisa que aprendi lidando com essas crianças, é que eu não quero que mais nenhuma passe por isso.

Ele suspira, parece que as palavras dela o abateram com muita precisão.

— Isso quer dizer que somos tão malditos quanto eles? Matamos todos os dias, Íris. Não somos mocinhos inocentes. Somos assassinos cruéis desde que nascemos. Fomos criados para ser isso. Você se imagina sendo como as outras mulheres? Uma exímia dona de casa, esposa dedicada que vive em função do marido, dos filhos e de uma casa? Você consegue se imaginar assim? — Ele bufa e sorri, mas não há nenhum humor em PERIGOSAS ACHERON

suas palavras. — Infelizmente, eu não posso lutar pelo mundo inteiro. Enquanto vivo for, lutarei para garantir que meus filhos, esses que estão na minha casa, vivam para serem crianças felizes, completamente diferentes do que um dia eu pude ser. Eu nasci para sujar minhas mãos de sangue, minha mente é cheia de maldade, de dor e sofrimento. Eu sou aquele que vai trazer à tona os piores pesadelos dos meus inimigos, porque eu sou isso. Eu sou Luciano Monteiro. Não sinto pena quando estou tirando vidas, não sinto dor quando vejo suas respirações finais. Não há arrependimentos no meu vocabulário.

O rosto de Íris estava cada vez mais vermelho, acho que respira com dificuldade e a sua raiva é cada vez mais clara. Deu dois passos em frente e logo estava em frente à mesa.

— Você não está pensando nos seus filhos?

Ele sorri.

— Agora você quer me dizer que se transformou em santa? Não vai matar? O problema é seu. Nada tenho a ver com as suas decisões.

Trava o maxilar e quando levanta o dedo indicador em direção ao olhar dele.

— Continuo sendo a desgraça. Continuo sendo a assassina sem misericórdia. Mas, o que estou dizendo aqui para você, seu merda, é que apenas não posso permanecer desgraçando a vida de mais crianças ao redor da vida. Eu não quero contribuir para a infelicidade de mais crianças inocentes.

Luciano está debochado agora e não vou mentir em dizer que estou adorando cada enfrentamento entre os dois.

— Você acha que as vítimas que você assassinou não tinham filhos? Que eles não ficaram desamparados? E o prédio que derrubou? Nele não tinham crianças? Ah, mulher! Você está sendo a maior contradição dessa vida inteira. Pelo amor de Jeová, não venha encher minha bunda com essa merda.

— Juro que se eu tivesse uma pistola na minha mão, descarregava todo o pente na tua cabeça.

A discussão que tinha tudo para ser levada a outros níveis de agressões, acaba de ser interrompida, porque Bomba entra na sala com os papéis contendo o mapa do hospital ao qual

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devemos invadir o mais rápido possível.

— Montaremos o plano logo, para que possamos invadir – Luciano diz, o olhar ainda em Íris. — Reúna os homens e me avise quando o fizer.

— No caralho que você fará do seu jeito, essa porra – ela rosna, semicerrando os olhos.

— Veremos, queridinha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Lince Arias



Após algumas extensas horas de discussões e um debate acirrado entre Íris e Laureano, estamos equipados, armados e em um prédio em frente ao hospital, lugar esse de onde estaremos vigiando continuamente para que não façamos nada de errado para machucar crianças, como Íris foi tão taxativa ao longo dos seus discursos com Luciano.

Sim, eu ri durante horas apenas os vendo brigar, porque era engraçado, divertido. Ambos tentando trocar poderes e táticas, tal coisa que está fazendo nossa operação cada vez mais intensa.

Estou no último andar, como sniper. Um rifle desenhado e fabricado por mim está sob minhas mãos, enquanto observo os movimentos dentro do hospital. Ao meu lado, Bomba está deitado de bruços no chão, enquanto digita coisas no seu computador. Sua missão é continuar sua busca por Tércio, enquanto mantém um olho sob as câmeras

de segurança do hospital.

Nos andares inferiores estão os soldados acompanhados por Luciano, Vilk e Laureano, que esperam a ordem de Íris para entrar. Ela, a mulher mais controladora do mundo inteiro, está ao lado de Bomba, o olhar focado no hospital a nossa frente. Busca a maior concentração de enfermeiros para que possa encontrar o local, ou o que pode estar sendo protegido por eles, mas ao que posso ver pelos vidros, isso está sendo quase impossível, uma vez que não podemos identificar quem é assassino e quem é enfermeiro nesse inferno todo.

— Burrice — rosna Luciano pelos fones de ouvido.

— Fica calado — escuto o seu rosnado de resposta e isso me faz rir novamente.

Ela está concentrada, isso ninguém pode negar.

Desde o momento que saímos e o namorado quase chorou implorando que ela ficasse, percebo o quão tensa está. E, sinceramente, se eu fosse ela estaria da mesma forma.

Os homens de Luciano estão espalhados ao longo da rua. Alguns dentro de carros normais, PERIGOSAS ACHERON

outros em vans, outros em estabelecimentos comerciais.

Enfim, ao redor do hospital não há como Martin fugir se tentar.

— Preciso fazer uma ligação — diz, mas não desvio meu olhar para observar seu gesto, exatamente porque minha atenção deve estar focada em outro lugar, no prédio do hospital. — Olá... é Zayxa... — Ela sorri. — Então... preciso que você me ajude em uma coisa muito importante... — Há uma pausa. — Onde está Martin? Você sabe?

E o que acontece depois dela, já não estou registrando, porque minha concentração está presa apenas em quem está chegando.

Um carro preto para em frente ao hospital.

Poderia ser uma surpresa? Claro, algo não cronometrado que causará uma longa discussão mais tarde, contudo, o que temos para o momento é pura ação. Cinco homens saem do carro e entram.

A cena que segue na minha frente fará com que alguém seja queimado vivo, disso não tenho certeza.

Consigo ver quando um homem levanta uma arma para o teto e atira um par de vezes, então a
PERIGOSAS ACHERON

confusão está armada. As pessoas que estavam esperando ser atendidas logo estão levantando e correndo para fora dali o mais rápido que podem, enquanto aqueles que não estão em boas condições para tal, tentam se arrastar para fora.

Durante o tempo que mais e mais pessoas correm para fora do hospital, consigo ver quando por trás deles, dois enfermeiros estavam empunhando armas e as apontando diretamente para os homens que acabaram de entrar. Quando atiram, apenas um dos nossos é atingido e talvez essa seja a causa do rosnado descomunal de Íris ao meu lado, ou talvez seja porque entraram sem a sua permissão.

— Luciano, eu juro que vou te matar — ela rosna, o tom de voz baixo e gutural demonstra sua ira e eu não consigo não sorrir, porque isso, de repente, parece tão familiar.

O celular sendo colocado de lado chama minha atenção, mas por pouco tempo.

— Sim, já perdi as contas das vezes que repetiu essa sentença — ele diz e logo vejo mais carros pararem em frente ao hospital.

O tempo que já não estava dos mais
PERIGOSAS ACHERON

favoráveis nos últimos dias, agora parece ainda pior, mas isso não importa, afinal não irá nos impedir de conseguirmos o que precisamos nesse momento.

— Acho que acabei de encontrar uma pista quente de Tércio – sussurra Bomba e isso é o suficiente para que Íris abandone a sua posição e se aproxime rápido dele. Ela o encara com expectativa, os olhos marejados de emoção nos mostram o quanto ansiosa está por essa resposta. — Segui o caminho traçado desde o território de Luciano e pelas avenidas. Apesar de termos câmeras de segurança na parte de trás, o caminho de terra é vasto, por isso que precisei invadir o sistema de segurança da polícia e enfim... com o número da placa do carro, consegui encontrar o caminho que ele seguiu. O carro sumiu no meio outra avenida de areia, que só dá acesso a uma pista de pouso. Estou pesquisando qual voo saiu naquele horário. Então... aguarde mais um pouco, ok?

Ela suspira.

Nos olhos marejados está claro o quanto essa mulher está cheia de esperanças de que irá encontrar o irmão o mais rápido possível e não

PERIGOSAS ACHERON

posso mentir em não afirmar que estou da mesma forma, porque é exatamente como me encontro agora. Cheio de esperanças para um recomeço feliz.

Continua o observando cheia de expectativas, mas isso dura pouco, porque logo a troca de tiros de dentro do hospital está ficando intensa. Para Íris, agora, isso deixou de importar, porque sabemos perfeitamente que Tércio é o único que a preocupa.

— Estou descendo com Laureano – ele sussurra. — Lauzinho, você ficaria um pouco chateado se eu convocasse Umbra para essa invasão?

Não escuto uma resposta, apenas o riso agudo de Luciano.

— Ok, ok, ok! Não está mais aqui quem falou... Queridinho exaltadinho – sussurra e isso me faz sorrir.

Acho que pela primeira vez em anos, por uma quantidade de tempo tão grande, estou sendo feliz apenas por tê-los aqui por perto, por serem quem são.

— Você viu que Luciano vai invadir o hospital? – pergunto ainda com um sorriso, mas ela não me dá atenção, parece que essa deixou de ser PERIGOSAS ACHERON

sua preocupação atual.

— Ele sabe o que faz – diz, o olhar preso no computador de Bomba.

Enquanto isso estou os avistando na rua, caminhando em direção a entrada do hospital. Era certo que só entrassem depois que ela os ordenassem?

Estou suspirando, porque sinto que se as coisas não seguirem suas direções corretas, posso ficar louco.

— Íris, volte ao seu posto. Eles estão entrando – digo mantendo o meu tom de voz baixo, quando Vilck olha para os lados prestando atenção na rua limpa.

Essa mulher...

Poderia ter escolhido ficar na cobertura comigo, no lugar mais seguro, onde eu poderia protegê-la, mas não. Escolheu estar lá embaixo no meio do perigo, na boca do inferno. Estou mais angustiado e desesperado exatamente por causa disso. Minha concentração está somente nela, porque não posso deixar de pensar que, se algo acontecer nessa operação, não serei nada mais que um grande lixo nessa vida.

PERIGOSAS ACHERON

Está segura por um colete a prova de balas, enquanto nas mãos carrega um par de armas. O cabelo longo negro preso por um elástico e o olhar intenso em posse do seu rosto só remete ainda mais o quão perigosa parece. Eu, do alto desse prédio, acompanho seus passos por meio da luneta do meu rifle e juro, do fundo do meu coração, que essa visão é o suficiente para que eu possa estar confortado, para que eu me sinta vivo, porque consigo vê-la, porque sua imagem perante meus olhos faz com que sentimentos diversos povoem um peito tão cheio de sofrimento.

Após o seu retorno, acho que todo sentimento negativo que nutri durante toda a minha vida pôde ser convertido, porque ao retornar para a minha vida, ela trouxe uma luz que somente ela é capaz de possuir para iluminar todo o meu mundo.

Quando levanta sua mão e aponta para um dos enfermeiros, posso sentir a concentração. Ela atira e eu mordo meu lábio inferior, porque mesmo não tendo escutado o barulho do tiro, foi como se o meu coração se acelerasse ao mesmo compasso do seu impulso.

Seus passos continuam em direção a parte

PERIGOSAS ACHERON

interior do hospital e logo, estou a perdendo do meu campo de visão. Dizer que não fico apreensivo seria mentira da minha parte, mas confio na sua destreza e nos seus passos cronometrados.

— Bomba, você precisa focar nas câmeras do interior do prédio – digo e ele concorda.

— Ainda está buscando por Tércio? – Escuto-a questionar e juro que estou quase mandando-a focar na missão, porque temos pessoas dentro daquela droga de hospital.

Na parte da frente, mais carros param.

Os homens que estiveram cercando as proximidades, agora estão tomando os locais que lhes foram ordenados, quando o plano foi repassado há algumas horas.

Dez homens ocupam a entrada, enquanto os demais entram. Colete a prova de balas protegendo seus peitos e capacetes em suas cabeças, enquanto nas mãos rifles estão sendo apontados para a frente. Inimigos serão eliminados, se em suas frentes entrarem, foi o que lhes foram ordenados. Se seus rostos forem vistos, testemunhas precisarão serem eliminadas. Luciano foi muito taxativo quanto a isso, enquanto percebi claramente no rosto de Íris o

PERIGOSAS ACHERON

quão assustada estava por escutar tais palavras escorrerem por seus lábios. Vi reconhecimento, susto e eu acho que Laureano não estava diferente.

— Olha o terceiro andar. A quinta janela da esquerda – sussurra Íris e logo desvio meu olhar exatamente para ali.

Cinco homens armados, mas vestidos como simples enfermeiros apontam suas armas para um homem que, deitado em uma maca os observa assustado. E esse é mais um mistério que estou louco para descobrir.

— Por que estão fazendo isso? – questiono e ela bufa.

— Era com ele que eu estava falando há pouco – ela diz, a respiração permanecendo pesada.

Escolho permanecer quieto, porque os acontecimentos que seguem a partir daqui parecem cada vez mais quentes e eu juro que é uma adrenalina até que gostosa de se sentir. E sim, talvez seja porque estou prestes a matar alguns homens. Apesar de detestar fazê-lo, sinto como se isso fosse o melhor. Ora, dedicam suas vidas para machucar seres inocentes, então por que eu sentiria remorso por matá-los? É o que merecem. A morte.

PERIGOSAS ACHERON

Poderiam ter escolhido outros caminhos para seguirem, mas como se trata de decisões feitas, então, é certo e justo que arquem com as consequências. E a deles é essa.

— Eita, cacete — Luciano diz pelo comunicador. — Grande cacete. Ai, Jeová, o que é que teus filhos estão fazendo por aqui, amigo? O que? Estou passado.

O fim do seu comentário acontece por meio de um suspiro e, logo em seguida, não sou capaz de escutar mais nada.

— Íris, você escutou isso? — questiono e um arquejo vindo de Bomba me assusta.

— Explodiram um lado do hospital — ele diz e então, desvio meu olhar para a tela do computador.

Algumas câmeras foram desativadas, por isso partes das telas estão pretas, mas dentre as demais, na ala oposta a que explodida estou vendo mais homens correndo por sua extensão.

— Se existir alguma coisa exclusiva, está sendo feito nos fundos — escuto Íris sussurrar. — O que você está vendo?

A resposta está vindo logo em seguida e é a
PERIGOSAS ACHERON

voz de Vilk que a está trazendo.

— Muitas caixas de remédios químicos, mas... não entendo o que esses compostos estão fazendo em um hospital – ela diz, mas um tiro no fundo cala sua voz.

Busco por meio do computador de Bomba uma forma, um lugar ou o que quer que seja de efeito para que eu possa estar seguindo o caminho que ela está fazendo nesse momento. Preciso saber onde está...

— Juro que meu irmãozinho me deve uma – Luciano sussurra e eu sorrio ao escutar sua voz.

O alívio me banha ainda mais quando sou capaz de escutar sua voz ao fundo.

— Íris – Vilk chama e eu sinto que posso respirar melhor. — A parte dos fundos que você diz está concentrada em uma porta preta?

— Porta preta? No hospital?

Desvio meu olhar para ela e quando percebo o quão pensativa está, então a resposta que Vilk precisava está no meio do seu silêncio, da sua dúvida, do seu pensamento.

— Dois na frente – diz Luciano e logo estou tomando minha posição novamente.

Estou tentando não pirar, por não a ter sob minhas vistas, mas é certo que preciso manter minha atenção nos demais cômodos, até o momento em que eles saírem dali.

— Talvez seja a sala de manipulação que Pablo falou na ligação? — questiona-se em um sussurro e eu não posso deixar de suspirar logo em seguida.

Quando desvio meu olhar para o mesmo andar, posso ver o corpo do homem sob a maca de hospital. Ela deixou que ele morresse e nesse momento, eu acho que não consigo compreendê-la. Onde está o seu discurso de horas atrás?

Pelo ponto eletrônico consigo escutar o barulho de tiros, seguido de uma explosão, então respirações sôfregas povoam essa merda. Ninguém diz nada, ninguém abre a boca para falar uma só palavra e eu acho que posso começar a enlouquecer.

Um par de segundos passam e nada mais acontece.

Nenhum som pode ser escutado a partir daqui.

— O que merda aconteceu, Bomba? —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questiono e ele desvia seu olhar assustado diretamente para o meu rosto.

— As câmeras foram desativadas.... e os comunicadores pararam....

— Merda! – brado ao me levantar.

Travo minha mandíbula ao ponderar que realmente deveria tê-la forçado a ficar ao meu lado nessa cobertura, mas a quem quero enganar? Ela nunca ficaria. Nunca.

Tento respirar, mas até isso, agora, tornou-se difícil.

Da maleta ao meu lado pego uma pistola e um fuzil.

— Para onde você está indo? – Íris questiona ao se levantar.

— Buscar minha mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Lince Arias



Quando entrei no hospital, Íris estava logo atrás de mim.

Sussurrava palavras incoerentes, mas eu não pude me focar tanto nela, porque na minha cabeça a única coisa que estava circulando era a preocupação com Vilk Jane.

Conseguimos invadir o hospital e sem enfrentar mais ninguém a nossa frente, continuamos nosso caminho.

Por mais que eu tenha dito a Íris para ficar exatamente onde estava nos cobrindo, foi irredutível e quis descer, então começou com os seus discursos diversos sobre como não é uma mocinha indefesa, que precisa de proteção e... blá, blá, blá. Descemos o prédio que estávamos e ela ainda praguejava cada palavra. Pensei, por um momento, que ela iria me golpear, mesmo que me mantivesse quieto. Escolhi permanecer assim,

porque via que se a contestasse, travaríamos uma longa discussão, onde eu seria o perdedor. Vê-la magoada com qualquer que seja o pensamento que saia por meus lábios, trava quaisquer que sejam minhas intenções de um debate acirrado. Minha natureza interna é a que ordena que eu as proteja com toda a minha alma, por mais que eu saiba que elas tenham tanta convicção que não precisam de mim e da minha proteção.

Elas estão certas em acreditar que saibam se proteger e eu sei que elas sabem. Inclusive, ambas já me protegeram.

Íris, mesmo machucada, me protegeu de diversos tiros e pancadas. Vilk me protegeu de assassinos, do meu futuro incerto, do meu pessimismo e de um destino traiçoeiro. Então, se alguém deve se elencar como frágil e impotente, certamente esse alguém seria eu.

Acontece que por mais que eu saiba de tudo isso, não posso simplesmente deixá-las de lado, protegendo-se de tudo. Não consigo simplesmente me controlar e ficar parado. Não é que eu não acredite nas suas capacidades, nas suas habilidades, a questão é que preciso estar lá, porque se algum

PERIGOSAS ACHERON

perigo surgir e elas não conseguirem, ao menos estarei lá para ajudar.

Enquanto corro por esses corredores, tendo de desviar de corpos ensanguentados, outros em vida, ou apenas pacientes que buscavam a salvação, mas que tudo que encontraram foram mais ferimentos e mais mortes, eu não consigo parar de pensar que, se Vilk se machucou, se feriu, eu jamais seria Lince Arias novamente, porque mais uma vez não fui capaz de evitar que ela se machucasse, porque fiquei longe.

Por uma escolha.

— Por mais que tenha ficado calado, tenho certeza que você ainda tem nessa mente pequena o pensamento de que ela não conseguiu se proteger... as vezes, odeio os homens. E talvez, sinto mais raiva de Adiel por causa disso – ela diz, correndo ao meu lado, enquanto desvia de um dos nossos homens que passou por nós no sentido contrário.

Estamos correndo em direção a um lugar que não sabemos onde é, mas que seguindo os corpos mortos à medida que corremos, talvez possamos encontrar.

— Íris, não quero conversar – digo, meu
PERIGOSAS ACHERON

olhar focado ainda na minha frente.

— Esse é um problema que não me pertence
— ela rosna e eu juro que tento não revirar os olhos.
— Mas não consigo entender o motivo desses pensamentos idiotas.

Tentei sorrir, mas estou tão tenso e preocupado que não consegui.

Desculpa, apenas não dá.

Ela está na frente, corre por mais um extenso corredor, mas logo a sua frente há dois obstáculos apontando armas em nossas direções. Ela, como me lembro da última vez que me protegeu, levantou sua pistola e sem esperar segundo algum, agiu.

Dois tiros.

O momento intercalado apenas para apontar de um para o outro.

Rápida, competente e direta nos seus alvos, que ao chão caíram sem vida instantaneamente.

Acontece quando não se escolhe um lado correto para seguir, mas nós, eu acredito nisso, estamos do lado certo. Quero estar do lado certo, porque esse é o lado que está a minha nova família.

Família.

Nunca pensei que um dia poderia usar essa
PERIGOSAS ACHERON

palavra ao meu favor.

Ter uma família não passou pela minha cabeça, porque tudo o que girava na minha mente era o dia em que a minha existência finalmente chegaria ao fim.

Agora, tenho três irmãos que nunca pensei existir. Tenho três partes de mim e uma em especial, que está em algum lugar do mundo a minha espera.... ou, talvez, realmente não precise de mim e eu espero que não. Que esteja bem, vivendo bem, com uma família feliz, sorrindo a todo instante... sendo feliz de uma forma que nunca fui.

Quando alcançamos uma porta preta, acredito que tenha sido a que Vilk falou mais cedo pelo ponto eletrônico e em sua frente está clara a quantidade de pedras caídas ao chão. A bagunça de poeira ao nosso redor, mas não há nenhum corpo e eu juro que agradeço por isso. Em contrapartida, a porta está aberta e é por ela que Íris está entrando. Estou indo logo em seguida, porque preciso apenas encontrar a mulher que abarca a minha existência.

— Vocês estão me escutando? — Bomba pergunta pelo ponto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim – confirmo e ele suspira.

— Tenho uma boa notícia e uma ruim. Qual querem escutar primeiro?

— A que você confirma a localização de Tércio – afirma Íris mais à frente.

— Bem... essa parte não será mais comigo... isso é com você. Naquele dia, no horário estipulado da chegada ao território de pouso, três jatinhos partiram. Saber qual deles foi embarcado por Tércio... já não tenho como, já que é clandestino. Então, essa é uma tarefa para você, Íris.

Ela para e quando subo meu olhar para observar o nosso redor, não sei realmente como me sentir, porque o choque está ganhando espaço. Juro por tudo que é mais sagrado que isso aqui é a coisa mais forte que já pude presenciar na minha vida.

Minhas mãos estão trêmulas e eu sinto que meu mundo está girando como um louco.

Nesse momento eu sei que deveria ser o homem forte, que dá apoio aos demais, mas acontece que não consigo. Isso é demais para o meu nível de compreensão.

— Que porra – sussurra Íris na minha frente.

Nenhum passo é dado em frente, mas ela
PERIGOSAS ACHERON

vacila... juro que a vi vacilar na minha frente.

— Isso aqui é demais para a minha cabeça — alguém disse na frente e eu tenho certeza que é a voz de Luciano.

— Socorro! Socorro! Socorro!

Pisco repetidas vezes ainda tentando pensar em algo que difere da realidade que tenho na minha frente, mas isso aqui parece sério demais para mudar em questão de segundos. Poderia ser uma pregação do destino, mas não é.

Esse parece ser um laboratório. Não, esse é um laboratório e como Íris falou mais cedo, um laboratório de manipulação, mas certamente não é como a normalidade.

Há diversos compostos ao nosso redor e nenhum deles, tenho certeza, que não são usados para produzirem medicamentos. E, certamente, os três corpos presos em macas suspensas na vertical, enquanto diversos tubos e agulhas cercam seus corpos, não estão aqui para se tratarem de alguma doença terminal.

— São drogas — conclui Laureano observando os corpos presos nas macas.

O que causa assombro não é isso... não, longe
PERIGOSAS ACHERON

de qualquer coisa dentro de mim, me assustar isso, mas... o estado que os corpos estão é o que me deixa aturdido. Vida não possuem.

O rosto pálido, o corpo esquelético, os olhos fechados e os tubos que bombeiam ar para dentro dos seus corpos. Não consigo apenas observar por muito tempo, porque o cheiro pútrido aumenta a cada instante e a vontade de correr para o mais longe possível me acompanha.

— Para onde pensa que vai?

Pisco um pouco aturdido e logo estou andando novamente.

Cada passo que me aproximo, mais vontade de explodir sinto.

Luciano está parado em frente ao corpo de uma menina sem suas vestes e, o fato notório é que não possui cabelo, além do que, metade do seu peito foi possuído por um tom negro que não sei o que ali pode fazer.

Mais à frente, no canto de uma parede é Vilk quem vejo.

Segura um homem, enquanto o golpeia com seu punho repetidas vezes no mesmo lugar. Aquele não faço ideia de quem seja, entretanto, deixá-la

PERIGOSAS ACHERON

magoar sua mão em um ser repugnante como aquele não é algo que minha consciência aceite perfeitamente.

— É Martin – Íris diz atrás de mim e então, agora que não posso ficar quieto.

Meu sangue pulsa com a ira ficando mais intensa dentro do meu peito.

Minha coerência parece que vai acabar a qualquer instante e eu realmente não espero que isso aconteça, porque estou indo em direção aos corpos dos dois.

Toco o braço de Vilk, que permanece desferindo golpes sob o corpo de Martin. Ela não para nem quando estou pedindo para que o faça. Seus golpes são contínuos, o corpo dele parece perder a consciência de pouco a pouco, enquanto ela permanece o atingindo. Martin não consegue desviar dos golpes que ela desfere interruptamente sob o corpo dele. Quando ele cai ao chão de uma vez descordado, ela o monta e continua com seus golpes intensos sob o corpo dele, então no momento em que penso que ela vai realmente o assassinar na minha frente, ela para. Levanta-se do corpo dele e continua o encarando com atenção,

PERIGOSAS ACHERON

mas não deseja por nada no mundo se desviar.

— Eu poderia matá-lo aqui, agora... não me bastaria muito esforço para isso, mas escolhi te fazer sofrer por mais tempo, enquanto tiro informações de você.

E após palavras duras como essas, ela desvia o olhar diretamente para os corpos das crianças que estão ali naquelas macas sem vida e com o que acreditamos ser drogas circundando os seus corpos.

— Ou eu poderia fazer com você o mesmo que fez com eles... sinceramente, seria maravilhoso – ela diz, a voz baixa e ainda sem voltar o seu olhar para mim, afasta-se do corpo dele para observar os frascos com elementos químicos.

Juro que entendo as razões que ela possui e eu sinto, mas eu também os tenho.

Meu desejo é de permanecer aqui na sua frente por horas a fio o torturando, fazendo-o sentir dor, porque é isso que ele merece. Só que isso me faria perdurar por tanto tempo no mesmo sofrimento de reviver o que já passamos, para provocar dor em alguém que não merece tal esforço, e eu não desejo isso. É por isso que, mesmo sem esperar uma resposta vinda dela, que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

miro a minha arma na cabeça dele e então, quando posso, puxo o gatilho.

O primeiro tiro foi por Vilk machucar sua mão ao desferir socos em seu rosto.

O segundo foi para vingar a sua traição.

O terceiro foi para vingar os que sofreram nas suas mãos.

O quarto foi para acabar com a sua vida.

Gastei exatas quatro balas em um corpo maldito como o dele e eu nem posso acreditar nisso, realmente.

— Sei que estão muito ocupados, mas estão chegando mais companhias para vocês – Bomba diz pelo ponto e só então eu posso suspirar.

Olhar para a sua cabeça estourada não me rende muita satisfação.

Ver o sangue escorrer por seu rosto não acaba com a minha vontade de vingar cada vez mais..., contudo, tenho uma conta mais longa para acertar com Gregory.

— Por que você... – começa Vilk, mas logo estou me virando e me afastando do corpo dele, para observar a sua mão ensanguentada.

Pego-a nas minhas e eu sinto o quão fria está.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos cuidar de você – digo com meu olhar focado na sua mão. — Precisamos sair daqui.

Ela semicerra os olhos e eu sei o que irá seguir daqui, por isso que aproximo meu corpo ainda mais do seu e então, quando a tenho perto o suficiente, abraço-a com toda a força que meu sentimento obriga. Sinto uma longa confusão de sentimentos aqui no meu peito, mas já não sei qual seguir ou o que fazer para mudar a realidade que temos, mas eu só sei que não quero mais viver para pensar que algo possa tê-la acontecido.

Aspiro o cheiro cítrico do seu cabelo e só assim posso fechar os meus olhos para fugir da visão horrenda que tenho sob minhas vistas.

— Gente? Acredito que estão entretidos, não é? Enfim... estão invadindo essa merda.

Suspiro, afastando-me dela.

O seu olhar sobe para o meu quando estamos separados e logo um sorriso se forma ali nos seus belos e recheados lábios rosados.

A troca de olhares entre nós dois, certamente, garante o que por tanto andei buscando.

A troca de sentimento é palpável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos que ir – diz Íris.

— Temos que ir – sussurra Vilk e eu aceno.

Quando ela se vira e toma a frente, caminhando em direção a saída, tenho a certeza mais fodida do mundo que eu não tenho a maldita sorte de ser o homem que obteve a segunda chance de viver o amor, mesmo tendo dificultado tanto para que viesse à tona.

— Saiam pelos fundos – diz Bomba e eu coloco minha mão no ombro dela, guiando-a pelo caminho oposto.

Meu coração bate descompassado no meu peito enquanto tenho sob minha mente a certeza de que, enquanto eu viver, essa mulher nunca irá passar por nenhuma dificuldade, tampouco por nenhuma outra dor, não no que diz respeito ao nosso amor.

— Aqui só tem um muro enorme, porra – alguém rosna aqui atrás, mas minha atenção já não é deles.

— Vamos pular – é Íris quem diz e logo o estamos fazendo.

Primeiro ela vai, logo em seguida Laureano, então Luciano, Vilk e eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pulamos o muro e quando alcançamos uma calçada cheia de lixo, estamos correndo em direção oposta ao hospital.

— Escondam-se – Bomba sussurra no ponto eletrônico. — Posso explodir o hospital?

— Não!

— Não!

Eu e Íris falamos ao mesmo tempo, enquanto ele sorri do outro lado do ponto.

Os três que não possuem o nosso contato com os pontos, nos encaram com uma careta.

— O que aconteceu com o ponto de vocês? – questiono e Laureano revira os olhos.

— Não sei. Acho que pifaram quando explodiram parte do edifício – diz e logo está dando de ombros.

— Íris, já tenho o endereço em mãos da localização do território de pouso. E sobre Cynthia... bem, você quer saber a boa ou a má notícia sobre ela?

Estou começando a odiar essas escolhas de notícias.... nada de bom pode vir a partir daí. E eu já espero a bomba que virá a seguir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Vilk Jane



Sorrio ao observar Lince cuidar com tanto carinho da minha mão ferida.

Seus olhos estão focados enquanto passa o algodão com álcool sobre o ferimento e mesmo que esse ato cause um pouco de ardência, não há nada que me faça chorar de dor. Vê-lo aqui na minha frente dedicado a cuidar de algo tão superficial como esse ferimento, é o que me faz sorrir largamente, enquanto do lado de fora deste quarto, um pequeno caos está se formando.

Encontraram um pequeno fragmento que indicará onde está Tércio, a irmã de Adiel também foi encontrada e Laureano vai buscá-la. Luciano, em contrapartida, está no meio de uma guerra particular tendo três corpos rondando sua mente, enquanto diversas crianças com prováveis destinos correm ao seu redor. E eu o entendo, juro que sim, mas ele está se deixando consumir com

possibilidades que não serão reais.

— Você poderia me escutar mais vezes... — ele sussurra com o olhar focado ainda no meu ferimento.

Meu coração escolhe esse momento para bater mais forte e eu sorrio. O seu gesto além de lindo, é fofo e me faz suspirar mesmo que essa não seja a reação que desejo no momento.

Ele sobe o seu olhar para o meu rosto e semicerra os olhos assim que flagra o meu sorriso, mas quando vejo um sorriso começar a se apontar ali, aproximo o meu rosto do seu até que nossas testas estão juntas.

— Estou muito feliz — confesso tocando em uma das suas mãos e assim que a tenho sob o poder da minha, trago-a para o meu peito para que ele sinta o quão forte meu coração bate por ele.

Somente por ele.

— Estou feliz por estar bem com você, por estarmos juntos mais uma vez e, por finalmente, conseguirmos compartilhar abertamente o que sentimos. Você tem ideia do quão isso é importante para mim?

Sua mão se aproxima do meu rosto e então,
PERIGOSAS ACHERON

logo seus lábios tocam os meus em um singelo beijo. Quando meu coração se acelera mais, sinto o seu sorriso sob os meus lábios, mas quando se afasta, juro que quase posso gemer de tristeza.

Acho que eu poderia instaurar uma lei para que nunca nos separemos. Deve ser proibido que seu olhar desvie do meu, que suas mãos se afastem das minhas e que ele morda o lábio inferior, enquanto tenta focar em outra coisa, como está fazendo nesse exato momento, ao retornar seus cuidados para minha mão.

Ele ainda exhibe um sorriso, mas logo se desfaz quando sua testa franze, mostrando três camadas de pele que eu juro achar cada vez mais lindo no seu rosto. Ele retorna a passar o algodão com álcool sob minha mão e eu juro que posso voltar a sorrir, considerando-o o homem mais atencioso do mundo.

— Eu queria te fazer um pedido, mas não sei como você irá reagir a ele.

Pisco, inclinando minha cabeça um pouco para o lado, o sorriso não me abandonando por nada, porque certamente, seja qual for o pedido que ele fizer, nada poderá abalar o que sinto ou que

PERIGOSAS ACHERON

estou experimentando agora.

— Sabe — começa, retornando o seu olhar para o meu —, estou passando por um longo furacão no meu peito com essa nova fase da minha vida.

Suspira afastando sua mão da minha, o algodão ficando de lado e minha atenção é toda do seu olhar.

— Sim, claro, você está enfrentando o amor que passou anos fugindo. Entendo perfeitamente — sussurro com um meio sorriso e ele, como um belo safado que reconhece perfeitamente os atributos para fascinar alguém, morde o lábio inferior exibindo um leve esticar dos seus lábios.

Minha atenção, automaticamente, é desse gesto.

— Estou enfrentando muitas coisas, Vilk, mas...

— O amor está te deixando louco, eu sei, me identifico.

Ele sorri e eu juro que estou me segurando loucamente para não pular sob suas pernas e então, o agarrar e o encher de beijos. Sim, isso parece mais adequado para esse momento.

— Você vai me deixar falar? — pergunta ao arquear as sobrancelhas.

Nesse momento, a essa altura do campeonato, tudo que consigo é cerrar os lábios para deixar de sorrir como uma boba e, então aceno.

Ele se aproxima mais, deixa nossos lábios mais próximos e olhando nos meus olhos passa a sua língua por cima dos montes carnudos que rodeiam sua boca.

— Eu sempre soube o que eu senti, mas escolhi não lembrar, escolhi esquecer para continuar. Senti a tua falta durante todos esses anos e a minha vida se tornou cada vez mais escura, porque era assim que deveria ser. Eu não te busquei, porque escolhi acreditar que não te amo. Escolhi acreditar que não sou capaz de sentir nada puro e bonito por mais ninguém. E vivi durante todos esses anos assim... mas você voltou. — Levanta a sua mão direita e coloca uma mecha revolta do meu cabelo, atrás da minha orelha e nesse compasso, carinhosamente, passa o seu dedo por meu rosto. O seu olhar mantém-se sobre o meu e eu juro que meu coração vai explodir a qualquer instante. — Você voltou e trouxe consigo tudo o

PERIGOSAS ACHERON

que eu passei anos negando. — Sorri e sacode sua cabeça, mas quando retorna a me olhar nos olhos, vejo como a cor mudou. — Você voltou e me fez lembrar de tudo. Do amor, da paixão ardente, do seu sorriso e da sua presença ao meu lado. Do quão eu senti falta de dormir ao seu lado. E a presença de Laureano dentro da nossa casa, só me fez ter certeza de que, sim, eu morro de medo de perder o que temos... porque eu sei que você pode escolher seguir em frente e ser feliz sozinha, ou com quem te oferecer o amor de forma mais fácil, sem te afastar, como fiz desde o início.

Sorrio, passando minha mão por seu rosto desta vez.

— Eu escolhi ficar, Lince. Sempre soube do que estava acontecendo com você, do que tinha que fazer e suportar todos os dias. Ou você acha que passei tantos anos viajando? Metade deles passei mundo a fora aprendendo mais sobre o corpo, sobre a sensualidade, sobre os sentimentos... sobre o amor. E a outra metade foi atrás de você.

Ele pisca e semicerra os olhos, então sorrio, porque acredito muito que ele seja o homem mais lindo do mundo inteiro.

— Vilk, por que só voltou agora?

Sorrio, mordendo meu lábio.

— Porque nunca tive coragem de me aproximar.

Ele suspira, desviando seu olhar.

Esse momento foi tão esperado durante minha vida, que agora que está acontecendo, não sei o que eu deveria dizer mais a ele.

— Eu só sei que, por mais que eu passe anos te pedindo perdão, esse tempo todo não será o suficiente como punição.

Ele pisca, o olhar retorna ao meu e capto com exatidão o momento que uma lágrima escorre por seu rosto e acaba se entranhando no meio da sua barba cheia.

— Só quero passar a minha vida inteira escutando o quanto você me ama – sussurro e, ao colar nossos lábios, o beijo.

Espero do fundo do meu coração que ele entenda perfeitamente o que quero dizer com esse simples gesto. Sim, jamais serei capaz de amar outra pessoa. Sim, ele é o único responsável por fazer meu coração acelerar loucamente aqui no meu peito e eu juro que posso explodir de felicidade a

PERIGOSAS ACHERON

qualquer momento, porque seus lábios se encaixam nos meus de uma forma tão gostosa, que fechar os olhos, é o que posso fazer para abstrair cada segundo ao seu lado.

— Eu te amo – ele diz, ao afastar seus lábios dos meus.

Ele pode dizer isso com palavras e o seu tom de voz pode parecer convincente, mas o que declara que essa afirmação seja verídica é o seu simples olhar cheio de brilho encarando os meus olhos. Sorrio.

O meu peito está cheio de felicidade e sorrir é o que posso fazer agora para demonstrar isso.

— Também te...

Eu iria concluir minha frase, juro que iria, mas a porta se abriu e passando por ela, uma pequena menina estava entrando. Pergunto-me quem ela seria hoje...

— Papai está chamando, tia – ela diz e logo está suspirando. — Tio Lau está indo de helicóptelo... helicoitélo.... heli...

— Helicóptero?

Ela acena e eu sorrio, porque vê-la nesse ambiente é certamente mais uma onda cheia de luz

PERIGOSAS ACHERON

para esse nosso mundo, sim.

— Ele já está indo? — pergunta Lince ao virar sua cabeça para a olhar.

A pequena menina serelepe acena e logo pisca seus olhos, então quando tudo está em silêncio por tempo demais, começa a dar alguns passos para trás e logo fecha a porta consigo.

— Ela é uma graci...

— Venham logo — ela diz, de repente, ao abrir a porta novamente.

— Estamos indo, pequena.

— Tia, eu não sou pequena. Sou média... — diz e eu juro que sorrio ao vê-la me observando com uma careta do mais puro descontentamento.

Lince levanta e com minha mão ao redor da sua, puxa-me para que logo eu esteja em pé na sua frente. Olhar de frente com olhar... boca frente com boca... o tom vermelho que se espalha sob seu rosto o torna ainda mais agradável e apaixonante.

Acho que, pela milésima vez, acabei de me apaixonar por ele.

— Por que estão parados aqui? — a média menina pergunta ao se colocar ao nosso lado. As mãos na cintura e os olhos semicerrados denunciam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o quão desconfiada está sobre algo que ainda não tenho certo conhecimento. — Tio Lau está indo... vocês não irão vê-lo?

Sorrio e logo estou me separando de Lince para tomar a frente, em direção a saída. Sem olhar para trás, deixo o meu amor ali naquele quarto na companhia da pequena menina e me encaminho para a parte de baixo da casa. Certamente se eu olhasse, não teria coragem de me afastar tão cedo do seu corpo, porque teremos um final feliz... ou seria um reinício turbulento, mas feliz?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Cyntia/Zene Caedes | Há muitos anos



É noite, quando dois irmãos decidem que iremos armar uma emboscada para os malditos que seguiam torturando e batendo em todos. Eu gosto deles e eles gostam de mim... são as únicas pessoas que conheço e que me aceitaram, desde que meus pais se foram.

Não sei como aconteceu, tampouco quando ocorreu, mas quando acordei em uma manhã de um dia sombrio, eu estava aqui, em um navio cheio de pessoas amedrontadas. Senti medo, eu senti tanto medo... Chorei, porque eu queria minha mãe. Chorei, porque sentia falta do meu papai. Chorei, porque queria minha casa. Chorei, porque sentia falta dos meus irmãos. Eu os amava e estava perdida.

Completamente perdida.

Alguém tinha me colocado nesse navio e esse alguém disse a mãe Amara o que tinha acontecido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Amara... Ela me disse que seu nome significava “amar” e, que se eu quisesse, ela iria me amar e cuidar de mim. E mesmo que eu só desejasse a minha mãe de verdade, ela não me abandonaria.

Mãe Amara me contou que minha casa pegou fogo e que agora, tudo que restava dela eram cinzas. Todos estavam mortos e só restou a mim. O resto da história, do como eu vim parar aqui, ficou perdido no espaço, porque aquilo mãe Amara não sabia, não conseguia imaginar.

Dia após dia, um irmão diferente apanhava e eu o via sendo açoitado, amarrado... eles o faziam vomitar, chorar e eu me sentia doente, mas eu tinha mãe Amara para me proteger. Seus braços sempre estavam ao redor do meu corpo quando aquilo começava. Suas mãos negras e frágeis cobriam meus olhos para que aquelas imagens horrendas não nublassem a minha visão.

Eram tantos gritos, tanta dor.

Eu sentia, eu chorava... doía e eu continuava perdida.

E ali fiquei.

Foram muitos dias, meses, anos... três anos, para ser bem mais exata.

PERIGOSAS ACHERON

Meu nome era Cyntia Gaspar e eu tinha seis anos. Eu sabia disso, porque minha mãe dizia todos os dias e sempre que minha mãe voltava a minha mente, eu chorava e isso porque eu sentia sua falta. Sentia falta da sua voz cantante perto do meu ouvido enquanto me colocava para dormir, mas mãe Amara cuidava tão bem de mim.

Ela era a minha nova mãe e eu a amava.

Zola estava cansado demais, chorava e dizia que não aguentava mais. Sob a luz da lua, sua pele negra reluzia a tudo e eu o achava tão lindo quantos meus irmãos.

— Está na hora de tomarmos um outro caminho. — Era o que ele dizia. — Vamos fugir agora! Eles estão dormindo e nós estamos muito perto de atracarmos no cais.

Zola era um dos nossos irmãos e hoje, o açoitaram até que ele implorou por misericórdia. Eu senti tanta dor... era como se eu estivesse apanhando com ele. Ele era meu irmão e eu o amava. Sempre reservava um tempo do seu dia para me contar como era a sua terra, onde ele morava e onde sua família estava. Zola chamava aqueles homens brancos que os açoitaram de “malditos PERIGOSAS ACHERON

nazistas” e mesmo que eu não soubesse o que aquilo significasse, eu sabia que não era bom, porque aqueles homens não eram bons, afinal causavam dor para os irmãos.

Mãe Amara afirmou que estava com ele, que faria todo o possível para sair dali e fugir. Puxou-me com ela e fomos as primeiras a seguir Zola. Logo em seguida, veio Zaki. Era nosso irmão mais esperto e sabia muito bem o que fazer para enganar todos que ali estavam.

Tudo estava escuro, frio, mas eu apertei minha mão na de mãe Amara, antes de seguir junto dela correndo para longe dali, para um possível futuro feliz e cheio de paz.

Pulamos no mar, eu não sabia nadar, mas Zola me ajudou. Colocou-me no seu ombro e com seus braços fortes, nos arrastou para longe tão rápido que quase não notei. Quando alcançamos um lugar diferente do que aquele navio com pintura branca, quase chorei. Foram três anos presa dentro daquele lugar e eu só queria sorrir, porque a felicidade estava enorme no meu peito.

Eu seria feliz.

Essa certeza foi quebrada no segundo

PERIGOSAS ACHERON

seguinte, quando o grito de mãe Amara ressoou por trás de nós. Virei a minha cabeça, sentindo meu coração se acelerar e então eu vi. O mesmo homem de barba branca tinha a pego. Eu quis gritar, mas Zola foi mais rápido em me proteger com o seu corpo, tirando-me do seu ombro e me colocando na sua frente.

Escutamos um grito, depois um tiro e logo o silêncio preencheu aquele lugar até que ele resolveu falar.

— Negrinhos estúpidos! Irei matar todos, nem que eu tenha que gastar até o ultimo tostão do meu bolso para isso e essa maldita menina vai ser a última, porque eu serei aquele a deixá-la vendo cada um sofrendo. E tudo isso por culpa de vocês!

Eu queria gritar, queria ver onde estava mãe Amara, mas eu não conseguia, porque Zola manteve sua mão sob minha boca, ao mesmo tempo em que aumentou as braçadas, quando os nossos irmãos fizeram por trás de nós.

As braçadas contra a água estavam fazendo muito barulho, eram tantos ao mesmo tempo, mas tudo que eu conseguia pensar era em mãe Amara.

Tiros começavam a serem disparados,
PERIGOSAS ACHERON

peessoas gritavam, mas àquela altura Zola estava alcançando o caís, o local cheio de madeira.

Sentia-me desesperada, queria gritar, queria mãe Amara.

Ao alcançar o chão, ele me colocou primeiro em cima do local cheio de tábuas, antes de se levantar com muita dificuldade e se sentar ali.

Os tiros continuavam e ele estava mais desesperado que eu, então apenas me colocou em seus braços mais uma vez e correu o mais rápido que seu pânico permitiu.

— Mãe Amara! Onde ela está? Por favor... — eu pedia, chorava, implorava, mas ele apenas grunhia e rosnava.

Embrenhamos na mata, haviam muitos galhos secos e a roupa que eu usava era muito fina, por isso me cortei em alguns pontiagudos. Zola não parou de correr e eu sabia que seu cansaço estava demais. Ele se forçou comigo nos seus braços.

— Zola! Zola! Zola! Me espera, Zola! — Era Zaki, eu conhecia sua voz. Ele era tão gentil e paciente.

Será que mãe Amara estava com ele? Ela teria conseguido fugir? Perguntei-me incontáveis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes no curto espaço de tempo até que ele nos alcançasse.

Rezei, chorei e rezei mais um pouco.

Zola parou de correr quando a voz de Zaki chegou aos seus ouvidos. Eu vi que ele suspirou aliviado quando isso aconteceu.

Zaki nos alcançou e ele estava chorando, quando olhou para mim.

Ninguém mais vinha atrás dele.

Mãe Amara prometeu nunca me deixar e ela não estava ali.

— Onde está... — Eu tremia, estava frio e eu estava gelada. — Onde está mãe A...

— Ela morreu! Precisamos sair daqui! Eu sei para onde podemos ir.

Ele correu e Zola foi logo atrás dele, não tinham tempo a perder, mas eu não tinha nada. Estava perdida no mundo e... a única que me amava morreu.

O que eu poderia fazer? O que eu faria? Eu não sabia, então comecei a chorar baixinho no peito de Zola que corria como um louco com Zaki logo na frente, indicando o caminho.

PERIGOSAS ACHERON

O dia estava nascendo quando conseguimos alguma coisa para comer. Zaki contou tudo que tinha acontecido para um comerciante ali próximo e ele nos ajudou. Deu-me roupas da sua filha, vestiu Zola e Zaki com roupas que se encaixavam neles e nos deu comida.

Os pés de Zola estavam feridos, muito maltratados dos obstáculos da floresta e nem por isso ele desistiu.

Não parou de correr por instante algum, porque não queria voltar para aquele lugar e se ele não queria voltar, teria de fazer algo para que isso não acontecesse, então ele correu e não parou nem mesmo por suas feridas, por sua dor e por mim, um peso a mais no seu corpo.

Ele estava exausto, aquilo era visível.

Eu estava desolada, queria mãe Amara de volta, queria ela conosco.

Sonhamos juntas tantas vezes que iríamos sair dali e que seríamos felizes, mas isso não aconteceu.

— Eu conheço um amigo que vai nos ajudar,
PERIGOSAS ACHERON

Zola, mas precisamos sair agora.

Zola nada disse, apenas acenou e pegou minha mão na sua, antes de sair andando ao lado de Zaki.

— Seremos felizes agora? — perguntei a eles e Zola acenou, sorrindo.

— Vamos lutar para sermos.

Acreditei nisso até que chegamos ao destino final, ao local em que Zaki afirmou que um amigo nos ajudaria. Eu estava até com uma ponta de felicidade, porque acreditava que faria tudo valer a pena. Iria lutar para orgulhar minha mãe, que do céu me observava, meu papai e meus irmãos, assim como mãe Amara e os irmãos que ficaram para trás.

Mas então, eu descobri coisas e perdi mais uma peça importante para a minha vida, a única que eu tinha.

A Cyntia Gaspar morreu no instante que pisou ali dentro e morreu com todos os seus princípios, inocência, piedade e a capacidade de sentir dor.

O que restou foi Zene, como eu gostava de ser chamada. Era daquela forma que mãe Amara

PERIGOSAS ACHERON

me chamava. Zene, a doce menina bonita dos cachos loiros.

Só que essa Zene não era doce e os cachos loiros de anjinha eram inexistentes, porque Zene Caede, começou a ser conhecida como: a filha do Massacre.

Agradecimentos

Enquanto escrevia essa história, tive o apoio de muitas pessoas especiais, as mesmas que estiveram presentes nos outros livros e que não me abandonaram até aqui.

Minha família é e sempre foi o meu apoio constante em tudo. Meu pai sempre me apoiou em tudo o que eu quis fazer, mesmo nos momentos em que eu só queria afundar em um poço escuro de desespero silencioso, ele foi aquele a me levantar, mesmo que não soubesse certamente que eu estava tão péssima por dentro. Minhas três mães sempre foram apoios incondicionais. Maria com seu café e pedindo para baixar um pouco o volume do meu som, Jesus nunca esquecendo de me lembrar que eu preciso comer e dormir, porque sim, às vezes, fico tão focada nos meus escritos, que esqueço do principal, mas ela nunca. Dona Andreлина, minha avó, primeira mãe e autoridade máxima, com seus gritos e reclamações diárias para que eu deixe meu

vício por café e que eu pare um pouco para respirar um ar diferente que as quatro paredes do meu escritório de escrita.

Thatyanne Tenório é a minha designer de capas, amiga paciente e aquela que dedica horas do seu dia para escutar minhas cadeias de acontecimentos, que as vezes, não fazem tanto sentido para mim, mas que ela é aquela a dizer que estou ficando louca e que tudo está no seu caminho certo. Ela me tira do meu poço de incertezas e me traz ao momento atual em que preciso apenas respirar.

Pamella Mayara é uma amiga autora que, assim como Thatyanne, escuta-me e me apoia em todos os projetos. É a beta, leitora crítica e a melhor amiga conselheira que já tive. As horas que conversamos, são certamente, as mais esclarecedoras desde sempre.

Joseane dos Santos, a minha amiga próxima. Obrigada por me aturar no dia-a-dia. Eu sei que não é fácil escutar uma louca, cheia de ideias mirabolantes nascendo a todo instante.

Meus editores, da Editora Bella Donna, agradeço do fundo do meu coração por todo o PERIGOSAS ACHERON

trabalho feito para que esse livro estivesse aqui. O apoio e a assistência constante estão me fazendo uma escritora melhor.

Obrigada a todos por tudo, inclusive aos leitores que me acompanham tanto no Wattpad, quanto na Amazon.

O apoio de todos é importante e fazem muita diferença na minha vida.

**Att,
Bárbara Lorrany.**